Winston T. Smith



Coisas do Casamento

Pequenas divergências evoluem para grandes problemas. Por quê? Como? E daí?

Winston T. Smith



Coisas do Casamento

Pequenas divergências evoluem para grandes problemas. Por quê? Como? E daí?

“Winston Smith nos lembra de que não existem momentos ‘comuns’ num casamento. Com um entendimento maravilhoso da graça que o Senhor manifesta nas coisas pequenas, Smith nos oferece um recurso para entender a reação do nosso coração a momentos comuns com nosso cônjuge com o objetivo de criar um casamento extraordinário.”

Bryan Chapell, Ph.D.

Presidente e professor de Teologia Prática no Covenant Theological Seminary, St. Louis, Missouri; autor de Começando pelo Amém, Estudos Bíblicos Expositivos em Efésios, Graça Ilimitada, Pregação Cristocêntrica e Sermão Cristocêntrico da Cultura Cristã

“É impossível captar em poucas palavras o talento deste livro extraordinário. Winston demonstra como podemos transformar nossas decepções conjugais ordinárias em oportunidades de crescimento em amor, fé e intimidade. Rico em percepções exegéticas, teologia primorosa (não perca os capítulos sobre conflito e divisão: excepcionais!) e calorosas percepções pastorais apresentadas em estilo simples e fluente, este livro pode ajudar a fazer seu casamento cantar de alegria. Meu único arrependimento é que esperei tanto tempo para confiar o curso conjugal a este homem sábio.”

John Bettler

Ex-diretor executivo da Christian Counseling & Educational Foundation

“Winston Smith combina reflexão séria sobre a Bíblia com percepções muito práticas sobre o casamento. Casais casados e casais que estão pensando em casamento podem lucrar grandemente com sua sabedoria.”

Tremper Longman III, Ph.D.

Professor de Estudos Bíblicos, Westmont College; autor de Lendo a Bíblia com o Coração e a Mente, da Cultura Cristã

“Coisas do Casamento o ajudará. Se minha própria experiência servir como medida, este livro o ajudará. Um excesso de conselhos, e eu me perco. Dê-me apenas inspiração espiritual, e eu fico motivado, até... até eu não conseguir o que quero. Winston reúne inspiração e conselhos práticos. Além disso, ele os manterá diante de seus olhos até você obter uma visão rica que o leva a ações específicas. Ele fala em termos amigáveis, mas ele definitivamente deseja ver como crescemos e mudamos.”

Edward T. Welch, Ph.D.

Membro do corpo docente e conselheiro na Christian Counseling & Educational Foundation; autor de Depressão – A tenebrosa noite da alma, da Cultura Cristã

“A qualidade deste livro está na maneira como ele toma princípios bíblicos, os aplica a momentos comuns em casamentos e então mostra como se conectar com Jesus para a mudança que necessitamos. Incansavelmente ele nos leva até Cristo – sua vontade, seu caminho, sua sabedoria – até o encontrarmos nos momentos comuns da vida. É um livro que todo casal deveria estudar, aplicar e compartilhar com outros.”

Rose Marie Miller

Missionária; professora bíblica; autora de From Fear to Freedom

“Por meio de sua própria transparência como marido e sua experiência como conselheiro, Winston Smith oferece percepções muito ricas, mas muito práticas sobre como funcionar de modo relacional a partir de um quadro de referências divinas. Coisas do Casamento traz a rica teologia das Escrituras da esfera abstrata para a vida real, da mente para a experiência, oferecendo aos casais verdades maravilhosas que têm o potencial de transformar completamente a sua visão do relacionamento. Muito refrescante. Muito encorajador!”

Jeremy Lelek, MA, LPC

Presidente, Association of Biblical Counselors

“Muitas vezes, casais se contentam em aceitar menos conflitos e menos feridas no casamento. Coisas do Casamento é incrivelmente esperançoso ao ajudar casais a se sentirem ‘libertos’ e avançarem em direção de crescimento. Winston oferece percepções e sugestões práticas para envolver esses ‘momentos comuns’ e apresenta o casamento como contexto para experimentar o amor extraordinário de Deus. Ele nos mostra que nossa capacidade de amor não depende da amabilidade do nosso cônjuge, sendo antes um reflexo de orientarmos toda a nossa vida pelo amor do Deus vivo – isso é adoração. Nesse sentido mais profundo, Winston nos mostra que o casamento realmente importa.”

Judy Cha, LMFT

Diretora de aconselhamento, Redeemer Presbyterian Church, NYC

“Coisas do Casamento é diferente e mais profundo do que muitos outros livros sobre casamento baseados na Bíblia. Seguindo a ênfase bíblica de se centrar em Cristo e no coração em todas as áreas da vida, este livro ajuda os cristãos a ver o que realmente significa se centrar em Cristo e no coração, quando na aplicação ao relacionamento conjugal. Após examinar pessoalmente este volume, minha recomendação para todas as pessoas casadas é: leiam o livro e apliquem seu conteúdo e, se vocês fizerem isso, vocês terão um casamento que realmente importa.”

Wayne Mack, D. Min.

Professor de Aconselhamento Bíblico na Grace School of Ministry, Pretória e Cidade do Cabo, África do Sul; autor de A Vida na Casa do Pai, da Cultura Cristã

“Coisas do Casamento é um recurso vital para cada casal casado e para aqueles que aconselham casais. A transparência honesta de Winston sobre seu próprio casamento e a profundidade da percepção bíblica e da experiência de

aconselhamento se unem para revelar o núcleo verdadeiro do casamento cristão – um entendimento mais profundo da graça multiforme de Deus que opera em seus filhos. Winston entendeu – e ele lhe ajudará a entender também! Este livro será leitura obrigatória para os meus alunos."

Jason Barrie

Palestrante sobre aconselhamento de casamento e família, Westminster Seminary California; pastor associado, Rocky Mountain Community Church

"Sob o peso das pressões e mudanças do século 21, os casamentos precisam de toda ajuda que conseguirem. Winston merece elogios por contribuir com sua opinião sobre esse tema importante."

Carolyn Custis James

Autora de When Life and Beliefs Collide e The Gospel of Ruth

Winston T. Smith



Coisas do Casamento

Pequenas divergências evoluem para grandes problemas. Por quê? Como? E daí?

Coisas do casamento – Pequenas divergências evoluem para grandes problemas. Por quê? Como? E daí?, de Winston T. Smith © 2020 Editora Cultura Cristã. Título original Marriage Matters: extraordinary change through ordinary people. Copyright © 2010 by Winston T. Smith. Traduzido e publicado com permissão da New Growth Press, 728 W. Davis Street – Burlington NC 27215, USA. Todos os direitos são reservados.

1ª edição 2022

Conselho Editorial Cláudio Marra (Presidente) Christian Brially Tavares de M

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Sueli Costa CRB-8/5213

S642c Smith, Winston T.

Coisas do casamento / Winston T. Smith; tradução Markus Hediger. – São Paulo : Cultura Cristã, 2020.

Título original: Marriage matters

Recurso eletrônico (ePub)

ISBN 978-65-5989-126-9

1. Casamento 2. Vida cristã I. Hediger, Markus II. Título

CDU-265.5

A posição doutrinária da Igreja Presbiteriana do Brasil é expressa em seus “símbolos de fé”, que apresentam o modo Reformado e Presbiteriano de compreender a Escritura. São esses símbolos a Confissão de Fé de Westminster e seus catecismos, o Maior e o Breve. Como Editora oficial de uma denominação confessional, cuidamos para que as obras publicadas espelhem sempre essa posição. Existe a possibilidade, porém, de autores, às vezes, mencionarem ou mesmo defenderem aspectos que refletem a sua própria opinião, sem que o fato de sua publicação por esta Editora represente endosso integral, pela denominação e pela Editora, de todos os pontos de vista apresentados. A posição da denominação sobre pontos específicos porventura em debate poderá ser encontrada nos mencionados símbolos de fé.

abdr
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DIREITOS REPROGRÁFICOS
Respeite o direito autoral



EDITORA CULTURA CRISTÃ

Rua Miguel Teles Júnior, 394 – CEP 01540-040 – São Paulo – SP

Fones 0800-0141963 / (11) 3207-7099

www.editoraculturacrista.com.br – cep@cep.org.br

Superintendente: Clodoaldo Waldemar Furlan

Editor: Cláudio Antônio Batista Marra

Para a minha Kim

Seu deleite infantil nas coisas mais comuns,

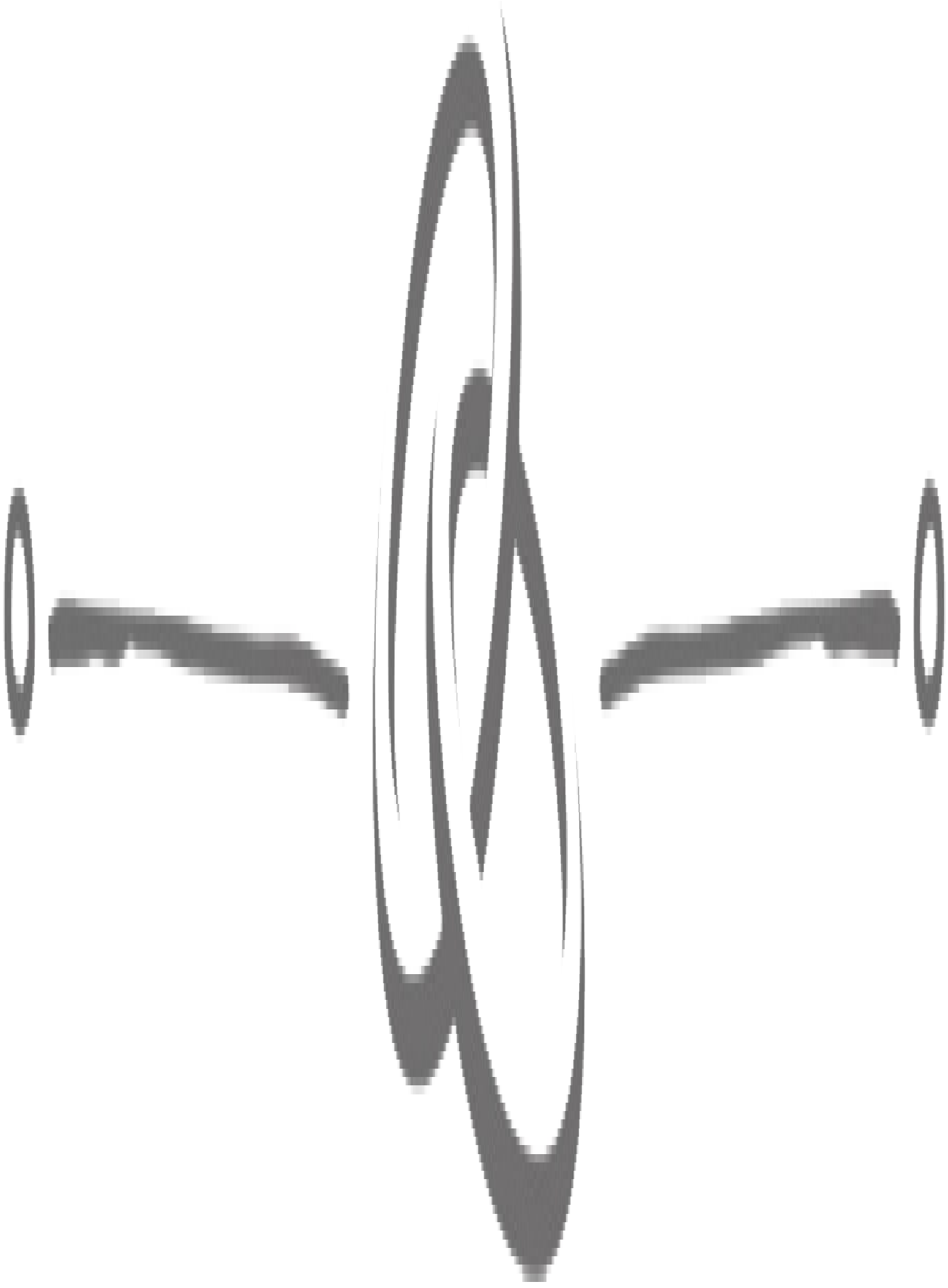
sua alegria no bem e suas lágrimas de ira diante do mal,

sua humildade e fidelidade –

dessas e de outras mil maneiras

você me mostra o amor de Cristo a cada dia.

Sumário



Prefácio

Agradecimentos

Seção 1: Deus está nos momentos comuns

1 Casamentos mudam em momentos comuns

2 Momentos comuns revelam nossos problemas com Deus

3 Adoração: amor extraordinário por Deus

4 Vivendo no amor extraordinário de Jesus

5 O ideal de Deus para o seu casamento

Seção 2: Amor extraordinário nos detalhes do casamento

6 Pessoa ou objeto, honra ou manipulação?

7 Honestidade é importante

8 Sendo honesto em relação a si mesmo

9 Dizendo a verdade ao cônjuge

10 Deus pretende usar o conflito para o bem

11 Avançando no conflito

12 Fundamentos do perdão

13 Perdão no casamento

14 Entendendo seu papel

15 Intimidade e sexo

Seção 3: Permanecendo no caminho

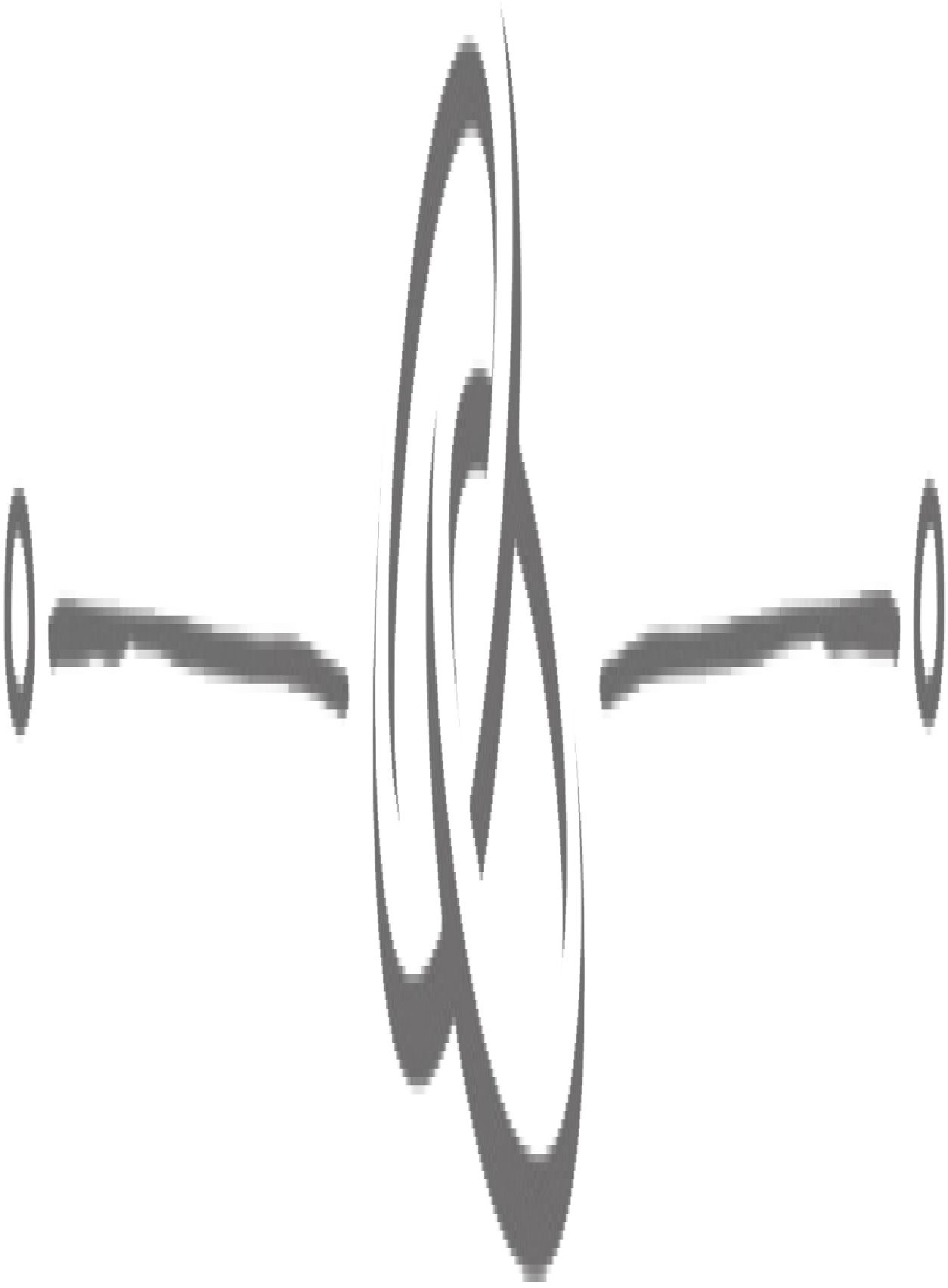
16 Crescendo em graça

17 Suas ações fazem diferença

18 Conhecendo sua história

Notas

Prefácio



Se você visitou recentemente a seção de amor/relacionamentos numa livraria, talvez se pergunte se o mundo realmente precisa de outro livro sobre casamento. Apesar de você estar segurando em suas mãos a minha resposta óbvia a essa pergunta, deixe-me explicar rapidamente como este livro nasceu.

Normalmente, casais infelizes querem uma mudança, e eles a querem urgentemente. Quem pode culpá-los? Quando a fonte de seu sofrimento é o relacionamento que ocupa o centro de sua vida, o sofrimento pode ser intenso. Em sua infelicidade, eles buscam uma solução que oferece a mudança mais rápida e mais dramática possível. Mas os casais que experimentam a mudança mais significativa e duradora não são aqueles que têm um momento revelador dramático ou que descobrem algum segredo esquecido do casamento. São os casais que começam a ver as suas interações no dia a dia sob uma perspectiva diferente, que dão passos simples para amar um ao outro de modo mais eficaz e que dão esses passos repetidamente. Aquilo que costumava se transformar em aborrecimentos e brigas inúteis passa a ser um passo numa jornada em que o amor e a atividade de Deus se mostram cada vez mais evidentes e poderosos.

O título comunica bem o que eu espero que você aprenda sobre o casamento. Em primeiro lugar, Coisas do Casamento, não só porque isso é importante para nós, mas também porque é importante para Deus, e ele pretende usá-lo de maneiras que você talvez não tenha imaginado. Em segundo lugar, os momentos que aparentam ser os mais comuns – momentos de aborrecimento, conflito, dor ou indiferença fria – podem se tornar momentos em que você é capaz de entender o plano incrível de Deus para o amor e começar a fazer algo novo. Momentos comuns são passos que levam seu casamento a lugares extraordinários e o guiam para um relacionamento mais profundo com um Deus extraordinário.

Minha esperança é que este livro seja útil para aqueles que vivenciam o casamento como uma batalha diária. Peço que esses casais leiam este livro com reflexão e em oração – e com esperança. Durante um tempo difícil em minha própria vida, um amigo e sábio conselheiro me lembrou da luta de Jacó com Deus em Gênesis 32. Após lutar a noite toda, Deus pediu que Jacó o soltasse e "tocou-lhe na articulação da coxa; deslocou-se a junta da coxa de Jacó" (Gn 32.25). Mas Jacó se recusou a desistir e soltá-lo. Em vez disso, respondeu: "Não te deixarei ir se me não abençoares" (Gn 32.26). E assim Deus o abençoou.

“Winston”, meu amigo disse, “não queira apenas que as coisas sejam diferentes. Não procure apenas a saída fácil. Não desista antes que você receba cada bênção que Deus está tentando lhe dar por intermédio disso”. Oro para que você não desista, que lute bem e que Deus o abençoe com mais do que você ousaria pedir.

Quero, porém, que você entenda também que, ao mesmo tempo em que um livro sobre o casamento pode ser uma ajuda enorme, se você o usar indevidamente, ele pode causar tanto mal quanto bem. Portanto, quero sugerir algumas precauções para mantê-lo no caminho certo:

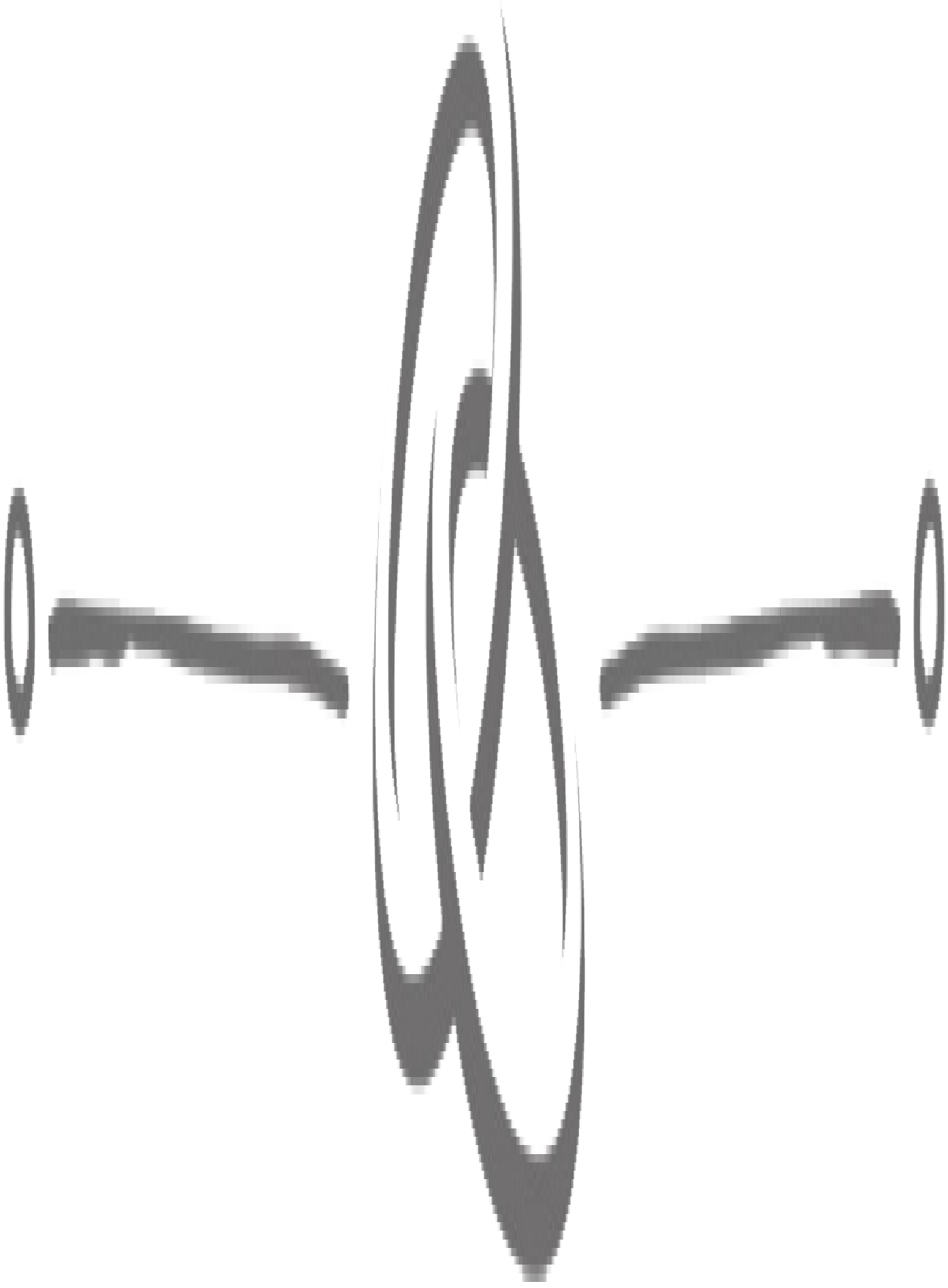
Não leia este livro simplesmente porque você acha que seu cônjuge precisa lê-lo. É claro que, durante sua leitura, as falhas de seu cônjuge lhe virão à mente. Mas seu foco deve estar em como você pode mudar. Resista à tentação de meditar sobre os defeitos de seu cônjuge. Em vez disso, concentre-se em aprender a viver uma vida de amor e confie os resultados a Deus.

Não permita que nenhum livro sobre o casamento se torne um substituto para apoio e aconselhamento pessoais. Deus criou a vida e o casamento como empreendimentos comunitários. Um livro pode ajudar, mas as complexidades da vida e do casamento sempre exigirão mais do que um bom livro. Busque incluir amigos confiáveis, ministros santos e conselheiros sábios em sua jornada, especialmente se seu cônjuge estiver enfrentando alguma dependência ou for abusivo.

Espero que este livro, além de ser útil para indivíduos e casais, seja útil também em outros contextos: em pequenos grupos de estudo bíblico, em cursos opcionais de escola dominical, talvez até mesmo em aulas de seminário.

Uma última observação: alguns dos exemplos no livro foram inventados para fins ilustrativos. Outros são uma combinação de muitos casais diferentes que encontrei ao longo dos anos e que apresentam dinâmicas semelhantes. Os exemplos e ilustrações não devem alimentar estereótipos de gêneros ou justificar preconceitos, e eles nada mais são do que uma reflexão honesta sobre minhas próprias experiências. Não pretendem ser normativos em sentido algum.

Agradecimentos



Eu nunca dei muita atenção às páginas de agradecimento, mas agora que escrevi um livro, entendo como são absolutamente necessárias. Sem elas, não haveria como escapar de uma sensação persistente de desmerecimento ao contemplar as contribuições de outros para o livro. Quero agradecer com sinceridade às muitas pessoas que tornaram possível este livro:

É claro, agradeço à minha esposa Kim, para quem nada daquilo que segue é simplesmente teórico. Obrigado por me permitir pensar, ensinar e escrever sobre essas coisas, apesar de eu mesmo ainda ter que percorrer uma grande distância. (Se, alguma vez, você se arrepender de permitir que eu o escrevesse, simplesmente leia e releia a dedicatória.)

Agradecimentos especiais a John Bettler. Após administrar um curso de aconselhamento matrimonial, John confiou seu curso e suas muitas ideias a mim. Seria impossível separar sua sabedoria fundamental daquilo que se desenvolveu ao longo dos últimos 15 anos, mas tentei documentar nas anotações as porções que claramente herdei dele. Homem sábio e humilde, ele sempre se contentou em trabalhar nos bastidores enquanto promovia os esforços dos outros. Por todas essas razões, John, eu admiro você e lhe agradeço. Se, em algum momento, você decidir escrever um livro sobre casamento, sinta-se à vontade de reclamar como suas quaisquer ideias que você tenha me confiado – e de refutar qualquer ideia minha!

Obrigado aos meus amigos e colegas na CCEF, no passado e no presente: Ed Welch, David Powlison, Paul Tripp, Tim Lane, Mike Emlet, Jayne Clark e Bill Smith. Todos eles aprofundaram minha compreensão de Cristo e a importância de viver seu amor nos detalhes da vida. Obrigado também a todos na CCEF, aos conselheiros e funcionários que trabalham com diligência para transformá-la num ministério em que Jesus é conhecido.

Agradeço também aos muitos casais com os quais tenho trabalhado ao longo dos anos. Obrigado pela honra de abrirem sua vida para mim. Obrigado por sua paciência e bondade durante o processo em que aprendemos juntos a seguir as trilhas difíceis em momentos de escuridão. Todos vocês têm sido uma bênção, e agradeço a Deus por todos vocês.

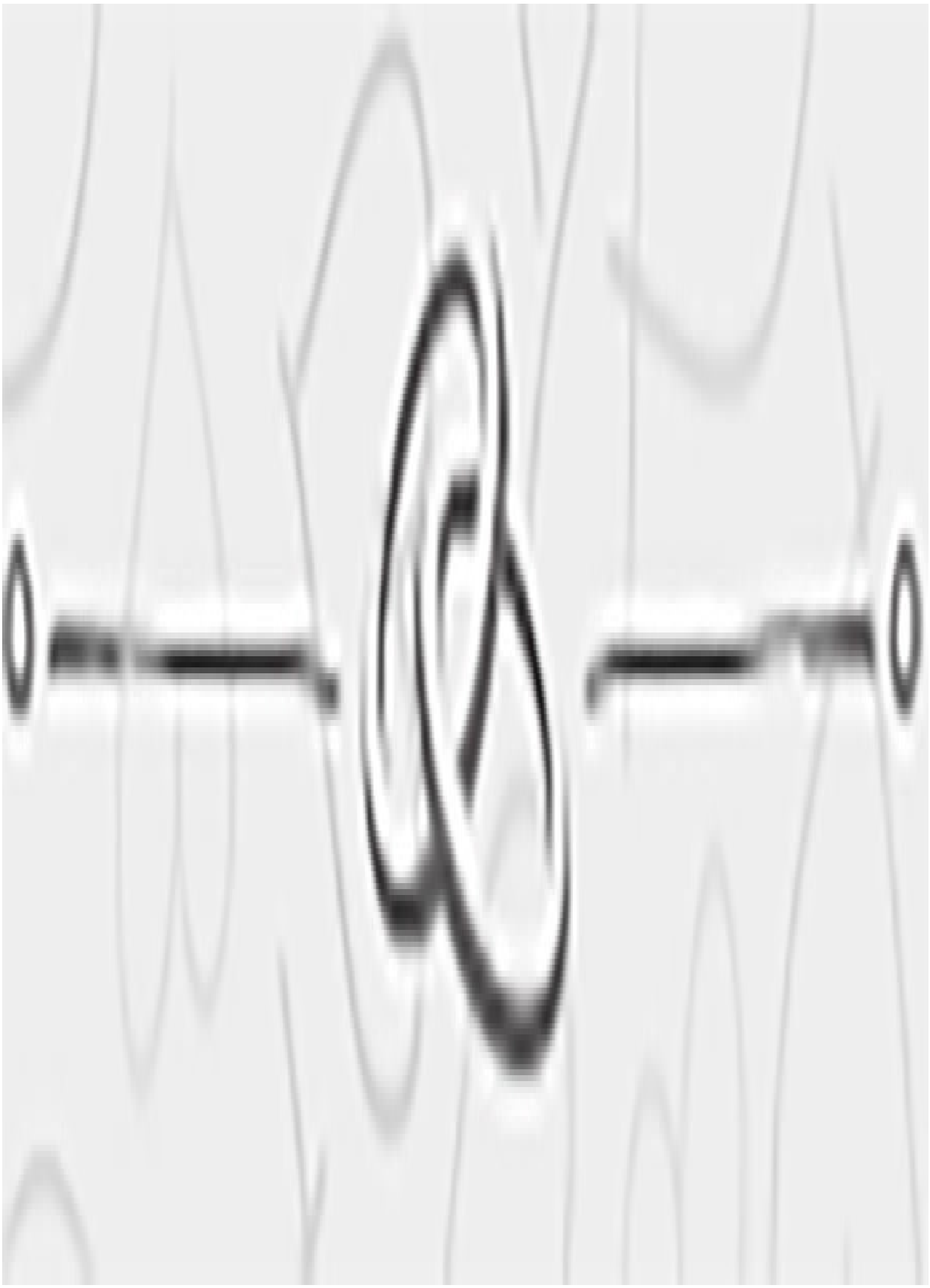
Obrigado aos caros amigos que, ao longo dos anos, viveram seu casamento com

transparência e autenticidade e que nos encorajaram em nosso próprio casamento: Tuck e Stacy, Arlin e Cathy, John e Joanna, David e Wendy, Kris e Dave, Bob e Seanne. Sua amizade é um tesouro.

Por fim, agradeço à New Growth Press. Obrigado, Mark e Karen, por assumirem riscos com autores inexperientes como eu. Obrigado ao meu editor Jonathan Rogers por ler, editar e elaborar minhas divagações. Obrigado, Barbara Juliani, por seus instintos como escritora e editora e por permanecer no controle deste projeto.

SEÇÃO 1

Deus está nos momentos comuns



No capítulo 1, aprendemos que mudança exige ver a partir de uma nova perspectiva. Precisamos perceber que as mágoas e frustrações comuns no casamento – ao ponto de parecerem ordinárias – são, na verdade, oportunidades de conhecer e compartilhar o amor extraordinário de Deus.

O capítulo 2 mostra como Deus usa momentos comuns para nos ajudar a vermos a nós mesmos com uma clareza maior e a reconhecermos os obstáculos que se escondem em nosso coração e nos impedem de conhecer e compartilhar seu amor.

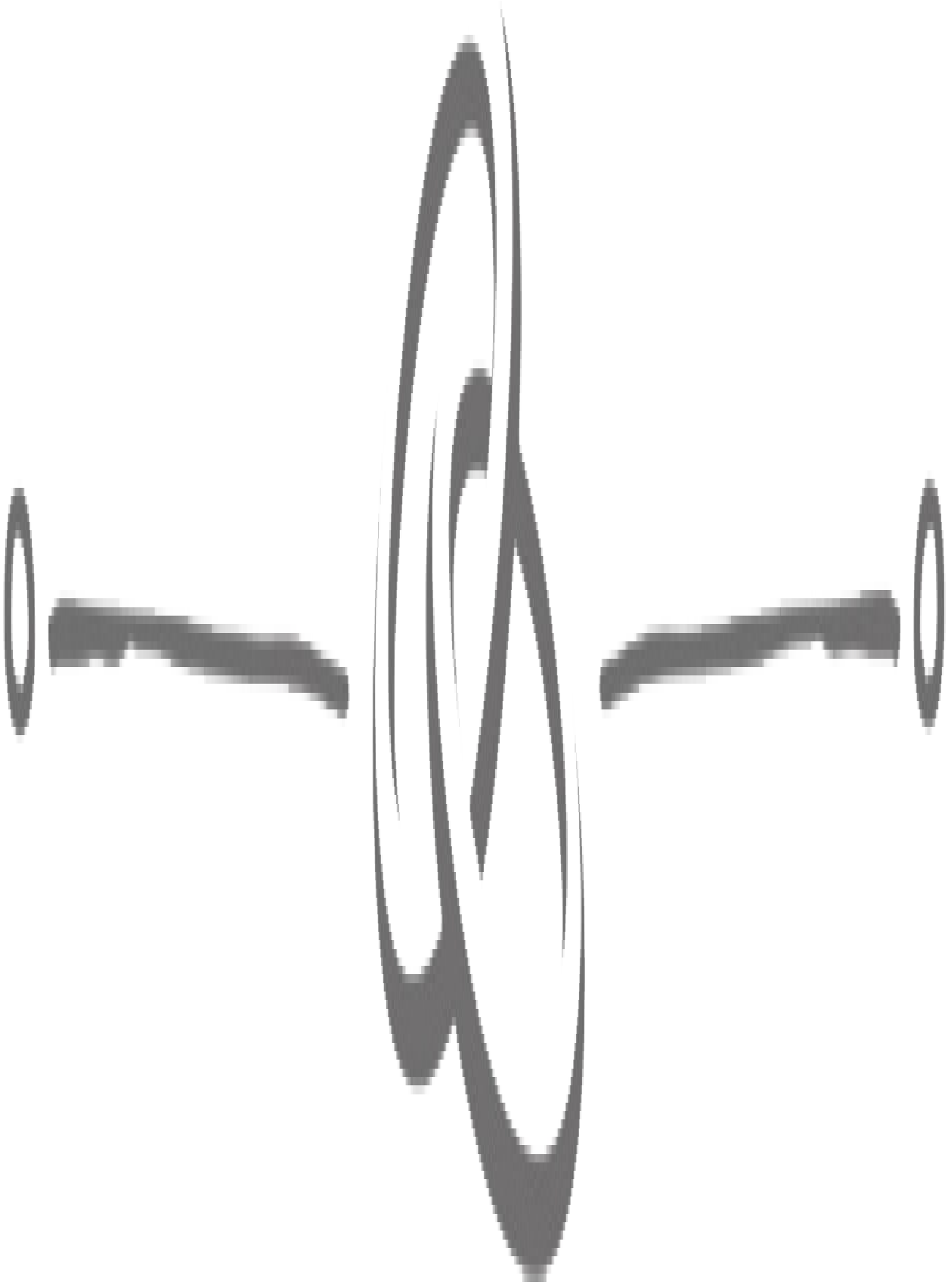
No capítulo 3, vemos como todas as dificuldades de amar provêm de problemas de adoração. Somos transformados pelo amor de Deus na medida em que aprendemos a construir não só nosso casamento, mas também a nossa vida em torno dele.

O capítulo 4 nos reapresenta ao próprio amor – a Jesus. Quando aprendemos a amar com ele, somos libertos das distorções e dos equívocos e somos capacitados a amar de maneiras novas e surpreendentes.

Finalmente, no capítulo 5, vemos que a visão de Deus para o casamento sempre tem sido mais grandiosa do que a nossa própria. Desde o início, ele sempre quis que ele fosse nada menos do que uma celebração e uma vitrine de seu amor.

Casamentos mudam

em momentos comuns



O que você aprenderá neste capítulo:

Nosso casamento é composto de momentos comuns, irritações e decepções recorrentes. Deus parece não estar envolvido neles, e, no fundo, não esperamos que eles mudem.

Momentos comuns se transformam em oportunidades extraordinárias de mudança quando entendemos que:

> Deus é amor e está envolvido em cada momento em que lutamos para amar.

> Jesus nos capacita e instrui a amar de maneiras práticas e concretas.

> Mudança envolve fazer escolhas diárias para amar de forma consistente ao longo do tempo.

Um momento comum

Eu podia sentir como minha pressão arterial aumentava. Com cada momento que passava, eu ficava mais irritado. Eram duas e meia da tarde. O treino de beisebol do meu filho era às três, minha filha tinha uma festa de aniversário às quatro, e eu precisava liderar um estudo bíblico às cinco da tarde. Além disso, minha esposa não estava atendendo seu celular. Eu vinha tentando ligar para ela em intervalos de poucos minutos desde as 13 horas, e agora já eram quase duas e meia da tarde. Ela deveria ter voltado para casa há muito tempo. Ela sabia dos nossos compromissos e tinha me garantido que estaria em casa a tempo.

Como eu conseguiria preparar meu estudo bíblico tendo que prestar tantos serviços de motorista? Ela não se importava com o fato de eu precisar dar conta de tudo isso sozinho? Minha irritação aumentou quando a imaginei conversando com suas amigas enquanto seu celular, em modo de vibração, tocava despercebido em sua bolsa.

Recorri ao plano B: todas as três crianças iriam ao treino de beisebol, e as meninas brincariam numa parte vazia do campo enquanto eu ficaria no carro trabalhando no estudo bíblico. Haveria distrações. Eu iria querer assistir ao treino e precisaria ficar de olho nas garotas. Elas ficariam entediadas e começariam a pedir coisas. Não era ideal, mas teria que dar certo.

Gritei ordens para que as crianças se aprontassem. Houve centenas de perguntas:

“Onde está a mamãe?” “Por que nós precisamos ir ao treino de beisebol?” “Eu vou perder a minha festa?” “Onde estão meus sapatos?” “Podemos parar no supermercado e comprar um lanche?”

Cada pergunta era um lembrete frustrante de que eu não deveria estar tendo que lidar com aquilo.

Naquele momento, o telefone tocou: “Win, você tem tentado ligar para mim?”

“Siiiiiim”, respondi, injetando a dose máxima de sarcasmo em cada palavra. “Preciso levar o Gresham para o treino e a Charlotte para a sua festa de aniversário, e não estou preparado para o estudo bíblico. Por que você não respondeu às ligações?”

“Eu não ouvi o celular tocar em minha bolsa. Sinto muito. Estarei em casa em alguns minutos. Não consegui sair tão cedo como tinha imaginado”.

Em vez de aguardar o retorno de Kim para que ela levasse nosso filho para o treino, eu coloquei as crianças no carro e as levei pessoalmente. Quando voltei para casa 15 minutos depois, Kim estava me esperando e se perguntando por que eu não tinha esperado por ela.

Ela recuou para uma distância segura. Fiquei sentado sozinho, olhando para a mesa da cozinha. Eu não estava apenas aborrecido; eu estava furioso. Por baixo de minha raiva, eu me sentia também envergonhado. Uma parte minha justificava minha raiva, mas outra parte se perguntava por que eu tinha ficado tão perturbado. Irritação seria compreensível, mas raiva? Minha reação tinha sido desproporcional, e eu sabia.

Eu logo percebi que parte da minha frustração se devia ao fato de que esse sentimento era muito familiar, até mesmo comum. Quantas vezes eu já tinha me irritado com Kim porque eu achava que ela não tinha parado para pensar em

mim? E quantas vezes eu já tinha tido essa mesma reação amuada e testemunhado o mesmo resultado destrutivo?

Eu estava cansado de reviver esse momento, cansado de ter a mesma velha discussão e de obter os mesmos velhos resultados.

O que torna comum um momento comum?

Cada casamento tem esses momentos – momentos caracterizados por frustração, decepção, raiva ou tristeza – em que você deseja que as coisas sejam melhores, mas não sabe o que fazer em seguida ou como fazer as coisas de modo diferente. Não somos perfeitos e não nos casamos com pessoas perfeitas.

Momentos como esse são comuns em vários aspectos importantes.

Momentos comuns ocorrem sempre repetidamente

Talvez a mesma coisa aconteça sempre de novo do mesmo jeito. Talvez os mesmos pensamentos, sentimentos, ações e reações familiares assombrem cada situação difícil. No meu caso, houve muitas vezes em que eu sentia que meus desejos ou necessidades não eram percebidos pela Kim (mesmo que, em muitas dessas ocasiões, isso não tenha sido o caso). As situações não são sempre as mesmas: nem sempre é o treino de beisebol, ou alguma tarefa, ou um estudo bíblico. Pode ser a maneira como o dinheiro foi gasto, ou a situação da roupa suja, ou o tempo que passou desde que tiramos um tempo para nos conectar um com o outro. Mas existe um padrão familiar nisso tudo: a minha sensação de ter sido esquecido, seguida pela surpresa dela, depois pela minha raiva fumegante e, finalmente, pelo recuo dela. É simplesmente comum demais.

Deus parece não estar envolvido em momentos comuns

Visto que esses momentos acontecem sempre repetidamente, pode ser difícil

detectar o envolvimento de Deus. Talvez você jamais tenha pensado em pedir ajuda a Deus justamente porque esses momentos são tão comuns. Por que importunar Deus? Talvez você tenha medo de pedir que Deus se envolva porque você está envergonhado. Você deveria ser capaz de agir melhor. Deus deve estar decepcionado com você.

Ou talvez você tenha pedido a ajuda de Deus, mas não obteve resposta. O aparente silêncio de Deus depois de uma oração é especialmente difícil. Ele não parece apenas não estar envolvido; ele parece ter abandonado ou esquecido você.

Tendo ou não pedido a ajuda de Deus, esses momentos parecem comuns porque eles não vêm acompanhados de milagres ou mudanças dramáticas; são momentos sem Deus. Se você não vê – ou não consegue ver – como Deus se encaixa na situação, no fundo, não importa se você se considera uma pessoa religiosa ou não.

Lembre-se da minha frustração com Kim quando eu não estava tendo o tempo que eu considerava necessário para preparar um estudo bíblico. Minha mente estava ocupada tentando conhecer a Palavra de Deus para que eu pudesse ajudar outras pessoas, mas meu coração estava distante dele. Naquele momento, não pensei em pedir ajuda a Deus ou em acreditar que ele se importava ou estava envolvido. Não importa quão espirituais nos consideremos, é fácil encontrar-nos numa situação em que vivemos como se Deus estivesse muito, muito distante.

Não esperamos que momentos comuns mudem

Se você já experimentou um número suficiente desses momentos comuns sem perceber qualquer mudança, você ou se acostuma ao aborrecimento e se torna indiferente em relação a ele ou, pior, abandona qualquer esperança de mudança. Tanto a indiferença como a falta de esperança são perigosas. O perigo não é simplesmente que você seja infeliz ou que seu casamento seja menos do que poderia ser; é que Deus se torna cada vez mais irrelevante para o seu casamento, o relacionamento que define sua vida mais do que qualquer outro.

Deus, em sua misericórdia, impediu que Kim e eu alcançássemos esse ponto. Enquanto estava sentado furioso à mesa da cozinha, Deus, como sempre, começou a trabalhar em meu coração, lembrando-me de verdades importantes, amolecendo-me para que pudéssemos continuar – sabendo que Deus torna

extraordinários os momentos comuns.

Como momentos comuns se tornam extraordinários

No casamento, o maior obstáculo para mudanças é nossa atitude em relação ao próprio casamento. Muitas vezes, esperamos que a mudança seja provocada por algum ponto de virada dramático, que será lembrado para sempre como o momento em que as coisas passaram a melhorar.

Queremos que esse ponto de virada – essa mudança memorável – aconteça com nosso cônjuge, não conosco, certo? Afinal de contas, é ele que precisa de uma experiência como a que Ebenezer Scrooge teve. Seu cônjuge vai para a cama casmurro e amargurado, três espíritos (ou um conselheiro conjugal) o visitam durante a noite e, na manhã seguinte, ele ou ela acorda com generosidade e bastante alegria.

Às vezes, uma mudança duradora ocorre de forma rápida e dramática, mas, normalmente, esse tipo de mudança exige passos deliberados e cuidadosos ao longo de muito tempo. Muitas vezes, as pessoas que insistem em consertos rápidos e pontos de virada dramáticos perdem o caminho que leva à mudança real e duradora. Além disso, o caminho mais longo para a mudança é aquele que a Bíblia nos apresenta como a maneira mais típica em que Deus opera em nossa vida. Normalmente, uma mudança se parece mais com a longa caminhada dos israelitas até a Terra Prometida do que com a conversão dramática do apóstolo Paulo na estrada para Damasco.

Permanecer na longa estrada para a mudança exige entender como Deus opera em momentos comuns. O caminho para a mudança em seu casamento se baseia nesta verdade: Deus está envolvido em cada momento de seu casamento. Nesse sentido, não existem momentos comuns, apenas momentos repletos da atividade de Deus, da qual você pode estar ciente ou não e da qual você pode querer participar ou não. Deus é o Senhor de todo o universo, mesmo assim, ele tem um cuidado especial com você e quer que você o veja agindo nos detalhes comuns do seu casamento. E mais do que isso, ele quer que você seja uma parte dessa obra.

Ingredientes ativos

Em sua primeira carta, o apóstolo João explica como Deus deseja fazer uma diferença em nossos relacionamentos:

Amados, amemo-nos uns aos outros, porque o amor procede de Deus; e todo aquele que ama é nascido de Deus e conhece a Deus. Aquele que não ama não conhece a Deus, pois Deus é amor. Nisto se manifestou o amor de Deus em nós: em haver Deus enviado o seu Filho unigênito ao mundo, para vivermos por meio dele. Nisto consiste o amor: não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou e enviou o seu Filho como propiciação pelos nossos pecados. Amados, se Deus de tal maneira nos amou, devemos nós também amar uns aos outros. Ninguém jamais viu a Deus; se amarmos uns aos outros, Deus permanece em nós, e o seu amor é, em nós, aperfeiçoado (1Jo 4.7-12).

Essa passagem identifica os três ingredientes necessários para que os momentos comuns do casamento possam se transformar em momentos extraordinários de mudança. Estes são os três ingredientes essenciais nos quais este livro se apoiará.

1. O casamento muda quando reconhecemos o plano de Deus para os chamados momentos comuns

“Amados, amemo-nos uns aos outros, porque o amor procede de Deus; e todo aquele que ama é nascido de Deus e conhece a Deus. Aquele que não ama não conhece a Deus, pois Deus é amor” (1Jo 4.7-8, grifo meu).

“Deus é amor”. Todos nós queremos mais amor no nosso casamento. Quem não ama o amor? Na maioria das vezes, nós nos casamos por causa do amor – ou, pelo menos, porque esperamos receber amor. Nos momentos mais difíceis,

porém, nós não nos sentimos amados e achamos difícil amar. Deus pode parecer não fazer muita diferença nesses momentos; no entanto, seu envolvimento é crucial, porque Deus é amor. Quando achamos difícil amar, precisamos dele ainda mais. Uma falta de amor deveria nos levar a dar uma olhada melhor não só no nosso casamento, mas também no nosso relacionamento com Deus.

A notícia ruim: seus problemas amorosos são maiores do que você imagina porque problemas no amor são problemas com Deus. A notícia boa: a solução é maior do que você imagina porque Deus se importa e está envolvido. Ter dificuldades de amar é evidência ou de que você não conhece Deus ou de que algo está interferindo em seu relacionamento com Deus.[1]

Quando Sydney, minha filha, era pequena, ela tinha uma fama de ser enjoadinha na hora de comer. Tínhamos até dificuldades de seduzi-la com hambúrgueres e batatas fritas! Certa vez, quando minha sogra soube que tínhamos comido num McDonald's, ela perguntou: "Sydney, o que você comeu no McDonald's?"

"Um hambúrguer com queijo", ela respondeu com orgulho.

"Você comeu um hambúrguer com queijo!" minha sogra disse em tom de surpresa. "Pensei que você não gostasse de hambúrguer com queijo."

"Eu simplesmente tiro todas as coisas que não gosto", Sydney explicou. "Primeiro, tirei os picles e a cebola, depois tirei o queijo, depois o ketchup e a mostarda e, no fim, aquela grande coisa redonda e marrom no meio." Minha filha tinha descoberto o segredo para gostar de hambúrgueres: retire o hambúrguer e coma o pão!

Todos nós podemos ser iguais à Sydney. Podemos afirmar com a boca que Deus é amor e que queremos ser mais amorosos, mas então excluímos Deus da equação. Se acreditamos que Deus é amor, então ele precisa fazer parte da solução. Na verdade, ele precisa ser a parte mais importante – a "grande coisa redonda no meio", por assim dizer.

2. O casamento muda quando estamos dispostos a amar de maneiras práticas, semelhantes a Cristo, especialmente em momentos difíceis

"Nisto consiste o amor: não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que

ele nos amou e enviou o seu Filho como propiciação pelos nossos pecados" (1Jo 4.9-10).

Pergunte a dez pessoas diferentes o que é amor, e é provável que você receberá dez respostas diferentes. Amor não é um mistério tão grande quanto parece ser. Com base naquilo que ouvimos no rádio, vemos na televisão ou lemos em revistas, poderíamos pensar que amor é algo maravilhosamente indescritível que acontece conosco, uma coisa incontrolável e imprevisível que vai e vem. Essa ideia serve para grandes romances, mas não oferece muita esperança para o nosso casamento.

A Bíblia nos conta coisas específicas sobre o amor. Na passagem acima, aprendemos que o amor se tornou um ser humano chamado Jesus, que viveu em nosso meio. Ao mesmo tempo em que o amor pode ser excitante e maravilhoso, no fim das contas, o amor é uma pessoa, não uma experiência. Quando você precisa de ajuda para amar seu cônjuge, você não precisa esperar até sentir amor, ou lamentar a perda do sentimento romântico, ou adivinhar o que é amor; você pode olhar para Jesus e aprender com ele. Jesus, como amor, agiu. Ele falou e agiu de maneiras que fizeram uma diferença, de maneiras que tornaram o amor visível em nosso meio. Quando confiamos nele e aprendemos com ele, nós também podemos praticar amor.

Para amar de forma semelhante a Cristo, precisamos de dois ingredientes. O primeiro ingrediente é conectar-se e depender de Cristo, não como um homem religioso que viveu dois mil anos atrás, mas como o próprio Filho de Deus que está com você e é capaz de ajudar nos momentos mais difíceis do seu casamento. O segundo ingrediente é saber como amar nos detalhes do momento. Jesus não nos encoraja apenas a amar; ele nos ensina como amar no momento – o que é o amor e como praticá-lo.

Aos quatro anos de idade, meu filho ficou fascinado com a história bíblica de como o garoto Davi corajosamente matou o gigante Golias com uma única pedra lançada com seu estilingue. (Davi levou consigo cinco pedras, mas só precisou de uma.) Fingindo ser Davi, meu filho corria pela casa com uma de minhas meias enfiada dentro da outra e girando-a loucamente sobre sua cabeça à procura de gigantes para abater. Querendo ajudá-lo a refletir sobre o significado mais profundo da história, eu comentei enquanto ele caçava gigantes: "Davi certamente teve muita fé para enfrentar aquele gigante, você não acha?" Sem hesitar um segundo sequer, meu filho respondeu: "Ele teve muita fé e muitas

pedras!”

Talvez você esteja enfrentando gigantes em seu casamento, e quando as pessoas o instruem a olhar para Jesus, parece que estão lhe oferecendo uma fé sem pedras! Lembre-se de que a fé é apenas um prelúdio à ação. Você precisa crer que Jesus lhe ajudará a cada passo do seu caminho, mas você também deve tomar medidas concretas. Em cada área do casamento que examinaremos, exploraremos não só os “porquês” do amor, mas também os seus “comos”.

Quando a Bíblia nos diz que Jesus é uma “propiciação pelos nossos pecados”, isso significa que Jesus é capaz de remover de nosso coração todos os obstáculos que nos impedem de amar os outros. Pecado não é um tema muito popular, mas devemos levá-lo a sério. Alguns dos maiores gigantes no nosso casamento residem em nosso próprio coração. Por mais que digamos que queremos amar, o pecado frustra nossos maiores esforços. Jesus não é apenas um treinador que encoraja ou um exemplo que devemos seguir, é também o nosso defensor, capaz de derrotar gigantes que jamais seríamos capazes de enfrentar sozinhos. Exploraremos esses gigantes nos próximos capítulos, mas, por ora, entenda que, para que o amor possa fazer uma diferença, ele precisa ser mais do que um surto emocional. Ele só pode ser encontrado em Jesus, e ele precisa se manifestar nos detalhes de seu casamento.

3. O casamento muda quando você se dispõe a amar de modo consistente ao longo do tempo, não porque nossos cônjuges mudam, mas porque estamos num relacionamento crescente com Deus

“Amados, se Deus de tal maneira nos amou, devemos nós também amar uns aos outros. Ninguém jamais viu a Deus; se amarmos uns aos outros, Deus permanece em nós, e o seu amor é, em nós, aperfeiçoado” (1Jo 4.11-12).

Se você não estiver vendo milagres, é possível que você não saiba reconhecê-los. O apóstolo João nos diz que aprender a amar uns aos outros envolve, no mínimo, dois milagres: em primeiro lugar, Deus vive em nós e, em segundo lugar, Deus se torna visível. “Deus permanece em nós, e o seu amor é, em nós, aperfeiçoado”. O invisível se torna visível. Isso é um milagre.

Em algum momento em seu casamento, você precisa perceber que você não pode fazer com que seu cônjuge mude. Se sua felicidade depende de sua

habilidade de controlar seu cônjuge, você se condena à frustração e ao desespero de tentar fazer o impossível.

Deus lhe oferece algo muito melhor do que um cônjuge transformado; ele promete mudar você. Ele se doa a você. Quando você é tentado a crer que seu cônjuge está entre você e toda a alegria que você esperava encontrar no casamento, ouça o convite de Deus para algo muito melhor. Isso não significa que seu cônjuge não mudará; significa que, independentemente de seu cônjuge mudar ou não, você é convidado para se tornar parte do programa mais importante na história – o programa de permitir que Deus viva em você para que seu amor se torne visível em nosso mundo danificado.

Talvez seu cônjuge comece a mudar assim que você desista da tentativa de mudá-lo e, em vez disso, passe a se concentrar em ser tudo aquilo que você pode ser. Ou talvez não. Mas seu casamento mudará quando você fizer escolhas diferentes e continuar a fazer essas escolhas à luz de seu relacionamento com Deus – um relacionamento que é maior do que seu casamento.

Mas como meu casamento pode mudar se meu cônjuge não mudar? Imagine seu casamento como uma dança. Dançar é divertido e lindo quando ambos os dançarinos ouvem a mesma música e estão em sincronia. Quando os dançarinos ouvem músicas diferentes e não conhecem os passos, a dança se torna desajeitada e dolorosa. Os dançarinos pisam nos pés um do outro enquanto tropeçam pelo palco. Você não pode transformar seu cônjuge num dançarino melhor, mas você pode se tornar um dançarino melhor. Mesmo quando apenas um dos parceiros melhora, a dança melhora. Seus pés estão mais seguros, quedas são menos frequentes, e você pode aproveitar a dança mesmo que seu cônjuge esteja sempre um pouco fora do ritmo. Por outro lado, seu cônjuge talvez perceba que você está se tornando um dançarino melhor e talvez queira melhorar também. Quando você vive não apenas em prol de mera felicidade conjugal, você adquire perseverança. Em vez de procurar um truque milagroso, você se dispõe a embarcar numa jornada que dura a vida inteira, mas que é vivida um dia de cada vez.

Para onde estamos indo?

Este livro foi construído em torno destas três ideias centrais:

Seção 1: Deus está nos momentos comuns

Essa seção estabelece as conexões entre os detalhes de seu relacionamento conjugal e a realidade de seu relacionamento com Deus, para que você enxergue o propósito maior e novas possibilidades nos momentos comuns de seu casamento. Você será desafiado a examinar a si mesmo para reconhecer como você torna difíceis os momentos comuns. Você aprenderá como o conhecimento e a adoração a Deus transformam os detalhes do casamento e como Jesus faz toda a diferença.

Seção 2: Amor extraordinário nos detalhes do casamento

Essa seção é prática. Você precisa saber como o amor se apresenta nos detalhes do momento. Você aprenderá como honestidade, conflito, confissão de erros e perdão podem ser expressões de amor e uma parte crucial da atividade de Deus em seu casamento.

Seção 3: Permanecendo no caminho

Independentemente de seu cônjuge mudar ou não, existem muitas alegrias e riquezas a serem encontradas em sua jornada com Deus. Nessa seção, você será convidado a entender como sua história se encaixa na história do seu casamento e na sua história com Deus. Você será desafiado a buscar a manifestação mais alta do amor que existe: amar quando você é injustiçado. Você também aprenderá a cultivar esperança.

Às vezes, momentos comuns nunca se transformam em muito mais do que irritações regulares; às vezes, eles explodem em ataques de fúria, gritarias ou coisa pior. Mas, por mais comuns que esses momentos possam parecer, eles têm o potencial de mudar seu casamento radicalmente.

REFLITA SOBRE ISTO

• Quais são alguns dos momentos comuns em seu casamento? Quais são algumas das irritações, conflitos ou decepções que acontecem sempre repetidamente? Existem pensamentos e sentimentos comuns a todos eles?

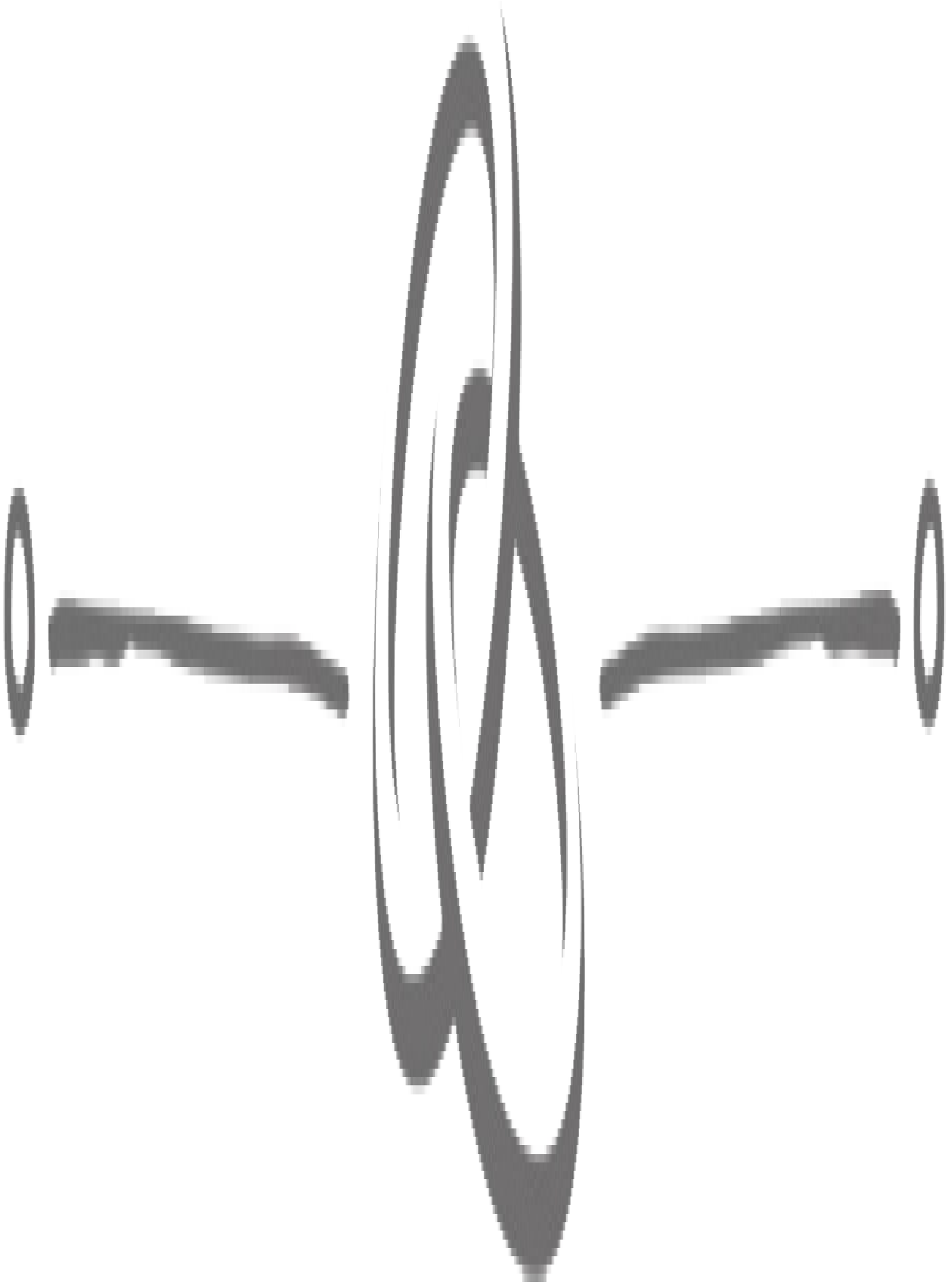
• Você tem pedido a ajuda de Deus? Se sua resposta for positiva, você tem percebido alguma mudança? Se você não tem percebido nenhuma mudança, como você explica isso? Você luta com sentimentos de abandono, raiva, falta de esperança?

• Pense em um dos momentos comuns em seu casamento. Como você poderia mudar um só pensamento, uma só palavra ou ação para tornar o amor de Deus mais visível? Como esse momento comum poderia ser diferente se você percebesse naquele momento que Deus o ama e apoia enquanto você trabalha para tornar seu amor visível?

Momentos comuns

revelam nossos

problemas com Deus



O que você aprenderá neste capítulo:

Visto que Deus é amor, os problemas que temos em amar nosso cônjuge são, muitas vezes, um reflexo de problemas em nosso relacionamento com Deus.

Às vezes, descobrimos áreas de cegueira, maneiras como precisamos amar nosso cônjuge que não vimos antes.

Às vezes, descobrimos áreas de teimosia, conhecemos maneiras como deveríamos amar, mas simplesmente nos recusamos a fazê-lo porque valorizamos algo mais do que o amor, mais do que Deus.

Visto que Deus é amor, melhorar nosso relacionamento com ele melhorará também nosso relacionamento com nosso cônjuge. Deus é amor, e podemos contar com sua ajuda quando queremos aprender a amar.

Um momento comum, parte 2

Enquanto estava sentado à mesa da cozinha com o olhar fixo, algumas perguntas passaram pela minha cabeça. Quando não consegui ligar para a Kim, por que eu me irritei em vez de ficar preocupado? Por que estive tão disposto a supor que ela estava sendo egoísta em vez de me perguntar se seu carro tinha quebrado ou, pior, se ela tinha sofrido um acidente? E se ela estivesse num hospital conectada a um respirador, enquanto eu me enfurecia por causa da inconveniência de levar as crianças para alguns compromissos?

Comecei a reconhecer meu egoísmo. Então, quando pensei em voltar a preparar meu estudo bíblico, uma pergunta ainda mais perturbadora me ocorreu: Como eu, sendo tão pouco amoroso, poderia ensinar sobre um Deus amoroso? Eu não tinha apenas experimentado um colapso em meu relacionamento com Kim; isso era um colapso em meu relacionamento com Deus. Percebi que meu problema

com a Kim me mostrava um problema muito mais profundo que eu tinha com Deus. Eu precisava encarar o dano em meu relacionamento com ele antes que pudesse fazer qualquer coisa em relação ao dano em meu casamento.

Jesus aparece num momento comum

No evangelho de Mateus, Jesus encontra um jovem semelhante a nós – uma pessoa que tem pontos cegos quando se trata do amor. Quando Jesus o instrui, começamos a ter uma noção de por que demonstrar amor ao nosso cônjuge é difícil e de como podemos começar a mudar.

Eis que alguém, aproximando-se, lhe perguntou: Mestre, que farei eu de bom, para alcançar a vida eterna?

Respondeu-lhe Jesus: Por que me perguntas acerca do que é bom? Bom só existe um. Se queres, porém, entrar na vida, guarda os mandamentos.

E ele lhe perguntou: Quais?

Respondeu Jesus: Não matarás, não adulterarás, não furtarás, não dirás falso testemunho; honra a teu pai e a tua mãe e amarás o teu próximo como a ti mesmo.

Replicou-lhe o jovem: Tudo isso tenho observado; que me falta ainda?

Disse-lhe Jesus: Se queres ser perfeito, vai, vende os teus bens, dá aos pobres e terás um tesouro no céu; depois, vem e segue-me.

Tendo, porém, o jovem ouvido esta palavra, retirou-se triste, por ser dono de muitas propriedades (Mt 19.16-22).

No início, Jesus parece ser um pouco sarcástico e até mesmo impaciente. “Por

que me perguntas acerca do que é bom? Bom só existe um.” Mas por que o jovem não perguntaria a Jesus o que é bom? Afinal de contas, Jesus é o Filho de Deus – o Messias.

Quando as palavras de Jesus surpreendem ou chocam você, preste atenção. Muitas vezes, Jesus não responde às perguntas como esperamos porque suas respostas pretendem nos dizer tanto sobre nós mesmos quanto sobre Deus. Jesus não está sendo rude; ele está convidando o jovem a reconhecer que sua pergunta em si sugere que existe um problema. Em essência, Jesus está dizendo: “Que pergunta estranha. Você já tem um ‘bom’ mestre – o próprio Deus. Ele lhe deu ordens, portanto, vá e cumpra-as. Por que está me pedindo uma segunda opinião?”

“A quais mandamentos devo obedecer?” o jovem continua. Outra pergunta peculiar. Ele não entende que, por definição, ordens não são opcionais? Jesus poderia simplesmente ter respondido: “A todos”, mas, em vez disso, ele destaca determinados mandamentos: “Não matarás, não adulterarás, não furtarás, não dirás falso testemunho; honra a teu pai e a tua mãe, e amarás o teu próximo como a ti mesmo”. A resposta de Jesus pode ser resumida como “ame as pessoas”. Sua resposta nos dá uma dica referente às ordens sobre as quais o jovem não quer refletir ou que ele simplesmente não entende: “Tudo isso tenho observado; que me falta ainda?”

Jesus instrui o jovem a vender todos os seus bens, dar aos pobres e segui-lo. Já que o jovem não pretende fazer isso, Jesus lhe diz que, se ele quiser vida eterna, ele terá que aprender a amar como Deus ordenou, até mesmo com a sua riqueza. Jesus exige que o jovem ame de uma maneira que ele nunca contemplou.

Resista, por um momento, à tentação de ficar preso à questão de quanto dinheiro os cristãos deveriam ter e, em vez disso, aprecie o fato de que Jesus colocou seu dedo numa área importante da vida do jovem na qual ele é cego às necessidades dos outros – uma área em que ele não está disposto a amar. Este é um homem rico cercado de pessoas pobres. A despeito de toda a sua preocupação de agradar a Deus e alcançar a vida eterna, o homem rico é cego às preocupações claramente afirmadas por Deus e à necessidade daqueles que estão bem na frente dele. Para esse homem específico, Jesus esclarece o que significa amar: “vender todos os teus bens e dar aos pobres”. Sem dúvida alguma, o jovem jamais esperava que a conversa tomasse esse rumo.

Seu relacionamento com seu cônjuge é uma janela para o seu relacionamento com Deus

O jovem rico parecia ter questões celestiais em mente – como eu quando fumegava de raiva por não poder preparar meu estudo bíblico. Ele queria saber como obter a vida eterna. Isso não soa como se estivesse pedindo conselhos sobre seus relacionamentos, mas é exatamente para onde Jesus o direcionou – para os detalhes de seus relacionamentos.

“Deus é amor” é muito mais do que um pensamento agradável. Sua habilidade ou capacidade de amar seu cônjuge diz tanto sobre seu relacionamento com Deus quanto sobre seu relacionamento com seu cônjuge. Talvez isso o surpreenda, especialmente se você não pensar no casamento em termos espirituais. Talvez você sempre tenha pensado no casamento em termos românticos. Ou talvez o casamento seja uma realidade prática – uma forma de você viver sua vida.

Mesmo quando estamos dispostos a olhar para Deus em busca de um conselho conjugal, normalmente não vemos a maneira como tratamos nosso cônjuge como medida para nosso relacionamento com Deus. Como o jovem rico, limitamos as preocupações de Deus à religião. Suspeitamos que Deus se importa com nossas orações, nossa visita à igreja e leitura bíblica, mas, na verdade, nosso casamento não parece ser algo religioso ou espiritual.

O mandamento divino de “amar teu próximo como a ti mesmo” nos lembra de que cada interação humana, inclusive cada interação conjugal, é uma questão espiritual. Pense nisso: seu cônjuge é seu próximo mais próximo. Vocês não moram em casas vizinhas; vocês vivem na mesma casa! Então, a maneira como você trata seu cônjuge revela se você leva Deus e seu mandamento a sério. Sua obediência ou desobediência é uma janela para o seu relacionamento com ele.

Quando você olha pela janela, o que você vê?

Quando você olha através de seu casamento para o seu relacionamento com Deus, o que você vê? Você ama bem o seu cônjuge? Você ama bem a Deus? Antes de refletirmos sobre essas perguntas, devemos observar algumas outras coisas sobre a interação de Jesus com o jovem rico.

Cegueira

Observe a autoimagem distorcida do jovem rico. É provável que ele se veja como uma pessoa de pensamento espiritual. Não temos razão alguma para pensar que sua pergunta a Jesus não seja sincera, ao contrário das perguntas de muitos dos líderes religiosos. Na verdade, o evangelho de Marcos nos conta que, no meio de sua conversa, "Jesus, fitando-o, o amou" (Mc 10.21). Ele não só procura Jesus, ele também conhece a lei de Deus e seus mandamentos. Seu problema é que, quando ele examina sua vida à luz dos mandamentos de Deus, ele acredita que está bem. Ele conhece a Palavra de Deus, ele vive no meio do povo de Deus, mas ele está cego à sua condição verdadeira.

Devemos garantir que não sofremos da mesma cegueira. Conhecer a Palavra de Deus ou saber o que ele diz sobre o casamento não basta; precisamos estar dispostos a nos ver corretamente, em ação, quando interagimos com nosso cônjuge.

Às vezes, ser religioso pode contribuir para uma cegueira espiritual. Após a conversa de Jesus com o jovem rico, ele tem uma conversa semelhante com alguns líderes religiosos, que não são buscadores honestos, mas homens determinados a armar uma armadilha para Jesus e destruir seus planos. Quando interrogado sobre qual é o maior dos mandamentos de Deus, Jesus também lhes diz que eles devem obedecer ao mandamento de Deus de amar seu próximo. Mas ele baseia esse mandamento num mandamento ainda mais fundamental. Jesus o expressa desta maneira:

Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento. Este é o grande e primeiro mandamento. O segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Destes dois

mandamentos dependem toda a Lei e os Profetas (Mt 22.37-40).

Em outras palavras, o mandamento de amar seu próximo como a si mesmo está enraizado ou baseado no mandamento de amar Deus de todo o coração, de toda a alma e de todo o entendimento.

Jesus estabelece um vínculo entre os dois mandamentos para comunicar aos líderes religiosos o mesmo ponto que ele tinha comunicado ao jovem. Se Deus é amor, então nosso dever de amar os outros deveria ser óbvio. Muitas vezes, porém, não percebemos essa ligação. Nessa passagem, Jesus está falando a fariseus e mestres da lei. Visto que eles se consideram especialistas em adoração, sua cegueira e falta de amor preocupa Jesus ainda mais. Justamente eles deveriam entender que a principal maneira de amar a Deus é amar os outros. Mas eles não querem fazer essa conexão, por isso, nessa mesma passagem, Jesus lhes diz:

Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, porque dais o dízimo da hortelã, do endro e do cominho e tendes negligenciado os preceitos mais importantes da Lei: a justiça, a misericórdia e a fé; devíeis, porém, fazer estas coisas, sem omitir aquelas! Guias cegos, que coais o mosquito e engolis o camelo! (Mt 23.23-24)

De um lado, os fariseus parecem ser hiper-religiosos, homens que seguem diligentemente cada detalhe da lei. Uma das exigências da lei era que um décimo, ou dízimo, das posses fosse dado a Deus. Jesus comenta que os fariseus são escrupulosos na observância dessa exigência. Na verdade, são tão cuidadosos no cumprimento de seu dever religioso que até dão o dízimo “da hortelã, do endro e do cominho” – as ervas e os temperos que crescem em seu jardim. Eles parecem amar Deus de todo o seu coração, de toda a sua mente e de todo o seu entendimento. Eles parecem não reter nada de Deus.

Mas Jesus os chama hipócritas: eles alegam ser uma coisa, mas, na verdade, são algo diferente. Os fariseus alegam amar Deus, mas, na verdade, negligenciaram o âmago dos mandamentos de Deus – justiça, misericórdia e fidelidade.

Os fariseus manifestam o mesmo desconexo do qual sofrem muitos de nós. Eles conhecem a adoração apenas como ritual religioso. Sua definição de adoração não inclui relacionamentos, e Jesus consegue ver que seus relacionamentos não são moldados pelo Deus que alegam adorar, pelo Deus que diz ser amor.

No meu caso, eu estava preparando um estudo bíblico, totalmente convencido de que eu estava amando Deus e os outros, mas a prova de fogo real de como eu estava me relacionando com Deus eram minha atitude e minhas ações em relação à minha esposa. Meu coração e minha mente estavam totalmente preocupados comigo mesmo e não com ela. Minhas ações não diziam amor; diziam egoísmo.

Em quais aspectos você está cego à ordem de Deus de amar seu cônjuge?

Afastando-se de Deus

Jesus explica o problema ao jovem e lhe diz o que deve fazer, mas a reação do jovem é se afastar. Jesus o instrui a vender seus bens, dar aos pobres e segui-lo, mas o jovem não consegue fazer isso. Ele não quer fazer isso. Ele literalmente olha para o rosto do amor e escolhe outra coisa. Os detalhes dos relacionamentos do jovem revelam que sua riqueza é o amor de sua vida, que ela é mais importante para ele do que Deus ou as pessoas.

Existem coisas em sua vida que o impedem de amar seu cônjuge – de amar Deus? Ler essa passagem de Mateus pode ser como procurar o médico por causa de uma tosse persistente, esperando receber algum antibiótico e obter, em vez disso, um diagnóstico de câncer. Mas é mais fácil aceitar um diagnóstico quando você sabe que existe uma cura. Doutor, eu pensava que estava tendo dificuldades de amar meu próximo e minha esposa. Agora, você está me dizendo que isso é apenas um sintoma de minha incapacidade de amar a Deus?

Seu relacionamento com Deus pode transformar seu casamento de forma poderosa

Se você quiser crescer em amor, então precisará da ajuda de Deus. Jesus descreveu nossa obrigação de amar a Deus de todo o nosso coração, de toda a nossa alma e de todo o nosso entendimento como o “primeiro e maior mandamento”. É essencialmente uma ordem de se voltar para Deus como a fonte do amor. Deus não nos ordena simplesmente a amar uns aos outros e então nos abandona para fazermos isso por conta própria. Como o jovem rico, somos cegos ao que realmente está acontecendo em nossos relacionamentos e em nosso coração. Sem ajuda, não temos nenhuma razão para acreditar que nós seremos mais bem-sucedidos do que ele.

Jesus não espera que vinculemos nosso casamento ao segundo grande mandamento, mas espera que percebamos que a ordem de amar nosso próximo não pode ser dissociado da ordem de amar a Deus. Se você amasse Deus de todo o coração, de toda a alma e de todo o entendimento, você não esperaria crescer em sua capacidade de amar? Você não esperaria saber como amar e ter o poder de amar?

Você não precisa ter medo de dar uma olhada honesta em si mesmo. Você não encontrará nada para o qual não existe uma solução. O Deus que ordena amar lhe mostrará o que é amor genuíno, e, quando você o amar, ele o capacitará a exercer esse tipo de amor. Nos próximos capítulos, analisaremos mais de perto o que significa amar a Deus dessa forma e como Jesus se encaixa na imagem. No próximo capítulo, daremos uma olhada melhor em como podemos começar a identificar as coisas que nos impedem de aceitar Deus e de nos voltar para ele.

REFLITA SOBRE ISTO

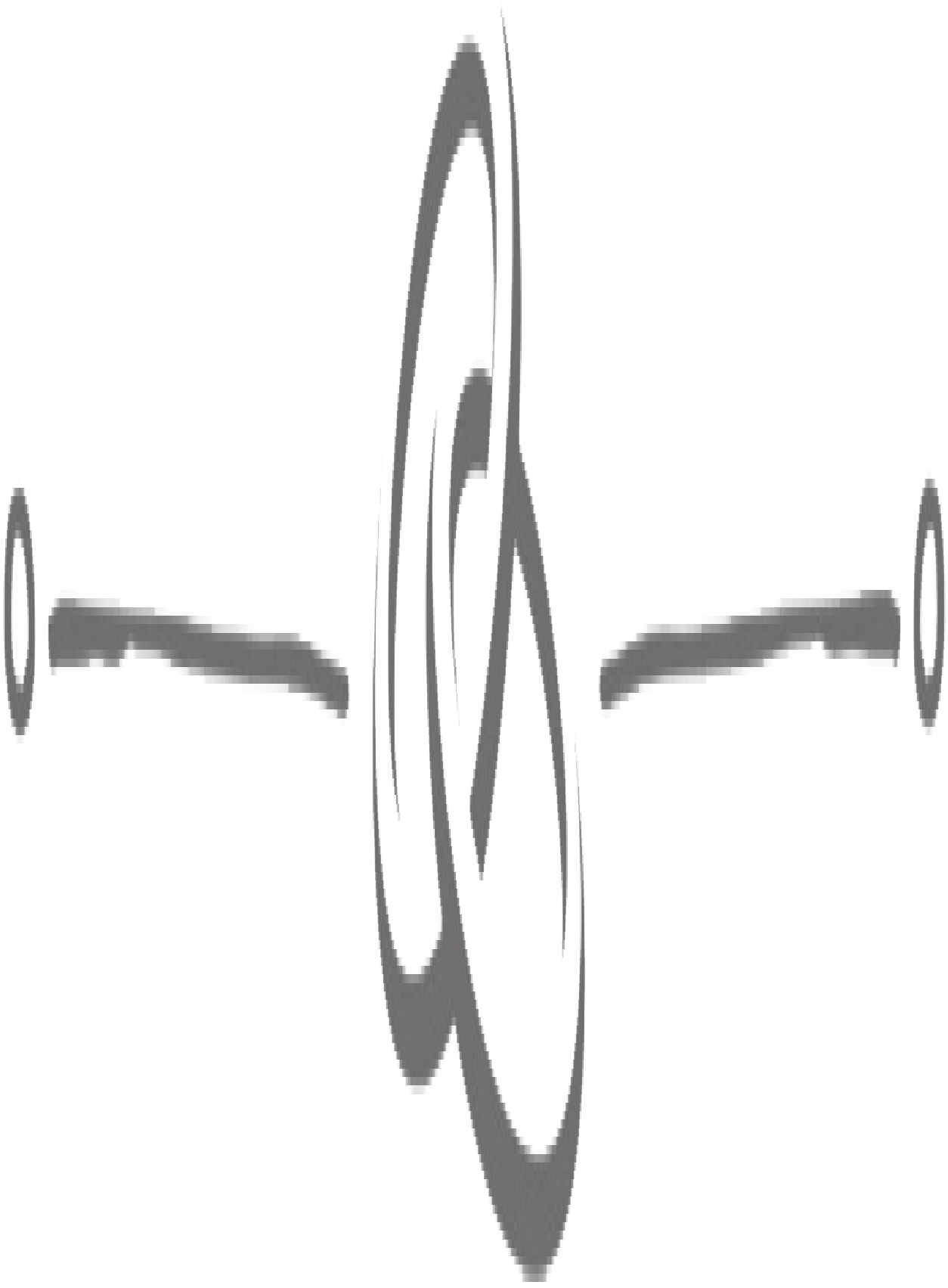
• Se Jesus avaliasse seu relacionamento com Deus com base na maneira como você trata seu cônjuge, qual seria sua nota? Em quais aspectos você tiraria uma nota boa? Em quais aspectos você acredita que precisa melhorar?

• Identifique alguns pontos cegos que existem na maneira como você ama seu cônjuge. Gaste algum tempo refletindo sobre as maneiras em que seu cônjuge precisa ser amado que você tenha ignorado ou negligenciado. Pergunte ao seu

cônjuge se existem maneiras pelas quais ele deseja que você o ame mais.

• Quais coisas em sua vida você valoriza mais do que amar seu cônjuge (ou até o próprio Deus)? Quando você é tentado a se afastar como o jovem rico? Quando você sente que amar seu cônjuge ou amar Deus custa demais?

Adoração: amor extraordinário por Deus



O que você aprenderá neste capítulo:

Deus ensina que todos os nossos problemas com ele podem ser compreendidos como problemas de adoração. Qualquer que seja a coisa além de Deus da qual dependemos, que buscamos ou em torno da qual organizamos nossa vida, é isso que adoramos no lugar de Deus.

Nosso casamento sofre quando adoramos algo diferente de Deus. Nossos desejos de sermos amados, de nos sentirmos confortáveis ou de termos poder e controle podem se transformar em ídolos que rompem nosso relacionamento com Deus e nosso cônjuge. Até coisas boas podem se transformar em ídolos quando lhes damos importância demais.

A idolatria sempre é egoísta. Servimos a ídolos que acreditamos serem benéficos para nós.

A adoração nos transforma. Adorar ídolos nos transforma e muda nosso casamento para pior. Adorar a Deus nos muda para melhor.

Uma olhada mais de perto no primeiro grande mandamento

O que torna momentos comuns difíceis é que eles estão enraizados em um problema que é maior do que o nosso casamento. Uma falta de amor significa que, independentemente dos problemas que você possa ter com seu cônjuge, você tem um problema maior com Deus. No último capítulo, vimos que, segundo Jesus, nossa capacidade de amar os outros se baseia em nosso amor por Deus. Ele disse aos líderes religiosos:

Amarás, pois, o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento e de toda a tua força. O segundo é: Amarás o teu

próximo como a ti mesmo. Não há outro mandamento maior do que estes (Mc 12.30-31).

Jesus deu dois mandamentos em vez de um único para mostrar que amar seu próximo é uma maneira necessária de expressar o amor por Deus. Aprender a amar a Deus é o caminho para amar seu cônjuge ou qualquer outra pessoa.

Como aprendemos a amar a Deus? Como lidamos com as coisas que interferem em nosso amor por Deus? O primeiro grande mandamento fornece a resposta a essas perguntas: em uma palavra, a resposta é adoração.

Pense um pouco sobre o que o primeiro grande mandamento exige. Amar a Deus de todo o seu coração, de toda a sua alma, de todo o seu entendimento e de toda a sua força é uma tarefa de longo alcance que abarca cada área de sua vida. Os termos coração, alma, entendimento e força se sobrepõem, evidentemente. Deus usa esses termos sobrepostos para que não haja dúvida de que ele exige de nós um amor que consome tudo. Existe alguma parte da vida que não seja abarcada por seu coração, sua alma, seu entendimento e sua força?

Estamos acostumados a dividir a vida em espiritual e não espiritual, a entregar as coisas espirituais a Deus e a administrar o resto por conta própria. Existem certas áreas que preferimos ver fora do controle de Deus, e, muitas vezes, o casamento é uma delas. Mas esse mandamento deixa claro que Deus deveria estar no centro de tudo. Todas as barreiras entre espiritual e não espiritual são derrubadas.

A Bíblia tem uma palavra para esse tipo de amor que tudo consome, para uma devoção que molda e orienta cada área da vida: adoração. Talvez isso o surpreenda, pois, muitas vezes, usamos a palavra adoração num sentido muito restrito. Imaginamos adoração como um conjunto de atividades específicas que realizamos em um dia da semana. Vamos para um lugar especial, cantamos hinos, oramos, ouvimos uma mensagem, ficamos de pé, de joelhos etc. Vemos todas essas coisas como adoração. Então, saímos daquele lugar especial, e a adoração acaba. É verdade que Deus nos instrui a adorar dessa maneira, mas o mandamento de amar a Deus com todo o nosso ser nos ensina que cada aspecto da nossa vida é um ato de adoração. Tudo que fazemos é orientado pelo nosso amor a Deus, cada ato nosso é um ato de devoção a ele.

A fim de apreciar a conexão entre adoração e um amor sincero a Deus, lembre-se

de que Jesus estava citando o Antigo Testamento – Deuteronômio 6.4-5 – quando falou do primeiro grande mandamento. Em Deuteronômio 6, Moisés revê os Dez Mandamentos (e outras leis) com os israelitas antes de eles entrarem na Terra Prometida. O livro de Deuteronômio revê o que Israel aprendeu durante sua jornada de 40 anos pelo deserto.

O primeiro grande mandamento é um resumo do resumo que nos lembra daquilo que Deus ordena nos quatro primeiros dos Dez Mandamentos. São os mandamentos que proíbem adorar a Deus de maneira errada: não adore qualquer outro deus, não faça uma imagem ou um ídolo de Deus, não abuse de seu nome e preserve a santidade do sábado (não trabalhe naquele dia). Observe que esses mandamentos são, em grande parte, proibições. Eles nos dizem como não devemos adorar a Deus. Mas o que significa adorar a Deus? O primeiro grande mandamento é, basicamente, essa instrução. Enquanto os Dez Mandamentos nos dizem o que não devemos fazer, o primeiro grande mandamento nos diz o que devemos fazer.

Adorar a Deus significa, então, orientar toda a sua vida e todo o seu ser em torno do amor por ele. Poderíamos dizer então que o fundamento de amar seu cônjuge é verdadeiramente adorar a Deus. Entender a conexão entre amar e adorar a Deus é importante. Como você verá, adorar a Deus sempre leva à transformação e mudança. O primeiro grande mandamento não é apenas uma obrigação que Deus nos impõe, mas um caminho para a mudança.

O que você adora?

O salmo 71 oferece uma imagem linda daquilo que significa adorar a Deus com todo o seu ser. “Em ti, Senhor, me refugio [...]. Pois tu és a minha esperança, Senhor Deus, a minha confiança desde a minha mocidade [...]. Os meus lábios estão cheios do teu louvor” (Sl 71.1,5,8). Veja algumas das palavras que o salmista usa para descrever Deus: seu refúgio, sua esperança, sua confiança, objeto de seu deleite e louvor. Agora, pergunte a si mesmo: Onde você se refugia? Quem é o seu resgatador e libertador? Nos ouvidos de quem você fala quando precisa de ajuda? A quem você recorre? Ao melhor amigo? A um vizinho? Ao seu cônjuge? Algum deles se equipara a buscar a ajuda do próprio

Deus?

Ou talvez seu refúgio não seja um quem, mas um o quê. Você busca refúgio em distrações “inofensivas” – em livros, programas de TV, trabalho etc.? Essas coisas não são ruins por si mesmas, mas podem se tornar ruins quando funcionam como deuses em sua vida, impedindo-o de conhecer e amar a Deus.

Onde você coloca sua esperança e confiança? Em Deus ou em suas habilidades profissionais e em sua carreira, por exemplo? Em sua família feliz e bem ajustada? Ou talvez você confie mais em sua própria força e habilidade de fazer tudo por conta própria. A pessoa ou coisa em que você coloca a sua confiança é o seu deus.

O que deixa você cheio de alegria e entusiasmo ao ponto de não esperar a hora de contar aos outros? Sua última compra? Um novo passatempo? Seu time favorito? Onde você busca sabedoria e conhecimento? Se você se examinar honestamente, você pode afirmar que Deus preenche todos esses papéis? Você o ama com todo o seu ser?

Esse entendimento de adoração expõe todos nós como adoradores que se desviaram. Até o ateu coloca fé em algo. Todos têm respostas às perguntas que o salmo 71 levanta. A pergunta não é se você adora; a pergunta é quem ou o que você adora.

Idolatria

O primeiro dos Dez Mandamentos proíbe idolatria – substituir Deus por algo diferente. Talvez você imagine um ídolo como estátua ou imagem venerada. E, sim, Deus nos proíbe de fabricar uma imagem dele ou de qualquer outro suposto deus e de adorá-la. Mas idolatria inclui adorar qualquer coisa que não seja Deus. Nossas inclinações mais naturais – buscar conforto, por exemplo, refúgio, esperança, confiança – são os comportamentos de adoração. Os ídolos mais insidiosos são aqueles que erguemos em nosso próprio coração.

Se você estiver disposto a se ver como um adorador que se desviou do caminho,

então pergunte a si mesmo: “Quais são os meus ídolos?” Se você examinar a sua vida e seus relacionamentos, talvez você identifique um ou mais dos seguintes candidatos populares:

Aprovação: para alguns de nós, não existe sentimento melhor do que a afirmação de outros. Fazemos o que for necessário para garantir que os outros gostem de nós. Aceitamos as exigências dos outros, por mais insensatas que possam ser. Não dizemos o que pensamos e engolimos a raiva e a decepção porque ser diferente e desagradável não é uma boa maneira para fazer com que as pessoas gostem de você.

Conforto: Alguns de nós preferem tranquilidade e prazer. Não gostamos de aborrecimentos e odiamos conflito. Gostamos do jeito fácil. As pessoas podem se encaixar em nossos planos ou não, dependendo de contribuírem ou não para o nosso conforto. Sim, lutamos se for necessário, mas apenas para proteger a nossa zona de conforto.

Poder: Outros adoram a sensação de estar no controle e de fazer as coisas acontecerem. Odiamos ser controlados por outras pessoas e, para dizer a verdade, às vezes, gostamos de um conflito porque ele prova que não estamos vivendo à mercê de outra pessoa. Costumamos ser críticos, competitivos, ter uma língua afiada e sabemos defender nosso ponto de vista.

Acrescente a esses uma multidão de outros ídolos, como, por exemplo, intimidade, pertencimento, segurança, sucesso e admiração. Observe que nenhuma dessas coisas é ruim por si mesma. Não é errado querer aprovação, gostar de conforto ou estar no controle. Muitas vezes, não estamos cientes de como a idolatria nos afeta porque aquilo que estamos buscando não é uma coisa ruim – torna-se ruim quando lhe atribuímos uma importância excessiva, quando ofusca o amor por Deus e seu cônjuge. Evidentemente, ídolos podem ser coisas que são inerentemente ruins, como, por exemplo, um relacionamento adúltero, mas aqueles que mais nos atormentam são, muitas vezes, aqueles que acreditamos ser bons, mas que se tornam ruins quando se tornam importantes demais para nós e são impulsionados por egoísmo.

Observe que as coisas que controlam sua vida podem não ser as coisas que você busca, mas as coisas que você evita. Rejeição, por exemplo, pode ser um ídolo da mesma forma como aprovação. O medo de ser rejeitado é o reverso do desejo de ser aceito. Nesse caso, porém, sua motivação maior do que garantir aprovação

é evitar rejeição. Qual é a diferença? A pessoa que deseja aprovação buscará relacionamentos com outros para encontrar aprovação, mas a pessoa que teme rejeição pode querer se isolar completamente de outros. Outras coisas que as pessoas tendem a evitar ao ponto de idolatria é isolamento, vergonha, aborrecimentos, caos, controle por outros, fracasso, humilhação e fraqueza.

Como ídolos afetam o casamento

Voltando para a minha história

Lembre-se de como eu estava furioso porque Kim estava atrasada numa tarde de sábado e eu tive que correr para cumprir compromissos a fim de poder terminar meus preparativos para um estudo bíblico. Mais irritado do que preocupado com a ausência de Kim, percebi que eu estava sendo egoísta. Como eu podia estar sentado com a Bíblia em minhas mãos e estar cheio de raiva da minha esposa? De repente, percebi que eu tinha um problema com Deus que era maior do que meu problema com Kim.

Eu estava sendo egoísta com a Kim. Mas problemas de relacionamento são problemas de adoração. Eu estava amando algo mais do que estava amando a Deus. O que tinha substituído meu amor por Deus? Qual era o ídolo? Comodidade era um culpado óbvio. Eu não gostava de ser incomodado. Ou talvez fazer um bom estudo bíblico estava simplesmente sendo importante demais para mim. Possivelmente, meu problema tinha a ver com desempenho ou perfeição. Mas, ao analisar a situação mais a fundo, reconheci outro culpado que vinha sendo meu companheiro desde minha infância: um desejo desesperado de aprovação e medo de rejeição.

Como o desejo de aprovação se traduz em mau humor irritado? Servindo ao meu ídolo da aprovação, eu trabalho duro para mostrar meu desempenho aos outros. Eu queria fazer um bom trabalho com o estudo bíblico, mas eu também trabalho duro para ser aceito pela Kim. Afinal de contas, eu estava cuidando dos garotos num sábado para que ela pudesse se divertir com suas amigas. Eu não merecia nenhum crédito por isso? Quando me sinto ignorado, parece que todo o meu trabalho duro e meus esforços são em vão. Normalmente, sou bom em fazer com

que os outros gostem de mim. Quando a Kim não colabora, eu me irrito. Em minha raiva, eu quero puni-la por não perceber o quanto trabalho para conquistar seu afeto, sua afirmação e aprovação.

Estou sendo duro demais comigo mesmo? Reagir com raiva é normal quando você percebe que suas necessidades estão sendo ignoradas. Repito, o problema não era a raiva em si. Era a intensidade da raiva; o mau humor, as agulhadas, o afastamento que resultavam da raiva; e como a raiva ofuscava o amor por Deus e pela Kim. Às vezes, um ídolo é uma coisa boa que cresceu demais – um desejo que se transformou em exigência ou um medo ou preocupação normal que passou a nos dominar. Esses são os ídolos que, muitas vezes, operam despercebidos nos bastidores do nosso casamento. Às vezes, porém, essas coisas boas que se tornaram ruins se transformam em ídolos que você proclama como sua justa causa. Você as exige abertamente e, cheio de indignação justa, as cobra constantemente de seu cônjuge. Enquanto isso, o amor por Deus e pelo cônjuge esfria.

Andando em círculos

Como já mencionei, concentrar-nos nas falhas do nosso cônjuge pode ser uma verdadeira armadilha. Mas você precisa entender que você não se casou com uma pessoa perfeita. Seu cônjuge é propenso a fraquezas e ao pecado tanto quanto você. A fim de lhe dar uma noção de como os nossos pecados interagem, Kim está disposta a lhe contar que não existe apenas um idólatra em meu casamento. Kim ama conforto. Não é que ela não ame pessoas ou não me ame; é que, às vezes, o seu prazer no momento ofusca seu amor por outros. Nesse caso, é fácil entender por que ela não atendeu às minhas ligações. Ela não conseguia ouvir seu celular. Mas, a título desse exemplo, suponhamos que há mais por trás dessa história. Suponhamos que Kim tinha essa sensação insistente de que deveria ver como estavam as coisas em casa, mas ignorou o pensamento porque ela estava se divertindo com suas amigas.

Existe um sentido em que o amor exige que ela esteja ciente das necessidades de outros, mesmo quando ela estiver tentada a ser absorvida por aquilo que está acontecendo na frente dela. Se ela se comprometeu a estar em determinado lugar às 13 horas, ela precisará fazer um esforço especial para ficar de olho na hora, mesmo que isso interrompa o fluxo do momento. Talvez tenha que se ausentar

num momento desagradável para cumprir sua obrigação com outra pessoa.

Meu ídolo de aceitação e o ídolo de conforto da Kim podem interagir de maneiras diabólicas. Enquanto estava sentado à mesa da cozinha, punindo Kim porque meus esforços de agradar a ela pareciam ser em vão, Kim estava se sentindo cada vez mais desconfortável. Quando Kim se sente desconfortável, ela quer recuar. Ela se aproxima do conforto e se afasta do desconforto. É claro que, quando ela recua, eu me sinto ainda mais ignorado e rejeitado. Quanto mais ela recua, mais eu faço bico e cara feia e atiro flechas verbais em sua direção. E quanto mais carrancudo fico, mais ela se retrai. Nossos ídolos reforçam e amplificam uns aos outros. E assim damos volta após volta.

Idolatria tem a ver com o ego

Em certo sentido, a idolatria é a maneira como pecadores olham para fora de si mesmos para encontrar salvação, a salvação sendo o resgate de dificuldades e um caminho para a realização. Esperamos que aceitação, conforto, controle, poder, sucesso ou algo diferente torne nossa vida aceitável. Nossos ídolos parecem se concentrar e depender de outros. Seja como for, a idolatria está sempre enraizada no ego. Mesmo que nossos ídolos possam exigir a participação de outros, a idolatria é uma estratégia para beneficiar o ego. Assim, por exemplo, eu quero agradar aos outros para que eu me sinta melhor em relação a mim mesmo. Deixar os outros felizes é apenas um meio para um fim, não um fim em si mesmo. Como estratégia para satisfazer a mim mesmo, ela é inerentemente egoísta.

Mas, além de egoísta, em sua raiz, a idolatria é a maneira de fingirmos ser Deus. Quando nos recusamos a adorar o Deus verdadeiro e decidimos construir nossa vida em torno de algo ou alguém diferente, estamos nos exaltando acima de Deus. Como idólatras nós basicamente sondamos o universo, inclusive Deus, e decidimos o que é melhor para nós. Deus criou todas as coisas para que elas o adorassem e lhe servissem, mas, como idólatras, assumimos o lugar de Deus desenvolvendo estratégias para fazer com que o mundo nos sirva. Mas até mesmo nossos esforços de nos livrar de Deus assumem uma expressão de adoração, porque fomos criados para adorar, e nem em nossa rebelião contra

Deus podemos deixar de adorar; encontramos apenas uma maneira “adoradora” de servir a nós mesmos. Encontramos alguém ou algo diferente em torno do qual organizamos a nossa vida e que amamos com tudo o que temos.

Adoração sempre transforma você

O entendimento bíblico de adoração deixa óbvio que cada área da vida é afetada e transformada pela adoração. Aquilo a que você serve de todo coração, de toda mente, de toda alma e de toda força molda cada área da sua vida. Mas além de transformar o mundo do adorador, a adoração também transforma o adorador.

Se você os produzir, você será igual a eles

O salmo 115 nos mostra uma imagem da idolatria e de como ela nos transforma. Primeiro, o salmista contrasta o Deus verdadeiro com ídolos:

No céu está o nosso Deus e tudo faz como lhe agrada. Prata e ouro são os ídolos deles, obra das mãos de homens. Têm boca e não falam; têm olhos e não veem; têm ouvidos e não ouvem; têm nariz e não cheiram. Suas mãos não apalpam; seus pés não andam; som nenhum lhes sai da garganta (Sl 115.3-7).

O salmista está descrevendo os ídolos que eram comuns no antigo Oriente Próximo, pequenas estátuas ou figuras de como o adorador imaginava seu deus. O argumento do salmista é óbvio. Apesar de feito à imagem de um ser vivo que respira, o ídolo não tem vida e não pode fazer nada para resgatar ou libertar o adorador. O ídolo está morto.

Mas o ponto principal vem no versículo 8: “Tornem-se semelhantes a eles os que os fazem e quantos neles confiam”. Em outras palavras, ídolos não têm vida, e aqueles que os produzem e confiam neles se tornarão sem vida. Mesmo que as

imagens aqui falem de figuras e estátuas, o princípio se aplica também aos ídolos aos quais servimos em nosso casamento.

Observe como isso se aplica ao ídolo da aprovação. Quando a escolhi como meu deus, eu o fiz acreditando que ela me traria vida: alegria, paz e felicidade. E parecia funcionar, pelo menos durante certo período. Mas com o passar do tempo, exatamente como prediz o salmo 115, descobri que meu deus estava ficando cada vez menos eficaz. Enquanto estava sentado à mesa da cozinha naquela tarde de sábado, eu não me sentia vivo e livre; eu me sentia paralisado. Eu não sabia o que dizer ou fazer. Eu tinha caído na armadilha da minha própria estratégia. Aprovação não oferece quaisquer soluções para a raiva. Ídolos trazem a morte exatamente como o salmista descreve. Enquanto treinava meus olhos para encontrarem aprovação, eu perdia minha habilidade de perceber qualquer coisa além de sua presença ou ausência. Enquanto treinava meus ouvidos para ouvirem o som de afirmação e elogio, tornei-me surdo para outros sons importantes, e até mesmo a crítica mais útil e mais bem-intencionada se tornou insuportável. Eu tinha escolhido um ídolo que, como eu acreditava, me traria vida, mas, em vez disso, descobri que minha vida estava se tornando cada vez mais rasa, reduzida à dura realidade monocromática de experimentar apenas aceitação e rejeição.

A si mesmo se purifica todo o que nele tem esta esperança

Misericordiosamente, a adoração verdadeira é doadora de vida. O salmo 115 nos aponta para essa verdade. “De nós se tem lembrado o Senhor; ele nos abençoará; abençoará a casa de Israel, abençoará a casa de Arão. Ele abençoa os que temem o Senhor, tanto pequenos como grandes” (Sl 115.12-13). Em outras palavras, se adorarmos a Deus, ele nos abençoará.

Se você não está acostumado com a linguagem de adoração, ela pode parecer estranha e artificial. Mas a Bíblia usa outras imagens para ilustrar o tipo de relacionamento que devemos ter com Deus. Uma imagem proeminente é a do relacionamento do pai com seu filho. Ele se dedica a nós como um pai amoroso, e nós devemos estar devotos a ele como filhos amorosos. Observe como o apóstolo João usa essa imagem relacional para descrever como isso nos transforma:

Vede que grande amor nos tem concedido o Pai, a ponto de sermos chamados filhos de Deus; e, de fato, somos filhos de Deus. [...] Amados, agora, somos filhos de Deus, e ainda não se manifestou o que haveremos de ser. Sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, porque haveremos de vê-lo como ele é. E a si mesmo se purifica todo o que nele tem esta esperança, assim como ele é puro (1Jo 3.1-3).

Quando ainda era um garoto, eu costumava ficar ao lado do meu pai junto à pia enquanto ele fazia a barba antes de ir para o trabalho. Ele usava um barbeador com uma lâmina removível, e, como fazem os garotos, eu queria imitar meu pai, então ficava do lado dele com meu rosto ensaboado e usava um barbeador sem lâmina para remover a espuma do meu rosto.

Certa manhã, eu lhe preguntei: “Pai, eu serei capaz de fazer a barba de verdade algum dia?” “É claro que sim”, ele respondeu. “Como você sabe?” perguntei. “Porque você é meu filho”, ele respondeu.

Gostando ou não, muitas vezes, os filhos acabam se parecendo com seus pais em certa medida. Quando olhei para meu pai, eu pude ver meu próprio futuro em certo sentido. Porque ele fazia a barba toda manhã, eu podia esperar que também teria que fazer a barba toda manhã.

João está apresentando um argumento semelhante. Aqueles que confiam em Jesus têm o privilégio de serem considerados filhos de Deus. Isso, por si só, já é um fato maravilhoso, mas as coisas ficam ainda melhores. Os filhos de Deus, como os filhos naturais, crescem e amadurecem para se tornarem cada vez mais semelhantes a ele. Quando aprendemos a amar e adorar a Deus, somos transformados – nós nos tornamos semelhantes a ele.

Faça uma mudança

Num momento comum, autocrítica objetiva é difícil. Identificar primeiro as falhas de outra pessoa (especialmente do cônjuge) e usá-las para explicar nossa própria infelicidade é absolutamente natural. Mas para que as coisas sejam

diferentes, você terá que experimentar algo diferente. Você precisa iniciar o processo de mudança examinando a si mesmo. Existem desejos e medos que você transformou em ídolos? (Lembre-se, até mesmo coisas boas podem se transformar em ídolos quando nossas necessidades percebidas se transformam em exigências.) Peça o perdão de Deus por tentar fazer a vida funcionar por conta própria. Diga-lhe que você deseja aprender a amá-lo com tudo o que você tem.

Se você quiser que seu casamento mude, você precisa mudar. É fácil gastar tempo esperando, talvez insistindo que seu cônjuge mude. Infelizmente, você não tem o poder para mudar outra pessoa. Quando você inicia sua busca por mudança olhando para sua própria necessidade de mudar, então você pode ter esperança. Você tem uma responsabilidade e também a capacidade de mudar. Mas você só pode fazer isso de maneira duradora e significativa se você abandonar seus próprios ídolos e aprender a viver uma vida de adoração verdadeira.

REFLITA SOBRE ISTO

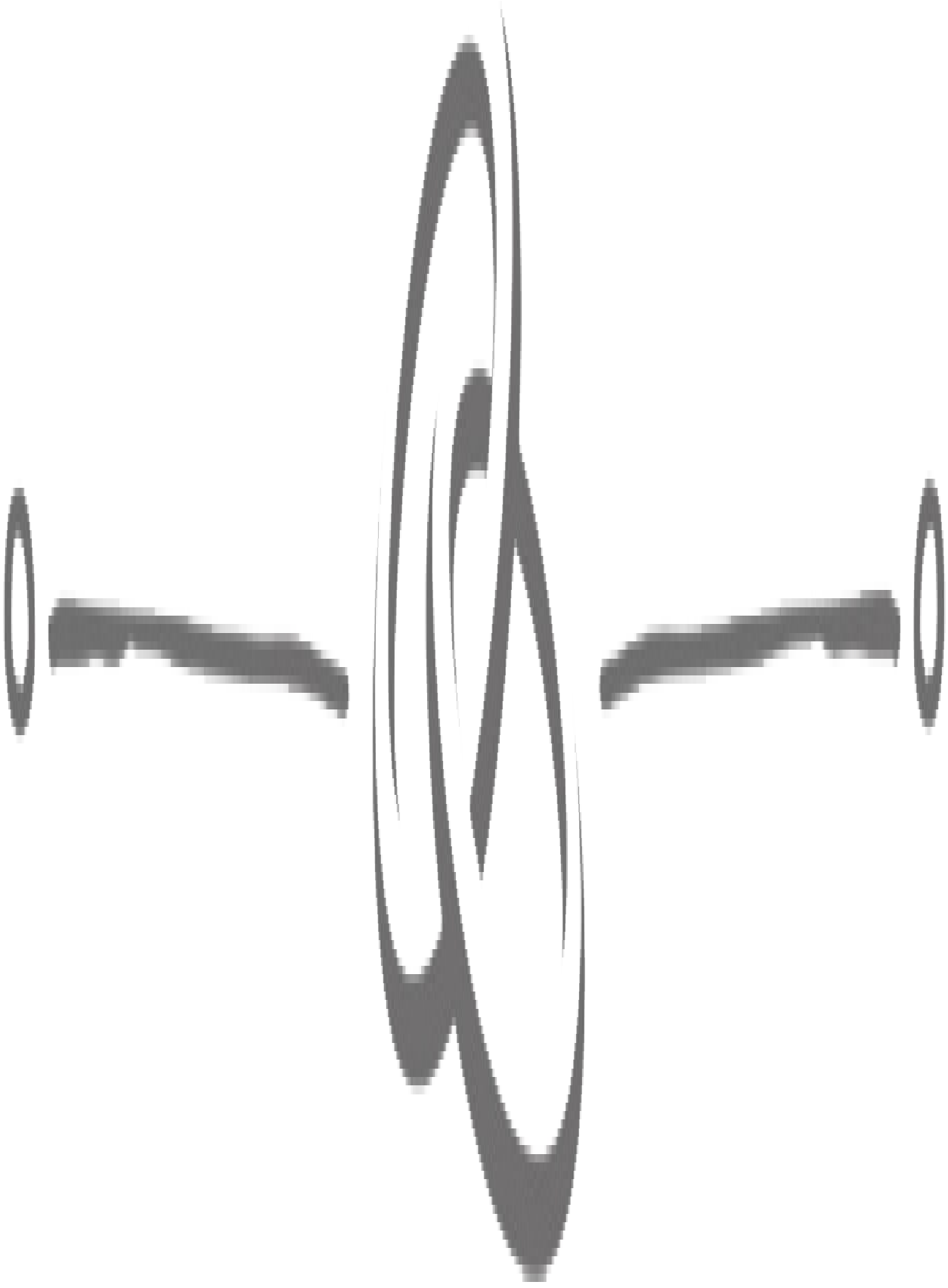
• Identificar a atividade de ídolos em nossa vida pode ser difícil. Um sinal claro de idolatria é quando reagimos exageradamente a algo. Se você se irritou, em que sentido você acredita ter sido injustiçado? O que você estava tentando obter? Se você teve medo, qual era o motivo de seu medo?

• Pense em cinco coisas boas que são importantes para você no casamento. Tente imaginar como seria se qualquer uma dessas coisas se tornasse a coisa mais importante para você, um ídolo. O que você faria para conseguir essa coisa e para impedir sua perda?

• Adorar a Deus nos transforma. Pense em um ou dois atributos de Deus que você preza e admira. Passe algum tempo meditando sobre eles, procure-os na Bíblia, agradeça a Deus por eles e peça para que ele lhe ajude a se tornar mais semelhante a ele.

Vivendo no amor

extraordinário de Jesus



O que você aprenderá neste capítulo:

Todos nós temos um jeito específico de pensar sobre o amor que pode não ser verdadeiro. Muitas vezes, Jesus nos apresenta uma imagem surpreendente do amor.

Jesus destaca alguns equívocos comuns sobre o amor. Não se trata de tornar outros felizes. Não se trata de algo que possa ser merecido. Jesus nos mostra com sua vida que uma qualidade supremamente importante do amor é uma disposição de dar amor àqueles que não o retribuem.

Aprender a amar envolve mais do que se esforçar para seguir o exemplo de Jesus. Envolve viver um relacionamento íntimo com ele, confiar nele e pedir que ele nos dê a capacidade de amar.

Aprender a amar pode ser difícil. Muitas vezes, você aprenderá a fazê-lo antes mesmo de senti-lo. Amar exige agir mesmo quando você não sente vontade.

O que é amor?

Minha sogra ri quando conta a história de como, anos atrás, ela deu ao meu sogro uma linda lixeira de latão para o Dia dos Pais. A parte engraçada não é que meu sogro queria uma lixeira ornamental. Ele não queria. A parte engraçada é como minha sogra se convenceu de que ele queria o que, na verdade, ela queria para si mesma.

Os desejos, especialmente os ídolos, do nosso coração costumam poluir nossos esforços de amar. Não ousamos confiar em nós mesmos para entender o amor por conta própria.

Mesmo que exista muito sobre o amor que é misterioso, nós sabemos muito sobre ele porque Deus nos demonstrou amor. No capítulo 1, estudamos o

versículo 9 de 1João 4: “Nisto se manifestou o amor de Deus em nós: em haver Deus enviado o seu Filho unigênito ao mundo, para vivermos por meio dele.” Deus é amor, e porque ele nos enviou o seu Filho, o amor viveu e andou entre nós. Estamos acostumados a ver o amor como emoção ou experiência que nos acontece, mas a Bíblia nos ensina que amor não é um o quê, mas um quem. Em Jesus, o amor andou, falou e nos tocou. Mesmo que não possamos enxergá-lo fisicamente agora, podemos ver como ele se mostra a nós na Bíblia.

Às vezes, nossos ídolos nos impedem de ver Jesus ou de amar claramente. Somos tentados a remodelar Jesus e o amor à imagem dos nossos desejos pessoais. Se quisermos que nosso entendimento do amor cresça, precisamos estar dispostos a aprender a lição do jovem rico (veja o capítulo 2) e a reconhecer que não sabemos muito sobre o amor. Também devemos saber que, uma vez que o entendermos, poderemos não gostar dele. Isso exigirá humildade. Devemos estar dispostos a aprender algo novo, a ser surpreendidos por aquilo que o amor realmente é.

Jesus ama de maneiras surpreendentes

Doente de amor

Eu tinha 21 anos de idade, estava voltando do trabalho numa perfeita tarde de primavera. As janelas do carro estavam abaixadas, o rádio estava ligado. De repente, uma sensação paralisante de terror se apoderou de meu corpo, apertando primeiro o meu peito e minha garganta e depois dominando minha mente. Meu coração palpitava, minha pele formigava, e eu tinha dificuldades de respirar. Eu me perguntei: “Estou tendo um ataque cardíaco? Estou ficando louco?” A sensação não durou mais do que um minuto, apesar de parecer uma eternidade para mim. Naquele momento, eu não tinha um rótulo para aquilo, mas, nas semanas seguintes, eu descobriria que eu acabara de experimentar minha primeira crise de pânico.

Algumas semanas depois, eu fui procurar um conselheiro cristão. Enquanto conversávamos, vi a história da minha vida exposta diante de mim como num mural. Eu lhe contei sobre minha infância numa região semirrural. Eu lhe contei

sobre minha grande e extensa família, sobre os fins de semana na fazenda dos meus avós e sobre o forte sentimento de pertencimento que experimentei. Analisamos meu orgulho no sucesso acadêmico, meu desejo de ajudar outros e meu medo de decepcionar as pessoas. Conversamos sobre minha fé.

Durante uma das sessões, meu conselheiro disse: “Winston, quando você me conta sua história, percebo como agradar aos outros é importante para você”. Olhando para trás, isso deve ter sido óbvio. Eu tinha chorado várias vezes enquanto explorávamos a mera possibilidade de eu ter decepcionado alguém. “Mas você poderia me ajudar a entender algo?” ele acrescentou. “Qual é a conexão entre agradar aos outros e amá-los?” Para mim, nada podia ser mais óbvio. Respondi: “Todos que amam alguém querem vê-lo feliz, não é?”

“Eu não sei”, ele disse, pensativo. “Ontem, eu disse à minha filha que ela não podia ir para o parque de bicicleta sozinha, e ela se irritou bastante”. Ele esperou até eu entender o espírito da coisa, então acrescentou: “Você acha que eu deveria me sentir mal por causa disso?” Eu não sabia o que dizer. Enquanto contemplava sua pergunta, comecei a entender o que ele queria dizer, mas eu não estava pronto para aceitar aquilo como verdadeiro para mim mesmo.

As sessões continuaram, e ele me ajudou a contemplar Jesus e seu amor pelas pessoas. “Alguma vez você já percebeu o quanto as pessoas se irritavam e se decepcionavam com Jesus?” ele perguntou. “Sabemos que Jesus amava as pessoas, no entanto, elas sempre se irritavam com ele. O que você acha disso?” Intrigado, comecei a meditar sobre este paradoxo: Jesus ama as pessoas, mas elas estão decepcionadas com ele. Comecei a perceber que eu tinha entendido tudo errado. Minha definição de amor – minha identidade como pessoa – tinha se fundamentado na crença de que era meu dever agradar aos outros e fazê-los felizes. Quando me tornei adulto e meu mundo cresceu, quando passei da vida na faculdade para uma nova carreira, novos amigos e novas responsabilidades, eu descobri que era impossível agradar a todos. Os curtos momentos altos de deixar outra pessoa feliz foram rapidamente ultrapassados pelo número de pessoas que eu acreditava ter decepcionado. Comecei a me dar conta da realidade de que não podia mais agradar a todos, e minha ansiedade aumentou.

Minha alma começou a arder de esperança. Era como se a porta trancada de uma masmorra de pânico e terror tivesse sido aberta repentinamente e eu estava saindo para a luz. Era possível que Deus não esperava que eu agradasse a todos? Você está querendo me dizer que amar e deixar os outros felizes não é a mesma

coisa?

Amar não é deixar os outros felizes

Reflita sobre isto: Jesus amava as pessoas, no entanto, na maioria das vezes, as pessoas se decepcionavam ou até se irritavam com ele. Jesus veio para o seu povo com as boas novas do evangelho e com a autoridade para reforçar sua reivindicação. Ele expulsou espíritos maus, curou leprosos e fez os coxos andar. Qual foi a reação? Os líderes religiosos o acusaram de ser possuído por demônios (Mt 12.24; Mc 3.22; Lc 11.15), de ser aliado de Satanás. Sua própria mãe e seus irmãos vieram para levá-lo para casa, acreditando que ele estava louco (Mc 3.21). Não se trata apenas de momentos de sentir-se desvalorizado; são momentos de total rejeição.

Por isso, a reação de Jesus de continuar a amar essas pessoas é ainda mais incrível. Ele não recuou diante daqueles que amava, mas insistiu heroicamente. Seu amor resistiria a tamanho golpe de rejeição? Como você viu, normalmente, meu amor não resiste. Eu recuo, ou faço beiço, ou entro em pânico se eu não receber aprovação suficiente – sem falar em ser rejeitado.

O evangelho de João relata a história sobre o amor surpreendente de Jesus. Jesus recebe uma mensagem urgente de suas queridas amigas Maria e Marta, que diz: “Senhor, está enfermo aquele a quem amas” (Jo 11.3). Seu irmão Lázaro está muito doente, e a mensagem é clara; elas querem que Jesus venha e cure seu irmão. O que alguém com o poder de cura faria senão ir imediatamente e curar um amigo? A reação de Jesus nos surpreende: “Ora, amava Jesus a Marta, e a sua irmã, e a Lázaro. Quando, pois, soube que Lázaro estava doente, ainda se demorou dois dias no lugar onde estava” (Jo 11.5-6, grifos meus). Jesus ama Lázaro e suas irmãs, mas ele espera dois dias, sabendo perfeitamente que seu atraso resultará na morte de Lázaro (João 11.11-13).

Jesus chega e encontra uma cena desoladora. Lázaro está no túmulo há quatro dias. Quando as irmãs encontram Jesus, as duas têm a mesma pergunta ardente. Quando Maria alcança Jesus fora da aldeia, ela se atira aos seus pés chorando e diz: “Senhor, se estiveras aqui, meu irmão não teria morrido” (Jo 11.32b). Como Jesus consegue encará-la? Você consegue imaginar Maria, desolada e chorando aos pés de Jesus, levantando os olhos para ele e querendo saber por que ele não

salvou seu irmão? Como o comportamento de Jesus corresponderia a qualquer definição de amor?

O amor de Jesus não trata de agradar aos outros ou de satisfazer suas expectativas – mesmo quando as expectativas parecem ser perfeitamente sensatas. Ouça os fatores críticos que levaram à decisão de Jesus de deixar Lázaro morrer. “Esta enfermidade não é para morte, e sim para a glória de Deus, a fim de que o Filho de Deus seja por ela glorificado” (Jo 11.4). Mais tarde, antes de chegar à aldeia de Maria e Marta, Jesus diz aos seus discípulos: “Lázaro morreu; e por vossa causa me alegro de que lá não estivesse, para que possais crer” (Jo 11.14b-15). As preocupações de Jesus superam qualquer expectativa. Ele quer que seus amigos e discípulos o conheçam em sua plenitude como Filho de Deus e Redentor, como aquele que vence a morte espiritual e física. Jesus responde à decepção de Marta: “Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá; e todo o que vive e crê em mim não morrerá, eternamente” (Jo 11.25-26). Assim, o foco de Jesus não está em como Maria e Marta se sentem em relação a ele a curto prazo, e ele está disposto a permitir que o drama se desenrole. Lázaro morre, e suas irmãs ficam desoladas, perguntando-se como Jesus pôde falhar em salvar a vida de seu irmão.

Talvez você já conheça a conclusão magnífica da história. Em meio a protestos sobre o mau cheiro do cadáver, Jesus ordena que o selo do túmulo seja retirado. Ainda concentrado nos propósitos maiores do amor de Deus, Jesus lembra Marta: “Não te disse eu que, se creres, verás a glória de Deus?” (Jo 11.40). Jesus ora e, então ordena ao morto: “Lázaro, vem para fora!” Nenhum fedor, nenhum zumbi, apenas um homem vivo envolto em faixas fúnebres sai para a luz do dia. Naquele dia, todos receberam mais amor do que tinham pedido. Receberam mais do que um mestre e um curador, receberam “o Filho de Deus que devia vir ao mundo” (Jo 11.27).

Enquanto eu lutava com meus próprios medos de decepcionar os outros, eu me alimentava de histórias como essa. Eu ardia de admiração por Jesus, que teve a coragem de amar com ousadia, sem recuar diante da decepção e da rejeição dos outros. Eu queria a liberdade de amor com esse tipo de poder. Então, comecei a falar com Jesus e a buscá-lo com zelo renovado. Aprendi que a raiz da minha ansiedade era a ignorância sobre a verdadeira natureza do amor.

Pouco antes de minha primeira crise de ansiedade, comecei a namorar Kim, minha futura esposa. Na medida em que nos aproximávamos um do outro,

comecei a experimentar uma ansiedade crescente, cuja causa eu não entendia. Eu realmente gostava dela, e ela parecia ser a mulher certa para mim; mesmo assim, eu estava cheio de dúvidas. Quando aprendi sobre o amor de Jesus, tudo passou a fazer sentido; eu estava aterrorizado com a possibilidade de cometer um erro, de decepcioná-la, de dizer algo que eu ainda não estava pronto para dizer e ter que retratar aquilo. Mas, agora, uma nova realidade estava emergindo em minha mente. Seria horrível se eu cometesse um erro? Não. Minha obrigação é amá-la, não é ser perfeito. Na verdade, às vezes, amá-la pode significar decepcioná-la. Meu entendimento falho do amor tinha me colocado numa situação impossível: Como eu podia não decepcionar os outros?

Às vezes, sofremos em nosso casamento porque labutamos sob entendimentos falsos do amor construídos sobre os fundamentos de nossos próprios desejos e temores. É um erro comum acreditar que amar os outros significa fazê-los felizes. E, é claro, seus momentos carinhosos, pacientes, gentis e generosos contribuirão para a felicidade dele ou dela. Mesmo assim, você se casou com alguém que possui a mesma capacidade como você de ser insensato, egoísta e de ser cegado pelos ídolos do coração. Amar um outro pecador assim como Jesus amou você significa ter conversas difíceis, significa discordar e até mesmo dizer não para um comportamento pecaminoso e destrutivo. Se você realmente amar seu cônjuge como Jesus amou você, às vezes, você receberá a mesma reação que Jesus recebeu – conflito e rejeição.

Amar não significa sentir-se à vontade

Ao longo dos últimos anos, houve uma explosão de serviços que lhe prometem encontrar seu parceiro. “Compatibilidade” é um aspecto importante em muitos desses serviços. Desde “sistemas patenteados de compatibilidade” até aqueles que alegam ser especialistas em “engenharia do amor”, a ideia parece ser que um casamento feliz se baseia em compatibilidade. Obviamente, há sabedoria em se casar com alguém que você goste de passar seu tempo. É por isso que a Bíblia nos aconselha a evitar o casamento com uma pessoa briguenta. “Melhor é morar no canto do eirado do que junto com a mulher rixosa na mesma casa” (Pv 21.9). (Podemos supor sem medo que maridos briguentos são igualmente insuportáveis e que eles também devem ser evitados.) O que, exatamente, é compatibilidade?

Significa que você deve se casar com alguém que é igual a você o máximo possível? O objetivo é casar-se com alguém tão parecido com você para que as diferenças não apareçam, para que você não seja desafiado, para que você não tenha que crescer ou mudar? Compatibilidade é o ingrediente crucial do amor conjugal?

Se alguém entende o que é compatibilidade, essa pessoa é Jesus. Ele sabe o que significa viver em completa harmonia com outra pessoa. Contemple o êxtase e a harmonia absolutos que ele sempre tem desfrutado com o Pai e o Espírito Santo. Não podemos nos aprofundar nos mistérios da Trindade aqui, mas se você entende que Deus existe como três pessoas – Pai, Filho e Espírito Santo – você pode imaginar a alegria perfeita que Deus tem desfrutado dentro de si mesmo desde toda a eternidade. Pai, Filho e Espírito Santo sempre viveram em perfeita harmonia, sem discussões, ciúmes, mágoas ou pecados. Não existe compatibilidade que supere o amor que as três "pessoas" compartilham dentro de Deus. É uma harmonia que não conseguimos entender completamente.

Por amor a nós, Jesus decidiu abandonar essa harmonia. Jesus saiu do lugar e da posição de deleite relacional para estar conosco, com pessoas que são completamente incompatíveis com ele. Ele abandonou compatibilidade e harmonia para se casar com sua noiva, a igreja. Não temos como compreender plenamente a felicidade que Jesus desfrutava com o Pai e o Espírito Santo; semelhantemente, não podemos entender como foi doloroso abandonar aquela felicidade para viver numa confusão caída e danificada conosco; sair do paraíso para nascer no fedor de um estábulo; deixar para trás o conforto absoluto para viver em pobreza; afastar-se do amor perfeito e unir-se àqueles que o trairiam e assassinariam. Não parece ser algo que nós escolheríamos para nós mesmos. Nem parece ser racional. Mas é amor.

Talvez você nunca tenha usado um site de namoro, mas quantas você viveu como se o propósito do amor fosse otimizar seu conforto relacional? Quantos vezes você vê os problemas de seu cônjuge simplesmente como uma violação dos seus direitos conjugais? "Ei, eu me casei para encontrar compatibilidade, não problemas!" Mas Jesus nos amou abandonando o que era confortável e fácil para estar conosco em nossos problemas para o nosso bem.

Amar não é dar para receber

Outra ideia que parece ter ganhado força em anos recentes é a ideia do “banco do amor”.[2] Seu banco do amor é seu reservatório de sentimentos positivos para o seu cônjuge. A ideia básica é esta: Casais se apaixonam e permanecem apaixonados porque, em suma, os dois fazem com que o outro se sinta bem. Toda vez que você faz com que seu cônjuge se sinta bem, um depósito é feito na conta de seu banco de amor, e vice-versa. Quanto maior o saldo na conta do banco de amor de uma pessoa, mais positivo você se sente em relação a ele ou ela. No entanto, quando um cônjuge age de forma a deixar o outro infeliz, um saque é feito. Um saldo menor na conta significa menos afeto e menos amor no casamento. Aprender a como identificar e satisfazer as necessidades um do outro é a chave para fazer depósitos, manter um saldo positivo e permanecer apaixonado.

É verdade, tendemos a querer estar num relacionamento com uma pessoa que nos dá o que queremos, especialmente quando sentimos que aquilo que queremos é algo que precisamos. Milhares de anos atrás, Jesus comentou sobre nossa tendência de sermos legais com pessoas que são legais conosco. Jesus, porém, não acredita que isso seja uma definição digna de amor. Em vez disso, ele diz:

se amardes os que vos amam, que recompensa tendes? Não fazem os publicanos também o mesmo? E, se saudardes somente os vossos irmãos, que fazeis de mais? Não fazem os gentios também o mesmo? (Mt 5.46-47)

Em outras palavras, ser legal com aqueles que são legais com você é comum; não existe nenhuma virtude especial nisso. É interesse próprio disfarçado de gentileza.

Você se sente amado quando precisa merecê-lo? Todos nós precisamos trabalhar para alcançar algo. Eu preciso ensinar e aconselhar para ganhar meu contracheque, mas quando o recebo, eu não me sinto amado por meu empregador. Se meu chefe se recusasse a me pagar, eu não invadiria seu escritório e perguntaria por que ele não me ama mais; eu exigiria meu salário como algo que mereci. A postura de merecer amor é desastrosa em casamentos e

gera raiva e insegurança. Cônjuges que acreditam merecer amor o exigem irritados ou labutam ansiosamente para não perdê-lo.

Jesus contrasta “dar para receber” com o amor de Deus.

Ouvistes que foi dito: Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo. Eu, porém, vos digo: amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem; para que vos torneis filhos do vosso Pai celeste, porque ele faz nascer o seu sol sobre maus e bons e vir chuvas sobre justos e injustos (Mt 5.43-45).

Deus concede seu amor àqueles que nem o mereceram nem o conquistaram. Jesus convida você a contemplar como Deus concede a dádiva do sol e da chuva aos bons, àqueles que “merecem”, e aos maus, àqueles que “não merecem”.

Aqui, Jesus nos aponta para o aspecto mais surpreendente e poderoso do amor de Deus: ele é dado, não conquistado. Isso é uma boa notícia por várias razões. Em primeiro lugar, significa que o amor de Deus é mais poderoso do que nossas falhas e pecados. Espero que nossa exploração da adoração e idolatria o convenceu de que nenhum de nós realmente conhece ou adora a Deus como deveríamos; ao contrário, nós servimos a nós mesmos e aos nossos próprios desejos. A bondade e o amor de Deus não são limitados por nossa má conduta. Se fossem, nosso pecado seria mais poderoso do que o amor de Deus. Visto que Deus responde à nossa pecaminosidade com seu amor poderoso, temos a esperança de que ele pode nos transformar.

Em segundo lugar, o amor incondicional de Deus significa que ele pode nos dar esse tipo de amor por nosso cônjuge. Não somos condenados a gerar emoções positivas por nosso cônjuge quando ele nos dá o que queremos. Podemos lhe dar o amor que recebemos de Deus – amor poderoso e incondicional, que não muda quando é decepcionado ou sofre com o pecado cometido pelo outro.

A Bíblia chama isso de graça. Analisaremos o conceito da graça mais de perto ao longo deste livro, mas, por ora, saiba que o significado mais simples de graça é amor não merecido. Esse é o tipo de amor que Deus nos dá, e é o tipo de amor que ele nos capacita a dar para o nosso cônjuge.

Tocando amor em cada tonalidade

Ao longo dos últimos anos, minhas filhas começaram a ter aulas de piano. Acredito que já passamos pela fase mais dolorosa – a repetição enlouquecedora das mesmas seis ou oito notas durante o aprendizado mais básico. Agora, estão tocando músicas de verdade, a esquerda toca a linha do baixo, enquanto a direita segue a melodia. É bonito ouvi-las tocar, apesar de ainda estarem longe de tocar a Sonata ao Luar, de Beethoven ou um noturno de Chopin. Ainda estão na fase em que suas mãos não se afastam muito do dó médio, e a maioria das músicas apresenta um ritmo e estilo semelhante.

Mas pianos são capazes de uma gama incrível de expressão. O teclado possui 88 teclas, desde as notas graves e sonoras à extrema esquerda até as notas agudas à extrema direita. Além da gama de notas, o volume pode ser controlado pela pressão nas teclas: toque as teclas suavemente para produzir tons delicados e com mais força para produzir um volume mais alto.

A maioria de nós ama seu cônjuge da mesma forma como minhas filhas tocam piano. Não é necessariamente doloroso para a audição, mas está longe do potencial e da gama plenos que o amor oferece. Permanecemos seguramente dentro das dez ou quinze teclas da nossa zona de conforto. Alguns de nós preferem as notas mais agudas e suaves; outros parecem dominar melhor as notas mais graves e desafiadoras. Talvez alguns de nós até toquem com as duas mãos.

Jesus dominou cada escala musical, consegue tocar em cada tonalidade e é capaz de tocar qualquer melodia que satisfaça a necessidade do momento. Desde a canção de ninar mais doce até a fuga mais desafiadora, Jesus domina o teclado. Semelhantemente, não devemos nos acomodar em nossa gama de amador, mas tentar tocar a melodia que o momento exige. Ao crescer em seu entendimento do amor de Jesus, experimentando-o de primeira mão, fique atento às notas inesperadas – àquelas que você nunca teria decidido tocar – e esteja disposto a ser desafiado. Como o piano, você aprenderá que você jamais dominará o amor completamente; sempre haverá outras profundezas a explorar e apreciar.

Jesus cumpre a lei

Essa compreensão do amor de Deus dá vida. Mas o comentário final de Jesus sobre o tema nessa passagem pode ser assustador: “Portanto, sede vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai celeste” (Mt 5.48). Ser perfeito? Devo alcançar a perfeição do amor de Deus?

O próprio Jesus trata dessa pergunta mais acima, em Mateus 5: “Não penseis que vim revogar a Lei ou os Profetas; não vim para revogar, vim para cumprir” (Mt 5.17). Ao nos ajudar a entender a lei de Deus, o propósito de Jesus não é encorajar-nos a nos esforçarmos mais. Ele sabe que somos incapazes de cumprir a lei. É por isso que ele explica que ele veio para cumprir “a Lei e os Profetas”. Jesus veio para cumprir a lei em nosso lugar, satisfazendo todas as exigências, para que não fôssemos condenados pela justiça de Deus.

É difícil entender isso, mas, ao mesmo tempo em que a lei de Deus oferece sabedoria e orientação para vivermos nossa vida, seu propósito também é mostrar nossa incapacidade de cumpri-la – então buscamos a ajuda de Deus. De um lado, regozijamos por não podermos merecer o amor de Deus; mas, de outro lado, nós queremos merecê-lo. Nosso coração pecaminoso anseia pela satisfação e pelo controle de saber que merecemos o amor de Deus. Em Mateus 5, Jesus vincula a lei de Deus aos pecados do coração. Ele diz que, se alguma vez você já desejou uma mulher, você é culpado de adultério; se já odiou, é culpado de homicídio (veja os v. 21-22, 27-28). Jesus insiste em lembrar-nos de que não temos o que seria necessário para conquistar o amor de Deus: “Sede perfeitos como Deus é perfeito”.

No fim, não nos resta esperança senão a graça de Deus. Quando insistimos em conquistar a aprovação de Deus, acabamos vivendo de forma tão irritada e ansiosa com Deus como vivemos com nosso cônjuge. Apenas quando aceitamos o amor de Deus como algo que não podemos conquistar é que começamos a dar um amor desmerecido ao nosso cônjuge. É essencial conhecer essa graça como fundamento do amor por seu cônjuge. Sem conhecer o amor gracioso de Deus por você em Cristo, você não pode dar amor gracioso. Seus melhores esforços serão motivados por um amor do tipo “dar para receber”, que não alcança aquilo

que Deus quer para o casamento.

Se você estiver disposto a reconhecer sua incapacidade de cumprir a lei do amor de Deus e seu desejo de servir a si mesmo, peça o perdão de Deus por causa de quem Jesus é e daquilo que ele fez, então você poderá receber o amor gracioso de Deus. É a única maneira de ter um relacionamento correto com Deus, que é o único fundamento seguro para o casamento.

Adorar é mais do que saber

Adoração é um relacionamento

Por que simplesmente seguir o exemplo de Jesus não basta para viver uma vida de amor? Ouça como Jesus descreve seu relacionamento aos seus discípulos:

Permanecei em mim, e eu permanecerei em vós. Como não pode o ramo produzir fruto de si mesmo, se não permanecer na videira, assim, nem vós o podeis dar, se não permanecerdes em mim. Eu sou a videira, vós, os ramos. Quem permanece em mim, e eu, nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer (Jo 15.4-5).

Jesus descreve a si mesmo como uma videira e seus seguidores como ramos que vivem e crescem presos à videira. Jesus pede que façamos mais do que pensar como ele pensa e agir como ele age. Ele nos instrui a permanecermos nele, assim como ele deseja permanecer em nós. É a linguagem de duas vidas unidas como uma – a linguagem de um relacionamento íntimo.

Em que sentido você pode ter um relacionamento com Cristo se você não pode vê-lo, tocá-lo ou ouvir sua voz? Visão, toque e audição são as maneiras básicas em que as pessoas se relacionam, mas não são as mais importantes. O ingrediente mais essencial de um relacionamento íntimo seja talvez confiança.

Você precisa saber que a outra pessoa realmente acredita naquilo que diz, que ela não o deixará na mão e que ela quer o melhor para você e não apenas o que é conveniente para ela. Jesus é eminentemente confiável, e um relacionamento com ele exige confiança em quem ele é. A palavra que a Bíblia usa para esse tipo de confiança é fé.

Estar num relacionamento com Jesus tem tudo a ver com a maneira em que você age nos momentos comuns e difíceis do casamento. Se Jesus fosse nada mais do que um filósofo morto, suas palavras não teriam muita força quando seu cônjuge está na sua frente provocando você. Como as ideias de um homem que morreu dois mil anos atrás lhe ajudarão nesse momento de vida real? Para viver em amor no momento, as ideias de Jesus não bastam; você precisa de um relacionamento com ele. Ele é o Deus vivo, não um filósofo morto, nem um ídolo inanimado. Você precisa ser capaz de se aproximar dele, abrir seu coração para ele, pedir sua ajuda e saber que ele lhe dará a sabedoria, o poder e o amor que você precisa.

Adorar significa aprender fazendo

Jesus fala sobre produzir fruto. O que isso significa e como podemos fazer isso? No fim das contas, produzimos fruto dependendo de Jesus, a videira. Mas não somos passivos nesse processo. Viver em fé e confiança não se refere a emoções; não somos chamados para sentir algo antes de fazê-lo. Podemos ter certeza de que, no casamento, muitas vezes, faremos a coisa certa antes de percebermos de que há algum benefício naquilo.

Lembre-se da interação de Jesus com o jovem rico (capítulo 2). Você percebeu que o jovem só se viu claramente quando foi desafiado a fazer algo em seus relacionamentos? Um casamento pode ficar entalado por causa de equívocos sobre como aprendizado e mudança ocorrem.

Alguns de nós aprendem estudando primeiro um conjunto de ideias ou conceitos e, em seguida, aplicando o que leram. Nesse caso, entender antecede a ação. Às vezes, porém, você não entende algo de verdade até que tente fazê-lo. Como o jovem rico, às vezes, não entendemos até agirmos.

Meu filho desenvolveu uma paixão pelo beisebol, um esporte que, infelizmente, nunca pratiquei. No início, tentei ajudá-lo lendo livros sobre o esporte e fiquei

surpreso ao ver com que facilidade eu aprendi sobre rebatidas, corridas, roubar bases etc. com um pouco de leitura. Descobri que podia até dar algumas dicas de fora do campo quando meu filho estava rebatendo (para o desespero do técnico, é claro).

Minha lição mais valiosa veio certa tarde quando levei meu filho para uma gaiola de rebatidas automatizada. Enquanto meu filho tentava rebater as bolas lançadas pela máquina, eu percebi algumas coisas que poderiam ajudar. Achei que seria mais fácil demonstrar minhas dicas úteis, então entrei na gaiola preparado para esmagar a bola. Eu esperava não envergonhá-lo lançando a bola longe demais. Para a minha surpresa, eu não só acertei mais ar do que bola no primeiro arremesso, mas também errei completamente as três bolas seguintes. Saí da gaiola evitando olhar para o meu filho. (Para insultar ainda mais o meu orgulho, percebi mais tarde que eu tinha piorado consideravelmente a minha epicondilite.)

Aprendi então que saber e fazer não são a mesma coisa. Todos os livros do mundo sobre beisebol não fariam de mim um bom jogador de beisebol. Não existe substituto para bater a bola. Na verdade, antes de pegar no taco, é provável que você nem saiba o que precisa aprender. Mas, após colocar a mão no taco, eu li os capítulos sobre rebater com mais atenção e consegui tirar muito mais deles. Até consegui acertar algumas bolas.

Crescer em seu casamento e em seu relacionamento com Deus funciona da mesma forma. Você não deve supor que ler este livro ou até mesmo a Bíblia o transformará. Você precisa partir para a ação a fim de mudar ou até mesmo para entender o que você precisa aprender.

Talvez você pense que tentar algo que você não entende ou não tem vontade de fazer é hipócrita. Fazer algo que não o agrada não é ser falso. Se o jovem rico tivesse pedido a ajuda de Jesus, uma vida completamente nova teria se aberto para ele. Ele teria descoberto que Jesus era mais do que um “bom mestre”.

C. S. Lewis explica a diferença entre ser falso e aprender fazendo.

Qual é o benefício de fingir ser o que você não é? Bem, até no nível humano, como você sabe, existem dois tipos de fingimento. Existe um tipo ruim, onde o fingimento substitui a coisa real; como quando um homem finge ajudá-lo em vez

de realmente ajudá-lo. Mas existe também um tipo bom, onde o fingimento leva à coisa real. Quando você não está se sentindo particularmente amigável, mas sabe que deveria ser, muitas vezes, a melhor coisa que pode fazer é adotar uma postura amigável e se comportar como se fosse uma pessoa melhor do que realmente é. E, em poucos minutos, como todos nós percebemos, você realmente se sentirá mais amigável do que antes. Muitas vezes, a única maneira de obter uma qualidade na realidade é começar a se comportar como se já a tivesse obtido. É por isso que as brincadeiras das crianças são tão importantes. Elas sempre fingem ser adultas – brincando de soldado, brincando de lojinha. Mas o tempo todo estão fortalecendo seus músculos e afiando sua mente, para que o fingimento de serem adultas lhes ajude a crescer de verdade.[3]

É provável que refletir sobre seu casamento e até mesmo refletir sobre o que Deus diz sobre seu casamento não baste. Você deve estar disposto a fazer, mesmo antes de querer ou entender. Na verdade, às vezes, no ato de fazer, as luzes se acendem. Enquanto analisarmos comunicação e solução de problemas e outras maneiras importantes de amar seu cônjuge, você será desafiado a fazer as coisas de maneiras novas – de maneiras que serão difíceis para você e até parecerão impossíveis. Não espere até se sentir diferente. Tente essas coisas enquanto reflete sobre as palavras de Jesus e confie que ele está ajudando você. Ao tentar, você aprenderá mais sobre como você precisa crescer. Você aprenderá o que precisa de Deus. E, o mais importante, você experimentará sua fidelidade.

Minha história, parte 3

Enquanto estava sentado à mesa da cozinha, era óbvio que eu não tinha amado Deus e a Kim. Mas aquele momento de percepção foi também um momento de esperança, não de desesperança. Eu não estava sozinho; Jesus estava comigo. Enquanto estava sentado ali, frustrado e confuso, seu Espírito abriu meus olhos. Ele não veio para me condenar por ter violado a lei, mas para cumprir sua lei. Pedi seu perdão e sua ajuda. Por um tempo, eu tinha voltado para um amante antigo, para um ídolo antigo, que tinha me deixado na mão mais uma vez. Eu queria andar em amor e liberdade. Com a ajuda e o perdão de Jesus, eu sabia que

precisava me aproximar da Kim em amor e de modo totalmente diferente.

REFLITA SOBRE ISTO

• Alguém já o surpreendeu ao lhe demonstrar amor? Como?

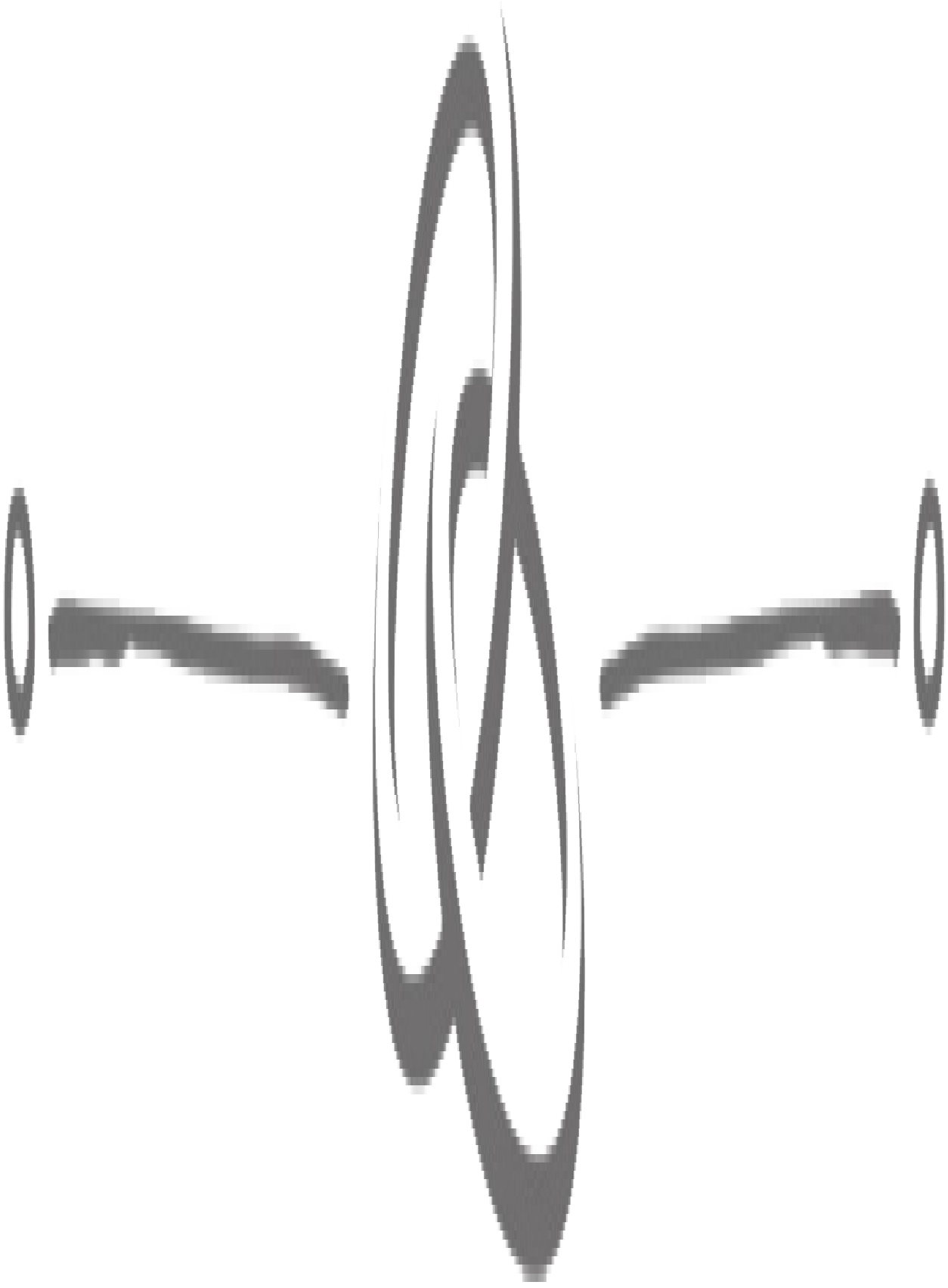
• Deus ama de maneiras surpreendentes. Com base naquilo que você sabe sobre ele por intermédio da Bíblia, como ele tem agido de maneiras surpreendentes em sua própria experiência? Já que ele é amor, você consegue enxergar como suas ações podem ser entendidas como amorosas?

• Quais são algumas maneiras fáceis de amar para você? Quais são algumas maneiras difíceis de amar?

• Quão difícil ou fácil é acreditar que Deus o ama mesmo quando você falha? Como seria confiar mais em Jesus e em seu amor por você? Como você pensaria ou agiria de modo diferente?

O ideal de Deus para

o seu casamento



O que você aprenderá neste capítulo:

Mesmo que possamos casar para evitar a solidão, Deus tem propósitos maiores em mente. Casamento e relacionamentos são maneiras importantes de nos parecermos com Deus.

Imaginamos Deus em relacionamentos porque Deus é relacionamento. Ele existe como três pessoas em perfeita unidade. O casamento nos ensina a amar como Deus ama. O casamento nos ensina a viver em compromisso e graça assim como Deus vive conosco em compromisso e graça.

Jesus é a imagem perfeita de Deus, e, assim, o casamento foi feito para tornar-nos mais semelhantes a Jesus.

Lendo com lentes novas

Agora voltamos nossa atenção para a Bíblia para ver o que Deus diz sobre o casamento. Conexões entre relacionamentos, adoração e amor nos fornecem uma lente nova para ler passagens que podem ser familiares. Espere ver Jesus exercer um papel central na maneira como a Bíblia descreve os propósitos de Deus para o casamento.

O problema da solidão

A Bíblia nos apresenta ao casamento com uma observação simples. “Disse mais o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma auxiliadora que lhe seja idônea” (Gn 2.18). Se você passou muito tempo sozinho, a

observação de Deus pode parecer óbvia e nem digna de ser mencionada. Mas a maneira como Deus apresenta essa linha chama nossa atenção.

Um ritmo previsível é estabelecido na história da criação ao longo do primeiro capítulo de Gênesis. A cada dia, Deus cria – luz, escuridão, terra, mar, plantas, animais – e no fim de cada dia, Deus expressa seu prazer diante da sua criação: "E viu Deus que era bom" (Gn 1.4,10,12,18,21,25). Mas no sexto dia, em Gênesis 2.18, tudo sofre uma parada abrupta. Deus cria Adão, percebe que ele está sozinho e diz: "Não é bom."

Havia uma série de comerciais para um cartão de débito em que todos avançavam na fila em uma cafeteria ou num supermercado, escolhendo seus artigos e pagando com o cartão de débito na saída. O fabuloso cartão de débito permite que tudo avance como um balé lindamente orquestrado até alguém tentar pagar com dinheiro (exigindo que o caixa lhe dê o troco), e todo o espetáculo para abruptamente. As pessoas se chocam umas contra as outras, a louça cai no chão, e todos se voltam para olhar para o encrenqueiro que paga com dinheiro. Gênesis 2.18 se parece um pouco com isso. O ritmo confortável e impressionante da criação, seguido pela proclamação "era bom" é destruído pelo som dissonante de "não era bom". Certamente, Deus poderia feito tudo "bem" na primeira tentativa. Preste atenção: Deus está criando um drama para ressaltar algo importante sobre o casamento.

Após observar que não é bom que o homem esteja sozinho, Deus faz com que Adão inicie a busca por um ajudante. Ele apresenta todos os animais a Adão para que o homem lhes dê um nome. Isso não é um exercício tolo para Adão. Ele está tentando encontrar uma "auxiliadora que lhe fosse idônea", aquela que o resgataria de sua solidão. Na cultura hebraica, o ato de dar um nome a algo representava mais do que inventar um nome memorável ou chamativo. Dar um nome a algo significava reconhecer seu papel, descrever a função de algo ou alguém. Ao batizar as criaturas, Adão estava descobrindo e descrevendo o que esses animais fariam. Mas nenhum deles podia ser designado como seu companheiro ou assistente de verdade.

Essa passagem me lembra do processo de namoro, que parecia uma procissão dolorosa de candidatas inadequadas. (Para ser justo, tenho certeza de que eu também era parte dolorosa de suas procissões.) Talvez você esteve dolorosamente ciente dessa solitude enquanto procurava aquele ou aquela que você designaria seu companheiro e ajudante. Como Adão se sentia ao examinar

e batizar animal após animal, esperando descobrir aquela que tinha sido criada para um relacionamento com ele?

Finalmente, Deus faz Adão cair em sono profundo e cria Eva:

Então, o

Senhor

Deus fez cair pesado sono sobre o homem, e este adormeceu; tomou uma das suas costelas e fechou o lugar com carne. E a costela que o

Senhor

Deus tomara ao homem, transformou-a numa mulher e lha trouxe (Gn 2.21-22).

Quando Adão finalmente encontra Eva, a única, de repente, ele se transforma em poeta: “Esta, afinal, é osso dos meus ossos e carne da minha carne; chamar-se-á varoa, porquanto do varão foi tomada” (Gn 2.23). Em outras palavras: “Sim! Esta é a certa! Ela é igual a mim porque foi feita a partir de mim!”[4]

A moral da história vem no versículo seguinte: “Por isso, deixa o homem pai e mãe e se une à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne” (Gn 2.24). Essa história explica para que serve o casamento. Um homem e uma mulher se unem para formar uma nova unidade, pois as pessoas jamais foram criadas para estarem sozinhas. O casamento resolve o problema da solidão.

Observe novamente como Deus chama atenção para a criação do casamento. Lembre-se, ele poderia ter feito isso de outra forma. Ele poderia ter criado Adão e Eva ao mesmo tempo e simplesmente ter lhes explicado as regras. Em vez disso, orquestrou uma lição prática que jamais será esquecida.

Eu acreditava que o problema da solitude de Adão é o problema de sua solidão e que Deus criou o casamento em reação a essa solidão. Quando estou sozinho por muito tempo, eu me torno solitário. Desejo encontrar aceitação, conforto e segurança em outros. Quando estou sozinho, todos os meus ideais para o

casamento vêm à tona. Em termos mais fortes, quando estou sozinho, todos os meus desejos e temores com maior potencial de se transformar em ídolos começam a se enfurecer. Mas, como vimos, o casamento e os relacionamentos não foram criados como substitutos de Deus. Pelo contrário, casamento e relacionamentos são expressões do amor e do relacionamento perfeitos que encontramos em Deus.

Nossos ideais pessoais para o casamento parecem ser tão lindos e convincentes que não paramos para contemplar que os ideais de Deus para nós podem ser diferentes. Não há nada de errado em querer ser aceito, sentir-se confortável e seguro. Mas esses desejos naturais podem se transformar rapidamente em exigências idólatras. Deus tem algo em mente para o nosso casamento que é muito melhor do que satisfazer esses desejos naturais.

Quando Deus destaca intencional e dramaticamente o problema e a solução para a solitude de Adão, ele não está apenas dizendo que solidão é ruim e que o casamento foi criado para remediar a solidão. A Bíblia tem muito mais a ensinar sobre casamento, e esses ensinamentos deveriam moldar a maneira como entendemos o seu fundamento em Gênesis.

Criado para se parecer com Jesus

Às vezes, nós nos referimos ao nosso cônjuge como nossa outra ou cara metade. A expressão sugere que nosso cônjuge nos completa. Apesar de ser uma ideia adorável, essa não é a visão de Deus. Jesus é aquele que completa você como uma pessoa criada para uma vida de amor. Ao explorar as seguintes passagens sobre o casamento, observe como elas fazem de Jesus o foco do casamento.

Sobre maridos

O quinto capítulo de Efésios deve ser a passagem bíblica mais famosa sobre o casamento, pois oferece uma imagem poderosa dos ideais de Deus para o casamento. Estas são as instruções do apóstolo Paulo aos maridos:

Maridos, amai vossa mulher, como também Cristo amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela, para que a santificasse, tendo-a purificado por meio da lavagem de água pela palavra, para a apresentar a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, porém santa e sem defeito (Ef 5.25-27).

Em outras palavras, se você quiser aprender a ser um marido, o ponto de partida perfeito é o amor de Jesus por nós. O objetivo e a motivação de Jesus para a sua noiva, a igreja, é apenas aquilo que a torna mais linda. Ele não está buscando alguma versão rasa de beleza à la Hollywood, mas uma beleza interior de pureza e bondade que nunca apaga ou cria rugas. Jesus quer que sua noiva seja boa e linda em todos os aspectos, até o âmago de seu ser. A fim de realizar seu objetivo, ele entrega sua vida por ela; ele morre na cruz por ela.

Como é maravilhoso ser amado por alguém com a motivação de dar o melhor de si, que quer ver você se tornar tudo aquilo para o qual você foi criado e que está disposto a dar tudo para realizar isso.

Sobre esposas

Em sua primeira epístola, o apóstolo Pedro escreve a nós como pessoas que, às vezes, sofrerão, porque vivemos sob a autoridade ou o controle de alguém que nos tratará dura e injustamente.

Se, entretanto, quando praticais o bem, sois igualmente afligidos e o suportais com paciência, isto é grato a Deus. Porquanto para isto mesmo fostes chamados, pois que também Cristo sofreu em vosso lugar, deixando-vos exemplo para seguirdes os seus passos, o qual não cometeu pecado, nem dolo algum se achou em sua boca; pois ele, quando ultrajado, não revidava com ultraje; quando maltratado, não fazia ameaças, mas entregava-se àquele que julga retamente, carregando ele mesmo em seu corpo, sobre o madeiro, os nossos pecados, para que nós, mortos para os pecados, vivamos para a justiça; por suas chagas, fostes sarados. Porque estáveis desgarrados como ovelhas; agora, porém, vos

convertestes ao Pastor e Bispo da vossa alma (1Pe 2.20b-25).

O encorajamento de Pedro é este: Às vezes, sofreremos e até seremos punidos por fazermos o bem. Mas esse sofrimento não deveria nos impedir de fazer o bem, pois foi por meio do sofrimento que Jesus alcançou seus propósitos para nós. Ele sofreu por fazer o bem e, mediante essa experiência, Deus foi capaz de nos redimir e salvar.

Você pode estar pensando: “Eu me lembrarei disso se, alguma vez, for torturado por ser um cristão ou preso por contrabandear Bíblias”. Mas talvez você se surpreenda ao descobrir como Pedro aplica essa verdade nos versículos seguintes, onde ele diz:

Mulheres, sede vós, igualmente, submissas a vosso próprio marido, para que, se ele ainda não obedece à palavra, seja ganho, sem palavra alguma, por meio do procedimento de sua esposa, ao observar o vosso honesto comportamento cheio de temor (1Pe 3.1-2).

Alguns versículos mais tarde, ele escreve:

Maridos, vós, igualmente, vivei a vida comum do lar, com discernimento; e, tendo consideração para com a vossa mulher como parte mais frágil, tratai-a com dignidade, porque sois, juntamente, herdeiros da mesma graça de vida, para que não se interrompam as vossas orações (1Pe 3.7).

Maridos e esposas devem “igualmente” olhar para o exemplo de Cristo ao viverem um com o outro no casamento. Pedro retrata o sofrimento de Jesus como encorajamento e orientação para seu casamento. A noção de submissão e a descrição da esposa como “parceira mais fraca” pode lhe parecer tão rejeitável que você perde de vista a imagem toda. Exploraremos esse conceito mais

adiante; por ora, permita-me pedir-lhe simplesmente que veja que as esposas, tanto quanto os maridos, são motivados por uma visão de Cristo e de seu amor. Quando os discípulos de Jesus nos instruem sobre o casamento, eles apontam para os maridos e as esposas nada menos do que o amor maravilhoso de Jesus – para um amor disposto a sofrer, que se submete aos propósitos de Deus e que alcança nossa salvação.

Qual é o problema com a solitude?

O problema da solitude e Cristo como centro do amor conjugal: Como essas duas ideias têm a ver uma com a outra? Em Efésios 5, Paulo cita Gênesis 2.24:

Eis por que deixará o homem a seu pai e a sua mãe e se unirá à sua mulher, e se tornarão os dois uma só carne. Grande é este mistério, mas eu me refiro a Cristo e à igreja (Ef 5.31-32, grifo meu).

Em outras palavras, desde sua criação, o casamento pretende ser uma expressão do amor de Jesus por nós.

Criado à imagem dele

Gênesis 2, que contemplamos no início deste capítulo, é um relato expandido da criação do homem descrita no final de Gênesis 1:

Disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança;

tenha ele domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos, sobre toda a terra e sobre todos os répteis que rastejam pela terra. Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. E Deus os abençoou e lhes disse: Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todo animal que rasteja pela terra (Gn 1.26-28).

Em Gênesis 1, o foco de Deus ao criar os seres humanos é criá-los à sua imagem. O significado de ser criado à imagem de Deus tem sido o tema de muitos debates, mas podemos dizer com certeza que, no mínimo, significa que Deus quer que nós sejamos como ele. Podemos ver isso a partir das tarefas que ele atribui à humanidade. Da mesma forma como Deus governa a criação, ele quer que nós governemos a criação. Da mesma forma como Deus cria e multiplica a vida, ele quer que nós criemos e multipliquemos vida. Ele quer que ajamos como seus representantes na terra, administrando as coisas como ele mesmo faria.

Deus é relacionamento

Por que Deus cria múltiplas pessoas como portadoras de sua imagem? Por que não apenas uma pessoa? Subjugar a terra seria uma tarefa grande para uma única pessoa, por isso Adão precisava de uma auxiliadora nesse sentido. E em vista da maneira como os seres humanos entram no mundo, por meio da relação sexual, Adão também precisava de ajuda para criar outros auxiliadores. Deus poderia ter dado a Adão a capacidade de reproduzir a si mesmo – brotando descendentes como uma batata ou dividindo-se como um paramécio. Ele poderia ter feito isso, mas a Bíblia mostra que, para sermos uma boa imagem de Deus, precisamos existir como pessoas, como homem e mulher, não como indivíduos.

As Escrituras retratam Deus não só como indivíduo, mas também como um grupo de pessoas. Em Gênesis 1, por exemplo, Deus diz: “Façamos o homem à nossa imagem” (grifos meus).[5] Você já deve ter ouvido o termo Trindade. A Trindade é uma maneira de descrever Deus existindo em três pessoas: Pai, Filho

e Espírito Santo. Essas três pessoas são todas completamente Deus, iguais em poder, majestade e glória deslumbrante, mas, ao mesmo tempo, verdadeiramente três pessoas que são essencialmente um só Deus. Os cristãos de todas as eras têm conhecido isso como um mistério. É difícil compreender como Deus pode descrever a si mesmo como um Deus e três pessoas ao mesmo tempo, mas conhecer a Deus sempre envolverá mistérios. Afinal de contas, ele é o Criador, e nós não somos; e apesar de sermos feitos à sua imagem, ele sempre será, em alguns sentidos, diferente de nós e estará fora do alcance do nosso entendimento.

Mantenha em mente esta ideia: Visto que Deus existe em relacionamento, faz sentido ele querer que os portadores de sua imagem existam em relacionamento. Assim como Deus existe misteriosamente como pessoas que formam uma unidade, Deus nos criou para espelharmos essa realidade. Você se lembra de como Deus criou Eva em Gênesis 2? A partir de um ele formou dois e os uniu para que formassem um novamente, duas pessoas que agem em tamanha harmonia íntima que elas podiam ser descritas como uma só carne.

Deus é amor

Quando imaginamos Deus em relacionamento, entram em foco outras qualidades importantes. Como descreveríamos Deus agindo em relacionamentos? A Bíblia é a história de Deus no relacionamento com seu povo. Quanto mais nos familiarizamos com essa história, mais prontamente as palavras que descrevem o caráter de Deus nos vêm à mente. Podemos vislumbrar o caráter de Deus analisando como Davi descreve Deus no salmo 103. Ele é “quem perdoa todas as tuas iniquidades; quem sara todas as tuas enfermidades” (v. 3); ele é “misericordioso e compassivo” (v. 8); é “longânimo” (v. 8); é “assaz benigno” (v. 8); e “não nos trata segundo os nossos pecados” (v. 10).

O salmista nos transmite um senso de que Deus é maravilhoso, alguém com quem queremos nos relacionar. Em outros lugares na Bíblia, Deus é descrito como misericordioso, amável, bondoso, paciente, compreensivo e humilde. Podemos resumir todos esses traços de caráter com uma palavra: amor. Deus é amor.

Seria difícil reconhecer ou expressar todos esses aspectos maravilhosos do amor de Deus fora de um relacionamento. Como seria ser amável, ou misericordioso, ou bondoso quando você está sozinho? Você pode ser uma pessoa amorosa, mas sem relacionamentos, qualquer um, inclusive você, teria dificuldades de reconhecer isso. Deus quer ser conhecido e visto neste planeta, e sua imagem deve ser visível por intermédio de nós, as pessoas que ele criou. Para que a imagem seja clara, precisamos ser vistos em relacionamento.

Compromisso e graça

Um aspecto do amor que se destaca em Gênesis 2 é o compromisso. Mesmo que a palavra não apareça na passagem, é um dos ingredientes essenciais de ser uma só carne. Leia novamente Gênesis 2.24: “Por isso, deixa o homem pai e mãe e se une à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne.” Deus cria duas pessoas a partir de uma carne (Eva é criada a partir da costela de Adão) e então as une novamente para que se tornem “uma só carne” no casamento. A imagem de uma só carne comunica companheirismo, intimidade, pertencimento e influência mútua. É uma imagem de compromisso.

A única maneira como carne pode ser separada de carne é por um corte ou dilaceração dolorosa e até mesmo fatal. O casamento une um homem e uma mulher num nível de tamanha profundidade íntima que separá-los deveria ser tão inimaginável e doloroso quanto cortar alguém em dois. Se você já perdeu um cônjuge por intermédio de divórcio ou morte, você sabe como essa dor pode ser excruciante. Se quisermos nos tornar uma só carne de modo seguro, precisamos saber que a união durará, que não seremos rasgados em dois. É por isso que o casamento exige compromisso, a promessa de permanecer um só por toda a vida.

Por sermos todos danificados e pecadores, pode ser difícil manter um compromisso. O pecado destruiu nossa unidade com Deus e nossa unidade com nosso cônjuge. Nossos pecados e nossas falhas, grandes e pequenos, tentam rasgar nossa unidade. Não importa quão comprometidos estejamos com nosso cônjuge, criaremos rasgos em nossa unidade. Qual, então, é a solução?

É aqui que podemos aprofundar nossa compreensão da graça. Já aprendemos que

graça significa receber um amor que não merecemos e não conquistamos. Como Deus dá esse amor, e como nós podemos dá-lo, mesmo quando sentimos que nosso cônjuge está nos dilacerando? Quando carne é rasgada ou cortada, isso pode ser fatal. Na verdade, sempre que nosso pecado cria um rasgo no nosso relacionamento com Deus, isso sempre é fatal. Esses rasgos são o resultado do nosso pecado, e Deus não pode ser um com o pecado. A penalidade para o pecado é sempre a morte. (Veja Romanos 6.16,21,23.)

Deus não quer estar separado de nós; ele quer permanecer um conosco. Jesus fez o reparo em nosso relacionamento com Deus quando permitiu que fosse dilacerado, separado de Deus na cruz, para que nós não fôssemos dilacerados e separados de Deus. A vida perfeita e a morte de Jesus no nosso lugar são o fundamento de seu amor por nós. Graça não significa que Deus decidiu ignorar nosso pecado. Pelo contrário, ele viu nosso pecado e lidou com ele. A punição foi aplicada para que nós pudéssemos ser um com Deus.

Já que recebemos o amor e a misericórdia de Deus como aqueles que destruíram a nossa unidade com ele, podemos estender esse mesmo amor e misericórdia ao nosso cônjuge quando ele danifica nossa unidade no casamento. Há poder real aqui, o poder de transformar seu coração, seus pensamentos e suas atitudes quando você se volta para Jesus e pede a ele a capacidade de amar quando você está sendo ferido por seu cônjuge. Analisaremos isso em maior detalhe quando explorarmos os temas de conflito e perdão. Por ora, entenda simplesmente que o relacionamento conjugal de uma só carne exige compromisso e graça, a solução para a nossa infidelidade a esse compromisso.

Jesus, a imagem perfeita de Deus

Já exploramos como Jesus, o Filho de Deus, é a expressão perfeita do amor de Deus – a imagem perfeita de Deus. Deus nos criou à sua própria imagem como seus representantes na terra para criar, cultivar e cuidar da criação e uns dos outros como Deus o faz. Por causa do pecado, somos agora imagens distorcidas do nosso Criador. Jesus é o que todos nós deveríamos ser como descendentes de Adão – o que não somos mais capazes de ser por causa do nosso pecado. No livro de Hebreus, Jesus é descrito como “o resplendor da glória e a expressão

exata do seu Ser” (Hb 1.3). Jesus é a imagem perfeita de Deus, a imagem perfeita que nós fomos criados para ser.

Uma maneira de pensar sobre como Jesus cumpre a lei e nos resgata é que ele restaura a imagem de Deus em nós. Ao remover nosso pecado e restaurar nosso relacionamento com Deus, ele começa a nos transformar, causando o nosso crescimento. Tornamo-nos as pessoas que fomos criados para ser, cada vez mais semelhantes a Jesus. Quando Paulo e Pedro escrevem sobre o casamento, eles não têm como não escrever sobre Jesus como imagem perfeita de Deus. Devemos espelhar Jesus em nosso casamento, assim como devemos ser portadores de sua imagem em cada área da vida.

Jesus é a resposta

Pode parecer peculiar pensar sobre Jesus como foco do casamento e solução para qualquer problema conjugal. A razão pela qual a Bíblia estabelece essa rápida e fácil conexão é porque ela oferece a mesma resposta a toda pergunta que levanta.

Quando uma pessoa tem uma solução para cada problema, somos tentados a descartá-la como simplista ou superficial. Não estamos interessados em respostas banais. Mas Jesus não é uma resposta banal. Conhecer Jesus e entender que ele é nosso Salvador e a solução para os problemas da vida não torna fácil resolver os problemas da vida. Na medida em que você cresce em entendimento do seu amor e da sua rica e variada sabedoria, você descobre que não há nada de simplista nessa resposta. Quando analisarmos as diferentes áreas do casamento e como devemos segui-lo, você verá a riqueza e o poder de Jesus e de seu amor.

Por ora, permita-me dar apenas um exemplo de como a Bíblia oferece Jesus como solução para outro problema, o problema do sofrimento. No capítulo 8 da carta do apóstolo Paulo aos Romanos, ele oferece encorajamento no sofrimento. Ele os lembra de que não são apenas os cristãos que sofrem, mas que toda a criação sofre enquanto aguardamos o retorno de Cristo para completar a obra que ele já iniciou – a obra de remover o pecado e o sofrimento da nossa vida e do mundo inteiro. Paulo lembra os Romanos que o Espírito de Jesus neles geme por eles quando oram, pedindo coisas cuja necessidade eles nem conhecem.

No versículo 28, ele continua: “Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito”. É uma boa notícia saber que, qualquer que seja nosso sofrimento, Deus opera para o nosso “bem”. Quando refletimos sobre o casamento, devemos saber que Deus operará para o nosso bem, qualquer que seja o desafio que encaramos, quer você esteja atolado em conflitos, quer esteja vivendo com um cônjuge indiferente, quer esteja se recuperando de adultério ou até mesmo abuso.

Como podemos saber que bem Deus está prometendo realizar? Todos nós definiríamos “bem” de modo diferente, dependendo de nossas preferências pessoais. Obviamente, o bem que eu prefiro é que todos gostem de mim e estejam satisfeitos comigo. Kim pode preferir que os conflitos desapareçam e que todos os relacionamentos sejam harmoniosos. Como Deus define o que é “bem”?

A palavra propósito nos dá uma dica sobre o que vem a seguir, isto é, qual é o propósito de Deus. Paulo escreve no versículo seguinte: “Porquanto aos que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho” (Rm 8.29). Quando sofremos, podemos encontrar esperança quando começamos a entender como Deus usará esse sofrimento para nos ajudar a crescer para nos tornarmos mais semelhantes a Jesus. Não deixe que as palavras de antemão conheceu e predestinou o incomodem. Isso significa que, se você está num relacionamento com Cristo, isso não é um erro; é parte do plano de Deus para você e sempre foi. Isso só lhe dá um motivo ainda melhor para confiar em seu amor por você.

Satisfeito com muito pouco

A maioria de nós não se casou porque tinha uma grande visão de se tornar mais semelhante a Jesus. Mas, por ora, se isso não o motivar, pelo menos aceite que é o que a Palavra de Deus ensina claramente. Assim, você pelo menos poderá estabelecer objetivos para si mesmo. Em primeiro lugar, precisará investir mais tempo para conhecer Jesus melhor. Afinal de contas, como você pode ser motivado a se aproximar dele e tornar-se mais parecido com ele se você não o conhece? Lembre-se, você está sendo convidado para um relacionamento com

ele, não só para imitá-lo ou pensar como ele. Em segundo lugar, espere que seu amor por ele cresça na medida em que você crescer em seu relacionamento com ele. Mesmo que você não o considere atraente neste momento, se ele é o amor encarnado, você não deseja aprender a amá-lo? C. S. Lewis escreveu:

De fato, se contemplarmos as promessas indecorosas de recompensa e a natureza incrível das recompensas prometidas nos evangelhos, parece que nosso Senhor considera nossos desejos não fortes demais, mas fracos demais. Somos criaturas sem convicção, que brincam com bebida, sexo e ambição quando alegria infinita nos é oferecida, como uma criança ignorante que deseja fazer bolinhos de lama numa favela porque não consegue imaginar o que significa a oferta de férias na praia. Nós nos contentamos com muito pouco.[6]

Talvez você sinta que Jesus não se equipara aos sonhos e desejos que você trouxe para o casamento, e que viver sem esses sonhos e desejos seria insuportável. Imaginar o próprio Jesus como o maior prêmio de todos, como propósito do casamento e qualquer outro empreendimento humano pode parecer tolo para você. Você se contenta com muito pouco. Qualquer prazer que você possa almejar empalidece em comparação com aquilo que Deus nos oferece em seu Filho. Jesus não é um prêmio de consolação para um casamento infeliz. Ele é o grande prêmio, tanto para os casados quanto para os solteiros.

Se você quiser que seu casamento seja transformado, isso precisa começar com você. Você precisa de uma nova maneira de entender os momentos comuns de seu casamento. Você precisa aprender a enxergar o extraordinário naquilo que você sempre tem tomado como certo. Deixe que isso comece com Jesus. Se você não o conhece, comece agora. Se você o tomou como certo, ore para que Deus ajude você a reconhecê-lo e valorizá-lo, assim como Deus, o Pai, o valoriza e se deleita nele.

REFLITA SOBRE ISTO

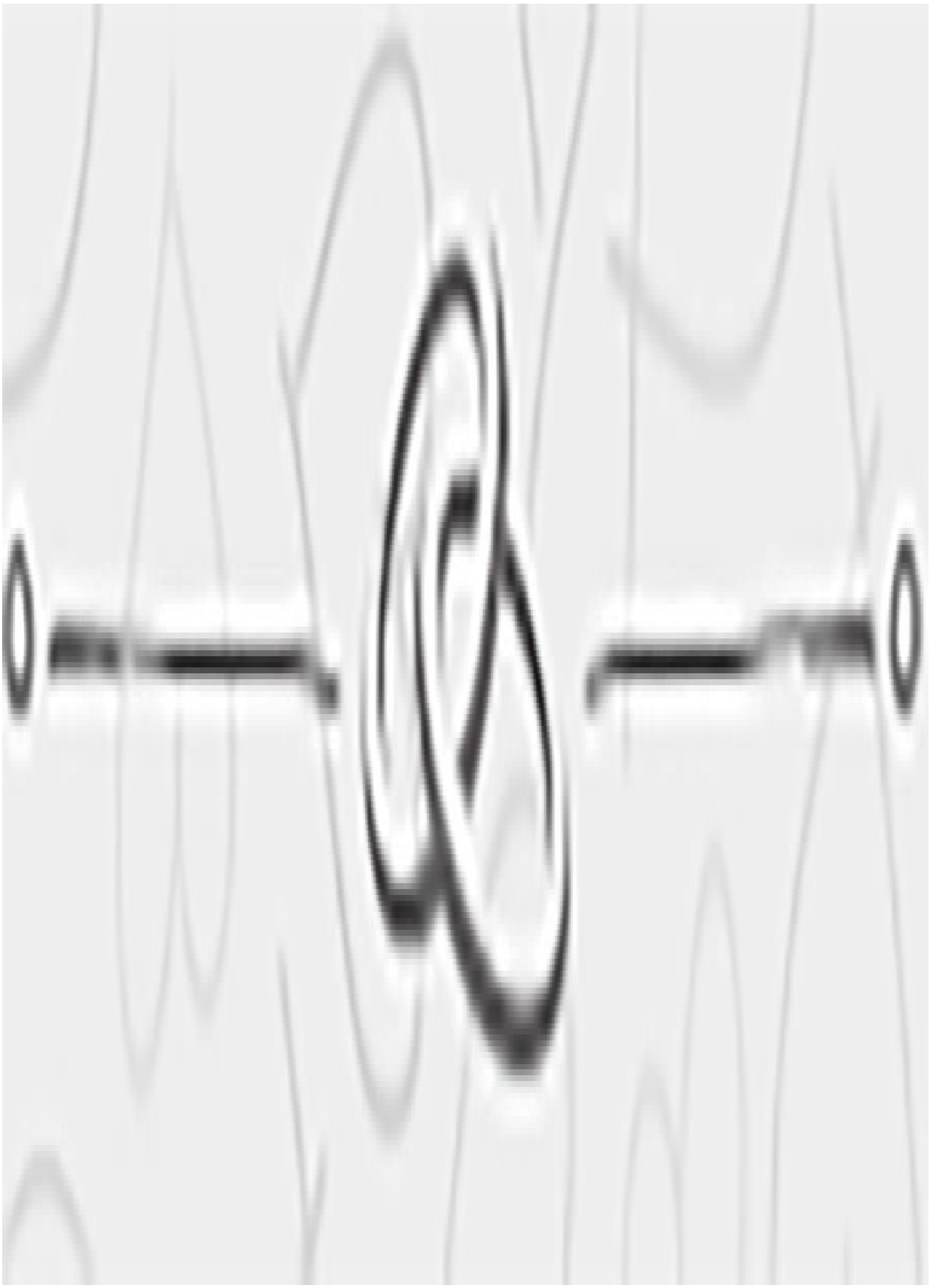
• Como você é quando está sozinho? Você é diferente quando está na companhia de outros? Por que existe uma diferença? Você acha que casamento e relacionamentos nos transformam em pessoas melhores ou piores?

• O que você acha que significa tornar-se mais semelhante a Jesus? Isso lhe parece algo bom ou ruim? Você acha que significa que sua personalidade desaparece?

• Qual das seguintes afirmações descreve melhor a sua atitude: “Eu quero que meu casamento sirva aos propósitos de Deus” ou “Eu quero que meu casamento sirva aos meus propósitos”? Se você acreditasse que o maior bem de Deus para você no casamento é torná-lo mais semelhante a Cristo, como isso mudaria sua atitude?

SEÇÃO 2

Amor extraordinário nos detalhes do casamento



Deus quer que seu amor molde nosso casamento e, na verdade, cada área da vida. Os capítulos nesta seção ajudarão você a aprender a amar seu cônjuge nos detalhes do momento, por mais difícil que seja.

O capítulo 6 ajuda você a transformar sua atitude mais básica em relação ao seu cônjuge, de manipulação para honra. Você aprenderá a identificar essas atitudes fundamentais nos detalhes do casamento e a identificar qual delas governa suas interações.

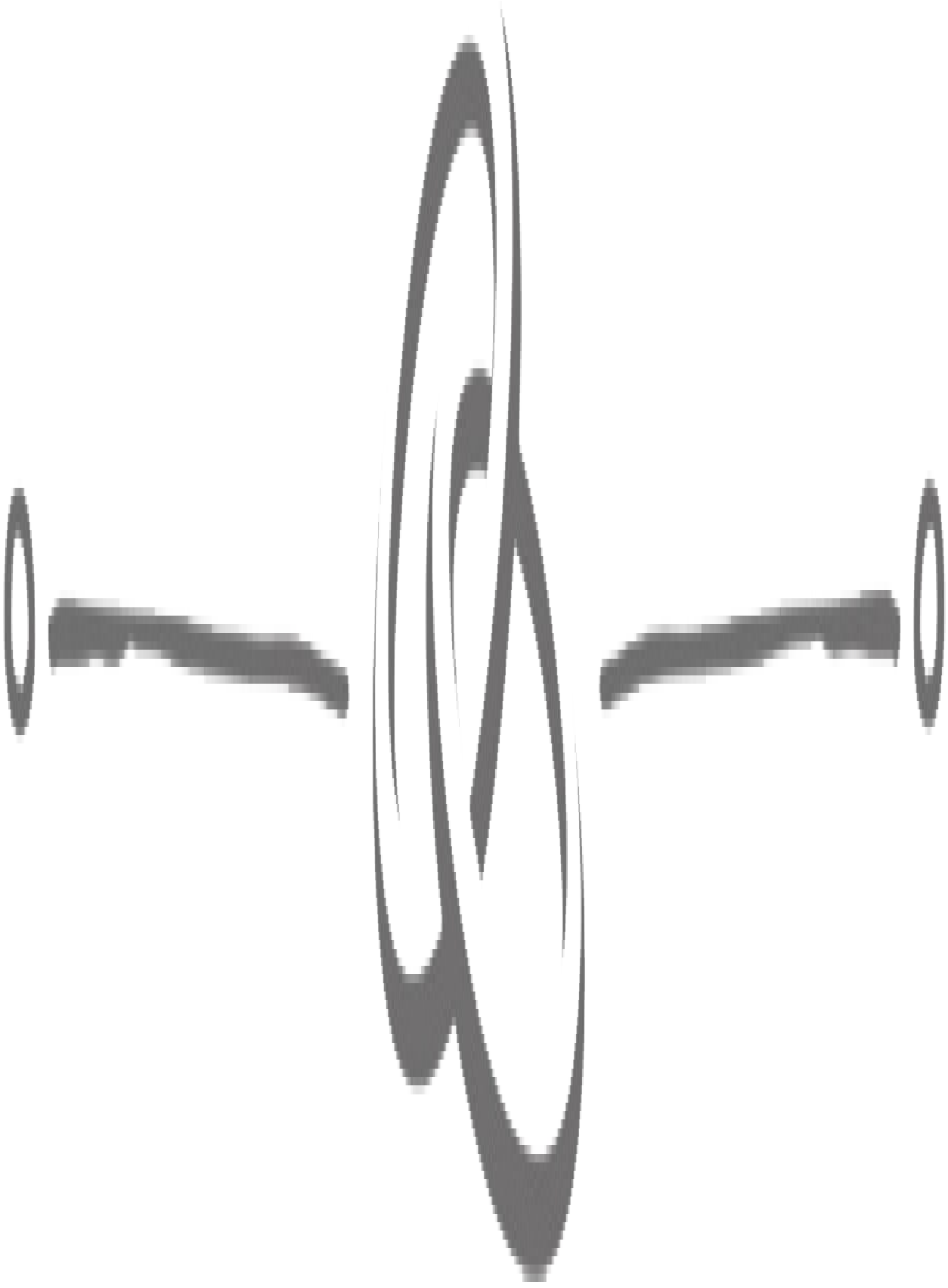
Os capítulos 7 a 9 discutem como o amor exige honestidade e por que honestidade pode parecer difícil e perigosa – aprender a ser honesto de uma forma que edifique seu casamento e não o destrua exige sabedoria e prática. Estes capítulos ajudarão você a identificar as maneiras como emoções, desejos e medos distorcem as mensagens que precisamos compartilhar com nosso cônjuge. Você também aprenderá a falar a verdade em amor.

Os capítulos 10 a 13 ajudarão você a atravessar o difícil território do conflito com o objetivo de descobrir como Deus o usa para fortalecer nosso casamento. Você também aprenderá a confessar seus erros ao seu cônjuge e a oferecer perdão.

O capítulo 14 ajudará você a entender como problemas podem surgir na maneira como pensamos sobre nossos papéis conjugais e como o amor pode nos libertar de confusão cultural em relação às diferenças de gênero. Ele fala sobre o que significa ser um marido ou uma esposa e como decidir quem faz o quê.

Por fim, o capítulo 15 lhe mostrará como desenvolver intimidade sexual num fundamento de amor.

Pessoa ou objeto, honra ou manipulação?



O que você aprenderá neste capítulo:

Às vezes, mesmo quando pensamos que estamos amando nosso cônjuge, nós estamos o manipulando. Nós o tratamos como um objeto cujo único propósito é nos dar o que queremos. Nós o recompensamos apenas quando ele nos dá o que queremos e o punimos quando ele não o faz.

Amar seu próximo como a si mesmo significa não avaliar, não julgar nem reagir às pessoas com base naquilo que elas podem lhe dar ou se podem ajudar você a evitar o que você teme.

Uma atitude de honra é um ingrediente essencial ao amor. Honrar seu cônjuge significa:

~ Entender que seu cônjuge pertence a Deus.

~ Estar disposto a trabalhar para ajudar que seu cônjuge cresça.

~ Estar disposto a aprender dele ou dela.

Padrões maiores de manipulação podem nos ajudar a identificar os desejos e medos que nos impedem de amar nosso cônjuge. A fim de conseguir o que queremos e evitar o que tememos, podemos nos aproximar de outros, nos afastar de outros e agir contra outros.

Avaliação de atitude

A lei do amor é, como vimos, amar seu próximo como a si mesmo. O primeiro passo ao aplicar a lei do amor ao nosso casamento é examinar nossa atitude mais básica em relação ao nosso cônjuge. Quando você olha para seu cônjuge, o que você vê, uma pessoa ou um objeto? A pergunta parece ofensiva. Mesmo que visse seu cônjuge como objeto, você o admitiria? Antes de responder “pessoa”

rápido demais, vejamos como é fácil adotar a postura de ver outros como objetos e como pode ser difícil identificar isso.

Um ato aleatório de manipulação

Howard, um homem em aconselhamento, estava na fila do caixa de um supermercado. Na frente dele, uma senhora idosa estava contando as moedas em seu porta-moedas.

“Faltam 73 centavos”, o caixa informou à senhora.

“Tenho certeza de que o dinheiro está aqui em algum lugar”, a mulher explicou enquanto colocava moedas na bancada. Pedindo desculpas, ela olhou para a fila atrás dela e continuou a vasculhar seu porta-moedas à procura de algo que valesse mais do que cinco centavos.

Alguns momentos depois, Howard se inclinou em sua direção, lhe entregou uma nota de um dólar e disse em voz baixa: “Tome isso. Está tudo bem”. A mulher olhou para ele com um sorriso envergonhado, sussurrou um “Obrigada” e rapidamente entregou o dinheiro ao caixa.

Quando Howard compartilhou sua história, eu me perguntei se ele tinha percebido algo. Eu estivera desafiando sua atitude em relação à sua esposa e não tinha certeza se qualquer coisa estava fazendo sentido para ele. “Isso é encorajador, Howard”, eu observei. “Parece que você reconheceu uma oportunidade de amar alguém de uma maneira simples e concreta e a aproveitou”.

“Não”, Howard respondeu. “Eu vi uma mulher idosa no meu caminho e percebi que a maneira mais rápida de me livrar dela era dar um dólar para ela”.

“Ah”, respondi, de repente sem saber para onde essa conversa nos levaria.

“Sei que aquela senhora foi para casa pensando que eu fiz algo legal para ela, mas não é verdade. Eu não a amei. Eu só a queria fora do meu caminho”.

“Então, o que isso significa?” perguntei.

“Significa que eu sou um canalha egoísta”, ele respondeu.

Howard não viu uma pessoa na frente dele naquele supermercado; ele viu um objeto, um obstáculo para seus objetivos. A diferença entre pessoas e coisas é que amor exige que tratemos as pessoas com uma honra e um respeito que não concedemos a coisas. Diferentemente de coisas, todas as pessoas compartilham três características: (1) elas têm uma identidade e um propósito únicos, (2) elas têm a liberdade de fazer escolhas responsáveis e (3) elas têm valor.

Ser uma pessoa significa mais do que essas três coisas, mas, no mínimo, pessoalidade envolve essas coisas. Quando falamos de Deus como uma pessoa, acreditamos que essas três coisas se aplicam a ele. Deus possui uma identidade única e seus próprios propósitos, Deus faz escolhas responsáveis, e Deus tem valor infinito.

Feita à imagem de Deus, cada pessoa pertence a Deus. Deus tem a última palavra sobre quem as pessoas são, a quais propósitos elas servem, que escolhas elas fazem e o que elas valem. Pessoas são portadoras da imagem de Deus e merecem honra por existirem unicamente para os propósitos de Deus. Honrá-las não significa aprovar tudo o que façam. Nem significa que gostamos delas. Significa que nós as vemos e as tratamos como pertencentes a Deus e não a nós.

Um objeto é uma coisa que pode ser única ou não, que não faz escolhas e que pode ou não pertencer a alguém ou ter valor ou não. No dia a dia, valorizamos objetos que são úteis. Um objeto pode perder seu valor de repente se não o quisermos mais ou não tivermos utilidade para ele. Por definição, manipulamos objetos; eles existem para o nosso uso. Podemos usar objetos de maneira sábia ou tola, mas usá-lo não é algo ruim em si.

Quando usamos pessoas – quando tratamos pessoas como objetos – nós violamos a lei do amor, degradamos a imagem de Deus e destruímos relacionamentos.

Manipulação no casamento

Howard não tinha tomado o passo de amor que eu esperava, mas tinha feito um primeiro passo essencial. Ele percebeu que podia, fingindo ser atencioso e preocupado, ser egoísta e manipulador. Ele não se tornou uma pessoa amorosa naquele dia, mas já não era mais cego ao seu próprio egoísmo. Percebeu que era manipulador, que estava disposto a usar outras pessoas para conseguir o que queria. Já não seria mais tão fácil apontar para todas as coisas legais que ele tinha feito para a sua esposa, ao mesmo tempo em que ignorava suas queixas de que ele não se importava com ela. Na realidade, muitas das chamadas coisas legais faziam parte de uma estratégia para silenciá-la, para tirá-la do caminho e para impedi-la de se colocar entre ele e as coisas que ele realmente amava.

Howard não é um monstro, nem mesmo incomum. Howard se parece muito com todos nós. Ele estava simplesmente “dando para receber”. Lembre-se de como vimos que Jesus observou nossa tendência de sermos legais com as pessoas que são legais conosco. Damos para receber e damos apenas quando recebemos. Isso é tão comum que, como diz Jesus, até mesmo aqueles que não parecem ter qualquer consciência (os “pagãos” e “coletores de impostos” de seu tempo) vivem dessa forma (Mt 5.43-48).

Um acordo formal para dar a fim de receber é chamado um contrato. Se você cumprir a sua parte, eu cumprirei a minha. Todos nós vivemos com contratos. Muitas vezes, contratos são feitos para impedir que as pessoas manipulem umas às outras. Usamos contratos para impor regras de fair play. Nesse sentido, até os pagãos e coletores de impostos observam uma forma bruta de amor. Mas não é a plenitude de amor para a qual somos chamados no casamento.

No nosso dia de casamento, a maioria de nós prometeu algo do tipo: “Eu aceito você como minha legítima esposa [ou meu legítimo marido] [...] para melhor, para pior, na riqueza e na pobreza, na saúde e na doença, para amar e respeitar, até que a morte nos separe”. Isso é uma maneira poética de prometer: “Você tem meu amor para sempre, aconteça o que acontecer”. Mas quando você traz para o casamento a agenda de dar para receber, você quebra seu compromisso de amar. A qualidade do “aconteça o que acontecer” do voto do casamento é substituído por “me dê isso, caso contrário...”. Em vez de agir na base de uma preocupação genuína por seu cônjuge, você o trata como um meio para um fim e como maneira para conseguir o que você quer. Em vez de servir ao seu cônjuge, você o usa para servir a si mesmo. Você está tratando uma pessoa como um objeto.

Manipulação por meio de punição

Às vezes, é fácil identificar manipulação. As formas mais óbvias envolvem punir seu cônjuge por não fazer o que queremos. É tão simples quanto eu querer que a Kim volte para casa a tempo para realizar tarefas para que eu possa terminar meu estudo bíblico. Concentrado apenas naquilo que eu queria e precisava, eu não via outra coisa. Durante aquela hora, a Kim existia apenas para fazer com que minha agenda funcionasse. Eu a perdi de vista como outra pessoa que precisava dos meus cuidados e da minha preocupação. Foi por isso que não me passou pela cabeça me preocupar com ela. Quando ela voltou para casa, eu a puni por intermédio de um afastamento rabugento, retirando-me do relacionamento. Minha mensagem era: “Se você não se importa o suficiente para estar disponível quando eu preciso de você, sinta agora como é quando eu não estou disponível!” De maneira pequena, mas significativa, eu tratei a Kim como se ela fosse um objeto, até ameaçando descartá-la como um objeto que não pode ser consertado.

Manipulação como favoritismo

Como Howard percebeu, uma forma mais sutil e atraente de manipulação é a estratégia de oferecer recompensa no lugar de punição. A Bíblia chama esse tipo de manipulação de favoritismo. Disfarçado sob o manto do amor, o favoritismo pode ser quase irreconhecível como manipulação.

No segundo capítulo de Tiago, a Bíblia descreve como os ricos estavam recebendo um tratamento especial na igreja. Um homem pobre é obrigado a se sentar no chão ou a ficar de pé para que um homem rico receba um bom lugar para sentar. Observe como Tiago diagnostica o problema do favoritismo. Ele escreve: “não fizestes distinção entre vós mesmos e não vos tornastes juízes tomados de perversos pensamentos?” (Tg 2.4). Ao escolherem favoritos, os líderes da igreja se elevaram acima dos outros, julgando e avaliando quem lhes daria o que queriam. Esperando que o homem rico os abençoasse com dinheiro e

poder, eles lhe davam o que podiam – uma boa cadeira – e a tiravam do homem que não tinha nada. Os líderes trataram ambos – o rico e o pobre – como objetos, como coisas a serem avaliadas segundo a medida de sua utilidade. O rico é escolhido, e o pobre é descartado.

Tiago observa que esses juízes parecem não se preocupar com a lei. Na verdade, ao praticarem o favoritismo, eles violam a essência da lei, o amor. Tiago escreve: “Se vós, contudo, observais a lei régia segundo a Escritura: Amarás o teu próximo como a ti mesmo, fazeis bem; se, todavia, fazeis acepção de pessoas, cometeis pecado, sendo arguidos pela lei como transgressores” (Tg 2.8-9). Quando nos elevamos acima de outros, os julgando e avaliando, nós não estamos os amando.

Em muitos aspectos, Howard não era um marido irritado ou difícil. Na verdade, ele podia ser caloroso e charmoso, ele planejava viagens surpresa nos fins de semana, fazia presentes generosos e dizia à esposa como ela era maravilhosa. Durante muitos anos, sua esposa amava isso em Howard. Mas, com o passar do tempo, ela se sentiu manipulada pelos carinhos de Howard. Muitas vezes, eles vinham após discussões irritadas ou precediam notícias perturbadoras. Ela começou a perceber que ela estava sendo reembolsada. Howard precisava enxergar o que estava por trás dos atos, que pareciam amorosos, e ver seu coração, que servia a si mesmo.

Para que nosso casamento cresça em amor, ele precisa ser edificado no fundamento de honrar nosso cônjuge como uma pessoa de valor, independentemente de recebermos o que queremos. Se lhe mostrarmos nosso favor apenas para conseguir o que queremos, mesmo que as coisas que queremos sejam boas, nós nos tornamos manipuladores que sugam o amor do nosso casamento.

Amar seu próximo como a si mesmo

A maneira como Tiago aplica a lei do amor nos ajuda a entender o que significa “amar seu próximo como a si mesmo”.

Por mais simples que esse mandamento pareça ser, houve muita confusão sobre o que ele significa, especialmente em anos recentes. Alguns o entenderam como uma ordem para amar a si mesmo tanto quanto uma ordem para amar os outros. Alguns até argumentaram que o mandamento de amar os outros – e até mesmo nossa capacidade de amar os outros – se fundamenta no amor que você tem por si mesmo. É importante entender esse mandamento porque ele define uma obrigação fundamental na adoração.

Em primeiro lugar, lembre-se de que Jesus deu esse segundo grande mandamento como uma aplicação e expressão do primeiro, o mandamento de adorar a Deus de todo nosso coração, alma, entendimento e força, orientando cada área da nossa vida em torno dele. Jesus apresentou esses dois mandamentos juntos porque cada um é compreendido melhor à luz do outro. O amor, muitas vezes visto como uma emoção ou confundido com receber o que queremos de outros, é uma pessoa. Jesus, o Filho e a perfeita imagem de Deus, é o amor que podemos ver e ouvir e com o qual podemos ter um relacionamento. Quando o seguimos e adoramos, somos treinados naquilo que o amor realmente é. Como ensina a Bíblia em 1João 4.19: “Nós amamos porque ele nos amou primeiro”. Afirmar que nossa capacidade de amar outros se baseia no amor por nós mesmos significa negligenciar a verdade de que Jesus fundamenta o segundo grande mandamento (o amor ao próximo) no primeiro (o amor a Deus).

No mandamento de “amar ao próximo como a si mesmo”, o que significa “como a si mesmo”? Por que Jesus não diz: “Amai uns aos outros como Deus vos ama”, como ele faz em outros lugares? Como já fez com o primeiro grande mandamento, Jesus volta a citar o Antigo Testamento, dessa vez, o livro de Levítico. Em Levítico 19, amar o próximo resume os versículos anteriores, que contêm muitos mandamentos que ilustram como devemos amor uns aos outros nos detalhes da vida.

Não furtareis, nem mentireis, nem usareis de falsidade cada um com o seu próximo [...]. Não atentarás contra a vida do teu próximo. Eu sou o

Senhor

[...]. Não te vingarás, nem guardarás ira contra os filhos do teu povo; mas amarás o teu próximo como a ti mesmo. Eu sou o

Senhor

(Lv 19.11,16b,18, grifo meu).

Nesse contexto, amar o seu próximo como a si mesmo significa que você deve conceder aos outros o mesmo tipo de preocupação e cuidado que você quer que eles lhe deem. Jesus aplica isso da seguinte forma em Mateus 7 (a regra áurea): “Tudo quanto, pois, quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles; porque esta é a Lei e os Profetas” (Mt 7.12).

É provável que a regra áurea se pareça com coisas que você tenha ouvido de seus pais ou tenha dito aos seus próprios filhos: “Você não quer que alguém pegue suas coisas, então, não pegue as coisas dele. Você não gosta quando outros mentem para você, então não minta para eles”.

Além disso, porém, a expressão “como a ti mesmo” nos lembra que, por causa do pecado, nós não queremos tratar outros da maneira como nós somos tratados. Lá no fundo, não queremos ser iguais aos outros; queremos ser superiores a eles. O pecado nos seduz a nos excluirmos das regras – a justificarmos por que as regras que se aplicam a todos os outros não valem para nós. É exatamente isso que a Bíblia descreve em Tiago 2.

Como discutimos num capítulo anterior, nosso egocentrismo se expressa naquilo que adoramos. Idolatria é uma maneira de descrever o serviço a si mesmo na linguagem da adoração. Por meio da idolatria, eu me elevo acima de todos os outros – inclusive Deus – e determino como os outros podem ser usados para que me sirvam e satisfaçam minhas necessidades da melhor maneira.

Em Tiago 2.8, “como a ti mesmo” demarca um limite que você não deve ultrapassar. Você não deve ver a si mesmo como melhor ou mais privilegiado do que outros; eles são iguais a você, dignos do mesmo respeito, da mesma honra e do mesmo cuidado que Deus exige que eles lhe concedam. Assim, em termos negativos, o segundo grande mandamento pode ser reformulado assim: “Não se eleve egoisticamente acima de seus próximos”. Ou, em palavras ainda mais simples: “Não manipule os outros”.

Aprendendo a honrar seu cônjuge

Se a manipulação viola o amor, a honra cultiva o amor. Quando você honra os outros, você reconhece seu valor e sua importância. Na maioria das vezes, a Bíblia nos encoraja a darmos mais honra aos outros do que a nós mesmos. Em sua carta à igreja filipense, Paulo escreve: “Nada façais por partidarismo ou vanglória, mas por humildade, considerando cada um os outros superiores a si mesmo” (Fp 2.3). Paulo entende isso como uma atitude essencial ao amor porque a reconhece na atitude de Cristo.

Alguns versículos depois, ele continua:

> Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, pois ele, subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes, a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens (Fp 2.5-7).

A princípio, isso soa como um caminho certo para abuso e exploração. Talvez você pense: “Se eu disser ao meu marido que eu o considero mais importante do que a mim mesma, ele fará de mim a sua escrava”. Lembre-se, amor não significa dizer sempre sim ao seu cônjuge, mas estar disposto a fazer o que é melhor para ele. Como a vida de Jesus ilustra, isso nem sempre deixa os outros felizes.

Atitudes de honra e manipulação

Honra reconhece que você pertence a Deus, não a mim

A manipulação vê os outros como objetos que existem para servir às minhas

próprias necessidades. A honra vê os outros como portadores da imagem de Deus que existem para ele.

Os portadores da imagem de Deus pertencem primeiramente a Deus. Sua identidade como cônjuge de alguém é secundária à sua identidade como servo de Deus. Em sua carta às igrejas em Roma, Paulo se dirige a cristãos que estão em conflito sobre uma série de questões religiosas, que vão desde o tipo de comida que devem comer até o dia da semana em que devem adorar. O que mais perturba Paulo é a atitude desses cristãos em relação uns aos outros. Ele pergunta: “Quem és tu que julgas o servo alheio?” (Rm 14.4a). Em outras palavras: “Você age e fala como se essa outra pessoa fosse propriedade sua.”

Atitudes de honra	Atitudes d
Você pertence a Deus.	Você perte
Você foi feito à imagem de Deus.	Você é um
Eu dou sem esperar nada em troca.	Eu dou pa
Quero que você seja bem-sucedido.	Preciso qu
Deus está usando você para me tornar semelhante a ele.	Você é o p
Eu amarei você, mesmo que você não responda com amor.	Eu amarei

Seguir a Cristo significa aceitá-lo como seu mestre. Ele é dono e senhor de tudo. Nossos atos de amor devem ser praticados porque nós o adoramos, não porque pertencemos a outras pessoas, e não devemos exigir a atenção de outros como se eles nos pertencessem. No casamento, temos uma obrigação de cumprir nossa promessa de amar um ao outro, mas lembrando que a responsabilidade de cada um em amar é bem diferente de ver a outra pessoa como alguém (ou algo) que existe apenas para você.

Paulo continua:

Foi precisamente para esse fim que Cristo morreu e ressurgiu: para ser Senhor tanto de mortos como de vivos. Tu, porém, por que julgas teu irmão? E tu, por que desprezas o teu? Pois todos compareceremos perante o tribunal de Deus (Rm 14.9-10).

Mesmo que, no casamento, nós pertençamos um ao outro num sentido muito real, não pertencemos um ao outro mais do que pertencemos a Deus. Seu cônjuge possui um valor e um propósito que vão muito além de seu papel como cônjuge. Servimos um ao outro no casamento, mas esse serviço é apenas uma extensão ou expressão do serviço a Deus.

Lembre-se, o casamento não foi criado como substituto de Deus. Nós adoramos a Deus. Nós amamos nosso cônjuge. Quando fazemos dos nossos desejos pessoais a medida para o valor do nosso cônjuge, estamos fingindo ser Deus. Queremos que ele exista para nós, que ele seja devoto a nós com tudo que tem, e nós o julgamos se ele não cumprir o nosso padrão.

A manipulação grita: “Você é meu, todo meu!”

Alguma vez você já colocou seu cônjuge num pedestal, o adorou, o tratou como um bem mais precioso, lhe disse que precisa dele? Algumas pessoas estremecem quando ouvem seu cônjuge falar dessa maneira. Alguém precisar de você dessa maneira pode ser sufocante porque é um sinal de insegurança e carência, não de amor. Alguém amar você e alguém precisar de você são duas coisas diferentes. Fomos feitos para relacionamentos e, nesse sentido, precisamos dos outros, mas isso é bem diferente de viver uma sensação de desespero, que comunica: "Sem você, eu não sobrevivo".

Carl dizia muitas vezes à sua esposa o quanto ele precisava dela. Sempre que eu o ouvia dizer isso, eu conseguia ver seu medo. Por que medo? Porque sempre que Carl se sentia sozinho ou inseguro, ele olhava para a sua esposa em busca de afirmação e aprovação. Quando ela não percebia seus pedidos de atenção, ele costumava explodir em raiva e acusá-la de não amá-lo. Quando Carl dizia: "Eu preciso de você", ele não queria dizer: "Eu quero o que é melhor para você". Normalmente, significava: "Sinto que preciso algo de você para poder sobreviver". Quando você precisa de alguém como uma pessoa esfomeada precisa de uma refeição, você está colocando essa pessoa no cardápio. Ninguém quer ser comido vivo quando ouve ao mesmo tempo que é amado. Raiva surge quando a pessoa que precisa de segurança e aprovação percebe que seu cônjuge é incapaz de satisfazer sua fome. Em vez de reconhecer que ele está exigindo o impossível, ele pune sua esposa por não estar disposta ou ser incapaz de satisfazer sua necessidade.

A honra procura maneiras de edificá-lo

O propósito do amor não é fazer com que seu cônjuge satisfaça seu senso de necessidade. Jack Miller oferece uma definição maravilhosa do significado de servir uns aos outros em amor: "Em termos práticos, significa trabalhar para que os outros sejam bem-sucedidos".[7] Amar envolve seu esforço para tornar seu cônjuge bem-sucedido. O que significa ser bem-sucedido?

Lembre-se de que ser feito à imagem de Deus significa que você tem um destino. Como vimos, você foi criado para amadurecer e crescer com o objetivo de se tornar mais semelhante a Deus. Alguma vez você já olhou para seu cônjuge e contemplou que ele ou ela foi feito para ser uma imagem de Deus aqui na terra? O pecado contribuiu muito para impedir que vejamos essa imagem uns

nos outros em certos momentos. Entender que nosso trabalho é polir e fazer brilhar essa imagem é uma maneira de refletir sobre o significado de amar seu cônjuge.[8] Quando você está sintonizado com o fato de que você está diante de um portador da imagem e de um filho do Deus todo-poderoso, é difícil ver essa pessoa como um objeto que existe para os seus propósitos. C. S. Lewis explicou o peso dessa realidade e as obrigações que isso traz da seguinte forma:

É uma coisa séria viver numa sociedade de possíveis deuses e deusas, lembrar que a pessoa mais enfadonha e desinteressante com a qual você está falando pode, algum dia, ser uma criatura que, se você a visse agora, estaria tentado a adorar ou, caso contrário, um horror e uma corrupção que você só encontra agora num pesadelo. De alguma forma ou de outra, passamos o dia ajudando uns aos outros para alcançar um desses destinos. É à luz dessas possibilidades esmagadoras, é com a maravilha e circunspeção que lhes são devidas, que devemos conduzir todas as nossas interações uns com os outros, todas as amizades, todos os amores, todos os jogos, toda a política. Não existem pessoas ordinárias. Você nunca conversou com um mero mortal.[9]

A manipulação culpa seu cônjuge

Seus desejos estão fadados a entrar em conflito com os desejos do seu cônjuge. O que você faz quando o conflito inevitável surgir? Uma reação natural e pecaminosa é ver seu cônjuge como problema – como obstáculo para as coisas que você quer.

Na cozinha do centro de aconselhamento em que trabalho, costumava haver uma velha máquina de refrigerantes. Não sei quantos anos tinha, mas, certa tarde, quando estava na cozinha tomando meu refrigerante, percebi como a máquina estava surrada. Ela não possuía rodinhas e não podia ser movimentada e era pesada demais para carregar ou derrubar, de onde, então, vinham todos essas marcas e arranhões? Percebi que a maioria das mossas não era acidental; eram o resultado de mãos e punhos humanos, talvez até mesmo dos meus. O que você faz quando você coloca seu dinheiro numa máquina de venda e ela não lhe entrega o produto pelo que você pagou? Se você é igual a mim, você lhe dá um empurrão não muito gentil esperando que ela ou devolva suas moedas ou

destrave o mecanismo que a impede de lhe dar seu refrigerante. Dentro de instantes, aquela máquina pode deixar de ser o amado provedor de uma bebida refrescante e se transformar num ladrão que me impede de ter o que desejo. Num minuto, ela é a solução para os meus problemas, no minuto seguinte é a sua causa. Num minuto, eu amo a máquina, no minuto seguinte, eu a odeio.

Se você estiver resmungando sobre seu cônjuge, vendo-o como um obstáculo entre você e sua felicidade, você está caindo numa postura de manipulação. Você está concentrado naquilo que você quer e deixando de ver seu cônjuge como uma pessoa.

A honra aprende de outros

Quando estamos frustrados com nosso cônjuge, existe uma maneira muito diferente de vê-lo que pode levar a um crescimento real. Se um dos propósitos de Deus para o casamento é que amemos nosso cônjuge como propriedade dele e o edifiquemos, deveríamos perceber que ele quer que o cônjuge tenha o mesmo efeito sobre nós.

Em outras palavras, enquanto manipulação significa ver seu cônjuge como uma ferramenta em suas mãos, honrar seu cônjuge significa vê-lo como ferramenta nas mãos de Deus. Deus é capaz de usar as ações do nosso cônjuge – nobres ou tolas – para os seus bons propósitos. Uma maneira de começar imediatamente a transformar momentos comuns em momentos extraordinários é pausar, não importa quão irritado você esteja, e perguntar: “O que Deus está tentando me ensinar?”

Por exemplo, quando não consegui ligar para a Kim naquele sábado frustrante, as coisas teriam sido diferentes se eu tivesse dado um passo para trás e pedido a ajuda de Deus para entender a situação e aprender com ela em vez de me concentrar imediatamente em Kim como ameaça aos meus planos. Mesmo que Kim estivesse me tratando de maneira errada, Deus poderia me ensinar algo sobre meu próprio coração e sobre seu amor e cuidado por mim. A chave é orar pela atitude humilde de uma pessoa que deseja aprender e está disposta até a pedir conselhos.

Além de como Deus pode usar as fraquezas e os pecados do nosso cônjuge para nos instruir, devemos estar dispostos a aprender com as maneiras positivas em

que ele é diferente de mim. A Bíblia celebra as maneiras em que Deus nos criou como diferentes uns dos outros. Ela usa a imagem do corpo humano, descrevendo suas partes diferentes e as suas funções (veja Rm 12.1-8 e 1Co 12) para ajudar-nos a entender que, muitas vezes, nossas diferenças se completam e nos ajudam a amadurecer juntos. Quando convivemos como cristãos, vemos que Deus nos criou e equipou para fazermos as coisas de modo diferente. Esteja disposto a aprender com eles.

A manipulação diz que isso não funciona

Quando nos concentramos em mudar nosso cônjuge em vez de estarmos dispostos a aprender com ele, muitas vezes, nos surpreendemos avaliando cada ação em termos daquilo que funciona. Tentar descobrir o que funciona é, diversas vezes, apenas outra expressão da atitude de dar para receber. Quando amamos nosso cônjuge da maneira que Deus exige de nós, a recompensa nem sempre é imediata. Amor exige que façamos coisas difíceis, coisas que não parecem ser justas ou que talvez nem façam sentido para nós. Amor exige que definamos sucesso nos termos da agenda de Deus, não da nossa. O que funciona sob a perspectiva de Deus é o que nos faz crescer.

Padrões de manipulação

Admitir que você pode ser manipulador significa simplesmente dizer que você é um pecador. A pergunta não é se você manipula, mas como você manipula. Tomar o tempo necessário para identificar as maneiras típicas como você manipula seu cônjuge pode ser uma vantagem real para crescer no amor. Existem vários padrões ou estilos típicos de manipulação. Cada um aponta para questões do coração ou ídolos que impulsionam você em seu casamento.[10]

Aproximar-se de outros

Às vezes, adquirir as coisas que você quer ou evitar as coisas que você teme significa que você precisa extrair mais das pessoas em sua vida. Digamos, por exemplo, que você deseja aprovação, afeto, intimidade, pertencimento ou segurança. São coisas que você recebe de outras pessoas – e, às vezes, você precisa de outras pessoas para conseguir o que você deseja, pessoas que precisam ser trazidas para o seu mundo. Se aceitação é um de seus maiores desejos, você pode usar várias estratégias para atrair outras pessoas; você pode ter um grande senso de humor, ser uma pessoa que faz presentes extravagantes ou estar disposto a ajudar outras pessoas, por exemplo. Por outro lado, se você não tem muita confiança em sua habilidade de ganhar a aceitação de outras pessoas, você pode empregar estratégias mais "negativas", como ficar emburrado, se retrair, ser grudento ou tomar medidas mais desesperadas como ferir a si mesmo.

Afastar-se de outros

Às vezes, adquirir as coisas que você quer ou evitar as coisas que você teme exige menos das pessoas em sua vida. Algumas pessoas acreditam que paz, controle, perfeição, ordem, e segurança podem ser garantidos com maior facilidade tendo menos pessoas em sua vida ou exercendo um controle maior sobre as pessoas que estão nele. Algumas das mesmas estratégias "positivas" mencionadas acima podem servir também como maneira de controlar minuciosamente ou limitar o acesso de outras pessoas ao seu mundo. Por exemplo, um humor aguçado pode ser um convite para a companhia de alguém ou uma maneira de espetar aqueles que você quer manter longe.

Agir contra outros

Às vezes, adquirir as coisas que você quer ou evitar as coisas que você teme exige agir contra outros. Se você deseja superioridade, controle, sucesso ou poder, é provável que você aja contra os desejos de outros a fim de conseguir o que quer ou a fim de demonstrar que você já tem o que quer. Garantir que meus planos tenham êxito e que seus planos falhem pode me dar uma sensação de que meus planos são melhores do que os seus e que eu sou melhor do que você. Quando você falha, eu me sinto mais bem-sucedido, por isso tomo as medidas

necessárias para garantir que você falhe. Estratégias de agir contra outros podem ser tão elaboradas quanto dominar os planos para as férias ou tão pequenas quanto criticar a gramática de outra pessoa.

Talvez você tenha percebido que alguns desejos e medos ocorrem em mais de um padrão de manipulação (segurança e controle, por exemplo). Os desejos e medos foram citados sob seu padrão mais típico, mas lembre-se de que, dependendo de como é usado, cada padrão pode servir a qualquer desejo ou medo. As motivações sugeridas acima para cada padrão fornecem um ponto de partida típico para entender quais motivações podem estar por trás de seus padrões relacionais ou dos de seu cônjuge.

Nem sempre os padrões acima sugerem uma manipulação pecaminosa. Às vezes, o próprio amor se aproxima de outros, às vezes, se afasta de outros e, às vezes, age contra outros. O amor envolve mais do que se aproximar. Às vezes, amor exige afastar-se da pessoa que você ama a fim de não participar no mal. Ou talvez você precise estabelecer distância num relacionamento abusivo. O amor pode até exigir que você aja contra alguém que você ama – não para prejudicar aquela pessoa, mas para questionar um comportamento pecaminoso ou para proteger outros. No casamento, às vezes, o amor exigirá que você diga não ou desafie seu cônjuge, assim como Deus nos desafia quando precisamos disso.

Comece com uma análise honesta de suas próprias atitudes. Muitos casais tropeçam em suas primeiras tentativas de mudar porque estão expressando uma atitude que mina qualquer esforço de amar. Quando você olhar para o seu cônjuge, você vê alguém que deveria ser amado e receber respeito e honra como uma pessoa? Ou você vê seu cônjuge como um obstáculo para as coisas que você deseja ou como um escudo que não o protege das coisas que você teme? Os melhores interesses de quem mais moldam a maneira como você pensa e se sente em relação ao seu cônjuge?

REFLITA SOBRE ISTO

• Lembre-se de um caso, não em seu casamento, em que você foi usado por

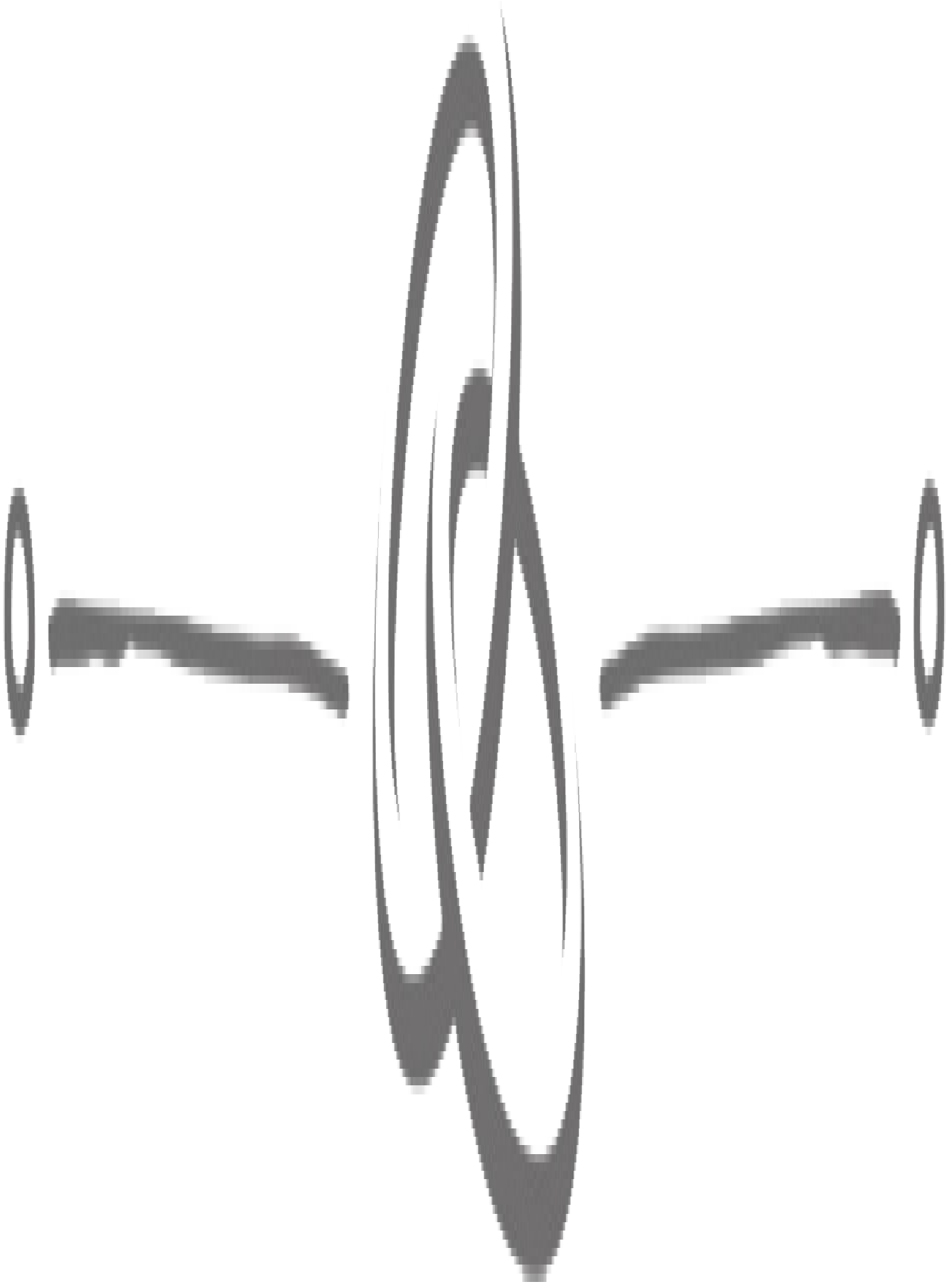
alguém e tratado como um objeto? Como você se sentiu? Por quê?

• Pense nas qualidades e habilidades de seu cônjuge como uma pessoa. Como você pode aprender com elas? Como Deus pode usá-las para ajudar você a crescer? Pense em algumas das frustrações ou momentos comuns típicos do seu casamento. Como Deus poderia estar lhe pedindo a aprender e crescer também com eles?

• Qual é o seu padrão típico de se relacionar com as pessoas? Você tende a se aproximar, a se afastar ou a agir contra os outros? Você reage de maneiras diferentes em relacionamentos diferentes? Você tem um estilo típico em seu casamento?

Honestidade

é importante



O que você aprenderá neste capítulo:

A raiz de muitos problemas de comunicação é uma falta de honestidade.

Por causa de pecado e vergonha, escondemos os nossos pensamentos e sentimentos de nós mesmos e do nosso cônjuge. Nós nos escondemos também de Deus, porque, no fundo, sabemos que o pecado destruiu nosso relacionamento com ele.

Jesus nos dá a segurança para encararmos as coisas que escondemos de nós mesmos, de nosso cônjuge e de Deus. Ele veio para tocar e purificar os desejos, os medos, a vergonha e os pecados que não queremos encarar ou dos quais nem estamos cientes.

Evitando falar do problema

Kevin e Brenda vieram para o aconselhamento por causa de um conflito que não estavam conseguindo resolver sozinhos. Como muitos casais, eles tinham uma noção de que a maneira como estavam se comunicando era parte do problema.

“Acho que não precisamos de ajuda apenas para resolver alguns problemas; acho que precisamos de ajuda para nos comunicar”, Brenda explicou. “De alguma forma, não estamos ouvindo o que o outro diz”. Kevin concordou. Brenda continuou: “É frustrante, porque sempre fomos capazes de nos conectar com facilidade, mas, recentemente, parece que não temos conseguido mais nos conectar”.

Kevin e Brenda estiveram passando por dificuldades financeiras por algum tempo, e, recentemente, Brenda cogitou a ideia de aceitar um emprego em meio período. Ela era uma enfermeira registrada, mas abandonara a profissão quando formaram uma família. Agora que os filhos estavam na escola e o dinheiro

estava apertado, ela pensava que poderia ser um bom momento para voltar ao trabalho. Kevin não estava convencido.

Dentro de poucos minutos, testemunhei o problema de comunicação que Brenda tinha descrito. “Kevin, não entendo qual é o problema. Será apenas em meio período, e prometo que estarei em casa antes que os garotos voltem da escola. Na verdade, acho que você nem perceberá”, Brenda insistiu.

“Acho que você não está sendo realista”, Kevin respondeu. “Você sabe como o trabalho de uma enfermeira pode ser exaustivo. Não vejo como você pode trabalhar como enfermeira sem que isso tenha um impacto negativo sobre a vida do nosso lar”.

Brenda revirou os olhos. “Kevin, qual é o problema?! Ter a casa do jeitinho que você gosta não é tudo. Olhe, precisamos do dinheiro, e eu posso ganhá-lo. Deixa de ser tão infantil!”

“Por que você está tão ansiosa para sair de casa?” Kevin devolveu. “Juro, parece que você não consegue esperar para sair de casa! E por que essa obsessão repentina com o dinheiro? Por que não podemos simplesmente deixar as coisas do jeito que estão e aguentar até esse período financeiro difícil passar?”

Dentro de minutos, ambos pareciam amuados e derrotados. Os olhos de Brenda se encheram de lágrimas, e Kevin tinha dado as costas para ela, olhando para a parede oposta.

Brenda estava certa. Havia problemas de comunicação reais aqui. A rapidez com que sua conversa tinha se transformado numa briga perfeita era um indício de que eles estavam tentando conversar sobre algo muito mais profundo e mais próximo do coração do que empregos e dinheiro. O que levava Brenda a pensar que Kevin estava agindo como uma criancinha? Por que Kevin achava que Brenda estava tentando fugir dele e das crianças? Isso são dicas de questões subjacentes mais profundas sobre as quais eles não estavam conversando aberta e honestamente. As coisas inflamatórias que eram ditas mostravam reações ao que não estava sendo dito e uma incapacidade de lidar com isso.

Honestidade e unidade

Como ilustra a conversa de Kevin e Brenda, honestidade não é apenas uma comunicação sem mentiras. Em certo sentido, poderíamos dizer que Kevin e Brenda estavam sendo honestos (honestos demais), deixando que palavras e pensamentos saíssem de sua boca que tinham mais a ver com julgar um ao outro do que com entender um ao outro. Honestidade não significa dizer a primeira coisa que aparece em sua cabeça ou simplesmente tirar um peso de seu peito. O tipo de honestidade que reflete o amor de Deus exige compartilhar as informações certas da maneira certa, de uma maneira que leva à unidade e crescimento.

Em Efésios 4.25, o apóstolo Paulo o expressa desta forma: “Por isso, deixando a mentira, fale cada um a verdade com o seu próximo, porque somos membros uns dos outros.” Para explicar a importância da honestidade, Paulo usa a imagem do corpo. Lembre-se de como Gênesis 2 descreveu a criação do casamento. Eva foi criada a partir do corpo de Adão. Era a imagem de duas pessoas sendo criadas a partir de uma e de duas sendo unidas como uma: “Por isso, deixa o homem pai e mãe e se une à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne” (Gênesis 2.24). O corpo é usado com frequência como uma imagem verbal para descrever relacionamentos íntimos, de pessoas que se unem num relacionamento de confiança em que as diferentes partes trabalham juntas para objetivos comuns e o bem comum.

A Bíblia também descreve a igreja, a comunidade de Deus, como um corpo. A expressão “uma só carne”, usada para descrever o casamento, é outra maneira de dizer a mesma coisa. Mesmo que Paulo esteja falando a todos na igreja de Jesus, suas palavras podem ser aplicadas diretamente ao casamento; ambos são relacionamentos de conexão íntima.

A ideia básica é que, sem honestidade – o compartilhamento de informações corretas – um corpo não consegue funcionar. Kim, minha esposa, é uma fisioterapeuta. Quando ela começou a exercer sua profissão, ela trabalhava num hospital com pacientes de terapia intensiva. Muitos desses pacientes tinham sofrido um AVC ou lesões na cabeça. Frequentemente, um AVC causa uma interrupção na comunicação entre o cérebro e parte do corpo. Kim voltava para casa com inúmeras histórias sobre o trabalho duro que seus pacientes precisavam fazer para funcionarem novamente, para reestabelecer a comunicação para que pudessem andar e falar. Ela contou sobre pacientes que se chocavam com

ombreiras de portas, batiam seus braços contra mesas ou simplesmente tropeçavam e caíam porque tinham perdido a comunicação com parte de seu corpo. Às vezes, os pacientes se queixavam porque parecia que o membro pertencia a outra pessoa, a alguém que estava trabalhando contra eles. A coordenação automática do nosso corpo é algo que todos nós vemos como algo garantido; sua perda pode ser devastadora.

Às vezes, nosso casamento funciona, ou deixa de funcionar, como se tivéssemos sofrido um AVC. Paramos de compartilhar informações importantes um com o outro. Perdemos nossa habilidade de coordenar nossas vidas e avançar. Não sabemos mais o que está acontecendo com o outro e, por isso, cada esforço de seguir juntos na trilha da vida causa um tropeço, uma queda ou uma colisão dolorosa.

O problema de se esconder

O paraíso perdido, O problema, Gênesis 3

A Bíblia nos diz que, em certo sentido, todos nós sofremos um AVC espiritual. Todos vivem com uma falha de comunicação que torna difícil – e às vezes impossível – sermos honestos. Esse problema nos acompanha desde o início.

A imagem de relacionamento que a Bíblia apresenta no início é um retrato de incrível transparência. Gênesis 2 nos conta que Adão e Eva “estavam nus e não se envergonhavam” (Gn 2.25). Não ignore a importância dessa declaração. Em nenhum outro lugar na Bíblia encontramos nudez sem vergonha. A nudez física de Adão e Eva é uma expressão visível da transparência total que desfrutavam um com o outro e com Deus. Literalmente não tinham nada a esconder, nem por dentro nem por fora.

Jamais experimentamos uma vida sem pecado, por isso, só podemos imaginar como seria viver em transparência e segurança total, sem a necessidade de esconder ou acobertar. Você pode ter vislumbrado isso em seu casamento ou em outras amizades próximas, mas não importa o quanto você ame e confie em seu cônjuge ou em seu melhor amigo, existem coisas que você quer que eles nunca

descubram sobre você. Talvez você tenha dito ou feito algo terrível. Talvez pensamentos carnais, sombrios ou raivosos estejam passando pela sua mente. Ou talvez outras pessoas tenham feito coisas horríveis com você. Existem coisas em nós que não gostamos de encarar, coisas que certamente não queremos que os outros vejam. Antes da queda, Adão e Eva, sem nada a esconder ou evitar, não conheciam esse sentimento. Nudez sem vergonha é uma imagem de transparência, honestidade e segurança completas.

Não demorou, e as coisas mudaram dramaticamente. Adão e Eva se afastaram de Deus e confiaram nas mentiras da serpente. Observe que a primeira coisa que fizeram foi se esconder. Gênesis nos conta: “Abriram-se, então, os olhos de ambos; e, percebendo que estavam nus, coseram folhas de figueira e fizeram cintas para si” (Gn 3.7). É evidente que eles estavam se escondendo de Deus, que os alertara de que não deveriam desobedecer a ele e comer da árvore proibida, dizendo: “no dia em que dela comeres, certamente morrerás” (Gn 2.17b).

Adão e Eva estavam se escondendo também um do outro. Por causa do pecado, não era mais seguro viverem abertamente diante de Deus ou um do outro. Lembre o que pecado e idolatria realmente são: tentativas de ser Deus, fazer com que tudo e todos sirvam a você e aos seus desejos. Pecar significa tratar pessoas como objetos. Simplesmente não é seguro viver abertamente diante de alguém que está disposto a reduzi-lo a uma coisa que existe para o prazer dele ou dela. Você precisa se proteger dessa pessoa. Imagine como deve ter sido para eles passar, num piscar de olhos, de um estado de transparência e segurança completa para um estado de vergonha e medo.

Mas o que não é óbvio em Gênesis 3 é a atividade de se esconder que ocorreu dentro de Adão e Eva. Eles não se esconderam apenas de Deus e um do outro; eles também se esconderam de si mesmos. Começaram a encobrir e negar o que sabiam sobre si mesmos. Gênesis nos conta: “Quando ouviram a voz do Senhor Deus, que andava no jardim pela viração do dia, esconderam-se da presença do Senhor Deus, o homem e sua mulher, por entre as árvores do jardim” (Gn 3.8). Adão e Eva realmente acreditavam que podiam se esconder de Deus?

Adão e Eva podem simplesmente ter sido ingênuos em relação ao conhecimento absoluto de Deus, mas é mais provável que suas ações ilustrem como o pecado não só nos impede de conhecer uns aos outros, mas também de conhecer a nós mesmos. Adão e Eva não suportavam encarar um Deus que os via claramente

com sua culpa nua. Eles não queriam ver a verdade clara: eles eram ímpios, pecaminosos, sem desculpa, e estavam vivendo em vista plena de um Deus santo e irado.

Sob um ponto de vista mais generoso, quem pode culpá-los? Algum de nós suportaria saber quão pecaminoso realmente é? Você realmente quer ver a si mesmo claramente? Você quer lembrar todas as coisas vergonhosas que pensou e fez ao longo dos últimos cinco anos, cinco dias ou até mesmo cinco minutos? Saber isso e saber que Deus o vê é mais do que conseguimos suportar.

Mas, por mais que gostaríamos de evitar, não temos como escapar desse conhecimento. Por termos sido feitos à imagem de Deus, não podemos escapar completamente do conhecimento de nós mesmos, nem da pureza, santidade e ira de Deus. Fomos feitos para sermos iguais a ele e, no nível mais profundo, no nível de nosso DNA espiritual, Deus está inserido em nosso sistema. Quando você se olha no espelho, você não pode se ajudar, mas somente ser lembrado de quem Deus é e de como ele parece. Em todos os seus pensamentos, sentimentos e observações estão impressos lembretes de Deus. Todos eles apontam, de alguma forma, para ele.

Você se irrita quando é maltratado? Deus também. Você se entristece diante de uma perda ou dor? Deus também. Você desfruta as coisas boas deste mundo? Deus as criou. Até mesmo em sua pecaminosidade, você possui a semelhança da sua família. Por ser lembrado de Deus quando você reflete sobre si mesmo, você também sente vergonha por ser pecador. Ser um portador humano e caído da imagem significa sempre experimentar o conhecimento simultâneo de que você é um portador da imagem de Deus e uma pessoa pecaminosa. Em cada um de nós, duas coisas que não poderiam ser mais diferentes uma da outra estão entretecidas.

Ruptura do núcleo de dobra!

Quando éramos garotos, meu irmão e eu adorávamos assistir Jornada nas Estrelas, o seriado original, com Capitão Kirk, Spock, o dr. McCoy e a turma toda. Uma das coisas que aprendi com Jornada nas Estrelas é que a pior coisa que pode acontecer numa nave estelar é uma “ruptura do núcleo de dobra”. Aparentemente, a Enterprise era impulsionada pela fusão de matéria e

antimatéria, duas substâncias completamente opostas uma à outra e que liberam uma energia enorme quando entram em contato uma com a outra. Sob as circunstâncias certas, quando cuidadosamente controlada, a fusão de matéria e antimatéria impulsiona a nave Enterprise pela galáxia com uma velocidade muitas vezes maior do que a velocidade da luz. Mas sempre sabíamos que estávamos diante de um episódio tenso quando o senhor Scot, o engenheiro-chefe, informava a ponte e alertava o Capitão Kirk que uma ruptura do núcleo de dobra estava prestes a acontecer. Em outras palavras, a matéria e a antimatéria estavam prestes a sair de controle, e a Enterprise explodiria em breve como uma supernova. (Felizmente, isso nunca chegou a acontecer.)

De certa forma, todos nós vivemos no perigo constante de uma ruptura do núcleo de dobra espiritual. A "matéria" por sermos a imagem de Deus está sempre em perigo de entrar em contato consciente com a "antimatéria" da nossa pecaminosidade, com o fato de queremos ser Deus em vez de amar a Deus. De um lado, somos programados para conhecê-lo e amá-lo, mas, de outro, nossa pecaminosidade nos leva a nos rebelarmos contra ele e a evitá-lo. Assim, vivemos como pessoas divididas com duas mentes. Às vezes, desejamos genuinamente aproximar-nos de Deus, abraçá-lo, amá-lo e amar os outros. No instante seguinte, podemos sentir o impulso completamente oposto. Desejos selvagens nos dominam, animosidade e raiva irrompem e, por dentro, agitamos nossos punhos contra Deus e outros.

O apóstolo Paulo descreve essa guerra interior desta forma:

O querer o bem está em mim; não, porém, o efetuá-lo. Porque não faço o bem que prefiro, mas o mal que não quero, esse faço. Mas, se eu faço o que não quero, já não sou eu quem o faz, e sim o pecado que habita em mim (Rm 7.18b-20).

Alguma vez você já se sentiu assim? Você já sentiu a loucura de ter duas mentes, uma que deseja fazer o que é certo e uma que quer fazer o mal?

Essa é a dinâmica que se manifesta quando tentamos nos comunicar no casamento. De um lado, queremos que o outro nos conheça e ame. De outro, evitamos conhecer a nós mesmos e, além disso, sabemos que não é

completamente seguro sermos conhecidos por outro pecador. Não sabemos o que deve ser dito e o que deve ser mantido em segredo. Contamos verdades seletivas, às vezes, escondemos do nosso cônjuge as coisas mais importantes que estão acontecendo dentro de nós. O que devemos fazer? Como vítimas de um AVC, lutamos para nos comunicar com outros; lutamos para nos comunicar conosco mesmos e, no melhor dos casos, tropeçamos pelo casamento sem nos conectar de verdade com nosso cônjuge.

A solução de Deus para o nosso problema com a honestidade

Cobertos por Cristo

A tensão de viver como pecador e como portador da imagem de Deus pode, às vezes, parecer desesperador. Mas quando Jesus veio, algo aconteceu que mudou tudo. Em Jesus, as duas coisas que jamais devem entrar em contato uma com a outra – a matéria e a antimatéria da santidade e do pecado – se tocaram. Mas não houve explosão. Não fomos destruídos. Numa reviravolta chocante nos acontecimentos, a santidade de Deus absorveu e destruiu não nós, mas o pecado, para que pudéssemos viver mais uma vez com ele em paz e intimidade.

Essa ruptura do núcleo de dobra chocou e ofendeu alguns. Jesus não só tolerou os pecadores que o seguiam em massa; ele estendeu a mão para eles e os tocou. Ele visitou coletores de impostos em sua casa, convidou prostitutas para que o seguissem, tocou e curou os leprosos, os cegos, os coxos, que eram considerados impuros. Um Jesus santo estendeu a mão e tocou aqueles portadores danificados e rebeldes da imagem de Deus, não para punir, mas para resgatar. Sua falta de santidade não o contaminou; pelo contrário, sua santidade invadiu o coração deles, e eles foram transformados; tornaram-se puros. Deus resolve o problema, não destruindo-nos, mas destruindo nosso pecado.

Não precisamos mais nos esconder atrás de folhas de figueira. Não precisamos mais nos cobrir para evitar a verdade de que vivemos nus e contaminados no mundo de um santo Deus. Em Jesus, Deus diz: “Eu vejo você e não quero que você tenha medo. Eu o farei novo. Você não precisa mais se esconder. Eu cobrirei sua pecaminosidade e vergonha com a perfeição do meu Filho. Saia do

seu esconderijo e seja visto.”

Parte do nosso desafio é que, apesar de termos sido perdoados e aceitos por Deus, ainda experimentamos a presença do pecado em nosso coração. Ainda experimentamos a tensão entre o nosso próprio pecado e a santidade de Deus. A batalha continua. Isso não significa que não somos aceitos por Jesus. Receber o perdão de Deus e ser transformado em um de seus filhos é um evento. Ele ocorre no momento em que admitimos nossa pecaminosidade, nosso estado danificado e nossa necessidade e passamos a confiar em Jesus. Mas, como exploramos num capítulo anterior, a transformação na imagem perfeita de Deus, na imagem de Jesus, é um processo que requer tempo. Durante esse processo, ainda experimentamos a atividade do pecado em nosso coração, mas agora temos o poder do próprio Espírito de Jesus que vive em nós para nos ajudar em cada momento de tentação e necessidade. Se você é um dos filhos de Deus, o pecado já não ocupa mais o centro de sua identidade. Você é fundamentalmente diferente. O amor substituiu a animosidade contra Deus no âmago do nosso ser. Aos poucos, ao longo do restante da nossa vida, você cresce e amadurece na medida em que esse amor cresce e o poder do pecado diminui dentro de você.

O amor e o perdão que Deus lhe dá em Jesus significam que, agora, você pode viver uma vida aberta diante dele. Essas dádivas significam também que você pode viver uma vida aberta diante de seu cônjuge. Você pode dar ao seu cônjuge as mesmas dádivas maravilhosas que Deus lhe deu. Você pode convidar seu cônjuge para viver uma vida aberta diante de você, para ser honesto sobre seus pensamentos, os bons e os maus. E seu cônjuge pode ter a certeza de que você não se afastará. Esse é o presente que todos nós queremos – ser verdadeiramente conhecidos e amados.

Mas conhecer seu cônjuge pode ser tão assustador quanto conhecer a si mesmo. Convidar seu cônjuge para esse tipo de honestidade exige tanta fé de sua parte quanto exige de seu cônjuge. Se seu cônjuge lhe diz o que realmente está acontecendo em seu interior, o que você ouvirá? Honestidade verdadeira, não só as habilidades básicas de falar e ouvir, exige fé: é uma questão de adoração. Você continuará a confiar em seus esforços para se esconder de Deus e de seu cônjuge ou confiará que Deus o amará e protegerá quando encarar o que ouvirá quando você e seu cônjuge praticarem transparência verdadeira? Aprender como ser honesto com seu cônjuge ainda exige sabedoria e cuidado porque, como pecadores, vocês são bastante capazes de abusar da honestidade do outro. Exploraremos os “comos” da honestidade no capítulo seguinte.

A verdade sobre Kevin e Brenda

Como, então, Kevin e Brenda precisam ser honestos um com o outro? Em primeiro lugar, existem verdades que eles precisam admitir a si mesmos antes de poderem compartilhá-las um com o outro – verdades centrais à maneira como eles entendem a si mesmos e referentes à natureza do relacionamento.

Kevin foi criado numa família com quatro garotos, dos quais ele era o caçula. Foi uma infância difícil. O trabalho do seu pai exigia que ele viajasse muito, e ele era um alcoólatra. Quando estava em casa, ele se retirava, dormia muito e costumava se irritar e, ocasionalmente, se comportava de forma abusiva em relação à sua esposa e aos filhos. A mãe de Kevin fazia tudo que podia para criar Kevin e seus irmãos por conta própria, mas seu estresse e sua infelicidade eram evidentes aos seus filhos. Muitas vezes, os garotos precisavam se virar sozinhos. Como caçula, Kevin ficava à mercê de seus irmãos mais velhos, que podiam ser valentões. Não surpreende, então, que Kevin tende a evitar conflitos e preza um lar que é diferente do lar que ele conheceu como criança. Ele deseja relacionamentos (e um casamento) que é confortante e confortável. Ele se irrita e fica ansioso quando problemas com Brenda não são resolvidos rapidamente. Mas nem sempre ele está ciente de como e por que esses sentimentos são tão poderosos. Os sentimentos em si o fazem sentir vergonha, e ele fica sem jeito quando sabe que está reagindo excessivamente.

Brenda foi criada numa família com dois irmãos mais novos. Uma poderosa influência formadora em sua vida foi a morte inesperada de sua mãe quando ela tinha onze anos de idade. Sua mãe tinha sido uma provedora calorosa, e Brenda assumiu esse papel após a morte da mãe. Seu pai continuou a trabalhar duro para sustentar a família, enquanto Brenda assumiu muitas das funções da mãe, cuidando da casa e supervisionando os irmãos. Ela nunca se queixou e encontrava satisfação em fazer coisas significativas e que ela sabia fazer bem. Tornar-se enfermeira parecia ser uma escolha natural para ela quando ela saiu de casa e se formou na faculdade. A enfermagem é mais do que um simples emprego para ela, é uma profunda expressão de um senso de chamado e importância. Cuidar de outros é essencial à sua identidade como uma pessoa. Agora que seus próprios filhos precisam de menos atenção em casa, ela está ansiosa para ampliar seu chamado como cuidadora. Mas Brenda não entende plenamente por que a enfermagem é tão importante para ela, e parte dela teme

que ela realmente aparenta ser uma esposa e mãe que está apenas tentando sair de casa. Ela não sabe como lidar com esses sentimentos conflitantes e certamente não sabe como discuti-los com Kevin, especialmente quando ele parece já ter suposto o pior.

Kevin e Brenda precisam perceber que eles não estão discutindo apenas sobre a logística de finanças e empregos. Cada um está lutando por desejos, medos e crenças profundas e os defendendo. Eles têm vivido com alguns deles por tanto tempo que mal se dão conta de sua existência. Brenda tinha vivido em seu papel como cuidadora por tanto tempo e com tanta satisfação que nem passou pela sua cabeça que esse papel poderia ter alguma falha ou que precisaria ser adaptado de alguma forma. Kevin, por sua vez, lutava contra ansiedades reais relacionadas a conflito e o sentimento de ser negligenciado. Esses sentimentos o faziam se sentir fraco. Quando se conscientizava deles, ele decidia não refletir sobre eles e certamente não queria compartilhá-los com Brenda. Mas se quiserem viver a vida como um só corpo, eles precisam aprender a encará-los e a compartilhá-los.

O caminho para a honestidade

Dê mais uma olhada em Efésios 4.25: “[...] deixando a mentira, fale cada um a verdade com o seu próximo, porque somos membros uns dos outros”. As duas primeiras palavras, “por isso”, indicam que tudo que segue se baseia naquilo que as antecedeu. A expressão “por isso” no versículo 25 nos aponta para a obra de Jesus e para o processo de mudança que acabei de explicar. Comunicação honesta é uma expressão importante de como Jesus nos libertou da nossa necessidade de nos esconder.

Em Efésios 4.17-24, Paulo descreve o processo de amadurecer na imagem de Cristo em termos de “revestir” e “despojar”. Nós nos despojamos de todas as maneiras pecaminosas e inúteis de pensar e agir que corromperam a nossa vida antes de conhecermos Jesus, e nós nos revestimos de todas as novas verdades e maneiras de viver que Jesus nos ensinou. É uma imagem de tirar um conjunto de roupas velhas, sujas e fedorentas, e de vestir roupas novas, limpas e brancas.

A instrução de Paulo de “deixar a mentira e falar a verdade” não é apenas um conselho útil para a comunicação, mas um resultado de estar conectado a Jesus. É o fruto de crescer e amadurecer nele. Não é algo que fazemos como estratégia

para mudar nosso cônjuge; é uma mudança que resulta de estarmos num relacionamento com Jesus. Resgatado e remido por Cristo, você não precisa mais viver uma vida de vergonha e medo interiores. Lembrar-se de que Deus conhece e te ama, e que você não precisa mais esconder quem é pode ser a diferença entre uma comunicação que é a expressão de um amor sincero e uma comunicação manipuladora e egocêntrica.

Mas honestidade não é apenas uma expressão do nosso crescimento pessoal em Cristo. Nossa disposição de dizer a verdade tem tudo a ver com o crescimento de outros seguidores de Jesus. Na primeira metade de Efésios 4, Paulo explica como Jesus nos equipou com tudo que necessitamos para crescer e amadurecer em seu amor. Paulo escreve: “Seguindo a verdade em amor, cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo” (Ef 4.15). Em outras palavras, nossa disposição de falar a verdade uns aos outros é parte de como ajudamos também os outros a crescer em amor e maturidade em Jesus.

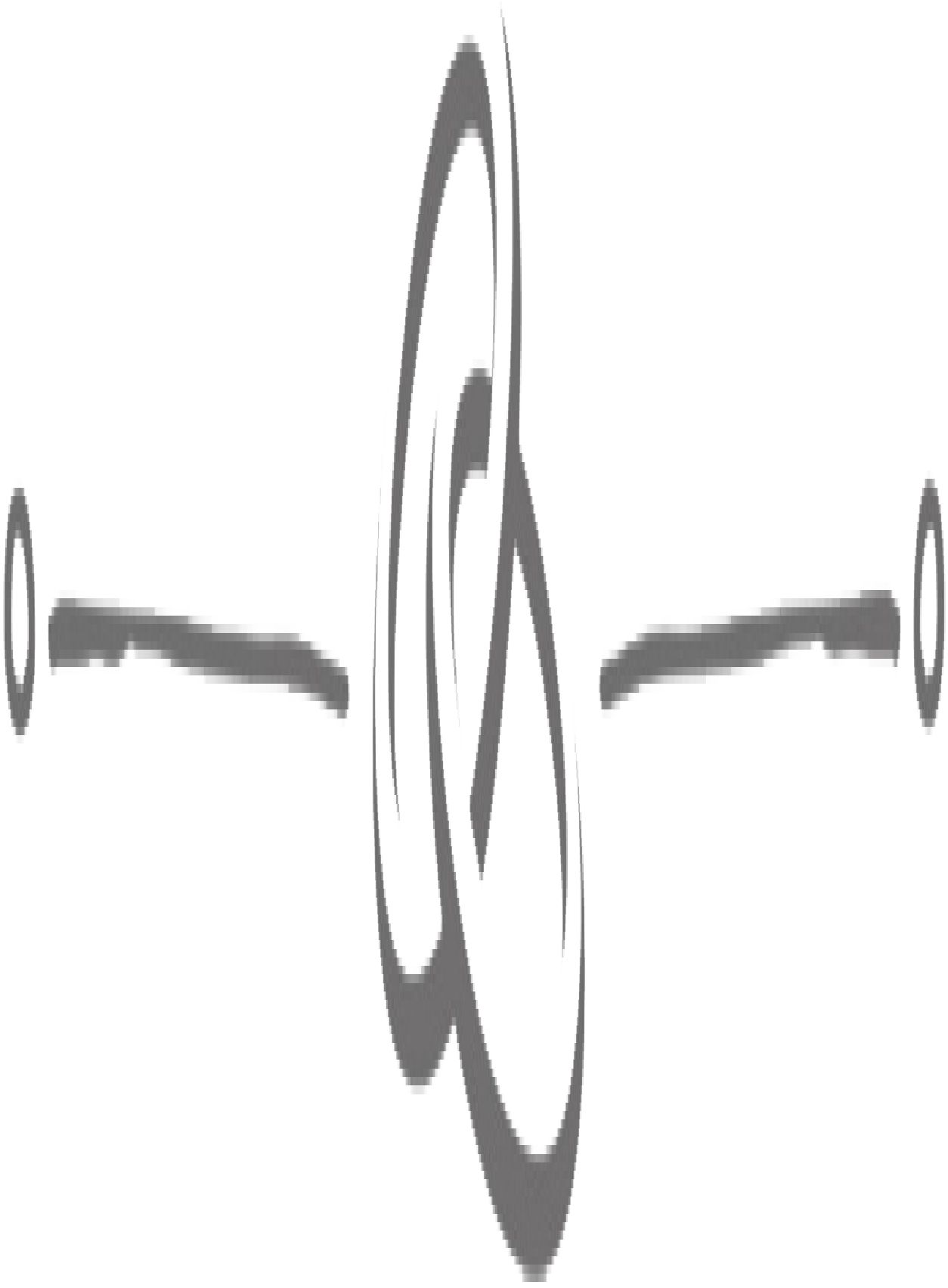
REFLITA SOBRE ISTO

• Que nota você daria à sua honestidade com seu cônjuge numa escala de um a dez, um sendo o menos honesto; e dez, o mais honesto?

• Como seus desejos e medos – ou ídolos – moldam a maneira como você fala com seu cônjuge e outros? Como você argumenta em prol deles? Como você os esconde ou disfarça?

• Que coisas você tem evitado reconhecer em você e compartilhar com seu cônjuge que você pode começar a compartilhar com Jesus?

Sendo honesto em relação a si mesmo



O que você aprenderá neste capítulo:

Muitas vezes, nossas tentativas de comunicação saem pela culatra porque, em vez de revelarmos nossos próprios pensamentos e sentimentos, dizemos ao nosso cônjuge o que acreditamos estar errado com ele.

Emoções exercem um papel importante na honestidade. Quando somos capazes de compartilhar nossas emoções com nosso cônjuge, somos mais eficazes na expressão de um amor sincero.

Raiva e medo são emoções que exigem um cuidado especial. Ambas podem nos tentar a nos encobrir ao invés de nos revelar.

Padrão duplo, rodeios e desorientação são formas comuns, mas sutis de desonestidade que precisam ser evitadas com um cuidado especial.

Revele-se a si mesmo, não o seu cônjuge

“Kevin, qual é o problema! Ter a casa do jeitinho que você gosta não é tudo. Olhe, precisamos do dinheiro, e eu posso ganhá-lo. Deixa de ser tão infantil!”

“Por que você está tão ansiosa para sair de casa?” Kevin devolveu. “Juro, parece que você não consegue esperar para sair de casa! E por que essa obsessão repentina com o dinheiro? Por que não podemos simplesmente deixar as coisas do jeito que estão e aguentar até esse período financeiro difícil passar?”

A conversa de Kevin e Brenda descarrilou no momento em que assumiram uma postura defensiva e pararam de ouvir um ao outro. Em certo sentido, ambos estavam sendo honestos: Brenda acreditava honestamente que Kevin estava sendo infantil e egoísta, e Kevin acreditava honestamente que Brenda não se importava com ele e simplesmente queria se afastar dele. O objetivo de sua honestidade era permanecer escondido e expor o outro. Eles apresentaram acusações honesta, mas não revelações honestas sobre si mesmos.

Esse é, talvez, o erro mais comum que casais cometem. Os cônjuges descrevem as ações, os pensamentos, os sentimentos e as motivações do outro, ao mesmo tempo em que ignoram ou até mesmo escondem os próprios. Eles expõem o outro, ao mesmo tempo em que ocultam a si mesmos. A verdade que seu cônjuge precisa desesperadamente – e a verdade que só você pode dar – é a verdade sobre você mesmo.

Apenas você mesmo sabe o que está pensando e sentindo, e apenas você pode compartilhar isso com seu cônjuge. Em vez de se concentrar nos pensamentos, sentimentos e motivações do seu cônjuge, concentre-se nos seus próprios. Expressões simples como “Eu acho...”, “Eu sinto...” ou “Parece-me que...” podem ajudar a mantê-lo nos trilhos. Ofereça suas observações não como fatos indisputáveis, mas como aquilo que você pensa, sente e observa. Você pode se surpreender com a diferença que isso fará em sua comunicação.

Acima de tudo, quando você falar, mantenha uma atitude de humildade. Reconheça que seu entendimento sempre é moldado e limitado por sua própria percepção. Você nunca vê tudo; você só vê o que vê. Você nunca ouve tudo; você só ouve o que ouve. Lembre-se também de que vivemos com desejos e medos que moldam o que ouvimos. Adoração molda a comunicação. Os ídolos que você adora funcionam como um filtro que elimina as informações que não condizem às suas expectativas. Ídolos também amplificam outras mensagens às quais você é sensível. Aborde cada tema com humildade – com a disposição de aprender algo novo e de corrigir entendimentos defeituosos. Comunique uma humildade que dê espaço para mais informações ou para uma perspectiva diferente.

A importância de compartilhar emoções

Emoções podem nos meter em apuros. No calor do momento, falamos sem pensar, damos vazão à raiva ou cedemos ao medo. Nem sempre as emoções nos ajudam a obedecer a Deus, mesmo assim, fazem parte de quem somos como portadores da imagem de Deus. A Bíblia retrata toda uma gama de emoções – por exemplo: alegria, medo, luto, raiva – e descreve um Deus que expressa essas mesmas emoções. Seguir a Cristo não é um chamado para negar emoções e levar

a vida de um estoico. Na verdade, emoções são um ingrediente crítico na expressão significativa de honestidade.

Em Romanos 12.9, Paulo escreve: “O amor seja sem hipocrisia”. Sem hipocrisia significa “sincero”. Em outras palavras, o amor não deve ser um fingimento ou um espetáculo; ele deve ser totalmente genuíno. Paulo continua e descreve o amor genuíno: “Amai-vos [...] preferindo-vos em honra uns aos outros” e “abençoai os que vos perseguem, abençoai e não amaldiçoeis” – dai mesmo que não recebeis – (Rm 12.10,14). Então escreve: “Alegrai-vos com os que se alegram e chorai com os que choram. Tende o mesmo sentimento uns para com os outros” (Rm 12.15-16a). Amor sincero exige que compartilhemos as emoções uns dos outros – o bom e o ruim, as alegrias e as tristezas. Amor exige que sintamos.

Qual é a conexão entre emoções e amor? Jesus Cristo é Amor. A Bíblia descreve Jesus como um homem que expressava emoções. Ele demonstra raiva ao desafiar a crueldade dos líderes religiosos e o orgulho de seus próprios discípulos (Mc 3.1-6; 8.31-33). Ele chora diante da morte de um amigo (Jo 11.34-36). Jesus oferecia, “com forte clamor e lágrimas, orações e súplicas” (Hb 5.7) e era “um homem de dores e que sabe o que é padecer” (Is 53.3). Deus quer que saibamos que Jesus se importa e nos entende.

Jesus não olhou do alto de uma nuvem e nos disse: “Sei que é difícil viver aí em baixo num mundo danificado com pessoas danificadas”; ele veio e viveu no nosso mundo danificado e expressou vividamente a sua dor e tristeza. As expressões emocionais de Jesus, que nos convencem de sua empatia e de seu cuidado, nos encorajam a confiar e nos aproximar. A Bíblia o diz desta forma:

Porque não temos sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; antes, foi ele tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado. Acheguemo-nos, portanto, confiadamente, junto ao trono da graça, a fim de recebermos misericórdia e acharmos graça para socorro em ocasião oportuna (Hb 4.15-16).

Para vocês maridos, que têm mais dificuldades de compartilhar suas emoções do que suas esposas: Imagine convidar um amigo para assistir ao seu time jogando

na final. Você o convida porque ambos torcem pelo mesmo time. Ele lê a página esportiva, conhece os jogadores do time e até a história e as estatísticas do time. Deveria ser muito divertido assistir ao jogo com ele. Mas, para o seu desespero, durante o jogo, ele é um zumbi sem expressão. Quando seu time faz uma jogada incrível, você joga as batatinhas no ar e grita de alegria; seu amigo simplesmente cruza as pernas. Quando o árbitro apita uma falta que não ocorreu, você briga com ele pela TV; seu amigo cruza os braços e olha para o relógio. Quando seu time perde nos últimos segundos, você fica em agonia; seu amigo, indiferente, faz algum comentário sobre a importância estatística da perda e sobre como isso afetará as carreiras dos técnicos e jogadores.

A maioria dos fãs jamais assistiria a outro jogo com essa pessoa. Por quê? Sua impassibilidade comunica que ele não se importa de verdade. Amar um time não é decorar fatos, mas envolver-se no jogo com o time e com aqueles que o amam.

Agora, aplique isso ao seu casamento. Dizer “Eu te amo” não basta. Você se alegra quando seu cônjuge está alegre? Você chora quando ela chora? Não basta conhecer os fatos e as estatísticas; vocês precisam se envolver no jogo junto – importar-se com lutas, vitórias e derrotas.

Emoções são a moeda do envolvimento pessoal. Emoções comunicam o valor que você dá a algo, da mesma forma como o fazem etiquetas de preço. Quando você gasta muito dinheiro com algo, isso demonstra como aquilo é valioso para você. Quando você se importa profundamente com algo, isso significa que aquilo possui grande valor para você. Suas emoções lhe dizem – e, quando você as expressa, elas dizem aos outros – o quanto algo é importante para você e o quanto você o valoriza. Quanto mais forte a emoção, mais importante aquilo é para você.

O que suas emoções comunicam ao seu cônjuge? Como já no exemplo do jogo, a ausência de emoções não comunica neutralidade, lógica ou inteligência; comunica indiferença. Indiferença pode ser tão doloroso quanto raiva, rejeição ou traição. O resultado final é este: se você não estiver disposto a compartilhar as emoções para o seu cônjuge, é provável que seu cônjuge não se sinta amado.

Mas entenda também que sua indisposição ou incapacidade de compartilhar suas emoções torna difícil também que você experimente o amor sincero de seu cônjuge por você. Repito: suas emoções comunicam o que é importante para você; portanto, se você não compartilhou com seu cônjuge o que é importante

para você, como você pode achar que seu cônjuge te conhece? E se alguém não conhece você de verdade, o quanto significa quando ele ou ela diz que te ama? Alegar amar alguém que você não conhece de verdade significa amar apenas a imagem que a pessoa projeta. Se você não revelou nada além de uma imagem sua cuidadosamente elaborada, é impossível que seu cônjuge esteja amando a pessoa que você realmente é. Em algum nível, você sente a dor e a solidão disso.

Não existe uma única maneira correta de experimentar e expressar emoções. Cônjuges com histórias e traços de personalidade diferentes terão maneiras diferentes de expressar emoções. Em vez de insistir que nosso cônjuge adote seu estilo ou suas preferências, devemos demonstrar amor comunicando a ele como estamos compartilhando suas experiências.

Emoções que dificultam a honestidade

Raiva e medo são duas emoções poderosas que, às vezes, podem dificultar a honestidade. De maneiras diferentes, ambas as emoções podem reforçar a nossa tentação de nos esconder em vez de nos revelar ao nosso cônjuge.

Raiva

Raiva pode ser sedutora. Ela tem um apelo físico e psicológico poderoso. Em termos psicológicos, a raiva costuma destacar os erros dos outros. Ela nos diz que alguém nos tratou injustamente, nos machucou ou ameaçou algo que é importante para nós. É sedutora porque reforça nossa tendência de nos encobrir. Como vimos no caso de Kevin e Brenda, a raiva nos convida a expor nosso cônjuge, culpando-o por aquilo que nos incomoda. Ela nos convida a revelar seus erros, sua nudez, ao mesmo tempo em que desvia a atenção dos nossos próprios erros.

O apelo psicológico só é reforçado ainda mais pelo poderoso apelo físico da raiva. Você sente a raiva em seu corpo. Quando a adrenalina flui e a pressão sanguínea aumenta, você se sente revigorado e quente. A raiva infunde energia e

o deixa pronto para a ação, preparando você para lançar um contra-ataque. Não surpreende que algumas pessoas desenvolvem uma dependência de sua raiva. A injeção de adrenalina em combinação com o desejo inato de se elevar acima dos outros é um poderoso golpe duplo que pode causar danos sérios ao casamento.

A raiva, porém, não precisa ser o inimigo da honestidade. Na verdade, quando examinamos a ira de Deus, descobrimos que ela pode ser uma emoção que gera honestidade construtiva que protege e restaura relacionamentos. Pode parecer estranho que podemos conhecer Deus como amoroso e irado, mas, na verdade é o amor de Deus que motiva sua ira. A raiva humana pode ser destrutiva e perigosa, mas talvez você já tenha visto como ela pode alcançar o bem. Talvez você tenha visto uma mãe correr para tirar seu filho da frente de um carro e então, irritada, repreender o pequenino. Sua irritação é motivada por uma preocupação genuína pelo seu filho, uma raiva que a leva a instruir seu filho imediatamente sobre a importância de ter cuidado no trânsito. Raiva pode ser poluída por motivações impuras, mas isso não nega o fato de que existem razões boas e construtivas para a raiva.

A ira de Deus é motivada por sua santidade, sim, mas também por seu amor. Sua ira o leva a falar e agir para resgatar seus filhos do perigo e para restaurar seu relacionamento com eles. Em ira amorosa, ele se dirige ao problema real, nosso pecado, alertando, implorando e nos chamando para longe do perigo. Ele usa consequências para nos instruir. No fim, ele deu seu único Filho para corrigir os nossos erros e pagar a penalidade por nossos pecados que nós merecemos. A morte de Cristo na cruz é, ao mesmo tempo, um ato de amor e um ato de ira. Em seu amor, Deus ataca nosso verdadeiro inimigo, o pecado, derramando sua ira e seu juízo sobre ele e criando uma maneira para que nós pudéssemos ser restaurados a ele.

Sua raiva pode se tornar mais semelhante à ira de Deus na medida em que você o adorar. Você pode usar a energia de sua raiva para examinar a si mesmo, não só seu cônjuge. A fim de exibir a ira justa de Deus, você deve se irritar com o pecado sempre que o encontrar – especialmente em si mesmo. Após identificar seu próprio pecado, após abandoná-lo e receber o perdão de Deus, então você pode voltar sua atenção para os erros de seu cônjuge com humildade e amor. Examinaremos isso mais de perto no capítulo sobre conflitos. Por ora, lembre-se de que o problema real não é a raiva; o problema verdadeiro é usar a raiva para servir ao ego e não a Deus e aos outros.

Medo, vergonha e mágoa

O medo, diferentemente da raiva, não possui apelo psicológico ou físico. O medo me mantém concentrado naquilo que pode acontecer em seguida. O medo também libera adrenalina e aumenta o pulso, mas não gera sentimento de poder. Não lhe dá nenhum senso de controle; ele faz com que você queira fugir e se esconder para se proteger. Em certo sentido, medo é uma emoção de exposição ao perigo. Visto que todos nós lutamos com um coração e ações pecaminosos, podemos supor que, muitas vezes, honestidade e medo andam juntos. Sabemos que devemos ser honestos, mas temos medo.

Nosso medo de honestidade é legítimo. Quando dizemos ao nosso cônjuge como ele nos magoou ou ofendeu, ou quando confessamos como nós o magoamos e ofendemos, nós lhe damos o poder de nos atacar quando estamos vulneráveis. Se eu disser à minha esposa: “Eu realmente fiquei magoado quando você disse que eu deveria perder peso”, corro o risco de ouvi-la repetir o mesmo. Se ela quiser me machucar, ela pode usar essa informação como uma arma e me chamar de “gordinho” ou fazer comentários sarcásticos à mesa de jantar. Obviamente, se meu cônjuge tiver um histórico de abusar da minha honestidade, então meu medo me dirá que eu devo ser cauteloso em minha maneira de praticar honestidade com ele ou ela. Em casos assim, precisamos conversar primeiro sobre como a honestidade tem sido abusada no passado e como isso está prejudicando o casamento.

Muitas vezes, nossos medos são mais antigos do que a nossa história com nosso cônjuge. Tememos honestidade porque, como descendentes de Adão, temos a certeza desde o nascimento que, se formos realmente conhecidos, seremos rejeitados e punidos. É quando precisamos ouvir o evangelho – Deus nos amou revelando a si mesmo como nosso gracioso e amoroso Salvador. Com a misericórdia e o amor que Deus nos dá, podemos revelar a nós mesmos ao nosso cônjuge e permitir que ele cubra nossa nudez com graciosidade e amor, e nós também cobrimos sua nudez da mesma forma. É assim que adorar a Deus nos aproxima da honestidade.

Desemaranhando medo e raiva

Alcançar a verdade sobre si mesmo é, muitas vezes, mais complicado do que admitir como você se sente. Às vezes, a nossa experiência com raiva ou medo (ou alguma outra emoção) o leva a confundir um com o outro ou a se agarrar a um e negar o outro.

Algumas pessoas, por exemplo, decidem ser irritados em vez de ter medo. Preferem a justificação própria proativa da raiva à fraqueza servil do medo. Consequentemente, elas evitam o medo (ou outras emoções que transmitem uma sensação de vulnerabilidade), canalizando-o para a raiva. Por exemplo: em vez de dizer à minha esposa que estou magoado porque ela me disse que devo perder peso, eu a ataco: “Não acredito que você acabou de dizer isso!” e saio do quarto batendo a porta. Talvez eu esconda minha mágoa ainda mais lançando um contra-ataque: “Eu devo perder peso? Sugiro que você se olhe no espelho!” Eu não só evito a dor de encarar minha mágoa, mas também afago meu ego ao rotular minha esposa como hipócrita.

Outras pessoas tiveram experiências tão negativas com a raiva que elas não conseguem admiti-la em si mesmas, muito menos nos outros. Talvez tenham sido criadas em lares abusivos, onde a raiva corria solta e onde a chacina causada por ela as faz querer se distanciar o máximo possível. Há também pessoas que nunca viveram um exemplo de raiva. Talvez tenham crescido num lar em que paz e tranquilidade eram os valores dominantes e em que a raiva não exercia papel nenhum. Ou talvez foram severamente punidas ou evitadas por expressarem raiva. Às vezes, a raiva dessas pessoas é canalizada em medo ou tristeza. Incapazes de expressar uma raiva legítima e articular erros, elas se tornam ansiosas em relação à sua raiva, ou incapazes de identificá-la ou temendo que se transformem nas pessoas abusivas e irritadas que conheceram.

Qualquer que seja o caso, nós podemos ser nossos próprios maiores obstáculos para a honestidade. Às vezes, acreditamos que estamos sendo honestos e abertos quando expressamos nossas emoções, mas as próprias emoções são um contraste que usamos para evitar questões mais profundas. Ao explorarmos formas comuns de desonestidade, esteja alerta a como suas emoções podem estar envolvidas.

Formas comuns de desonestidade

Com a exceção de mentiras diretas, grande parte da desonestidade que frustra a comunicação é sutil, de um tipo que talvez você nem reconheça como desonestidade. Existem três formas de desonestidade que regularmente impedem uma comunicação honesta: padrão duplo, rodeios e desorientação.

Padrão duplo

Nossa relutância diante da honestidade pode colocar nosso cônjuge numa verdadeira enrascada. Escondemos a verdade apresentando-a em conjunto com uma mensagem contraditória, que torna praticamente impossível que ele saiba como responder. Não importa à qual mensagem responda, ele perde – esse é o "padrão duplo".[11]

O padrão duplo que todos nós já vimos caricaturado na TV envolve uma esposa que mostra uma roupa ao marido. Ela pergunta: "Você acha que essa nova blusa me faz parecer gorda?" Cada saliência grita a resposta que qualquer espelho lhe daria. Suor frio começa a escorrer pela testa do marido. O que ele deve fazer? De um lado, ela parece estar pedindo uma resposta honesta. A blusa a faz parecer gorda. Mas a experiência ensinou ao marido que ela não reage bem a essa mensagem, não importa o cuidado com que ele a formule. De outro, se ele não for honesto e lhe disser que ela está fantástica, ela provavelmente o acusará de mentir porque, como ela se olhou no espelho, é óbvio que ela vê as mesmas saliências que ele vê. As mensagens conflitantes "Seja honesto comigo" e "Não me diga que eu pareço gorda" criam um padrão duplo que levam o marido a se encolher ou, no mínimo, a evitar o quarto quando sua esposa estiver se arrumando.

Maridos são igualmente capazes de criar um padrão duplo. Um que reconheci em mim mesmo é fazer bico. Fazer bico é exatamente aquilo que você imagina: uma aparência de tristeza ou irritação acompanhada de silêncio e retraimento. Funciona assim: Kim faz algo que me irrita ou fere meus sentimentos. Em vez de conversar honestamente sobre isso, fico emburrado e me retraio. Quando ela me pergunta o que aconteceu, eu respondo: "Nada". Mas o tom da minha voz, minha expressão facial e a linguagem do meu corpo respondem: "Tudo!" O que ela deve fazer? Se ela prestar atenção na linguagem do meu corpo e questionar

minhas palavras, eu me irrito ainda mais com ela por duvidar de mim. Se ela acreditar em minhas palavras e ignorar a linguagem do meu corpo, meu bico fica ainda maior e fico fervendo por dentro, pensando: “Viu? Ela não se importa! Se ela se importasse, ela me perguntaria o que há de errado!” A minha desonestidade a colocou numa situação em que ela só pode perder.

Fique atento a contradições em sua comunicação. Tente perceber quando o tom da sua voz, sua expressão facial ou a linguagem do seu corpo contradizem suas palavras. Alguma vez você já gritou: “Eu não estou irritado!” enquanto seu rosto fica vermelho e as veias aparecem em sua testa? Alguma vez você já disse: “Sinto muito”, com um tom de total desdém e nojo que imediatamente destrói qualquer efeito reconciliatório que suas palavras poderiam ter tido? Você está colocando seu cônjuge num padrão duplo. Mensagens de padrão duplo escondem a verdade e pioram uma situação já difícil.

Rodeios

Às vezes, tentamos amenizar a verdade comunicando indiretamente ou fazendo insinuações. Fazemos comentários que, se entendidos corretamente, poderiam ofender nosso cônjuge. Então, escondemos a mensagem num comentário ou comportamento de improviso. Isso nos dá margem de manobra para negar que a mensagem ofensiva era aquela que queríamos comunicar.

Uma esposa, por exemplo, quer que o marido ajude mais nas tarefas de casa, mas descobriu que pedir sua ajuda apenas o irrita. Então, ela fica atenta a oportunidades de transmitir essa mensagem de outras maneiras. Ela sabe que ele preza seu tempo juntos no fim do dia, então, durante algumas noites, vai para a cama uma ou duas horas mais cedo, explicando a ele que ela está cansada demais por causa das tarefas domésticas para ficar acordada. (Dica: Se você me ajudasse, eu estaria disponível para passar mais tempo com você.) Como o marido deve reagir? Mesmo que entenda a dica, é difícil que responda bem. Sua esposa não está sendo honesta, e ele se sente manipulado. Se ele se ofender e responder com raiva: “Eu sei, você está tentando me dizer que devo ajudar mais por aqui”, sua esposa pode negar que ela estava tentando enviar qualquer mensagem e dizer ao marido que ele é sensível demais e está reagindo excessivamente.

Desorientação

Às vezes, a verdade é difícil demais para manusear. Não conseguimos conter nossa raiva e frustração, mas temos medo de encarar a questão real. Assim, em vez de falar sobre o problema real, inventamos outro.

Por exemplo, mesmo que a intimidade sexual seja importante para muitos maridos, eles hesitam em conversar sobre ela com a esposa. Um marido pode ficar aborrecido se achar que não está havendo intimidade sexual frequente ou regular ou se sentir que sua esposa não tem demonstrado muito interesse. No entanto, discutir o assunto aberta e honestamente com sua esposa parece arriscado demais. Quanto mais aumenta a sua frustração, mais difícil fica escondê-la, mas ele prefere conversar sobre qualquer outra coisa para não ter que dizer que ele sente falta de sua esposa. Em vez disso, desconta sua frustração e raiva em qualquer coisa que esteja entre ele e os afetos de sua esposa. Tudo é um alvo justo, desde as crianças que precisam de ajuda com suas tarefas de casa até o longo telefonema da esposa com sua mãe.

“Não entendo por que você precisa ficar segurando a mão dos nossos filhos o tempo todo enquanto estão fazendo suas tarefas de casa! Eles precisam estudar por conta própria! Você não pretende ir para a faculdade com eles, pretende?”

“O telefone fica interrompendo nossas noites o tempo todo, e estou cansado disso! Precisamos de tempo em família sem perturbações. Pra mim chega! Vou estabelecer um limite! O telefone fica desligado depois das sete da noite!”

O problema verdadeiro nunca é mencionado. Dar vazão à raiva pode trazer algum alívio temporário para o marido, mas sua esposa certamente não está mais próxima de entender o que realmente está o incomodando, e certamente não está em clima romântico após ser atacada por algo que, normalmente, passa despercebido.

A raiz de tudo

Em todas as três formas de desonestidade, uma mensagem é camuflada para proteger o remetente. Ele tenta permanecer seguramente escondido, ao mesmo tempo em que obriga ou estimula o cônjuge a se mostrar.

Em sua raiz, essas estratégias tratam de egoísmo e autoproteção – de conseguirmos os resultados que queremos sem amarmos nosso cônjuge. No ato da desonestidade, estamos nos recusando a crer que podemos realmente confiar em Jesus e sair do nosso esconderijo. Em vez disso, permitimos, como Adão e Eva, que ocultação e vergonha dominem o dia. Dizemos que acreditamos na verdade do amor de Deus e do perdão em Cristo, mas a forma como comunicamos conta outra história. Confiamos em nós mesmos e tentamos criar segurança a custo do nosso cônjuge e casamento.

REFLITA SOBRE ISTO

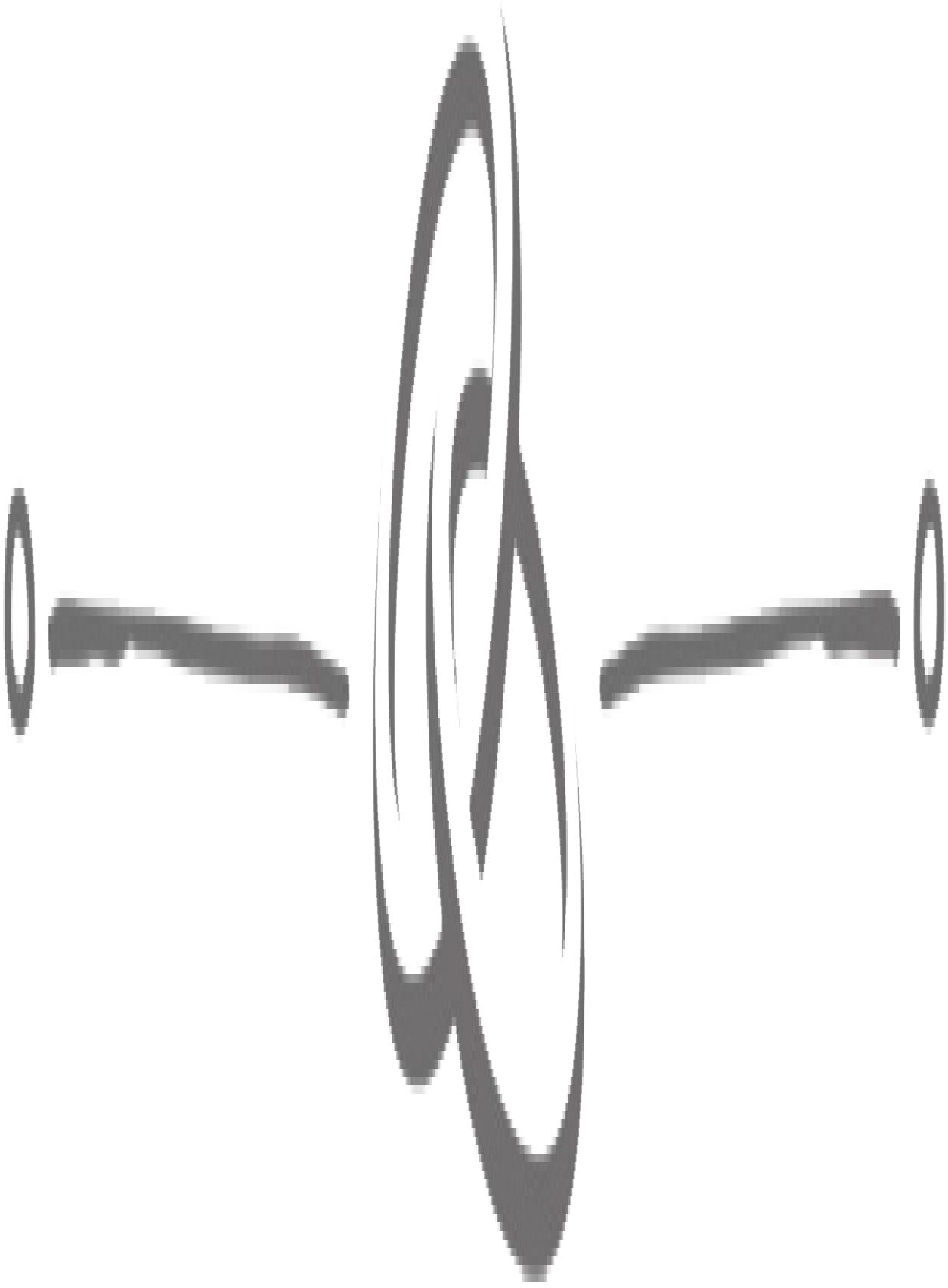
• Como você expressa suas emoções? É difícil para você colocá-las em palavras? Sua raiva serve para encobrir seu medo, sua vergonha ou sua mágoa?

• Lembre-se de uma recente briga com seu cônjuge. Que percentagem de suas afirmações foram revelações sobre seus próprios pensamentos e sentimentos e que percentagem de suas afirmações tratavam das ações e motivações de seu cônjuge?

• Quais estratégias você costuma usar para evitar ser honesto com seu cônjuge? Quando você usou padrão duplo, rodeios ou desorientações para evitar a honestidade?

Dizendo a verdade

ao cônjuge



O que você aprenderá neste capítulo:

Comunicação honesta não significa dizer a primeira coisa que lhe passa pela cabeça. O objetivo é sempre falar a verdade em amor com o propósito de edificar o outro.

Exageros, palavrões, leitura de mente e humilhação são maneiras típicas como casais distorcem a verdade e se comunicam de forma destrutiva.

Uma honestidade que constrói relacionamentos afirma o amor de Deus ao nosso cônjuge, fundamenta-se numa compreensão cuidadosa dele e é sensível ao momento em que usamos as nossas palavras.

Às vezes, os comportamentos e as palavras destrutivos de um cônjuge tornam insegura a comunicação honesta. Em situações assim, compartilhe pensamentos e sentimentos com cuidado ou até permaneça em silêncio.

Verdade inútil

Quando Kim se casou comigo, ela assumiu um fardo que não tinha esperado – em certo sentido, ela se tornou anônima. O nome de solteira de Kim é Leith, e quando ela assumiu meu nome de família, ela se tornou Kim Smith – um nome tão comum quanto Maria da Silva. Estávamos casados havia poucos meses quando, durante uma viagem de carro de oito horas nas férias, ela compartilhou comigo que, às vezes, ela desejava ter ficado com Leith como seu último nome. Fiquei chocado. Afinal de contas, eu tinha sido um Smith durante toda a minha vida e me orgulhava do meu nome de família e da minha herança. Eu não via Smith como um nome comum, mas sim popular. Além de me sentir ofendido, eu me perguntei: havia outras coisas que ela não gostava em ser a senhora Kim Smith? Seria o nome apenas o topo do iceberg?

Durante horas, brigamos sobre as qualidades relativas dos dois nomes de família, brincamos com a ideia de unir os dois com um hífen e debatemos as razões pelas quais a esposa assume tradicionalmente o nome do marido. Enquanto isso, nossas emoções e nossa postura de defesa intensificaram. Quando faltava ainda uma hora de viagem, eu disse: “Olhe, o fato de você não gostar do meu último nome me magoa, e quero que você pare com isso!” Para ser justo, devo dizer que ela tem sido Kim Smith desde então sem qualquer objeção. Agora, rimos sobre isso como uma de nossas primeiras brigas memoráveis. Talvez a razão dessa briga tenha sido algo que nenhum de nós consegue lembrar. Mas nós lembramos esse episódio como um exemplo de honestidade equivocada. Quase vinte anos mais tarde, simpatizo completamente com a perda do nome distinto que ela sempre conheceu, mas, ao mesmo tempo, dizer-me como o meu era entediante não serviu a um bom propósito. Sim, ela estava sendo honesta, mas não era uma honestidade muito útil.

Fala nociva – linguagem que destrói

Talvez você tenha sofrido momentos de honestidade muito mais sérios em seu casamento. Uma esposa diz ao marido que deseja ter se casado com outra pessoa. Um marido diz à esposa que ele sonha em ser solteiro novamente. Não importa quão verdadeiros possam ser tais declarações, dizê-las só porque são verdadeiras é como jogar um fósforo aceso num barril de pólvora. É esse o tipo de honestidade que Deus quer – uma honestidade que destrói um casamento como uma carga explosiva usada para derrubar um prédio? Honestidade é sempre a melhor política?

Lembre-se das palavras do apóstolo Paulo em Efésios 4.25: “Por isso, deixando a mentira, fale cada um a verdade com o seu próximo, porque somos membros uns dos outros.” A admoestação de Paulo para falarmos a verdade trata do desejo de Deus que cresçamos para sermos mais semelhantes a Cristo.

Deus não nos instrui a simplesmente falar a verdade, mas a falar a verdade em amor (Ef 4.15). Como aprendemos, a palavra amor não é definida pelas nossas preferências pessoais, mas por Deus e seus propósitos. Falar a verdade como Paulo descreve trata de compartilhar informações de uma maneira que ajuda

você e seu cônjuge a avançar no caminho do amadurecimento em Cristo. O casamento precisa de uma verdade moldada e orientada pelo amor, não como um resultado de aliviar a pressão. Na verdade, a Bíblia chama de loucura dizer o que estiver em sua mente sem pensar antes, seja aquilo verdade ou não. Provérbios 12.23 afirma: “O homem prudente oculta o conhecimento, mas o coração dos insensatos proclama a estultícia”. Esse e outros provérbios (Pv 12.18; 17.27; 18.6-7) reforçam a sabedoria de que, só por estarmos pensando ou sentindo algo, isso não significa que devemos dizê-lo.

A pessoa sábia entende como palavras podem ser poderosas e as usa com cuidado. Honestidade construtiva exige que conheçamos a diferença entre aquilo que pensamos e sentimos e aquilo que devemos compartilhar. Sabedoria significa também que conhecemos o nosso cônjuge bem o bastante para poder decidir o que deve ser compartilhado e, como e quando isso deve ser feito.

Paulo descreve a cooperação entre verdade e amor desta forma: “Não saia da vossa boca nenhuma palavra torpe, e sim unicamente a que for boa para edificação, conforme a necessidade, e, assim, transmita graça aos que ouvem” (Ef 4.29). Honestidade construtiva, ou fala saudável, é a coisa mais benéfica no momento, seja uma palavra gentil, um encorajamento, uma correção, um alerta ou até mesmo silêncio.

Assim como existem formas de desonestidade que se infiltram em nossa comunicação, existem também várias formas de expressão honesta carregadas de conteúdo corrosivo.

Exageros – só, sempre, jamais

Às vezes, um cônjuge tem algo legítimo para compartilhar com o outro, mas exagera ao ponto de tornar quase impossível que o outro cônjuge o aceite. Imagine, por exemplo, que você acaba de explodir e, num ataque de raiva, você diz algumas palavras duras. Após alguns minutos, você se acalma e percebe que precisa pedir perdão. Quando você tenta pedir perdão, seu cônjuge responde: “Sabe, ajudaria se você não fosse tão crítico o tempo todo! Você nunca me diz algo positivo!” Como você reagiria a isso? Talvez, pensaria: Eu sou crítico o “tempo todo”? Eu “nunca” digo algo encorajador? Ok, errei; e tenho errado antes, mas será que não fiz a coisa certa uma única vez? Seu primeiro impulso é,

provavelmente, defender a si mesmo usando exemplos das vezes em que você foi, de fato, apoiador e encorajador – o que, evidentemente, seu cônjuge descartará imediatamente. Você ainda está disposto a pedir perdão?

Seu cônjuge esteve certo ao comunicar-lhe o quanto suas críticas irritadas podem magoá-lo, mas a verdade foi distorcida por exageros ofensivos que tornam difícil você ouvir o que precisa ouvir. Em vez disso, você acaba na defensiva.

Observe como, no calor do momento, algumas poucas palavras exageram uma verdade e criam uma nova ofensa. Dizer que alguém sempre ou só faz a coisa errada ou nunca faz a coisa certa é um exagero ofensivo. Palavras como sempre, nunca e só são absolutos que tornam difícil aceitar a verdade e criam uma ofensa em vez de consertar uma.

Veja como teria sido diferente se seu cônjuge tivesse ouvido primeiro ou começado dizendo: “Sabe, realmente me machuca quando você perde o controle desse jeito. E, às vezes, eu sinto que eu decepciono você mais do que o deixo feliz.” Isso poderia ter aprofundado a sua compreensão sobre o que aconteceu, o que teria aprofundado o seu pedido de perdão em vez de anulá-lo.

Palavrões

“Você é um mentiroso!” “Você é um canalha!” “Você é um monstro!”

No calor da batalha, cônjuges dizem coisas que são especialmente destrutivos. Usam palavrões – tomam o comportamento que os magoou e o usam para rotular o outro. Em vez de dizer: “Sinto que você não está sendo honesto comigo”, eles dizem: “Você é um mentiroso”. Em vez de dizer: “Você realmente me machucou quando disse que...”, eles dizem: “Você é um canalha!” Perdedor, mentiroso e canalha são apenas alguns dos palavrões que ouço com frequência como conselheiro conjugal.

Você sabe muito bem que essas palavras machucam, mas talvez você não entenda por que elas são tão prejudiciais. Palavrões e exageros funcionam da mesma forma e têm um efeito semelhante. (Palavrões são um tipo de exagero.) Ambos reduzem a identidade do cônjuge ao seu comportamento pecaminoso. Palavrões e exageros comunicam: “Você não é mais nem melhor do que aquilo que acabou de fazer”. É uma declaração poderosa e, se você permitir que ela o

afete, esmagadora. Quando sua identidade, quem você é, está sob ataque, é muito difícil responder de maneira positiva.

Leitura da mente – supondo o pior

Stewart e Tammy tiveram uma briga feia esta manhã, dizendo e gritando coisas horríveis. Cinco minutos atrás, Stewart voltou para casa com uma dúzia de rosas, beijou a esposa apaixonadamente, anunciou que tinha arranjado uma babá e convidou Tammy para jantar num restaurante fantástico, o restaurante favorito dela.

Irritada, Tammy empurrou Stewart para longe de si e proclamou: “Eu sei o que você está tramando! Você quer que eu esqueça tudo que você disse hoje de manhã, finja que nada aconteceu, que eu me derreta toda, para você me levar para jantar e fazer sexo comigo depois! Esqueça!” Tammy correu até o quarto e bateu a porta. Ela agiu como se tivesse lido a mente de Stewart, como se soubesse não só o que ele estava fazendo, mas também por quê – e era terrível.

Tammy estava certa sobre Stewart? Quem sabe? Surpresas e presentes têm sido a reação comum de Stewart a brigas. Presentes têm o efeito de encobrir o conflito ao invés de resolvê-lo. Mas isso significa que Stewart está sendo manipulador? Significa que está apenas querendo sexo? Isso o torna insensível? Talvez, mas é possível também que Stewart simplesmente não conheça outra maneira de se recuperar. Talvez não saiba como resolver o problema e esteja com medo de se envolver nele novamente. O fato é: nós não sabemos; Tammy não sabe; talvez o próprio Stewart não saiba por que faz o que faz. O que sabemos é que, agora, Stewart e Tammy estão mais enfurecidos do que nunca e que não estão mais próximos de resolver seus problemas.

Às vezes, ler a mente do outro é uma estratégia de autoproteção. Quando supõe o pior, você acredita que consegue se defender de surpresas desagradáveis ou de ser ferido da mesma maneira como foi ferido no passado. Mas qualquer que seja o benefício que você acredita obter da leitura da mente de seu cônjuge, ele é superado em muito pelos danos ao seu casamento.

Em primeiro lugar, ler a mente do outro tende a extinguir qualquer coisa positiva que possa ter motivado seu cônjuge. Quando você lê a mente de seu cônjuge, você o pune até por tentar fazer o bem. É claro, qualquer um pode ser

manipulador, mas Deus pode operar em todos. Se Deus está operando, é possível que Stewart esteja estendendo a mão para consertar o dano que causou. Os primeiros passos são sempre desajeitados e, muitas vezes, ineficazes, mas é por isso que são chamados primeiros passos.

Em segundo lugar, ler a mente destrói o âmago da comunicação, a necessidade de compartilhar informações. Se você já sabe o que estou pensando e porque estou fazendo aquilo, por que eu deveria me dar ao trabalho de explicar para você? E se o resultado de todos os meus esforços até agora é que você acredita o pior sobre mim, por que eu me arriscaria a lhe oferecer mais informações? Qualquer coisa que eu diga só servirá para confirmar a conclusão à qual você já chegou – à pior conclusão possível.

Se você tem medo de ser enganado, então diga. Se Tammy tivesse pensado um pouco antes de falar, ela poderia ter dito: “Quero acreditar que você esteja tentando fazer algo legal, mas tenho medo de ser machucada novamente. Não quero fazer de conta que aquilo não aconteceu”. Ou: “Eu realmente quero me divertir com você hoje à noite, mas não estou disposta a parar de conversar sobre nosso problema, e não estou pronta para ser íntima com você hoje à noite. Podemos ir para o restaurante como forma de declarar uma trégua para que possamos descobrir uma maneira melhor de conversar sobre as coisas?”

Humilhação

Em algum momento durante uma sessão de aconselhamento com um casal desesperado, a esposa ficou tão irritada, tão aflita e desesperada para que eu tomasse o partido dela contra seu marido que ela deixou escapar: “Você não entende o quanto ele é doente! Eu não lhe contei o que ele fez na faculdade?”

No mesmo instante, seu marido se virou para ela e fixou com olhos arregalados. Antes que ela pudesse continuar, eu levantei meu braço e disse: “Pare! Não diga mais nenhuma palavra!” Eu não poderia ter sido mais enfático ou decidido a impedi-la se ela tivesse tirado o pino de uma granada e estivesse ameaçando jogá-la nele. Até hoje, não sei o que ela estava prestes a dizer, mas eu sei que, se ela tivesse dito, isso teria sido o fim do aconselhamento e, possivelmente, do casamento. Seu marido teria sido humilhado e, provavelmente, ficado enfurecido por aquilo que ela queria compartilhar.

Um dos maiores desafios à honestidade é a vergonha, nosso senso de que existem coisas em nós que nos tornam inaceitáveis e impossível de sermos amados, coisas que acreditamos precisar esconder. O casamento nos dá uma oportunidade de dar e receber o mesmo tipo de amor que Deus nos dá, um amor que comunica que podemos ser conhecidos e amados. Então, é especialmente grave quando, num momento de raiva, um cônjuge usa algo que você compartilhou num momento de intimidade e segurança como uma arma contra você. Quando você humilha seu cônjuge dessa forma, você não só o humilha, mas trai a sua confiança, e você está ativamente atacando a obra do evangelho em sua vida. Onde Deus diz: "Você foi perdoado", você diz: "Você sempre foi culpado". Onde o evangelho diz: "Agora você está purificado", você diz: "Você continua imundo". Quando você humilha seu cônjuge, você está ofendendo não só seu cônjuge, mas o próprio Deus.

Raízes espirituais

Essas categorias de fala destrutiva expressam um desligamento do amor de Deus. Exageros, palavrões, leitura de mente e humilhação refletem, todos eles, as nossas convicções, por mais momentâneas que sejam, de que precisamos nos defender atacando o outro. Refletem uma postura mental de medo que não encontra segurança ou proteção no amor de Deus – uma postura mental que não consegue acreditar que o amor é mais poderoso do que o mal. Representam também um punho levantado contra Deus – a insistência em fazer as coisas do seu jeito em vez de confiar nele.

Em momentos assim, não estamos nos vendo da maneira como Paulo descreve em Efésios 4. Não estamos nos vendo como filhos de Deus, como membros de um só corpo, que devem se despir de suas maneiras velhas e ignorantes de fazer as coisas e vestir as maneiras novas de fazer as coisas na medida em que nos tornamos cada vez mais semelhantes a Jesus. Em vez disso, falamos como se ainda estivéssemos nos escondendo entre as árvores com Adão e Eva, como se estivéssemos por conta própria, esperando o pior de Deus e do nosso cônjuge. Além disso, falar dessa maneira significa negar que Deus está operando em nosso cônjuge. "Você só está se enganando", essa linguagem diz. "Você está tão perdido como sempre esteve".

Todas essas maneiras destrutivas de falar têm em comum o objetivo de tentar

mudar nosso cônjuge dizendo-lhe como ele está irremediavelmente estragado. Não estamos apenas lhe dizendo que ele é uma pessoa com problemas, um filho de Deus que precisa crescer, mas que ele é as coisas pecaminosas que ele faz, que ele é um pecador sem esperança.

Falando nisso, isso nunca funciona. Raramente as pessoas mudam de verdade porque alguém lhe diz que estão tão estragadas que nem Deus consegue mudá-las! Fato é que, se elas realmente acreditassem nos exageros, nos palavrões, na leitura de sua mente e na humilhação, não faria sentido esperar que elas mudem. Se eu sou um mentiroso, um mentiroso no núcleo do meu ser, então é claro que sempre mentirei. Não tenho como ser outra coisa. Se eu sou um canalha, sempre me comportarei como um canalha.

Qual é a alternativa?

Fala benéfica

Fala benéfica afirma identidade

Como pai de três filhos, passei mais tempo assistindo a filmes da Disney do que gostaria de admitir, mas um filme tem me acompanhado ao longo dos anos – O Rei Leão. Talvez você se lembre do enredo: o herói da história é um pequeno leão chamado Simba, filho do rei Mufasa e herdeiro ao trono. Mas Scar, o maligno tio de Simba, assassina Mufasa e convence Simba que o pai morreu por sua culpa. Sentimentos de culpa e vergonha fazem com que Simba fuja, e Scar assume o trono. Simba se torna adulto na selva com dois novos amigos (um javali africano e um suricato), que lhe ensinam sua filosofia de vida, hakuna matata, que significa “sem preocupações”. Simba tenta esquecer o passado e viver uma vida de tranquilidade na selva com seus amigos.

Nesse meio-tempo, Scar saqueia a terra natal de Simba e dizima o orgulho. Certa noite, o espírito de Mufasa aparece a Simba numa visão. Suas palavras e seu impacto são marcantes.

Mufasa começa: “Simba, você se esqueceu de mim”.

“Não. Como poderia?” Simba responde.

“Você esqueceu quem é, portanto, você se esqueceu de mim. Olhe para dentro de si mesmo, Simba. Você é mais do que aquilo que se tornou. Lembre-se de quem é. Você é meu filho, o único rei verdadeiro. Lembre-se de quem é”.

Levando a mensagem a sério, Simba corre para casa para derrubar seu tio maligno. Medo e vergonha evaporaram. Como, com apenas poucas palavras, seu pai conseguiu transformar Simba e lhe dar a coragem para ir à batalha? Ele o lembrou de sua identidade verdadeira. Ele o lembrou de que não fazia sentido se esconder na selva. Para Simba, hakuna matata era uma negação daquilo que ele realmente era e daquilo que deveria ser.

Você acha que Simba teria reagido como se Mufasa tivesse dito: “Não acredito como você desperdiçou sua vida. Nem acredito que você é meu filho. Você é uma total decepção. Nem consigo olhar para você. Na verdade, nem o considero mais meu filho. Não reconheço você”? Aposto que Simba teria desaparecido na selva tentando esquecer ainda mais o seu passado.

Convidar outros para mudar lembrando-os de sua identidade verdadeira é o distintivo de Deus. Se estendermos nosso estudo de Efésios para além do capítulo 4, vemos que a carta inteira é organizada em torno do princípio de pedir que as pessoas se tornem quem realmente são. A carta começa:

Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos tem abençoado com toda sorte de bênção espiritual nas regiões celestiais em Cristo, assim como nos escolheu, nele, antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis perante ele; e em amor nos predestinou para ele, para a adoção de filhos, por meio de Jesus Cristo, segundo o beneplácito de sua vontade, para louvor da glória de sua graça, que ele nos concedeu gratuitamente no Amado (Ef 1.3-6).

Paulo nos lembra de que, desde o início do tempo, Deus teve um plano para nós, um plano para nos amar, para nos adotar como seus filhos e para nos tornar semelhantes a Jesus. E ele nos lembra de que esse plano tem tudo a ver com a graça de Deus. O plano se baseia não em nossa bondade ou capacidade, mas no amor de Deus que nos foi dado por intermédio do resgate heroico de Jesus.

Paulo desenvolve essas ideias ao longo dos três primeiros capítulos. No capítulo 4, já está absolutamente claro que somos amados e que temos o apoio e a aprovação plenos de Deus. Deus quer que cresçamos, não como condição de seu amor, mas como resultado de seu amor.

Siga o exemplo de Paulo quando você pedir ao seu cônjuge para analisar um problema. Algumas poucas palavras bem escolhidas podem servir como bússola e dar uma nova orientação a um casal que está correndo o perigo de perder seu caminho. Veja como seriam diferentes as conversas se nelas ocorressem afirmações como estas:

• “Eu sei que Deus quer o melhor para nós. Que tal tomarmos um tempo para esfriar a cabeça e orar.” Insira Deus na discussão, não para se dar a aparência de uma pessoa espiritualmente superior, mas para lembrar que ele é uma parte real do seu casamento e de seus pensamentos.

• “Não somos apenas marido e esposa, mas também irmão e irmã em Jesus. Que tal ouvirmos um ao outro e nos ajudarmos a crescer.” Recentemente, encontrei um casal que estava lutando em seu casamento, e a esposa compartilhou que uma das coisas que mais a ajudou foi lembrar que seu marido não é apenas seu marido, mas um filho de Deus e seu irmão.

• “Uma das coisas que sempre amei em você é seu _____. [Preencha a lacuna com algo que se aplique ao seu cônjuge e à situação.] Não precisamos nos esconder desse problema.” Como vocês podem aproveitar as qualidades que cada um de vocês trouxe para o casamento? Como vocês podem lembrar um ao outro daquilo que são e ativá-lo? Essa é uma maneira de lembrar e reconhecer que Deus nos deu dons para fortalecer e abençoar um ao outro.

Palavras benéficas se baseiam em compreensão

“Responder antes de ouvir é estultícia e vergonha” (Pv 18.13). Pois, para que nossas palavras sejam benéficas, elas precisam se basear numa compreensão correta da outra pessoa.

Às vezes, o nosso casamento sofre uma ruptura de comunicação porque não entendemos o que está acontecendo com nosso cônjuge. Armados com suposições erradas, falamos de modo a errar o alvo totalmente. A estrutura de

Efésios 4, o fato de todos sermos membros de um só corpo, fornece um fundamento de entendimento para cada casamento cristão.

Cada marido e cada esposa enfrentam as mesmas tentações básicas. Paulo retrata todos nós como aqueles que estão se despindo do antigo estilo de vida, que incluía viver em descrença e escravizado pelos desejos e temores do coração. O mundo interior de seu cônjuge é semelhante ao seu; ambos experimentam vergonha, desejos, prazeres e medos. Vocês compartilham a mesma herança espiritual, uma natureza pecaminosa herdada de Adão e Eva. Ambos precisam saber que vocês são conhecidos e amados por Jesus. Essas verdades fundamentais formam a base para entender cada pessoa neste planeta.

Sendo encarnacional: visitando o mundo de seu cônjuge

História, experiência e constituição pessoal são fatores que tornam seu cônjuge diferente de você. Ambos experimentam vergonha, mas seu cônjuge não a experimenta ou lida com ela exatamente da mesma forma que você. Os desejos específicos a que serve e as maneiras em que serve a eles não são iguais aos seus. Quando você conhece uma pessoa nos detalhes de sua vida, você sabe como edificá-la; você sabe o que ela precisa neste momento. Conhecer alguém tão bem exige uma visita ao mundo dele.

Deus não nos amou a distância; em Jesus ele visitou nosso mundo, experimentou o que nós experimentamos e enfrentou o que nós enfrentamos – o amor de Deus é encarnacional. Porque Deus visitou nosso mundo e nos mostrou que ele entende, nós confiamos nele. Semelhantemente, precisamos visitar o mundo do nosso cônjuge, entendendo e comunicando que realmente entendemos um ao outro. Aqui estão algumas formas de sermos encarnacionais:

• Comunique ao seu cônjuge que você deseja entender. Faça perguntas sinceras – perguntas para as quais você quer respostas. Não alicie seu cônjuge. Não aja como um advogado que espera atrair seu cônjuge para uma armadilha com suas palavras. Se você agir como um advogado, você pode esperar que seu cônjuge invoque o direito de permanecer calado. Esteja disposto a ouvir algo novo e a aprender com isso.

• Verifique sua compreensão. Não suponha que você entende; tenha certeza, pergunte. Coloque aquilo que você ouve em suas próprias palavras e verifique se seu cônjuge concorda. Repita esse processo até seu cônjuge ter certeza de que você entende. Não adianta passar para a próxima ideia ou responder ao que você ouviu se seu cônjuge não acreditar que você entendeu o que ele disse.

• Responda emocionalmente ao que você ouve. Seu cônjuge precisa saber que você é afetado por aquilo que ele compartilhou. Isso não significa gerar emoções fingidas; simplesmente seja honesto em relação ao que você sente. Se você se sentir inseguro em relação ao que ouviu, compartilhe isso. Se você precisar de mais tempo para processar, compartilhe isso. Mas seu cônjuge precisa saber que você se importa com o que é importante para ele.

Escolhendo o momento certo

Um dos resultados de conhecer e entender seu cônjuge é desenvolver um senso para o momento certo. Falar a verdade em amor significa não só saber escolher as palavras, mas também saber quando falar. “O homem se alegra em dar resposta adequada, e a palavra, a seu tempo, quão boa é!” (Pv 15.23). Dizer a coisa certa no momento certo traz alegria a ambos.

Maridos, há um tempo para dar conselhos à sua esposa e há um tempo para ouvir. No início do nosso casamento, Kim costumava voltar do trabalho e me contar sobre um problema que ela tinha com uma colega, uma amiga ou um paciente. Eu tentava resolver seu problema imediatamente, analisando, oferecendo explicações e sugerindo diversos cursos de ação. Kim não se cansava de explicar que, quando ela voltava para casa agitada, ela precisava de mim como ouvinte, não como reparador. Eventualmente, entendi que existem momentos em que ela não está pronta para conselhos.

Não interprete essa anedota como uma lição sobre as diferenças entre homens e mulheres. Seu marido ou sua esposa podem ser completamente diferentes. Algumas pessoas buscam primeiro uma solução para, só depois, sentir o peso do problema. O que estou querendo dizer é: tome o tempo necessário para descobrir que tipo de verdade seu cônjuge necessita e quando. Quando ele precisa de encorajamento? Quando precisa de um conselho? Quando precisa de tempo para refletir sobre as coisas a sós antes de conversar com você? Se você não tiver

certeza, pergunte!

Um tempo para permanecer calado

Alguns de vocês estão lendo isto e pensando: “Não importa o que eu diga ou como eu o diga, meu cônjuge não vai ouvir nem se importar. Eu só estaria arrumando encrenca”.

É possível que sim. O que foi escrito até agora se aplica a dois cônjuges que desejam que as coisas melhorem e que precisam de ajuda para saber como. Mas há casamentos que não se encaixam nessa descrição. Para algumas pessoas, o casamento não é uma jornada com um amigo e amante, mas uma vida com seu inimigo, com alguém que não se importa em machucá-las.

Há vezes em que um relacionamento é tão destrutivo que até mesmo uma honestidade cuidadosa e bem-intencionada é perigosa. Em Mateus 7 Jesus nos alerta que não devemos ser hipócritas quando criticamos outros, exortando-nos a retirar a “trave” do nosso próprio olho antes de retirar o “argueiro” do olho dos outros (Mt 7.3-5). Mas, no versículo seguinte, ele acrescenta: “Não deis aos cães o que é santo, nem lanceis ante os porcos as vossas pérolas, para que não as pisem com os pés e, voltando-se, vos dilacerem” (Mt 7.6).

Abrir seu coração, compartilhar preocupações, oferecer ajuda – todas maneiras em que você naturalmente deseja conversar com seu cônjuge – são, no fundo, pérolas, o produto sagrado de seus votos conjugais. Mas se seu cônjuge agir como seu inimigo, fale apenas com cuidado especial. Suas palavras bem-intencionadas podem se tornar um pretexto para mais palavras sórdidas ou até mesmo abuso físico.

Provérbios 9.7-8 o expressa assim: “O que repreende o escarnecedor traz afronta sobre si; e o que censura o perverso a si mesmo se injuria. Não repreendas o escarnecedor, para que te não aborreça; repreende o sábio, e ele te amará”. Se seu cônjuge não estiver disposto a examinar-se a si mesmo honestamente, ridicularizar tentativas de conversar honestamente ou recorrer a abuso verbal ou físico quando você tenta se comunicar, tentativas repetidas de ser honesto não é algo aconselhável. Você está num casamento que exige delicadeza e sabedoria. Não tente navegar sozinho nas águas perigosas desse casamento. Procure o conselho de pastores, amigos e conselheiros confiáveis. Viver com um tolo, um

escarnecedor ou uma pessoa maligna é perigoso. Busque o conselho de outros, seja moderado no uso de suas palavras e, se tiver dúvidas em relação ao que deve dizer, fique calado.

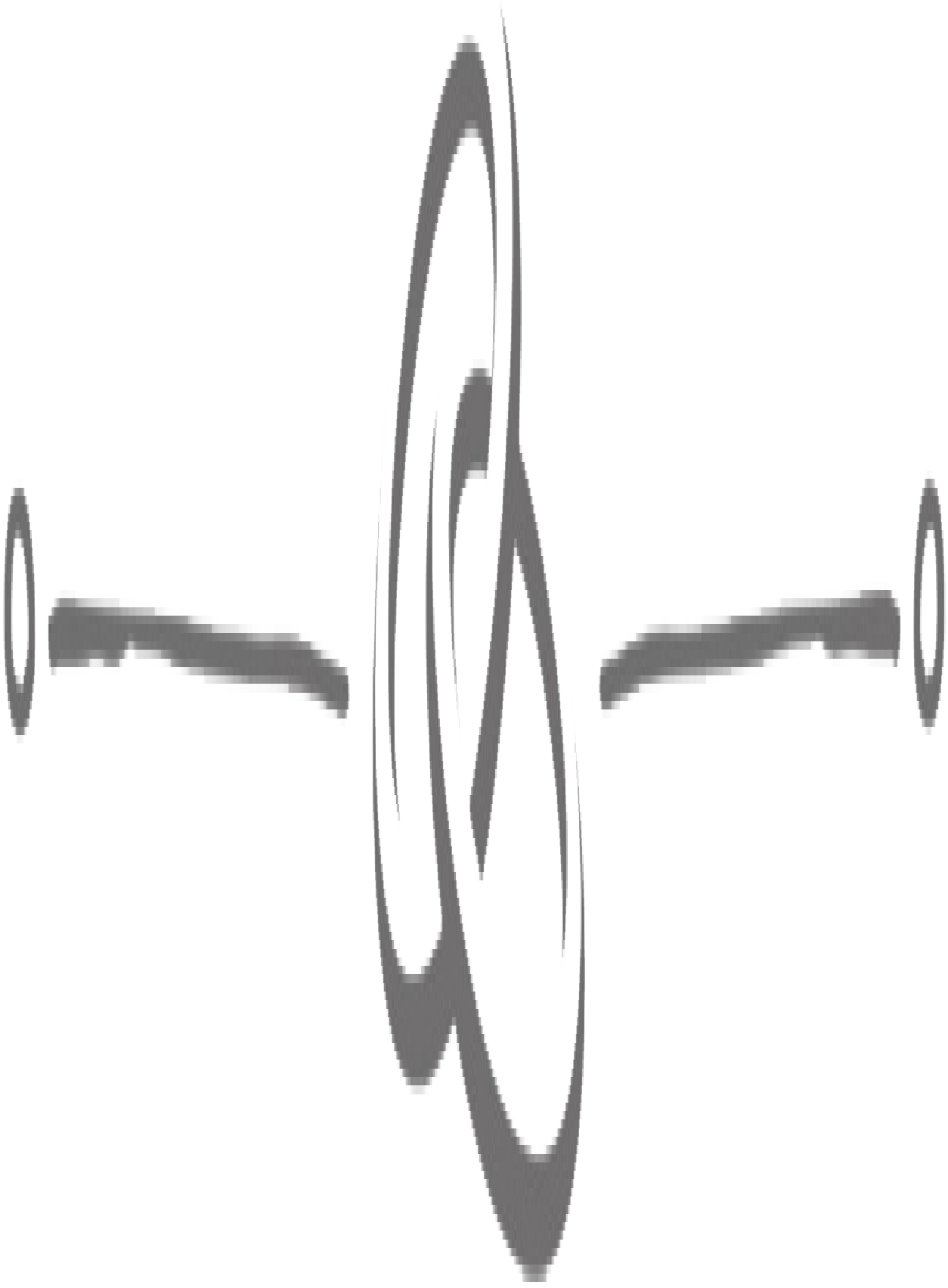
REFLITA SOBRE ISTO

• Lembre-se de um momento em que você falou apressadamente e machucou seu cônjuge. O que você disse que o magoou? Você exagerou, usou palavrões, leu sua mente ou o humilhou? O que suas palavras, seu tom ou suas ações comunicaram ao seu cônjuge?

• Pense em maneiras específicas em que você pode afirmar o amor de Deus ao seu cônjuge. Onde você vê a bondade de Deus refletida em seu caráter? Como seu cônjuge está crescendo como filho de Deus? Como você pode comunicar isso ao seu cônjuge?

• Como o seu cônjuge costuma se sentir incompreendido por você? Se você não souber, pergunte. Lembre-se de que entender não significa necessariamente que você concorda com ele ou ela.

Deus pretende usar o conflito para o bem



O que você aprenderá neste capítulo:

A Bíblia nos diz que conflito não precisa ser destrutivo. Na verdade, Deus nos promete usar o conflito para expor e erradicar o pecado e para nos ajudar a crescer em amor.

A fim de resolver um conflito biblicamente, antes de voltar seu olhar crítico para o seu cônjuge, examine-se a si mesmo. Conflitos são agravados por atribuição de culpa, postura defensiva e apontar os erros do nosso cônjuge quando ainda nem lidamos com os nossos próprios.

Muitas vezes, conflitos são batalhas por coisas que queremos. Examinar seu coração e refletir cuidadosamente sobre o que você realmente quer é um passo importante para resolver conflitos biblicamente.

Os perigos do conflito

Momentos de conflito conjugal podem ser alguns dos momentos mais desencorajadores e destrutivos de todos. A Bíblia descreve o perigo deste modo: “Como o abrir-se da represa, assim é o começo da contenda; desiste, pois, antes que haja rixas” (Pv 17.14). Uma pequena rachadura aparece numa represa, e uma gota de água começa a se formar lentamente. Na medida em que a rachadura aumenta imperceptivelmente, a gota se transforma em gotejamento. Instantes depois, o gotejamento se transforma num jato de água que sai por um buraco cada vez maior. Não demora, e toda a represa cede e explode; a água e destroços correm pelo vale, destruindo tudo em seu caminho.

Você tem a sensação de que seu casamento foi construído na base de uma represa rachada? A mensagem é clara: dado o potencial devastador do conflito, às vezes, é melhor evitá-lo. A sabedoria nos aconselha a contemplar o potencial destrutivo do conflito antes de nos envolvermos nele.

Paz é uma das qualidades inerentes de Deus. O profeta Isaías dá ao Messias vindouro, Jesus, o título de “Príncipe da paz” (Is 9.6). Paz é um fruto produzido em nós pelo Espírito Santo (Gl 5.23). A Bíblia encoraja os cristãos a viver em paz com os outros. “Segui a paz com todos” (Hb 12.14a).

Se a paz é um distintivo do cristão que está seguindo Jesus, então o conflito pode ser duplamente desencorajador para os cristãos. Não só vivemos nas ruínas conjugais que ele cria, mas também nos sentimos como fracassos espirituais. O conflito pode fazer com que nos sintamos não só como maridos e esposas fracassados, mas também como cristãos fracassados.

Os bons propósitos de Deus para o conflito

A Bíblia também ensina que o conflito é um sinal de que Deus está trabalhando. Não é algo inerentemente errado, um sinal de fracasso ou evidência de que, de alguma forma, Deus abandonou você ou seu casamento. Na verdade, Deus usa o conflito para realizar o bem na vida de seu povo, destruindo o pecado e estabelecendo a paz que ele deseja.

Palavras surpreendentes do Príncipe da paz

Ouça como Jesus descreve a sua missão:

> Eu vim para lançar fogo sobre a terra e bem quisera que já estivesse a arder. Tenho, porém, um batismo com o qual hei de ser batizado; e quanto me angustio até que o mesmo se realize! Supondes que vim para dar paz à terra? Não, eu vo-lo afirmo; antes, divisão. Porque, daqui em diante, estarão cinco divididos numa casa: três contra dois, e dois contra três. Estarão divididos: pai contra filho, filho contra pai; mãe contra filha, filha contra mãe; sogra contra nora, e nora contra sogra (Lc 12.49-53, grifo meu).

Como pode ser essa a missão do Príncipe da paz? Ele veio para trazer divisão? Até mesmo divisão dentro da família. Eu realmente quero esse Jesus envolvido em meu casamento? Como devemos entender as palavras de Jesus à luz de todo o resto que a Bíblia diz sobre conflito e paz?

Conflito, uma bênção disfarçada de maldição

Como já aprendemos com os primeiros capítulos de Gênesis, quando o pecado apareceu, a imagem do casamento se tornou uma versão seriamente distorcida daquilo que Deus tinha pretendido. Deus criou unidade, mas o pecado trouxe divisão. Deus criou segurança, mas o pecado trouxe perigo. E Deus criou a paz, mas o pecado trouxe conflito. A rebelião do primeiro casal trouxe divisão, perigo e também conflito. Quando desobedeceram a Deus, tentando derrubá-lo, Adão e Eva deram o primeiro tiro numa batalha, num conflito, entre Deus e a humanidade pecaminosa que continua até hoje. Sem querer, criaram também a briga conjugal no instante em que perceberam que precisavam se proteger um do outro. Lembre-se, eles não só se cobriram e se esconderam de Deus, mas também um do outro. Eles estavam expostos e vulneráveis não só à ira de Deus, mas também à pecaminosidade um do outro. Onde existe o pecado, as pessoas batalham; há conflito com Deus e uns com os outros.

Deus confronta Adão e Eva e não os destrói. Existem, porém, consequências dolorosas. Em Gênesis 3.14-19, Deus pronuncia uma série de maldições em reação à sua rebelião, mas até mesmo as punições vêm com a bondade, o amor e as promessas de redenção de Deus – promessas não só de restaurar o que foi danificado, mas de deixar as coisas melhores do que nunca.

Deus pronuncia uma maldição contra a serpente em Gênesis 3.15: “Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e o seu descendente. Este te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar”. O conflito iniciado por Adão e Eva continuará, acompanhado de inimizade, briga, destruição e golpes. Mas a maldição do conflito também vem acompanhada de bênçãos e esperança.

Em primeiro lugar, observe que a maldição de conflito é pronunciada contra Satanás, não contra Adão e Eva. Satanás pode ter começado a briga, mas Deus acabará com ela. O conflito que Satanás provocou se transformou em uma

maldição que, no fim, destruirá Satanás, não a nós. Nosso inimigo mortal – aquele que criou as tentações que seduziram Adão e Eva e nos desafiam hoje – será destruído. O autor do desencorajamento, sofrimento e até miséria que experimentamos no casamento será destruído. Essa batalha será decisiva; a cabeça de Satanás será esmagada, o pecado será destruído, e o paraíso será restaurado.

Esse conflito será uma batalha épica que durará anos e gerações, pois é uma batalha entre os descendentes de Satanás e Eva. Deus não só poupou Adão e Eva; ele também preparou um caminho para que nós, seus descendentes, pudéssemos ser parte da solução.

Mesmo que Satanás queira usar o conflito para os seus propósitos, Deus frustrou os seus planos e reivindicou o conflito para si mesmo. Deus tomou o conflito iniciado por Satanás e o voltou contra ele. Observe que Deus "coloca inimizade" entre Satanás e a descendência de Eva. Lutamos contra o pecado, odiando-o dentro de nós mesmos. Se Deus não tivesse colocado inimizade entre a semente da serpente e a semente da mulher, nós estaríamos entregues à nossa pecaminosidade, seríamos escravos voluntários dos propósitos malignos de Satanás. Mas nos abençoa, dando-nos e preservando em nós um ódio contra aquilo que é mau. Deus nos dá um novo coração quando depositamos nossa confiança em Jesus, mas ainda precisamos combater a natureza pecaminosa que permanece. O fato de que existe uma batalha real é um resultado da graça de Deus e parte de seu plano para erradicar o inimigo.

Todos nós concordamos com a Bíblia de que o conflito é doloroso, às vezes, até destrutivo e que é algo em que não devemos nos envolver levianamente. Conflito, longe de ser um sinal de fracasso moral ou conjugal, é o meio escolhido por Deus para resgatar seu povo e destruir o pecado. Não perca de vista este fato: Deus nos resgatará e resgatará o casamento por meio de conflito.

Jesus, o descendente prometido

No Antigo Testamento, muitas pessoas lutam contra Satanás (Abraão, Moisés e Davi, para mencionar apenas alguns), mas eles são apenas precursores do grande Libertador Jesus. Em Lucas 12, quando Jesus diz que ele veio para "trazer divisão", ele está se identificando como o descendente prometido em Gênesis

3.15. Em Cristo, o grande conflito que começou no início alcança seu clímax. Ele esmaga a cabeça da serpente, mesmo que ele seja ferido – “tu lhe ferirás o calcanhar” – na cruz. Jesus é ferido na cruz por causa dos nossos pecados, mas é Satanás quem recebe o golpe fatal. Ao nos perdoar e nos dar um novo coração, Jesus nos capacita a nos unir à família de Deus, crescendo e amadurecendo para sermos semelhantes a ele.

Mesmo que ainda precisemos lutar contra o pecado que permanece em nosso coração, não precisamos mais ser dominados por ele. Em Jesus, o decurso da batalha sofreu uma reviravolta decisiva. A despeito das aparências, o poder de Jesus está aumentando, e o poder de Satanás está diminuindo. Como filhos de Deus por intermédio de Jesus, temos a liberdade de dizer não ao pecado e sim a Deus. É onde a batalha continua para nós. Jesus desferiu o golpe fatal, mas nós precisamos nos juntar à batalha para vê-lo cumprido em nossa vida e no nosso casamento.

Em Lucas 12, Jesus nos diz que continuaremos a exercer um papel nesse conflito, num conflito que abala famílias. Nos primeiros anos da igreja, os judeus que seguiam Jesus frequentemente enfrentavam punição e perseguição; eram renegados por suas famílias, expulsos das sinagogas e até mesmo presos ou mortos (At 8.1-3; 9.1,13,21). Jesus quer que seu povo saiba que segui-lo significa andar no caminho difícil. Os custos podem ser altos, e você pode até perder a sua família. As duas linhagens de descendentes, a de Deus e a de Satanás, podem estar misturadas e travar a batalha dentro do mesmo lar.

A rejeição pela família por causa de Jesus não é apenas uma relíquia da história da igreja. Alguns de vocês podem ter sofrido rejeição por sua família por causa de seu relacionamento com Jesus. Alguns de vocês podem estar experimentando isso neste momento com um cônjuge que não crê em Jesus.

Se você e seu cônjuge forem cristãos, o que isso tem a ver com seu casamento? Contemple o princípio mais amplo por trás das palavras de Jesus. Nem sempre sua presença resulta em paz e tranquilidade no lar – e Jesus não se desculpa por isso! Jesus está disposto e até espera que seu domínio seja estabelecido por meio do conflito, incluindo o conflito em relacionamentos íntimos. Mesmo que marido e esposa sejam descendentes da linhagem de Jesus, o pecado que permanece em sua vida virá à tona no casamento. Ele precisa ser encarado, mesmo que isso signifique se envolver nos negócios complicados do conflito. Jesus está disposto a permitir que o conflito exista no seu casamento.

Batalhas diárias

Paulo encerra sua carta aos Efésios com a imagem do cristão como guerreiro. Ele escreve:

Quanto ao mais, sede fortalecidos no Senhor e na força do seu poder. Revesti-vos de toda a armadura de Deus, para poderdes ficar firmes contra as ciladas do diabo; porque a nossa luta não é contra o sangue e a carne, e sim contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes (Ef 6.10-12).

Se não soubesse que se trata de uma passagem bíblica, você poderia achar que é um excerto de O Senhor dos Anéis. Você se vê envolvido numa batalha de tamanha importância cósmica? A Bíblia faz isso, pois a batalha contra o poder sombrio do diabo não acontece apenas em momentos heroicos como costumamos imaginar. A batalha contra a escuridão não acontece apenas quando cristãos são presos por causa de suas crenças ou quando demônios são expulsos dos possuídos. Como Jesus ensina em Lucas 12, ela acontece nos relacionamentos do dia a dia. Por mais bélica que seja sua linguagem de batalhas e armaduras, Efésios 6 segue imediatamente ao conselho “pés no chão” sobre os relacionamentos do dia a dia em Efésios 4 e 5.

Após instruir os maridos e as esposas a conviverem em amor e respeito (Ef 5.22-33), após instruir as crianças a obedecerem aos seus pais e os pais a criarem seus filhos com sabedoria (Ef 6.1-5) e após instruir até mesmo os escravos e os mestres a tratarem uns aos outros como seguidores de Cristo (Ef 6.5-9), Paulo nos encoraja a vestirmos a armadura de Deus. É no contexto da vida e dos relacionamentos cotidianos que os cristãos devem estar armados, preparados e prontos.

Onde é que você sente a maior tentação de ser egoísta? Insensível? Impaciente? O lar costuma ser um dos lugares em que baixamos a guarda, onde somos mais nós mesmos na companhia de pessoas que acreditamos não ter que impressionar – as pessoas que estão presas a nós de qualquer jeito! Em casa, encontramos as

pessoas das quais mais dependemos para satisfazer nossas expectativas e para servir aos desejos do nosso coração. O lar é, então, o lugar em que o inimigo encontra muitas oportunidades para atacar, justamente quando não vemos a vida através de uma lente espiritual, mas através de nosso próprio senso de direito a benefícios.

Seguimos Cristo para a batalha. Nosso inimigo maior é Satanás e o pecado do nosso próprio coração. E as nossas armas são as armas da fé. Paulo continua no capítulo 6:

Estai, pois, firmes, cingindo-vos com a verdade e vestindo-vos da couraça da justiça. Calçai os pés com a preparação do evangelho da paz; embraçando sempre o escudo da fé, com o qual podereis apagar todos os dardos inflamados do Maligno. Tomai também o capacete da salvação e a espada do Espírito, que é a palavra de Deus (Ef 6.14-17).

Ir à batalha pode envolver conflito com nosso cônjuge, mas precisamos aprender que ele não é inimigo. Devemos aprender também a lutar com as armas da fé e do amor que Deus fornece.

A batalha começa com você

Num conflito, como você ataca o problema e não seu cônjuge? O livro de Tiago fornece uma resposta surpreendente: “De onde procedem guerras e contendas que há entre vós? De onde, senão dos prazeres que militam na vossa carne?” (Tg 4.1).

Raramente conheço uma pessoa casada que não acredita que seu cônjuge é a fonte dos problemas no casamento. O fato de sermos instruídos a começar examinando a nós mesmos é revolucionário – e contrário à nossa natureza. Um efeito da queda é nossa tendência de acusar o outro e procurar a causa dos

nossos problemas fora de nós mesmos. Porém, uma doutrina básica da Bíblia é que, uma vez que você se conhece como um portador danificado da imagem, como um adorador desviado, como um rebelde contra Deus, você deve buscar a fonte de seus problemas examinando primeiramente a si mesmo.

Por trás das batalhas que travamos com nosso cônjuge estão as batalhas que nossos desejos travam dentro de nós. Já aprendemos como nosso coração é capaz de produzir ídolos a partir dos nossos desejos e medos. Desejos de aprovação, controle ou conforto e segurança são desejos naturais que, por causa do pecado, podem se transformar em obstáculos para o amor. Antes de explorarmos como esses desejos se manifestam em nossos conflitos, analisemos outro desejo natural, nosso desejo de autodefesa.

Postura defensiva

“O irmão ofendido resiste mais que uma fortaleza; suas contendas são ferrolhos de um castelo” (Pv 18.19). Essa é uma imagem apropriada porque, por vezes, ao discutir com minha esposa, eu tenho me sentido como se estivesse batendo a cabeça contra uma parede. Ela se recusava a ver as coisas do meu ponto de vista. E não surpreende que a minha esposa tem tido exatamente a mesma experiência comigo!

Em momentos comuns de conflito, todos nós já tentamos derrubar paredes e passar por portões fechados. Ao mesmo tempo, construímos nossas próprias paredes e trancamos nossos próprios portões. Tentativas de chegar às questões reais e de resolver um conflito parecem condenadas desde o início quando o coração se esconde em fortalezas e por trás de uma postura defensiva.

As disputas em si não são difíceis. A dificuldade está no “irmão ofendido”. Conflitos se transformam em fortalezas inconquistáveis quando um cônjuge se ofende com as palavras ou ações do outro. É claro, a maioria dos conflitos começa porque alguém é ofendido, mas o provérbio aponta para a relação simples entre muros e ofensas: quanto maiores ou mais numerosas as ofensas, mais altos os muros que protegem o coração do outro. Se quisermos que o conflito sirva aos bons propósitos de Deus, precisamos fazer tudo que podemos para minimizar a postura defensiva.

Hipocrisia, a ofensa mais comum

A maneira mais comum para ofender um ao outro é a hipocrisia. Jesus explica assim a relação entre hipocrisia e postura defensiva:

Não julgueis, para que não sejais julgados. Pois, com o critério com que julgardes, sereis julgados; e, com a medida com que tiverdes medido, vos medirão também. Por que vês tu o argueiro no olho de teu irmão, porém não reparas na trave que está no teu próprio? Ou como dirás a teu irmão: Deixa-me tirar o argueiro do teu olho, quando tens a trave no teu? Hipócrita! Tira primeiro a trave do teu olho e, então, verás claramente para tirar o argueiro do olho de teu irmão (Mt 7.1-5).

Todos parecem conhecer pelo menos um versículo da Bíblia: “Não julgueis, para que não sejais julgados”. Normalmente, esse versículo é usado para barrar críticas ao comportamento. Mas, no contexto, esse versículo significa o oposto. Ele ensina como ganhar a atenção de outra pessoa quando esta precisa ouvir uma crítica – como evitar hipocrisia, a ofensa que, tantas vezes, é causa de uma postura defensiva.

Deixe a imagem falar. Seu cônjuge reclama que você é cego às coisas porque há um argueiro no seu olho. Ele diz isso enquanto uma trave está enfiada em seu próprio olho e quase arranca sua cabeça e derruba a lâmpada do criado mudo. Se você não se ofendesse tanto com sua hipocrisia, seria até risível. Alguma vez você já disse ao seu cônjuge, de maneira pecaminosa, que ele ou ela estava pecando contra você? Alguma vez você já usou um tom assassino para dizer ao seu cônjuge que ele o machucou? Alguma vez você já rejeitou seu cônjuge por ele rejeitar você? Gritou com seu cônjuge por ele gritar com você?

O que Jesus quer dizer não é que você não tem o direito de mencionar o pecado do seu cônjuge se você pecou alguma vez. O que ele quer dizer é que você precisa lidar primeiro com o seu próprio pecado. Você deve “remover a trave de seu próprio olho para poder enxergar claramente o argueiro no olho de seu irmão”. Comece pela própria postura defensiva. Se você respondeu erroneamente à tentativa de seu cônjuge de fazer com que você olhe para si mesmo, ou se você se aproximou de seu cônjuge cheio de orgulho e com a

intenção de jogar a culpa nele, então você precisa admitir seu erro e pedir perdão.

Postura defensiva e hipocrisia são alimentadas por uma legião de desejos subversivos, como, por exemplo, o desejo de ter razão; o desejo de evitar ansiedade, vergonha ou culpa; o desejo de se sentir justificado; ou o desejo de se sentir superior. Quando você estiver brigando com seu marido ou sua esposa e não tiver certeza quais desejos estão lutando dentro de você mesmo, comece com os desejos que alimentam a postura defensiva e a hipocrisia. Esclarecer as coisas dessa maneira preparará o palco para uma resolução produtiva do problema.

O que você realmente quer?

Segundo Tiago, ao enfrentar o conflito, comece com o autoexame. Ele acrescenta uma simples observação: “Cobiçais e nada tendes; matais, e invejais, e nada podeis obter; viveis a lutar e a fazer guerras. Nada tendes, porque não pedis” (Tg 4.2). Desejos frustrados ou bloqueados batalham dentro de você. Quando estou brigando com minha esposa, normalmente quero algo que não estou recebendo. Quero que ela diga sim ao meu desejo de tempo com ela, mas ela decide passar tempo com uma amiga. Eu quero que ela diga sim ao meu desejo de assistir a um jogo na TV, mas ela quer que eu corte a grama como eu tinha prometido. Quando ela diz não aos meus desejos, eu, muitas vezes sem pensar, começo uma batalha para conseguir o que quero.

Quando você estiver tentando descobrir como você está contribuindo para a briga, a Bíblia sugere que você faça uma pergunta a si mesmo: “O que eu quero?”

Muitas vezes, o cônjuge combatente fica sem palavras quando alguém lhe pergunta especificamente o que ele quer. Lembre-se, a pergunta “O que você quer?” é uma pergunta diferente (mesmo que relacionada) de “Qual o motivo de sua briga?” O motivo de sua briga é um evento, um conjunto de circunstâncias que ocasionam o conflito. O que você quer é a pergunta: pelo que você está lutando – quais são os desejos, isto é, as questões reais que motivam o conflito. A Bíblia nos desafia a olhar por trás da superfície dos detalhes do evento para descobrir as motivações mais profundas do coração.

Digamos, por exemplo, que você é a esposa e está irritada porque seu marido não ajuda na hora de colocar as crianças na cama. Você poderia descrever aquilo que quer dizendo: “Eu quero que meu marido me ajude com as crianças”. É verdade. Mas existe um desejo mais profundo que você não colocou na mesa? Descreva seus desejos em termos relacionais: Como você gostaria que seu marido pensasse sobre você e a tratasse de forma diferente? Talvez exista por trás do evento da hora de dormir uma sensação de que seu marido não valoriza seu tempo com as crianças. Você quer que seu marido dê mais valor ao seu relacionamento com as crianças. Ou talvez você sinta que seu marido não valoriza ou não respeita seu papel como mãe. Você quer que ele demonstre apreço e respeito por aquilo que você faz, mesmo que ele não veja essas tarefas como parte de seu papel. Ou talvez, no fundo, você simplesmente sinta que seu marido não a valoriza como esposa. Você se sente como se ele a visse apenas como uma ajuda doméstica – como babá, cozinheira e doméstica. Não é que você quer que ele ajude você a colocar as crianças na cama; você quer que seu marido a trate como mais do que apenas uma empregada. Você quer que ele queira você por quem você é. Essas são questões que, se realmente refletirem as preocupações do seu coração, afetam muitas áreas do casamento e geram muitos conflitos.

Quando identificamos corretamente os desejos ou as questões que impulsionam um conflito, descobrimos muitas vezes que essas mesmas questões estão impulsionando outros conflitos. As mesmas questões geram diferentes eventos de conflitos. Assim, sua sensação de que seu marido a vê mais como uma empregada do que como esposa se manifesta não só em conflitos referentes à hora de dormir; ela se manifesta também em conflitos na hora de lavar a roupa, arrumar a cozinha e outras tarefas domésticas. Além disso, ela se manifesta também em áreas que você talvez não suspeite, como, por exemplo, na cama. Sua sensação de estar sendo “usada” como empregada contribui para o sentimento de estar sendo usada sexualmente. Em vez de gerar sentimentos como intimidade, o sexo se parece mais com uma tarefa realizada para o seu empregador.

Se você não estiver ciente da questão subjacente, você pode ter dois conflitos diferentes que tratam da mesma coisa. Às vezes, após ouvir uma lista de eventos de conflitos, eu digo ao casal que ele tem um “conflito com mil rostos”. Mil conflitos diferentes podem expressar uma única questão subjacente da qual o casal não está ciente ou que ele não sabe resolver.

Em que momento a identificação das “questões de desejo” se transforma em um exercício de remover a trave de seu próprio olho? Na medida em que seu desejo motivou suas palavras e ações mais do que o amor por Deus ou por seu cônjuge, você pecou contra os dois. Lembre-se, amar significa buscar o que é melhor para o outro, não trata de conseguir o que você quer. Mesmo que, no conflito, seu cônjuge tenha errado – sendo duro e defensivo – você deve admitir que foi tão motivado por aquilo que você quer que esteve disposto a ser insensível e pecar contra Deus para consegui-lo. Você pode dizer: “Acabo de perceber que, quando me irritei com você por não me ajudar a colocar as crianças na cama, na verdade, a causa é outra, e precisamos conversar sobre isso. Mas primeiro quero lhe dizer que sinto muito por ter sido ríspida com você em minha raiva. Isso não foi correto, e peço que você me perdoe”.

Exploraremos com mais cuidado no próximo capítulo o que significa confessar um pecado e pedir perdão, mas antes ouça um último alerta sobre como desejos enganosos podem arruinar nossas tentativas de sermos humildes. Quando você estiver removendo uma trave de seu olho, não confesse algo apenas para parecer bom ou para pegar seu cônjuge de surpresa, ou como atalho para chegar mais rápido ao ponto em que você pode apontar os erros dele. Se você fizer isso, estará simplesmente substituindo uma trave por outra. Tome o tempo para refletir honestamente sobre o que está acontecendo em seu próprio coração. Pense, ore, anote. Lembre-se, uma das verdades fundamentais que temos ressaltado é que pecar contra seu próximo, seu cônjuge, significa violar a adoração e pecar contra Deus ao mesmo tempo. Antes de tentar consertar seu relacionamento com seu cônjuge, conserte seu relacionamento com Deus. Experimentar sua misericórdia, seu amor e seu perdão lhe dará o apoio que você precisa para ser semelhante a Cristo com seu cônjuge.

REFLITA SOBRE ISTO

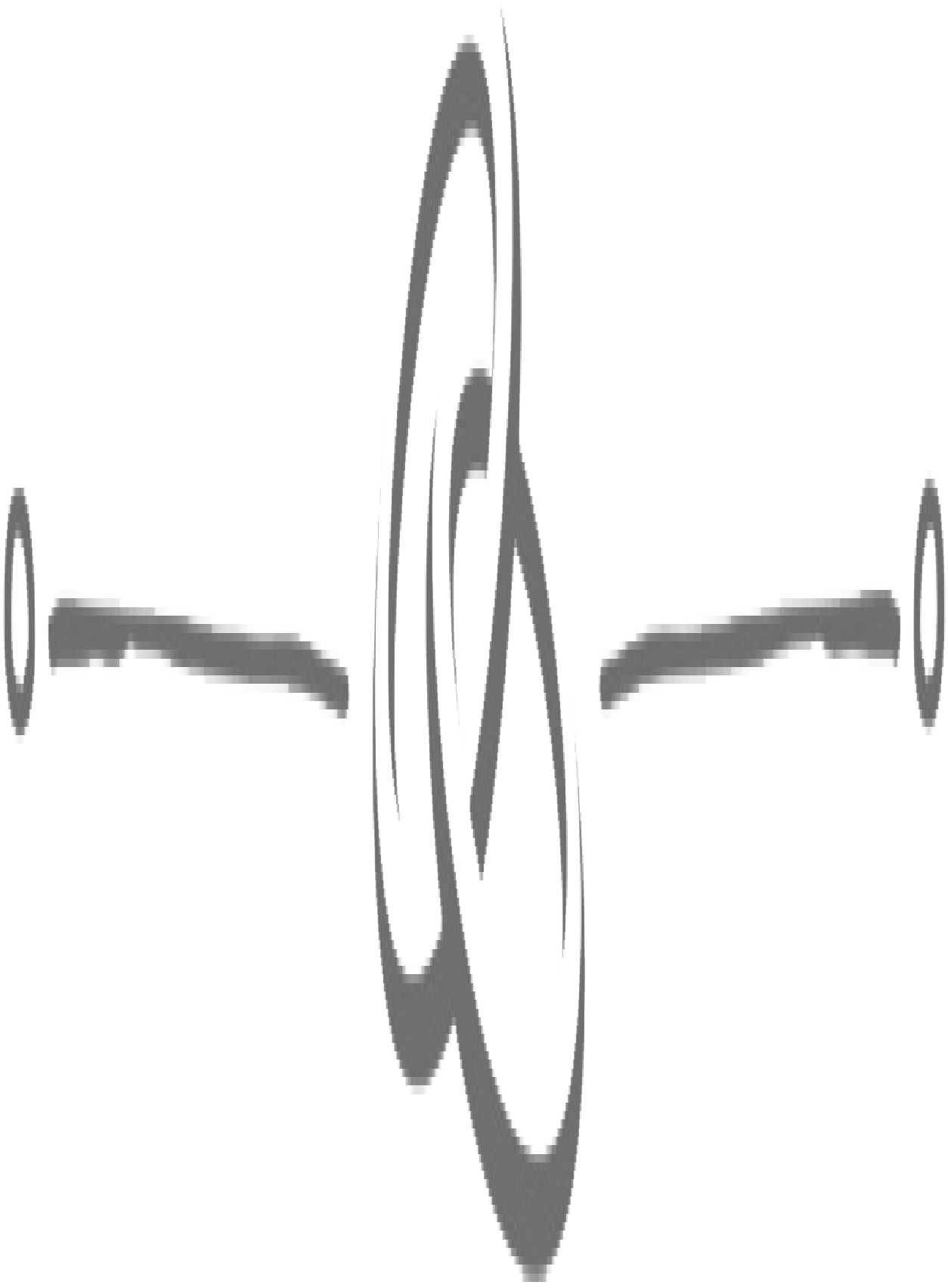
• Qual é a sua atitude em relação ao conflito? Como sua atitude poderia mudar se você entendesse o conflito como algo que Deus usa para ajudar você?

• Em que sentido você é culpado das coisas que você costuma apontar em seu

cônjuge?

• Pense nos conflitos recentes que você tem tido com seu cônjuge. O que você realmente queria? Quais são os desejos que você costuma trazer para os seus relacionamentos? Como os seus desejos alimentam conflitos?

Avançando no conflito



O que você aprenderá neste capítulo:

Existem várias estratégias comuns que usamos no conflito. Alguns de nós tentam apaziguar, alguns tentam ignorar e alguns tentam vencer. As estratégias que preferimos apontam, às vezes, para os motivos que podem complicar nossos conflitos.

Semelhante às estratégias identificadas acima, existem três abordagens bíblicas ao conflito: recuar, esperar e confrontar. Essas estratégias são expressões de amor.

Decida qual estratégia usar no conflito discernindo qual delas servirá melhor às necessidades de seu cônjuge.

Estratégias comuns para lidar com o conflito

Se você tiver dificuldades de entender como seus desejos contribuem para o conflito, não se preocupe. Às vezes, pode ser difícil identificar os desejos que alimentam nossas brigas. Mas até mesmo nossa estratégia ou nosso estilo típico de lidar com conflitos pode fornecer dicas sobre esses desejos. Aqui estão três maneiras comuns de responder ao conflito:[12]

• Apaziguar: encontrar uma maneira de apaziguar ou satisfazer os outros para que não haja motivo para conflito. Cônjuges que apaziguam costumam dizer coisas em que não acreditam de verdade e concordam com coisas que não querem fazer de verdade. De um lado, o apaziguamento parece trazer muitos benefícios. Você aparenta ser muito tranquilo e uma pessoa de fácil convívio. Seu cônjuge e outros parecem estimá-lo e gostar de sua companhia. De outro lado, porém, relacionamentos se tornam difíceis quando você sempre é obrigado

a esconder o que você pensa e sente para evitar a possibilidade de ofender os outros. Quando você distorce seus pensamentos e sentimentos, você não se sente conhecido, compreendido ou amado. Quando faz coisas que, no fundo, não quer fazer, você se sente frustrado e infeliz. Quando diz sim a cada pedido, você fica sobrecarregado. Quando você se irrita, você não tem a liberdade de falar diretamente com a pessoa que o irritou, então você ferve em silêncio por dentro ou, talvez, fala com outra pessoa sobre isso. Quando o apaziguamento falha e os conflitos com uma pessoa específica se tornam frequentes ou intensos, os apaziguadores costumam encontrar uma maneira de encerrar o relacionamento.

• Ignorar: fingir que o problema não existe. Essas pessoas evitam qualquer conversa. Elas podem evitar compartilhar sua opinião ou, quando a compartilham, impedir qualquer tentativa de dialogar sobre ela. Em vez de dizer sim a pedidos, elas adiam decisões, tentam evitar qualquer compromisso ou, quando pressionadas, tendem a dizer não. O conflito continua possível, mas apenas se for inevitável. Essa estratégia parece ter a vantagem de evitar todas as frustrações de se sobrecarregar, mas não faz com que os problemas sumam. Em outras palavras, mesmo que você decida não reconhecê-los, os problemas e conflitos continuam a existir em seu casamento e seus relacionamentos, e eles só ficarão piores se não forem tratados diretamente.

• Vencer: resolver problemas prevalecendo. Cônjuges que buscam vencer trabalham duro para garantir que seus interesses prevaleçam no conflito. Eles não parecem se intimidar com conflitos nem hesitar diante deles; na verdade, alguns parecem apreciá-los às vezes. Os vencedores tendem a ser hábeis em comunicar, convencer e até mesmo intimidar. Suas emoções (raiva, medo, frustração) são uma parte ativa da discussão. Você não só ouve suas palavras, mas sente a pressão para concordar, dependendo de quão emocionais eles são. Ao mesmo tempo em que essa estratégia escapa da maioria das armadilhas de evitar e apaziguar, ela pode falhar por simplesmente soterrar os problemas. Os outros podem não ser convencidos de verdade pelo vencedor, mas simplesmente ceder à pressão emocional quando percebem que não serão ouvidos.

Você se reconhece em alguma dessas descrições? Talvez uma o descreva perfeitamente. Talvez você se reconheça numa combinação das três. Na medida em que você tende a uma estratégia ou outra, pergunte-se: por quê? Talvez você tenha testemunhado conflitos dessa forma durante sua infância. Talvez seja o

estilo que você descobriu como sendo o mais eficiente em relação ao seu cônjuge. Em todo caso, examine-se a si mesmo para ver se existem razões mais profundas.

Sua estratégia preferida alimenta os desejos e medos que se manifestam em outras áreas de seu casamento? Essas três abordagens correspondem basicamente aos três padrões de manipulação que estudamos no capítulo 6 (veja a tabela “Estratégias para lidar com conflitos”). Sua estratégia preferida num conflito reflete um padrão de interação enraizado nos desejos e medos dominantes em seu coração?

• A sua tendência de apaziguar os outros parte de um padrão maior de se aproximar dos outros? Ela reflete desejos de aceitação e paz ou medo de rejeição?

• Sua tendência de ignorar parte de um padrão maior de se afastar dos outros? Ela reflete desejos de paz, conforto e controle ou um desconforto diante de confusão ou algum outro medo?

• Sua estratégia de vencer parte de um padrão maior de agir contra os outros? Ela reflete desejos de sucesso, um desejo de ser superior aos outros ou um medo de fracasso ou de ser dominado e controlado por outros?

Estratégias para lidar com conflitos

Estratégias	Apaziguar (aproximar-se)	Ignorar (afas
Desejos	Aceitação, intimidade, pertencimento	Conforto, se
Medos	Rejeição, isolamento, vergonha	Problemas, c

Quando a trave em seu olho o impede de reconhecer a verdade sobre si mesmo, a maneira como você lida com o conflito pode ajudá-lo a se ver com mais clareza.

Estratégias bíblicas para lidar com o conflito

Qual, então, é a estratégia correta para lidar com um conflito – apaziguar, ignorar ou vencer a qualquer custo? Todas as três possuem desvantagens e são facilmente corrompidas por desejos e medos enganosos do nosso coração. Como o amor se manifesta em conflitos? Estudaremos algumas passagens bíblicas que podem nos ajudar a desenvolver uma estratégia santa governada pelo amor.

Recue

Já analisamos como uma postura defensiva pode ser um obstáculo para a resolução de conflitos. Jesus nos exorta a desativarmos a postura defensiva examinando primeiro a nós mesmos. “Hipócrita! Tira primeiro a trave do teu olho e, então, verás claramente para tirar o argueiro do olho de teu irmão” (Mt 7.5).

Às vezes, você se envolve num conflito com seu cônjuge e percebe que está errado – você entendeu errado ou interpretou mal o seu cônjuge. Talvez até reconheça sua própria pecaminosidade em ação. Nesse ponto, você deve recuar e admitir seu erro ou confessar seu pecado.

Às vezes, mesmo quando está certo, ceda aos desejos ou às preferências do outro porque não fazer isso pode causar danos. Quando Kim e eu nos casamos, por exemplo, eu gostava de assistir a um bom filme de terror de vez em quando. Eu gostava de um susto ocasional. O susto não durava muito e não pesava em minha consciência. Kim nunca gostou de filmes de terror; na verdade, ela os odeia. O que, então, deveríamos fazer quando eu queria assistir a um filme de terror numa noite de sexta-feira, mas ela não? Filmes de terror estavam fora de questão

simplesmente porque Kim não gostava deles? Ela deveria tolerar filmes que ela desgosta para o meu bem de vez em quando, certo? Na verdade, não assistimos a filmes de terror juntos. Eu cedi nesse ponto ao longo dos anos porque entendo que o fato de ela desdenhar filmes de terror não é apenas uma questão de gosto. Kim já assistiu a bastantes filmes de terror para saber que eles deixam imagens perturbadoras em sua mente. Eu a amo e não quero que ela tenha que sofrer dessa forma só para que eu possa desfrutar a minha preferência. Por amor a ela, eu sacrifico qualquer direito que eu possa ter de assistir a filmes de terror, com ou sem ela.

Nesses casos, seguimos a trilha de amor que Cristo nos apontou. Deus não teria o direito de olhar para a nossa pecaminosidade e de nos rejeitar ou até mesmo destruir? No entanto, Deus sacrificou seus direitos e a vida de seu Filho para restaurar seu relacionamento conosco. Às vezes, amar nosso cônjuge significa sacrificar aquilo ao que temos direito para o benefício dele.

Espere

"Honroso é para o homem o desviar-se de contendas, mas todo insensato se mete em rixas" (Pv 20.3). Como vimos em Provérbios 17.14, começar uma briga é como romper uma represa. Quando possível, evite discussões.

Mas o conselho da Bíblia de evitar ou adiar conflitos se baseia em outras verdades importantes. Em primeiro lugar, reflete a maneira como Deus nos ama. Não importa o quanto você está ciente de seus pecados, você pode supor que é culpado de inúmeros outros pecados dos quais não está ciente. A santidade de Deus excede qualquer coisa que possamos imaginar, e, como pecadores que vivem num mundo pecaminoso, fomos dessensibilizados da maioria de nossos pecados. Se Deus nos confrontasse sempre que pecamos, seria insuportável. Nesse sentido, Deus adia o confronto até estarmos prontos para ele; até seu desafio amoroso levar ao nosso crescimento e à nossa mudança. Quando você tenta amar seu cônjuge como Deus ama você, isso pode significar adiar um conflito quando seu cônjuge não estiver em condições mentais para ouvir o que você tem a dizer. Pode significar ignorar uma ofensa menor porque ela não condiz ao caráter de seu cônjuge e você entende as circunstâncias ou as pressões que o provocaram. Ou pode significar analisar mais a fundo para entender que algumas das fraquezas e dos pecados de seu cônjuge fazem parte de uma batalha

de longo prazo. Em vez de confrontar nosso cônjuge com cada caso de falhas, devemos ser pacientes com ele, assim como Deus é paciente conosco.

Confronte

“Não aborrecerás teu irmão no teu íntimo; mas repreenderás o teu próximo e, por causa dele, não levarás sobre ti pecado. Não te vingarás, nem guardarás ira contra os filhos do teu povo; mas amarás o teu próximo como a ti mesmo. Eu sou o Senhor” (Lv 19.17-18).

Uma vez que você entende que seu inimigo real é o pecado e não o seu cônjuge, você pode começar a entender que o pecado não pode ser ignorado. Essa passagem destaca algumas das tentações que enfrentamos quando lidamos com conflitos. Vingança e fazer vista grossa estão fora de questão. Não devemos reagir com raiva e buscar vingança dando ao nosso cônjuge uma dose de seu próprio remédio. Mas também devemos resistir à tentação de acreditar que ignoramos uma ofensa quando, na verdade, nós a guardamos e permitimos que ela se transforme em um rancor silencioso. A Bíblia ensina que existem momentos em que devemos falar direta e honestamente sobre um problema. Observe como Deus nos arranca das maneiras em que lidamos de forma errada com o conflito: se seu cônjuge estiver emaranhado em pecado e nós deixarmos de agir em amor, isso é considerado ódio. A Bíblia nos ensina a amar uns aos outros assim como Deus nos amou. Por intermédio da Bíblia, Deus fala àqueles que o prejudicaram e traíram. Em vez de ignorar o problema e se afastar ou nos destruir em ira, Deus fala conosco abertamente sobre o nosso pecado e seu desejo de restaurar o relacionamento.

Amor é mais do que certo e errado

As estratégias bíblicas são surpreendentemente semelhantes às estratégias que examinamos no início deste capítulo. Recuar se parece muito com apaziguar; esperar, com ignorar; e confrontar, com vencer.

A Bíblia não nos oferece uma estratégia única porque pessoas e situações diferentes exigem abordagens diferentes. Como você sabe qual delas deve usar? Já que o nosso fundamento é o amor de Deus, pergunte-se qual abordagem traria maior benefício para o outro. Responder a essa pergunta exige mais do que um entendimento técnico de uma ou outra abordagem. Exige que você conheça a si mesmo e seu cônjuge.

Conhecimento ensoberbece, amor edifica

A igreja de Corinto estava enfrentando uma multidão de problemas que estava perturbando a comunidade. Havia disputas sobre quais líderes eles deveriam seguir (1Co 1.10-17), imoralidade sexual (1Co 5.1), divórcio (1Co 7), e até sobre como manter a ordem durante cultos de adoração (1Co 11.20-22;14.39-40). A carta está cheia de conselhos práticos; no entanto, em sua sabedoria, Paulo faz mais do que apenas dar instruções referentes ao que deve ser feito. Ele lhes oferece um princípio para guiá-los na resolução de qualquer problema.

O conhecimento contido na expressão “o saber ensoberbece, mas o amor edifica” (1Co 8.1b) nos diz que, num conflito, estar certo e fazer a coisa certa nem sempre são a mesma coisa. Em outras palavras, podemos estar certos quanto ao princípio, mas tão errados na maneira como agimos na base desse princípio que acabamos prejudicando os outros; não estamos agindo em amor. Aqui, Paulo contrasta duas imagens, a imagem daqueles que se inflam de orgulho por estarem certos e a imagem daqueles que trabalham humildemente para edificar os outros, ajudando-os a crescer por meio do amor.

Paulo aplica esse princípio a um problema da igreja primitiva: ela debatia se cristãos podiam comer alimentos sacrificados a ídolos. No mundo antigo, às vezes, os seguidores de religiões pagãs vendiam a carne que tinha sido usada em um sacrifício ritual. Alguns cristãos não tinham reservas em relação ao consumo dessa carne. Outros sentiam que isso era errado, que a carne era impura por ter sido usada num sacrifício pagão. Quem estava certo? Como esse conflito devia ser resolvido? A questão de carne sacrificada ritualmente pode parecer estranha e irrelevante, mas as estratégias de Paulo para lidar com o conflito são úteis para lidar com os conflitos no nosso casamento.

Paulo lembra os coríntios de que, já que os ídolos não são deuses verdadeiros, a

carne sacrificada a eles pode ser consumida (veja 1Co 8.4). Mais adiante, ele escreve:

Comei de tudo o que se vende no mercado, sem nada perguntardes por motivo de consciência; porque do Senhor é a terra e a sua plenitude. Se algum dentre os incrédulos vos convidar, e quiserdes ir, comei de tudo o que for posto diante de vós, sem nada perguntardes por motivo de consciência (1Co 10.25-27).

Em outras palavras, Deus criou a carne, e ela pertence a ele como o único Deus verdadeiro. Os cristãos têm a liberdade de comer a carne que foi sacrificada a ídolos. Mas Paulo qualifica essa verdade com um princípio de amor importante: Como os outros são afetados por isso? Como os outros são afetados quando alguém vê um cristão comendo carne que foi sacrificada a um ídolo? Paulo escreve: “Entretanto, não há esse conhecimento em todos; porque alguns, por efeito da familiaridade até agora com o ídolo, ainda comem dessas coisas como a ele sacrificadas; e a consciência destes, por ser fraca, vem a contaminar-se” (1Co 8.7). Paulo reconhece que alguns dos cristãos em Corinto têm origem pagã e fazem associações fortes e vergonhosas a esses sacrifícios ou simplesmente não pensam claramente sobre a questão. Para aqueles que não conseguem comer a carne sem se sentirem desleais a Deus, comê-la seria realmente errado.

Os cristãos que entendem que a carne não é contaminada não devem comê-la de modo a tentar os outros a comê-la e se sentir culpados. Paulo usa estas palavras:

Vede, porém, que esta vossa liberdade não venha, de algum modo, a ser tropeço para os fracos. Porque, se alguém te vir a ti, que és dotado de saber, à mesa, em templo de ídolo, não será a consciência do que é fraco induzida a participar de comidas sacrificadas a ídolos? E assim, por causa do teu saber, perece o irmão fraco, pelo qual Cristo morreu. E deste modo, pecando contra os irmãos, golpeando-lhes a consciência fraca, é contra Cristo que pecais. E, por isso, se a comida serve de escândalo a meu irmão, nunca mais comerei carne, para que não venha a escandalizá-lo (1Co 8.9-13).

Observe como a pergunta muda de “Quem está certo?” para “Como devo amor meu próximo?” Não basta que aqueles que comem a carne sacrificada estejam certos e esperem que o resto simplesmente aceite isso. Isso não é amor. Amor significa importar-se com o impacto que suas ações têm sobre os outros.

Um casal que veio procurar aconselhamento estava tendo dificuldades em sua vida sexual. Em geral, o marido era muito mais aventureiro na cama do que sua esposa, e isso estava causando tensões entre eles. A esposa se incomodava especialmente quando o marido pedia que ela fizesse encenações com ele, incentivando-a a assumir uma identidade imaginária, com fantasias e acessórios durante o ato sexual. A esposa não se sentia à vontade com isso, enquanto seu marido não entendia e se irritava com sua relutância. Queriam saber quem estava certo.

Pedi que a esposa compartilhasse com seu marido como ela se sentia em relação a essas encenações. Ela disse: “Creio que o que realmente me incomoda é que eu sinto que você prefere fazer amor com outra pessoa. Por que você não se excita simplesmente comigo? Por que preciso fingir ser outra pessoa? Eu me casei com você porque quero estar com você, não com outro homem. Realmente me machuca pensar que precisamos fingir ser outras pessoas para que o sexo seja excitante”.

A essa altura, o certo e o errado estavam perfeitamente claros. Você não precisa de um versículo bíblico que permite ou proíbe especificamente encenações durante o sexo para saber que as encenações estavam ferindo a esposa e prejudicando o relacionamento. Mesmo se argumentássemos que a Bíblia concede ao marido e à esposa a liberdade de fazerem encenações, a Bíblia argumentaria que você não deve usar sua liberdade de modo que ela machuque os outros. Fazer isso significa pecar contra Cristo. Paulo também resume isso desta maneira: “Todas as coisas são lícitas, mas nem todas convêm; todas são lícitas, mas nem todas edificam. Ninguém busque o seu próprio interesse, e sim o de outrem” (1Co 10.23-24).

Resolver um conflito não se limita a decidir quem está certo e quem está errado. Exige conhecer mais do que apenas os fatos em questão. Precisamos também saber o bastante sobre o outro e de amor para traçar um curso que leve ao crescimento. Ao passo em que Paulo explica essa questão aos coríntios, aprendemos que processar um conflito de forma bem-sucedida e de maneira santa significa concentrar-se no amor e não apresentar um número suficiente de

fatos que nos ajudem a garantir a vitória.

Juntando todas as peças

Jesus, o Príncipe da paz, é nossa única esperança de vivermos em paz. Mas Jesus não estabelece paz ignorando o pecado; ele estabelece paz derrotando o pecado. Podemos imaginar isso da seguinte forma: somos tentados a imaginar paz como ausência de conflito, mas paz verdadeira é estabelecida quando destruímos o pecado. E, muitas vezes, a única maneira de identificar e derrotar o pecado é por meio do conflito.

Conflito pode ser doloroso, perigoso e destrutivo, e devemos ouvir os alertas da Bíblia. Mas devemos levar igualmente a sério o chamado da Bíblia para combatermos o pecado onde quer que o encontremos – em nosso coração e em nossos relacionamentos. Quando cônjuges aprendem a diferença entre atacar um ao outro e atacar o pecado, o conflito assume um significado completamente novo.

Aprender a processar um conflito de maneira santa e construtiva sempre será mais do que apenas seguir um processo de três, cinco ou dez passos. Exige que você cresça em sabedoria e aja em amor. Façamos uma revisão rápida dos temas apresentados nos capítulos 10 e 11:

• Lembre-se da visão geral do conflito e não ceda ao desencorajamento.

• Esteja alerta aos perigos de uma postura defensiva.

• Trate primeiro do seu próprio pecado.

• Adote a abordagem bíblica que corresponda ao seu conhecimento de si mesmo, de seu cônjuge e à necessidade do momento.

• Não fique preso à pergunta sobre quem está errado e quem está certo. Aja sempre para edificar o outro em amor.

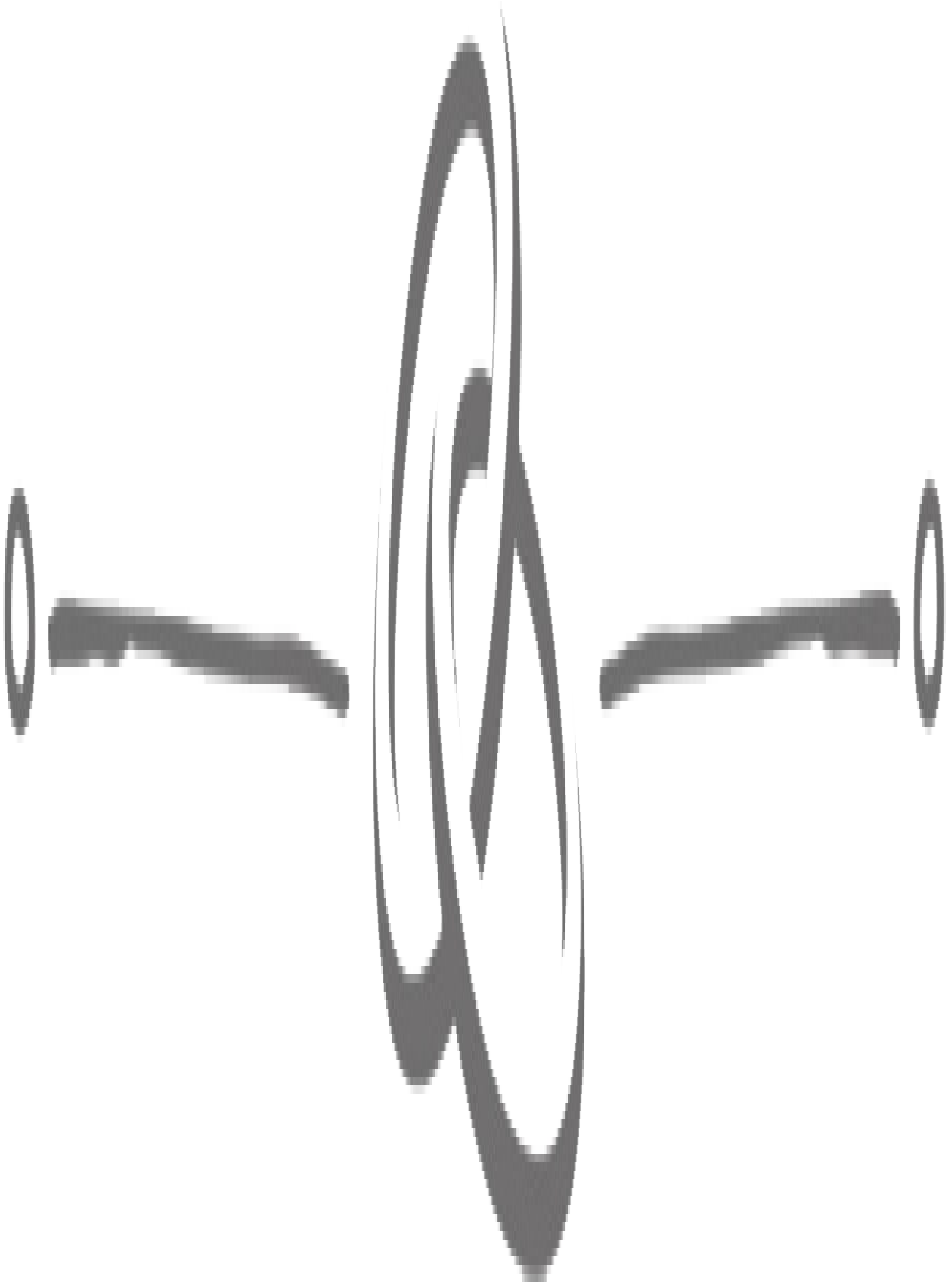
REFLITA SOBRE ISTO

• Qual estratégia você costuma usar na maioria dos conflitos: apaziguar, ignorar ou vencer? Por quê? Existem desejos ou medos específicos que definem sua abordagem?

• Qual das abordagens bíblicas é a mais difícil para você: recuar, esperar ou confrontar? Por quê?

• Você consegue pensar num conflito em que você precisa ceder às necessidades do seu cônjuge por amor?

Fundamentos do perdão



O que você aprenderá neste capítulo:

O perdão é sobrenatural e está enraizado no perdão de Deus para nós por intermédio de Cristo. Existem muitas imagens e histórias bíblicas de perdão que podem nos ajudar a entender como Deus pede que perdoemos uns aos outros assim como ele nos perdoou.

O perdão de Deus reflete várias decisões que devemos tomar para perdoar nosso cônjuge: decisões de abrir mão, de sacrificar, de confiar e de crescer.

Aprender a assumir a responsabilidade pelos nossos pecados contra nosso cônjuge e confessá-los também é importante. Existem vários elementos que precisam ser incluídos na confissão, e há várias armadilhas que devemos evitar.

O que significa perdoar

O perdão é incrivelmente poderoso. Se ele pudesse ser comercializado em garrafas, é provável que uma dose diária salvaria muitos casamentos. Mas o que, exatamente, significa perdoar? Quais são os "ingredientes ativos"? Como aprendemos a perdoar?

Recentemente, dei uma olhada num livro sobre o tema do perdão e, nas primeiras páginas, li esta admissão: "Claramente, a pesquisa científica sobre o perdão está em ascensão. No entanto, no momento em que escrevo isso, as conceitualizações do perdão pelos pesquisadores individuais são bastante diversas. Não existe uma definição consensual do perdão".[13] Em outras palavras, um número cada vez maior de psicólogos está estudando o perdão, mas todos eles têm ideias diferentes sobre o que ele é. Mesmo assim, o livro oferece a tentativa de uma definição algumas páginas mais adiante: "Sugerimos definir perdão como mudança intraindividual, pró-social em relação a um transgressor situado em um contexto específico".[14] Segue a minha tentativa de traduzir isso:

perdão é algo que acontece dentro de você que melhora a relação com a pessoa com a qual você se irritou. Eu já sabia disso.

Para ser justo, o perdão não pode ser definido adequadamente numa única oração, especialmente sem um entendimento daquilo que a Bíblia tem a dizer sobre ele. Em certo sentido, os psicólogos têm uma tarefa impossível. Ao mesmo tempo em que o perdão é algo que as pessoas fazem e que pode ser observado, ele é, no fim das contas, um ato sobrenatural. Deus inventou o perdão, e seu amor é seu fundamento. Em vez de começar com uma definição, talvez seja mais fácil permitir que a Bíblia o retrate para nós.

Uma cortina é rasgada, e os mortos são ressuscitados

A imagem mais ponderosa e mais dramática da Bíblia para o perdão e amor de Deus é a morte de Jesus na cruz. Em agonia física e espiritual quando Deus coloca sobre ele a penalidade por nosso pecado, Jesus sofre voluntariamente por nós para nos libertar. A morte de Jesus é acompanhada por alguns eventos dramáticos:

E Jesus, clamando outra vez com grande voz, entregou o espírito. Eis que o véu do santuário se rasgou em duas partes de alto a baixo; tremeu a terra, fenderam-se as rochas; abriram-se os sepulcros, e muitos corpos de santos, que dormiam, ressuscitaram (Mt 27.50-52).

Uma cortina se rasga no templo, a terra treme e abre túmulos e os mortos são ressuscitados. Essas também são imagens poderosas do perdão de Deus.

A fim de entender o significado da cortina rasgada no templo, lembre-se de que o pecado cria separação em cada nível do relacionamento. Ele separa o pai do filho, o membro da igreja do membro da igreja, amigo de amigo e marido da esposa. O pecado até divide nosso próprio coração. Mas, em lugar algum, essa

separação é mais extrema do que entre Deus e seu povo. Com a exceção de Jesus, é inconcebível que um pecador se aproxime de Deus sem ser destruído.

Na lei, Deus codificou e simbolizou essa separação e também a sua determinação de nos resgatar. Sua lei contém inúmeros mandamentos que explicam quais condutas tornavam as pessoas impuras – inaceitáveis para Deus – juntamente com os rituais, lavagens e sacrifícios necessários para a purificação. Em muitos casos, a purificação exigia um sacrifício animal, o derramamento de seu sangue, que indicava a seriedade do pecado e nos lembra de que a punição adequada para o pecado é a morte.

Uma vez por ano, o sumo sacerdote fazia a expiação por todo Israel. Após se purificar cuidadosamente em suas vestes especiais, o sumo sacerdote entrava no Santo dos Santos, na sala interior, que abrigava a arca do Testemunho, o trono terreno de Deus (veja Êx 25.10-22). Uma cortina pesada separava essa sala interior do resto do templo. Nessa sala, o sumo sacerdote aspergia o sangue de animais sacrificados sobre a tampa de expiação da arca (Lv 16.1-19). Essa expiação anual era feita de acordo com as instruções detalhadas e específicas de Deus; fazê-la com desleixo resultaria na morte imediata (Lv 16.2).

Imagine viver sob esse sistema de purificação e sacrifício rituais. Há lembretes diários de que nossa pecaminosidade exige o derramamento de sangue e de que uma cortina impenetrável o separa de Deus por causa de seu pecado. Não passa um único momento sem uma consciência aguda de que ver a face de Deus o mataria. De um lado, há esperança porque Deus providencia purificação para que ele possa viver no meio de seu povo. De outro, porém, o derramamento de sangue interminável e aquela cortina são lembretes constantes de uma dívida jamais quitada. Como o povo anseia o dia em que os pecados serão perdoados uma vez por todas.

Quando Jesus foi crucificado e a cortina do templo foi rasgada, a mensagem de Deus era inequívoca: seu povo tinha sido perdoado uma vez por todas. O obstáculo do pecado tinha sido removido. Não existia mais nenhuma necessidade de separar Deus de seu povo. Semelhantemente, a morte, a forma última de separação e punição, deixou de ser nosso destino final. Juntamente com Jesus, os mortos saíram de seus túmulos com vida nova. E agora nada separa Deus de seu povo. Podemos nos aproximar dele sem medo.

Tendo, pois, irmãos, intrepidez para entrar no Santo dos Santos, pelo sangue de Jesus, pelo novo e vivo caminho que ele nos consagrou pelo véu, isto é, pela sua carne, e tendo grande sacerdote sobre a casa de Deus, aproximemo-nos, com sincero coração, em plena certeza de fé, tendo o coração purificado de má consciência e lavado o corpo com água pura (Hb 10.19-22).

Jesus se tornou um sacrifício perfeito que remove de nós os nossos pecados uma vez por todas para que não haja necessidade de uma cortina de separação e morte. Agora, podemos nos aproximar de Deus com intimidade, sem medo de rejeição ou julgamento.

Aprender a perdoar como Deus perdoa

Abraçar o que Jesus tem feito por nós e estender isso em pensamento, palavra e ação a outros é a essência do perdão. Quando perdoamos uns aos outros, recorremos ao perdão que Jesus nos deu tomando a decisão de libertar o outro da penalidade do pecado. Em vez de fechar uma cortina e afastar uns aos outros, nós afastamos o pecado e o julgamento e nos aproximamos uns dos outros. Nas palavras mais simples, perdão significa libertar o outro da penalidade do pecado para que o relacionamento possa ser restaurado.

Imagine o perdão em termos das quatro decisões básicas que refletem a maneira como Deus nos perdoa:

• Deus decidiu nos libertar da penalidade do nosso pecado. O perdão de Deus não é uma decisão na qual ele hesita. Ele não insiste no nosso pecado ou o traz à mente. Da mesma forma, o nosso perdão deve ser uma decisão de não insistir em como o nosso cônjuge errou conosco. Permanecer firme nessa decisão exige que nos recusemos a insistir em como fomos injustiçados.

• Deus decidiu sacrificar a fim de perdoar. Deus decidiu absorver o custo do

nosso pecado. Reparar o relacionamento significa aceitar a ferida e decidir se aproximar daquele que tentou prejudicá-lo. Ele não busca vingança ou oportunidades para revidar o nosso pecado. Semelhantemente, nós decidimos nos aproximar do nosso cônjuge sem a ameaça de uma retaliação.

• Deus decidiu realizar o bem até mesmo por meio da nossa pecaminosidade. Deus não só perdoa nossos pecados, ele promete usar até os nossos piores fracassos para fazer o bem em nossa vida e em nosso relacionamento com ele. Quando perdoamos nosso cônjuge, confiamos que Deus operará para o nosso bem e para o bem do nosso casamento.

• Deus decidiu permitir que cresçamos. Deus não apenas nos perdoou uma vez e nos colocou em condicional eterna: “Ok, mais um pecado, e eu acabo com você!” Ele sabe que continuaremos a lutar com o pecado enquanto ele nos ajuda a crescer. Semelhantemente, nós perdoamos o nosso cônjuge, mas não esperamos perfeição e permitimos que ele cresça. Nossa capacidade de perdoar também cresce.

Não veja essas decisões como passos sequenciais, mas como aspectos diferentes do perdão. Quando perdoamos, haverá momentos em que você terá que se concentrar mais num aspecto específico do que nos outros, e é provável que você terá que rever cada aspecto muitas vezes.

Uma decisão para libertar

Perdão significa abrir mão do seu direito de punir o outro e escolher, por meio do poder do amor de Deus, insistir na outra pessoa e não em sua ofensa.

No processo de perdoar, a primeira barreira que você precisa remover se encontra dentro de você mesmo. Você precisa decidir abrir mão da ofensa juntamente com seu desejo de punir o ofensor. Você precisa decidir ver seu cônjuge em vez de sua ofensa. Muitas vezes, a decisão de abrir mão precisa ser renovada diariamente, a cada hora ou com uma frequência até maior. Quanto maior a ofensa, maior o desafio de abrir mão. Mas quanto menos você ruminar a ofensa e alimentar sua raiva, mais fácil isso se torna.

Entender o perdão como uma decisão de abrir mão é importante porque, muitas vezes, nós confundimos perdão com nossas emoções. Quando isso acontece, o perdão vai e vem na mesma medida em que nossas emoções vão e vêm. Quando não sentimos raiva, acreditamos que perdoamos, mas quando a raiva ressurge, parece que voltamos para o ponto de partida. Justamente quando pensamos que uma questão está resolvida para sempre, ela reaparece. Ao mesmo tempo em que o perdão afeta e pode aliviar nossas emoções, ele é muito mais do que uma emoção. É uma decisão que tomamos com base na nossa adoração de Deus de perdoar assim como ele perdoa. O perdão de Deus não é uma declaração de emoção, mas uma declaração de que seu povo recebeu o perdão de seus pecados, da mesma forma como um juiz indefere um caso num tribunal. Nesse sentido, perdão é uma decisão, uma declaração, um pronunciamento definitivo.

Mas o que acontece se você não consegue parar de pensar naquilo? Quando você fica pensando num incidente, isso pode significar que existem perguntas em aberto ou ansiedade relacionada ao que aconteceu. Procure assuntos não resolvidos ou perguntas não respondidas. Existem mágoas que você nunca revelou? Falta algo ou há alguma coisa errada na maneira como seu cônjuge está lidando com seu pecado?

Investigue também a possibilidade de um benefício escondido em remoer um incidente. Às vezes, sentir-se irritado é preferível a sentir-se ansioso ou impotente. Às vezes, preferimos viver num casulo de raiva para nos proteger do que se arriscar a confiança exigida para perdoar. Agarrar-se a uma ofensa pode fornecer uma sensação de superioridade moral sobre nosso cônjuge e desviar nosso olhar do nosso coração. Se esse for o caso, concentre-se no amor e na misericórdia de Deus e peça que ele o ajude a perdoar. Talvez queira recrutar também o encorajamento e as orações de amigos sábios ou de um conselheiro.

Perdoar não é igual a esquecer. Não é uma forma divina de amnésia. Deus não quer que vivamos como pessoas sem uma história ou que finjamos que os pecados nunca aconteceram. Na verdade, a capacidade de lembrar como Deus nos libertou por meio de tempestades conjugais, capacitando-nos a confessar, perdoar e superar, pode nos dar esperança e uma âncora em tempestades futuras. Histórias de perdão e reconciliação podem se tornar também parte da maneira como você procura fortalecer e encorajar outros em seu casamento. Uma coisa é lembrar-se de um incidente com gratidão pela maneira como Deus operou em seu casamento, mas outra, bem diferente, é recordar esse incidente para despertar sua raiva e mágoa.

Uma decisão para sacrificar

O perdão de Deus exigiu o sacrifício de seu Filho para pagar a penalidade do pecado. Nosso perdão também exige sacrifícios, mas de um tipo diferente. Seu sofrimento não expia o pecado de seu cônjuge, mas você terá que se sacrificar de várias formas:

• Você terá que aceitar a ferida que você recebeu de seu cônjuge. Perdão não significa fingir que ela não aconteceu ou fugir dela. Encare a dor da ofensa e o desconforto de conversar sobre isso para que seu cônjuge possa saber como você se feriu e ter uma oportunidade de se afastar do pecado e receber misericórdia e perdão. Perdão é um sacrifício no sentido de você escolher o caminho mais difícil. Você está sacrificando o conforto temporário de ignorar o problema ou o prazer temporário de erguer um muro de amargura para, em vez disso, realizar o trabalho duro e, às vezes, doloroso de se aproximar daquele que o feriu.

• Significa também que você está abrindo mão de qualquer retaliação no futuro. Você está sacrificando todos os momentos em que você queira lembrá-lo de como ele feriu você, querendo causar nele o mesmo tipo de dor que ele causou em você, confortando-se no poder de obrigá-lo a reconquistar seu amor e afeto.

Uma maneira importante em que você sacrifica seu direito à justiça é recusando-se a mencionar o assunto de maneira danosa. Isso significa, por exemplo, não dar alfinetadas sutis e não usá-lo como ás na manga na próxima discussão. Isso é uma extensão de sua decisão de liberar seu cônjuge da penalidade. Se você conseguir evitar pensamentos negativos, é muito menos provável que você use o incidente contra o seu cônjuge no futuro. Se você mencionar o incidente repetidamente com o propósito de machucar seu cônjuge, reafirme sua decisão de libertá-lo da penalidade. Reflita para ver se você está remoendo sua mágoa regularmente em sua mente e por quê.

A palavra-chave nesse compromisso é “de forma danosa”. Mesmo no contexto de um conflito, pode ser útil entender como um problema atual está relacionado a um problema do passado. A capacidade de identificar um padrão de problemas

no casamento pode levar a um entendimento mais profundo daquilo que está acontecendo sob a superfície. Uma esposa, por exemplo, que pecou recentemente ao perder a cabeça em vários incidentes diferentes precisa ser encorajada a perceber a onda crescente de sua raiva. Um marido amoroso desejará naturalmente ajudá-la a refletir e entender o que está causando os recentes picos de raiva para enxergar além dos eventos e chegar às questões subjacentes. Isso não demonstra uma falta de perdão, mas sabedoria e amor.

Não fofoque sobre o problema. Falar com outros sobre o incidente significa, provavelmente, que você está alimentando a lembrança da ofensa. Observe com que frequência você pensa nesse incidente, quais são suas atitudes em relação a ele e por quê.

Um desejo de conversar com outro pode ser também um sinal de que você precisa conversar mais com seu cônjuge sobre o incidente, mas não pode. Se você teme que mencionar o problema novamente magoará seu cônjuge ou se ele pediu que você não o mencione mais, lembre a si mesmo e seu cônjuge que perdão é um processo, que você assumiu o compromisso de perdoar, mas que você precisa de ajuda para processar o que aconteceu para que seu perdão possa crescer.

Uma decisão para confiar que Deus pretende o bem

Quando Jesus se sacrificou, ele teve que se confiar a Deus. Ele teve que confiar que Deus realmente lidaria com o pecado pelo qual ele, Jesus, estava pagando. Ele confiava que o perdão faria uma diferença e que seu sacrifício não era em vão. Ele confiou que Deus o protegeria e até o ressuscitaria dentre os mortos. Ele confiou que Deus renovaria e restauraria seu povo.

Você também precisa confiar em Deus quando você decide perdoar. Você precisa confiar que Deus curará suas feridas e usará seu sacrifício para restaurar seu relacionamento. Quando você perdoa, você precisa confiar que você não está fazendo papel de bobo, mas que Deus operará por intermédio de seu perdão. Seu perdão não garante uma mudança em seu cônjuge, mas garante que você crescerá e que você será protegido de amargura. Confie que o perdão é o caminho que Deus fornece para abrir as cortinas que separam você de seu cônjuge. Confie que o perdão renovará seu casamento.

Sua decisão de perdoar é uma decisão de fazer tudo que pode para impedir que esse incidente fique entre você e seu cônjuge.

Essa decisão é uma culminação das outras. Se você não remoer um incidente e decidir não usá-lo de forma destrutiva contra seu cônjuge ou não conversar sobre ele com outros, você já fez muito para remover os obstáculos em seu casamento. Mas, às vezes, permitimos que a ofensa fique entre nós de maneiras mais sutis. Por exemplo, você e seu marido conversaram e processaram o problema de ele trabalhar até tarde sem ligar para você para informá-la o que está acontecendo. Ele pediu perdão, reconhecendo que foi egoísta não pensar nos efeitos que isso teria sobre você, e promete que melhorará. Agora, duas semanas depois, ele liga para casa como prometeu para explicar que ele tem que trabalhar até tarde e que sua ida ao restaurante terá que acontecer uma hora mais tarde. Você está fervendo por dentro. Ele cumpriu seu compromisso, mesmo assim suas emoções estão às soltas e você só quer se retirar e dizer que não sairá mais naquela noite. O que está acontecendo?

É possível que as emoções que você experimentou algumas semanas atrás estejam reaparecendo porque essa situação é semelhante ao que aconteceu antes. Ele está trabalhando até tarde, e isso afeta seus planos. Mas a situação também é maravilhosamente diferente. Lembre-se de sua decisão de perdoar e agradeça a Deus por ter ajudado vocês a processar o problema. Seja grata por seu marido estar cumprindo sua palavra e se concentre em aproveitar o tempo que terão juntos quando ele voltar para casa.

É possível, também, que exista algum problema não resolvido que você tenha que levar em consideração. Você lidou com o incidente de ele não ligar quando precisa trabalhar até tarde, mas, para você, o problema vai além disso. Ele não ligava quando trabalhava até tarde, mas a questão era que ele estava trabalhando muito de forma geral, e você sente que já não é a prioridade para ele que deveria ser. É bom reconhecer isso, mas precisa ser tratado como um problema diferente dos planos de jantar para hoje à noite. Aproveite a saída hoje à noite, mas reflita e ore sobre como e quando discutir a questão de suas exigências de trabalho.

Uma decisão para crescer

Não importa quão sincera seja a confissão e a promessa de mudar, seu cônjuge

poderá pecar novamente contra você. Lembre-se de que mudança é um processo. O perdão que Deus nos dá com base na morte única de Jesus na cruz nos é concedido a cada dia pelo resto de nossa vida. Um dos propósitos desse perdão, restaurar-nos à sua imagem perfeita, é um processo que leva uma vida inteira.

Na medida em que Deus aperfeiçoar sua imagem em você, o perdão é algo em que você se aprimorará. Em alguns dias, perdoar parecerá fácil e natural. Em outros dias, você desejará reverter a decisão que tomou no dia anterior. Jesus iniciou uma obra maravilhosa em você, mas você ainda não amadureceu completamente. Crescer em perdão exige que você permaneça focado em Jesus interagindo com ele e aprendendo dele, da mesma forma como você deve fazer em qualquer outra área de sua vida.

Confessar pecados e pedir perdão

"Eu sei que preciso aprender a perdoar, mas não posso esperar ouvir um pedido de perdão do meu cônjuge?"

Para que ocorra uma restauração completa, o perdão deve ser oferecido num contexto de confissão. (Falaremos sobre perdoar o impenitente no capítulo 13.) No casamento, o perdão deve envolver ambas as partes: um ou ambos devem reconhecer e confessar o pecado, e um ou ambos devem perdoar.

O que você deve manter em mente ao confessar um pecado

O pecado é um inimigo tão traiçoeiro que ele consegue se infiltrar até mesmo em nossas confissões e agravar as feridas que esperamos curar. Existem alguns princípios simples que podem ajudar você a evitar os erros e armadilhas mais comuns de confissões que dão errado.

O propósito da confissão é restaurar o relacionamento com Deus, não apenas

dizer que você sente muito

Para muitos de nós, confissão significa dizer: “Sinto muito”. Por mais importante que isso seja, expressar pesar é apenas uma parte de confessar pecados. O fundamento da confissão é reconhecer sua rebelião contra Deus. A confissão ao seu cônjuge só pode ser eficaz após buscar o perdão de Deus. O rei Davi escreve:

Pois eu conheço as minhas transgressões, e o meu pecado está sempre diante de mim. Pequei contra ti, contra ti somente, e fiz o que é mau perante os teus olhos, de maneira que serás tido por justo no teu falar e puro no teu julgar (Sl 51.3-4).

Davi tem uma visão clara de seu pecado e conhece seu mal cometido contra o próprio Deus. Observe a expressão: “Pequei contra ti, contra ti somente”. É uma declaração notável em vista do pecado que ocasionou esse arrependimento – o adultério de Davi com Bate-Seba e o homicídio subsequente de Urias, marido de Bate-Seba (veja 2Sm 11).

Davi não desconsidera as vítimas humanas de seus crimes, mas sabe que, em sua essência, seu pecado é uma expressão de ódio contra Deus – uma tentativa de destronar Deus. Davi admite que seus pecados contra Urias e Bate-Seba foram, no fundo, ações enraizadas em seu desejo perverso de ser seu próprio deus. Ao falar da raiz de seu pecado, Davi pede a Deus uma purificação completa e profunda. Purificação e restauração com Deus capacitarão Davi a tomar todo passo possível para corrigir os males que cometeu, para continuar como rei e encarar as consequências inevitáveis.

Uma reconciliação duradoura no casamento precisa estar enraizada num arrependimento que trata do problema real. Lembre-se, problemas relacionais são problemas de adoração, e a única maneira de corrigir problemas de adoração é a restauração do relacionamento com Deus. Quando a reconciliação com seu cônjuge é construída sobre o fundamento de confissão e arrependimento perante Deus, sua profundeza e autenticidade tornam o perdão mais natural e fácil para o outro. Ao mesmo tempo, um arrependimento verdadeiro capacita o confessor a viver com a confusão da vida real que caracteriza o processo de perdão e restauração.

O propósito da confissão não é tirar um peso de seu peito

Uma confissão pode causar desconforto, mas, muitas vezes, é um alívio. Alguma vez você já teve uma consciência pesada que ficou incomodando você dia após dia? Uma consciência pesada é uma coisa boa quando ela nos ajuda a enxergar nosso pecado e a tomar medidas para corrigir nossos erros. Mas, às vezes, aliviamos o peso na nossa consciência contando ao nosso cônjuge algo que causará mais dano do que bem.

Contemple, por exemplo, pensamentos luxuriosos. É pecaminoso imaginar e entreter pensamentos adúlteros, mas seria nocivo compartilhá-los com seu cônjuge toda vez que tal pensamento passa por sua mente. Suas confissões diárias causariam efetivamente um ferimento que faria com que seu cônjuge vivesse em ansiedade e preocupação com algo que, se isso for uma luta significativa, deve ser discutido com um amigo confiável. O propósito da confissão não é apaziguar sua consciência, mas lidar com o pecado. Não faça uma confissão sem contemplar como ela afetará seu cônjuge. Antes de confessar um pecado, determine se seu cônjuge foi ou será afetado por suas ações.

Mesmo quando confessamos algo que devemos confessar, podemos estar com tanta pressa para aliviar nossa consciência que fazemos a confissão às pressas, exigindo simpatia ou compreensão imediata, sem pensar no impacto que a nossa confissão terá sobre o nosso cônjuge. Lembre-se, a confissão não é uma estratégia para aliviar sua consciência, mas um ato de amor que deve beneficiar seu casamento.

Não jogue a culpa no outro

Somos tão rápidos em jogar a culpa no outro que até a incluímos em nossa confissão de pecado usando palavras como se, mas e talvez. Quando introduzidas em uma confissão, essas palavras têm um jeito sorrateiro de transformar uma confissão em acusação ou, num mínimo, em um convite para dividir a culpa. Por exemplo:

QUANDO VOCÊ DIZ...
“Sinto muito se eu feri seus sentimentos.”
“Eu sei que menti para você, mas eu não teria sido obrigado a mentir se você
“Talvez eu não deveria ter gasto aquele dinheiro sem falar com você primeiro

Se você não estiver assumindo a responsabilidade por aquilo que fez, você não está confessando pecados; você está simplesmente explicando como outra pessoa é responsável por aquilo que você fez. Às vezes, oferecemos e retiramos nossa confissão simultaneamente.

Seja específico

Quando você confessar um pecado, descreva o que você fez, por que você o fez e até mesmo como você está ciente de que isso é uma batalha espiritual. A confissão de detalhes específicos daquilo que você fez demonstra que você analisou minuciosamente a si mesmo e a situação.

Por exemplo, se você se irritou com seu cônjuge, não se contente em dizer: "Sinto muito por ter perdido a cabeça com você". Vá mais fundo.

Como, exatamente, você perdeu a cabeça? "Eu gritei com você e bati a porta. Sei que isso é muito assustador".

O que está se passando em seu coração? "Eu estava com pena de mim mesmo e queria que você também sentisse de mim. Eu não recebi o que queria e então castiguei você com minha raiva. Isso foi errado e egoísta".

Qual era a batalha espiritual? "Sei que Deus quer que eu aprenda a amar você mais e que eu pare e pense naquilo que estou fazendo. Ele está me mostrando como é pecaminoso concentrar-me em mim mesmo e esquecer que eu amo você. Ele também está me mostrando que devo amá-lo mais".

Quando você consegue descrever a si mesmo com tanta precisão, você terá mais sucesso em suas tentativas de mudar, e será mais fácil para o seu cônjuge perdoá-lo.

Expresse tristeza sincera

Sim, dizer que você sente muito não basta para uma confissão plena; porém, é de

importância crucial. Seu cônjuge precisa saber que você o fez sofrer com a dor que lhe causou. Lembre-se, um elemento básico do amor é uma capacidade e disposição de visitar o mundo do outro. O amor sincero nos diz: “Alegrai-vos com os que se alegram e chorai com os que choram” (Rm 12.15). Como parte de sua confissão, tome o tempo para perguntar e ouvir como o seu pecado afetou seu cônjuge. Ouvir como você machucou seu cônjuge é uma expressão dolorosa, mas importante do amor, que pode aprofundar sua compreensão do seu pecado, seu arrependimento perante Deus e seu apreço pelo perdão de Jesus.

Planeje para ser diferente

Se você estiver realmente arrependido daquilo que fez, então você desejará que as coisas sejam diferentes no futuro. Quando descrever seu pecado e seu desejo de ser diferente, esteja disposto a discutir ideias que tornem isso mais provável: esteja disposto a aceitar as consequências do seu pecado.

“Consequências? Pensei que perdão tratava de libertar o outro da punição!” Sim, quando perdoamos, libertamos o outro da penalidade do pecado, mas, às vezes, sabedoria e amor exigem consequências.

Por exemplo, se você gastou dinheiro secretamente, sabendo que você deveria ter discutido isso primeiro com seu cônjuge, você pode dizer: “Sei que violei sua confiança e estou disposto a entregar o talão de cheques a você por um tempo”. Se você estiver tendo dificuldades com pornografia ou jogos online, aceite a necessidade de alguém a quem você possa prestar contas, de um filtro de internet ou outras limitações para o seu uso do computador.

Aceitar consequências como essas demonstra o reconhecimento humilde de que você precisa de restrições para impedir danos futuros a você mesmo, ao seu cônjuge e ao seu casamento. Uma disposição de aceitar consequências é evidência de um coração verdadeiramente arrependido.

Abandonar o pecado é um processo. Arrepender-se significa reconhecer que aquilo que você fez foi errado, então, obviamente, você não quer voltar a fazer a mesma coisa. Sem prometer que você jamais voltará a pecar da mesma forma, você pode demonstrar um arrependimento genuíno falando sobre como você planeja fazer as coisas de modo diferente. Isso pode ser algo tão simples quanto dizer: “Quando eu estiver tentado a atacá-lo novamente, eu vou sair da sala para

esfriar a cabeça", ou tão intencional quanto: "Pedirei ao Kevin que ele ore comigo sobre isso e exija que eu preste contas a ele". Diga ao seu cônjuge que você não só quer mudar as coisas, mas que você também está tomando passos que levarão ao crescimento.

Peça perdão

Não importa se sua confissão seja longa ou curta, um elemento essencial é um pedido claro por perdão. Quando você pede perdão explicitamente, duas coisas importantes acontecem.

Em primeiro lugar, seu cônjuge saberá como reagir. Seu cônjuge pode ser tão inexperiente em perdoar quanto você é em confessar. Se esse for o caso, pedir perdão explicitamente lhe indica o caminho que deve seguir.

Em segundo lugar, você evita fazer suposições falsas. Você não quer encerrar o assunto pensando que ele está resolvido, quando, na verdade, ele não está. Se sua confissão não for interpretada corretamente ou não levar em conta as coisas que são importantes para o seu cônjuge, você precisa saber disso. Você não quer que um problema seja abandonado prematuramente, só para que ele apareça mais tarde, quando amargura ou outras complicações pioraram ainda mais a situação.

Dê ao seu cônjuge o tempo necessário para absorver o que você confessou. Lembre-se de que o perdão é um processo e de que ele ou ela pode não estar pronto ou ser capaz de concedê-lo.

Conflito é comum, perdão é incomum

No perdão, praticamos e estendemos a outros aquilo que Deus tem feito por nós. Assim como Deus lidou com o pecado para que ele não obstruísse mais o nosso relacionamento com ele, nós devemos aprender a perdoar uns aos outros para resolver os pecados e os danos causados em nosso casamento. Deus é o autor do perdão, e devemos aprender com ele. Lembre-se, a chave para uma mudança duradoura no casamento é aprender a reconhecer os momentos comuns da vida como oportunidades extraordinárias para representar o amor de Deus. Em momentos de conflito, Deus nos oferece oportunidades para tornarmos visível o

seu amor de maneiras maravilhosas e poderosas. Uma disposição de admitir e perdoar pecados é nada menos do que as boas novas do perdão do pecado por Deus que estão sendo proclamadas por meio do seu casamento.

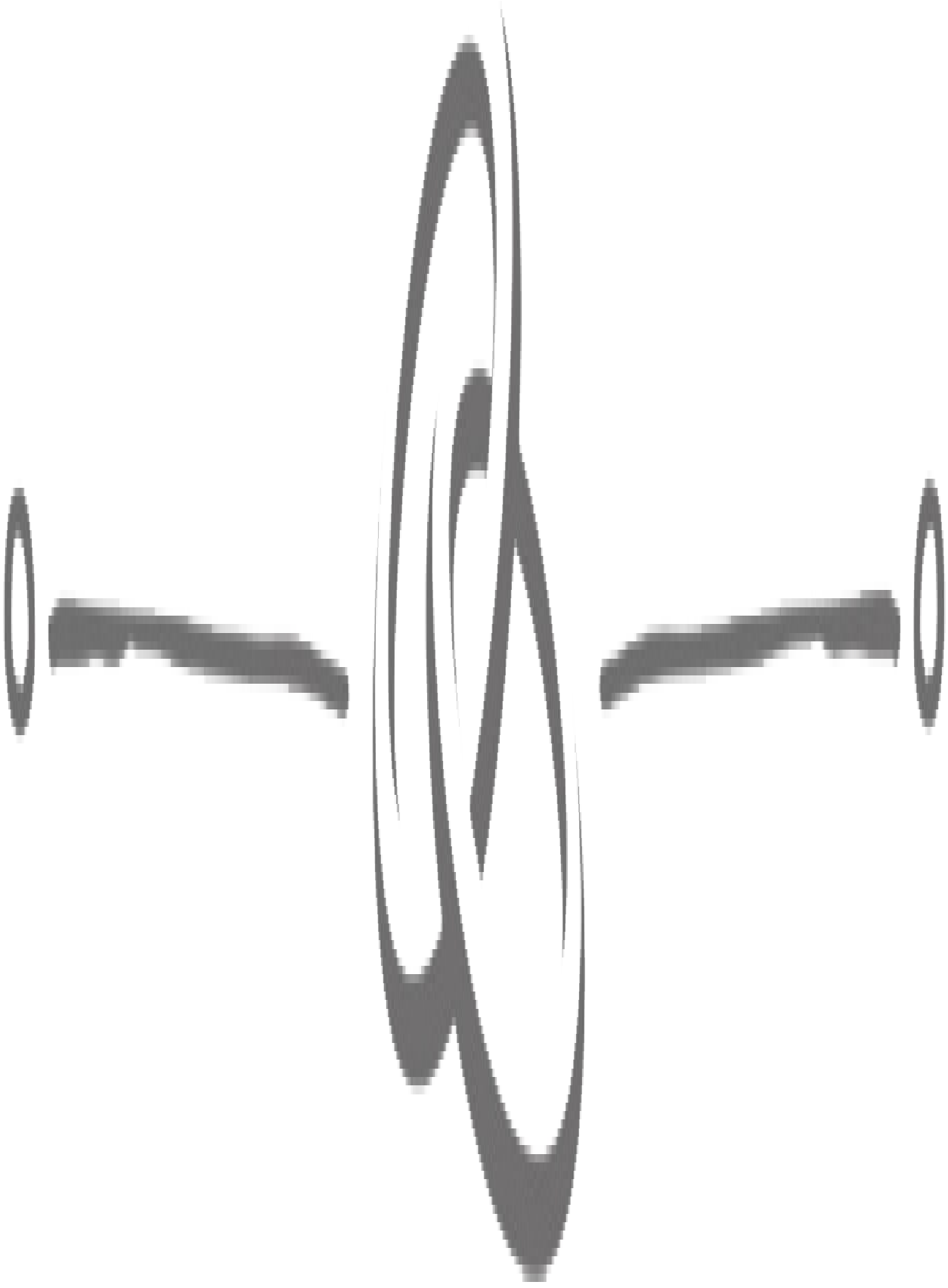
REFLITA SOBRE ISTO

• Lembre-se de uma vez em que alguém o perdoou sinceramente. O que ele ou ela fez ou disse? Qual foi o impacto disso sobre você e o relacionamento? Lembre-se de uma vez em que alguém se recusou a perdoá-lo. Qual foi o impacto disso sobre você e o relacionamento?

• Quais aspectos do perdão são mais fáceis ou mais difíceis para você do que os outros? Explique as diferenças.

• Como suas confissões costumam dar errado? Por quê?

Perdão no casamento



O que você aprenderá neste capítulo:

Perdão pode ser um desafio em qualquer relacionamento, mas pode ser especialmente difícil no casamento. A intimidade do casamento nos torna mais vulneráveis aos pecados e às fraquezas do outro.

Existem obstáculos comuns ao perdão no casamento: usar o perdão para encerrar um assunto (i.e., apressar o processo); temer que a mesma coisa voltará a acontecer; e não reconhecer as diferenças entre perdoar e capacitar, entre consequências e retaliação.

O perdão pode ser facilitado se você se concentrar em como seu cônjuge o abençoou, quantas vezes você já foi perdoado e como você está sujeito a tentações e fraquezas semelhantes.

Se seu cônjuge não assumir a responsabilidade pela maneira como ele machucou você, mesmo que você não possa oferecer perdão em sua plenitude, você pode, mesmo assim, evitar amargura e permanecer aberto para o seu cônjuge.

Obstáculos para o perdão no casamento

Não importa quão experiente você seja em perdoar ou quão bem tenha navegado as águas tempestuosas de todos os outros relacionamentos, é provável que você encontrará dificuldades de praticar o perdão no casamento, pois quanto maior for a intimidade com alguém, maior é o poder dele de feri-lo profundamente. Por mais maravilhoso que seu cônjuge possa ser, você está sendo íntimo com um portador caído da imagem, com um pecador. Quando a pessoa em que você mais confia peca contra você, a ferida é mais profunda do que em relacionamentos menos íntimos. O amor de Deus, porém, é mais profundo, e o perdão que ele nos dá em Jesus e que ele nos instrui a dar aos outros é poderoso.

Usar o perdão para encerrar um assunto

Sabendo que perdoar significa que o incidente deve se tornar parte do passado, às vezes, os cônjuges apressam o processo para acabar logo com ele. Afinal de contas, mesmo que você saiba que Deus realiza coisas boas por meio da reconciliação, isso não significa que é divertido ou agradável.

O cônjuge ofendido pode conceder perdão apressadamente, impedindo a necessidade do cônjuge ofensor de fazer uma confissão plena. Às vezes, ele ou ela se sente pressionado a perdoar prematuramente, fechando assim uma ferida que ainda está cheia de sujeira.

Se seu cônjuge o pressionar para perdoar, quando você acredita que ainda há aspectos importantes que não foram discutidos, explique que você pretende oferecer perdão pleno, mas que você quer que seu perdão exerça todo o seu efeito. Tente explicar com humildade e gentileza o que ainda falta na confissão de seu cônjuge. Ou, se você simplesmente precisar de mais tempo para refletir e processar a confissão e os eventos que levaram a ela, garanta ao seu cônjuge que você não está rejeitando a confissão, mas que está a levando a sério e tentando reagir a ela de modo refletido.

Uma chave crítica para ajudar seu cônjuge a perdoar é tomar o tempo necessário para formular verbalmente como seu pecado afetou seu cônjuge, para então expressar de forma autêntica que você sente muito por aquilo que fez. Antes de expressar a dor de seu cônjuge em suas próprias palavras, garanta que você tomou o tempo necessário para permitir que seu cônjuge verbalizasse sua dor. Expressar dor não é fácil e pode demorar.

Colocar em papel a sua confissão pode ajudá-lo a se conectar de forma mais profunda com o seu pecado e seus efeitos, e pode ajudar seu cônjuge a absorver suas palavras. Demonstra que você está refletindo profundamente sobre seu pecado, e coloca na mão de seu cônjuge algo que pode lembrá-lo disso quando ele duvidar de você. Se seu cônjuge foi profundamente ferido por seu pecado, não apresse essa parte do processo. Se você agir precipitadamente, seu cônjuge terá a impressão de que você está minimizando seu pecado.

Acreditar que seu cônjuge voltará a fazer a mesma coisa

Outro obstáculo proeminente ao perdão é acreditar que o cônjuge ofensor inevitavelmente voltará a cometer o mesmo pecado. Se perdão significa ser um capacho para um cônjuge que não se importa com o impacto de suas ações sobre você, o perdão parece ser fútil e humilhante. Por outro lado, todos nós sabemos que abandonar um pecado, até mesmo um pecado que odiamos e do qual nos arrependemos, é um processo. Muitas vezes, repetimos uma ofensa, mesmo quando tentamos crescer.

Várias coisas podem ajudar quando essa preocupação se torna um obstáculo para o perdão. Em primeiro lugar, quanto mais completa a confissão, maior a facilidade de ter fé que, mesmo que a mesma coisa volte a acontecer, Deus continuará a efetuar mudança e crescimento. Por exemplo, a maioria dos cônjuges entende que alguém que esteja lutando contra um vício terá recaídas durante sua luta para se livrar do vício. Enquanto o ofensor for autêntico em seu arrependimento e em seu compromisso de permanecer no caminho do crescimento, o cônjuge ofendido é capaz de perdoar e se recuperar.

Em segundo lugar, quando o perdão é bloqueado pelo medo de uma ofensa repetida, pode ser especialmente importante conversar detalhadamente sobre os passos a serem tomados para impedir que ela volte a acontecer. Nenhum plano é totalmente à prova de erros, e não devemos confiar mais em nossos planos do que na obra de Deus; mesmo assim, sempre que possível, é sábio erguer barreiras contra o pecado e traçar o caminho a seguir. Garanta que o cônjuge com esse medo participe do plano e que suas preocupações sejam levadas a sério.

Perdoar, capacitar e estabelecer consequências: conheça a diferença

Aprendemos que existem estratégias típicas que usamos quando lidamos com conflitos: apaziguar, ignorar e vencer. Aprendemos também que essas estratégias podem se parecer com ações que o amor exige (recuar, esperar e confrontar), mas, em sua essência, elas são tão diferentes quanto noite e dia. Muitas vezes, as estratégias que desenvolvemos por conta própria são moldadas por nossos desejos e medos, não pelo amor. Da mesma forma, existem elementos do perdão que podem parecer elementos do amor bíblico, mas que, na verdade, são

maneiras veladas de servir a nós mesmos.

Sabemos, por exemplo, que perdoar significa libertar nosso cônjuge da dívida de seu pecado. Não devemos exigir que nosso cônjuge sofra para satisfazer nosso desejo de retaliação. Às vezes, porém, o amor exige consequências para proteger ambos os cônjuges contra pecados especialmente nocivos, e.g., uma conduta abusiva e vários vícios.

Se as tentações do pecado não são levadas a sério e consequências não são implementadas, um desejo sincero de perdoar pode se transformar numa forma de capacitação que colocará em perigo o nosso cônjuge e o nosso casamento. Um cônjuge viciado em pornografia, por exemplo, precisa de perdão, não de acesso irrestrito ao computador da família. Mas consequências podem facilmente se transformar em um disfarce para retaliações. O uso restrito do computador da família é uma consequência sensata e amorosa para o consumo de pornografia, mas expulsar o cônjuge do quarto por seis meses é, muito provavelmente, uma expressão de vingança.

Para escapar das armadilhas de capacitação e vingança, examine seu coração para determinar por que você está removendo ou exigindo consequências. Nossas motivações sempre serão mistas, mas a motivação maior deve ser amor, não medo, raiva ou ressentimento. Você pode afirmar honestamente que aquilo que você está fazendo é para o bem de seu cônjuge e seu casamento? Reflita também sobre o seu objetivo ao acrescentar ou remover consequências. Suas medidas encorajam seu cônjuge a mudar? Elas providenciam alguma forma de proteção para que o relacionamento possa curar?

Ajudas para perdoar

Medo, raiva, amargura, desesperança e até mesmo apatia podem impedir o perdão. Emoções que nos mantêm amarrados a feridas do passado privam o perdão de seu poder de doar vida. Além de permanecermos comprometidos com as decisões de perdoar, podemos nos concentrar em outras coisas que fortalecem essas decisões e enfraquecem o poder de emoções dolorosas.

Eu gosto dessa pessoa

Quando sentimos raiva e dor, podemos demonizar nosso cônjuge, vendo-o apenas através da visão do túnel da dor que ele nos causou. Mas por mais difícil que seu cônjuge possa ser, é provável que existam algumas boas razões pelas quais você se casou com ele, coisas que você gostava ou admirava que despertaram em você o desejo de fazer daquela pessoa uma parte permanente de sua vida. Existem, portanto, boas razões para trabalhar para remover o que está separando vocês. Tome tempo para meditar e apreciar as coisas que você aprecia em seu cônjuge – coisas que você pode ter perdido de vista em meio à sua dor e raiva. Paulo falou sobre isso quando escreveu:

Finalmente, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é respeitável, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se alguma virtude há e se algum louvor existe, seja isso o que ocupe o vosso pensamento (Fp 4.8).

Essa pessoa tem sido uma bênção para mim

A fim de aproveitar as maneiras em que você gosta e aprecia seu cônjuge, reflita sobre como ele o abençoou. Isso abrange mais do que simplesmente lembrar os aspectos que você aprecia nele. Ser abençoado por seu cônjuge inclui como Deus o usou para ajudá-lo a crescer; isso inclui as coisas irritantes. Contemple como Deus usa suas falhas e sua pecaminosidade para aumentar paciência, misericórdia e perdão em você. Em que sentidos você é uma pessoa melhor por ter seu cônjuge em sua vida? Como Deus o usou para tornar você mais semelhante a Deus? Como, então, você pode dar graças por seu cônjuge?

Às vezes, a extroversão de Kim e a minha introversão se chocam. Quando isso acontece, é uma irritação; mas quando lembramos como complementamos um ao outro, descobrimos que é muito mais fácil perdoar o pecado envolvido. Sou uma pessoa melhor porque fui aguçado pela extroversão de Kim. Aprendi a ser mais sociável e divertido e, como resultado, aprendi a amar mais os outros porque fui treinado pela extroversão dela.

Muito me foi perdoado

Nos momentos mais escuros de dor, você pode olhar para dentro de si mesmo em busca de alguma ajuda para perdoar e sentir que está procurando água no fundo de um poço ressecado. Quando você está sendo consumido por sua própria dor, de onde vem o perdão?

Em Mateus 18, os discípulos de Jesus estão aprendendo sobre as exigências do perdão, e a ideia os assusta tanto quanto assusta a nós. Pedro pergunta a Jesus quantas vezes, exatamente, devemos perdoar alguém; talvez sete vezes, ele se arrisca, tentando ser generoso. A resposta de Jesus: setenta e sete vezes (Mt 18.22 [algumas traduções dizem: "setenta vezes sete vezes"]). Isso não significa que você deve manter um registro minucioso de cada perdão e desistir quando chegar ao número 77. É a maneira de Jesus de dizer: "Tantas vezes quanto for necessário".

Para que ninguém duvide de sua intenção, Jesus conta então a parábola de um servo que devia a um rei uma quantia incrível – dez mil talentos, o equivalente a muitos milhões de dólares. Maravilhosa e graciosamente, o rei perdoa a dívida quando o servo implora por misericórdia. Mas esse mesmo servo procura então um colega e exige o pagamento de uma dívida de cem denários (mais ou menos quatro salários). Quando o rei fica sabendo disso, ele fica furioso.

Então, o seu senhor, chamando-o, lhe disse: Servo malvado, perdoei-te aquela dívida toda porque me suplicaste; não devias tu, igualmente, compadecer-te do teu conservo, como também eu me compadeci de ti? E, indignando-se, o seu senhor o entregou aos verdugos, até que lhe pagasse toda a dívida (Mt 18.32-34).

Nossa capacidade de perdoar resulta do nosso apreço pelo perdão de Deus que vivemos. Se você ainda não entende o quanto lhe foi perdoado, lembre-se de que seu perdão exigiu a morte do filho perfeito de Deus. Quando você aprecia e vive a alegria e a gratidão pelo perdão de Deus, torna-se mais fácil perdoar os outros.

Observe que a parábola reconhece a gravidade do pecado cometido contra nós.

Jesus não está minimizando o sofrimento que você experimentou. Cem denários são uma quantia de dinheiro significativa – um terço do salário anual. Mesmo assim, nenhuma dívida se compara com aquilo que nos foi perdoado. Conceder perdão não significa olhar para seu interior para encontrar uma reação emocional adequada; significa concentrar-se no amor e na graça de Deus e pedir a capacidade de repassá-los para o seu cônjuge.

Mesmo que isso não se compare à quantia que Deus lhe perdoou, pare também para pensar sobre os seus próprios pecados que seu cônjuge decidiu perdoar ou ignorar. Perdoar se torna mais fácil quando você mesmo foi perdoado.

Meu cônjuge e eu somos mais parecidos do que diferentes

O pecado encoraja a nos elevarmos acima de nosso cônjuge. Em geral, avaliamos os outros determinando se e como eles servem aos nossos fins, mas, às vezes, encontramos conforto também em como somos melhores do que eles. “Sim, meu cônjuge me machucou”, você pensa, “mas pelo menos posso me confortar sabendo que sou uma pessoa melhor. Afinal de contas, eu jamais conseguiria fazer com ele o que ele fez comigo”. Esse tipo de pensamento pode ser uma armadilha tentadora quando você foi ferido; mesmo que o conforte por algum tempo, essa postura mental envenena qualquer tentativa de perdoar.

No sermão do Monte (Mt 5–7), Jesus ensina aos seus discípulos e à multidão reunida que a vida em seu reino exige uma compreensão profunda da lei – uma compreensão que penetra nosso coração julgador. Ao ensinar sobre vários mandamentos – as proibições de homicídio, adultério, mentira – ele insiste sempre num mesmo ponto: sob a lei, todos são pecadores, por isso, nunca temos o direito de nos elevar acima dos outros e de julgá-los.

Se nos sentirmos superiores ao assassino, somos lembrados de que assassinamos em nosso coração quando guardamos raiva:

Ouvistes que foi dito aos antigos: Não matarás; e: Quem matar estará sujeito a julgamento. Eu, porém, vos digo que todo aquele que [sem motivo] se irar contra seu irmão estará sujeito a julgamento (Mt 5.21-22).

Se nos sentirmos superiores ao adúltero, somos lembrados de que o desejo nos torna adúlteros no coração:

Ouvistes que foi dito: Não adulterarás. Eu, porém, vos digo: qualquer que olhar para uma mulher com intenção impura, no coração, já adulterou com ela (Mt 5.27-28).

Em nosso coração, somos todos mais semelhantes do que diferentes. Em vez de nos dar razões para nos sentirmos superiores aos outros, a lei mostra que todos nós precisamos igualmente do perdão de Deus. Ações importam, é claro, mas não temos do que nos gabar quando comparamos nosso coração com o coração daqueles que nos feriram.

Seu cônjuge enganou você? Pense em como você se manteve escondido. Seu cônjuge usou palavras duras contra você? Pense nas coisas duras que você disse ou pensou em dizer. Seu cônjuge é um viciado? Pense nas coisas que você deseja, sem as quais não consegue viver ou às quais recorre quando está sofrendo. Não importa se você tenha feito ou não o que seu cônjuge fez, você pode ter certeza de que, em seu coração, desejou e serviu a coisas semelhantes.

Deus usará isso

“O caminho para a vida é de quem guarda o ensino, mas o que abandona a repreensão anda errado” (Pv 10.17). Esse provérbio significa que, se eu aceitar a correção de Deus, assumir o meu pecado e pedir perdão, eu me beneficiarei juntamente com todos que estiverem me observando. Deus pode usar qualquer coisa – até meus erros – para realizar coisas boas.

Confessar um pecado é uma proclamação do evangelho: uma proclamação de que há como se recuperar de um fracasso, de que existe resgate e cura de um estado danificado. Não precisamos esconder nosso pecado um do outro.

E o contrário também é verdade. A recusa de confessar e perdoar é uma proclamação de desesperança e desespero. Proclama que a única esperança de superar o pecado é encobri-la da mesma forma inútil que Adão e Eva tentaram. Proclama que pecados podem ser esquecidos se deixarmos o tempo passar e nos esforçarmos muito para fazer com que a outra pessoa volte a se sentir bem em relação a você, mas que os pecados jamais são esquecidos de verdade.

Pecado e fracasso acompanharão você ao longo de todo o seu casamento – ao longo de toda a sua vida. Tome coragem, então, porque sua confissão e seu perdão proclamam o amor de Deus e dão vida a seu cônjuge e a outros.

E se seu cônjuge não se arrepender?

Quando seu cônjuge não estiver pronto para admitir que cometeu um mal contra você, assumir alguns dos compromissos que o perdão exige não é apropriado.

Por exemplo, você não pode se comprometer a não voltar a tocar no assunto; na verdade, é provável que você terá que voltar a falar sobre isso com cuidado e humildade para que o problema possa ser resolvido.

Talvez tenha que conversar com outros sobre isso para encontrar ajuda para o bem de seu casamento.

Comprometa-se a falar sobre isso em oração e de modo construtivo, seja com seu cônjuge, com um conselheiro ou com um amigo.

A fim de evitar amargura, não fique remoendo o incidente. Não permita que dor e sentimentos ergam um muro entre você e seu cônjuge. Você estará numa posição muito melhor para aceitar um pedido de perdão quando ele vier, e sua capacidade de permanecer aberto pode amolecer o coração do seu cônjuge.

Mágoas repetidas tornam difícil permanecer amoroso e positivo em relação ao seu cônjuge. Além de evitar amargura, contemple a possibilidade de introduzir consequências para impedir que a ofensa se repita.

Oferecendo encorajamento para essa situação, Jesus diz:

Se, por sete vezes no dia, [teu irmão] pecar contra ti e, sete vezes, vier ter contigo, dizendo: Estou arrependido, perdoa-lhe. Então, disseram os apóstolos ao Senhor: Aumenta-nos a fé. Respondeu-lhes o Senhor: Se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a esta amoreira: Arranca-te e transplanta-te no mar; e ela vos obedecerá (Lc 17.4-6).

A dor que sentimos quando alguém peca contra nós, especialmente quando intensificada por um cônjuge que se recusa a se arrepender, pode ser teimosa e resistente quanto as raízes de uma árvore. O encorajamento de Jesus é que até mesmo uma fé miúda é mais poderosa do que a amargura mais arraigada. Você não precisa ser atormentado pela amargura. Por meio da fé, ela pode ser lançada no mar.

Não existe nenhuma fórmula secreta aqui, apenas um lembrete de manter seus olhos voltados para Jesus. Ele é seu guia e seu ajudante na batalha contra a tentação da amargura. Ele continua a estender seu amor e seu convite para o arrependimento a pessoas impenitentes.

Aqui, talvez mais do que em qualquer outro capítulo, devemos estar atentos à adoração. Se você não tiver seu foco em Deus como seu Salvador, a fonte de todo perdão, seus esforços de perdoar sempre serão incompletos. A Bíblia nos ensina como perdoar, mas seus fundamentos são encontrados no próprio Deus e no poder do evangelho. Ao avançar, mantenha suas expressões concretas de perdão enraizadas na maravilha e na alegria de conhecer o perdão de Deus.

REFLITA SOBRE ISTO

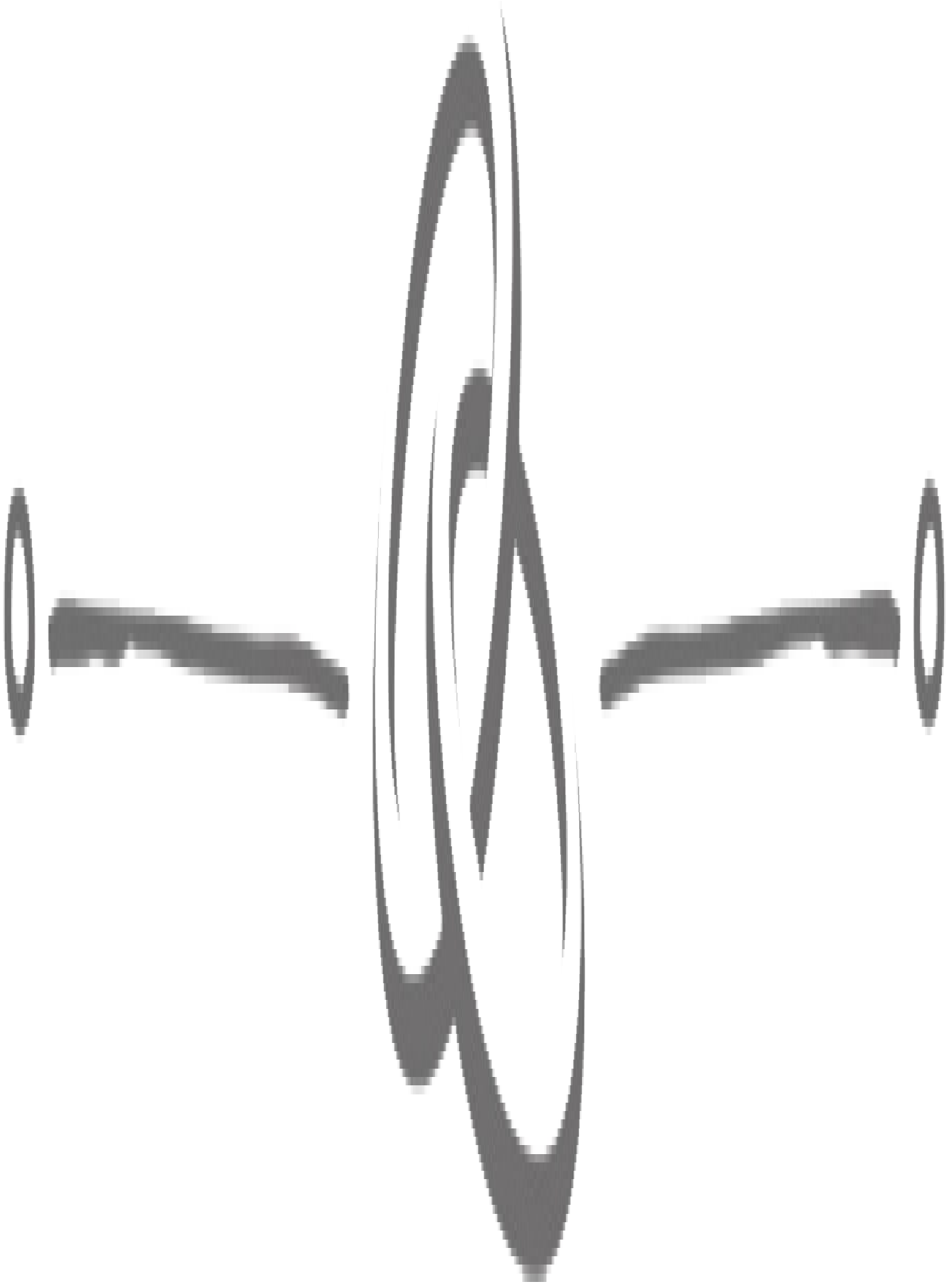
• Em que situações você acha difícil perdoar no casamento? Como você dificulta o perdão para o seu cônjuge?

• Anote pelo menos cinco coisas que você aprecia e gosta especialmente em seu cônjuge. Mantenha a lista à mão e leia-a regularmente. Na próxima vez em que seu cônjuge cometer um pecado outra vez, releia a lista e agradeça a Deus por seu cônjuge antes e depois de conversar com ele sobre a ofensa.

• Anote algumas maneiras como Deus ajudou você a crescer desde que você se casou com seu cônjuge. Releia ambas as listas regularmente.

Entendendo

seu papel



O que você aprenderá neste capítulo:

Conflitos relacionados aos papéis conjugais refletem, muitas vezes, mais do que um equívoco sobre o que a Bíblia ensina sobre eles. Refletem também suposições sobre as diferenças entre homens e mulheres e sobre as questões não examinadas do coração que moldam a compreensão que temos delas.

Confusão relacionada a chefia e submissão é, muitas vezes, o resultado de um entendimento distorcido de autoridade. Jesus ensinou que a autoridade deve ser exercida como sacrifício para o benefício de outros, não para a glória e satisfação própria.

Papéis conjugais são apenas expressões diferentes do amor e devem servir aos propósitos do amor. Reconhecer como padrões típicos de manipulação se infiltram na forma como exercemos nossos papéis no casamento é importante.

Amar seu cônjuge em seu papel inclui conhecer seu cônjuge, não só seu sexo, e valorizar seus dons e suas habilidades individuais.

Eu preciso ler isto?

Mesmo se os papéis conjugais não forem um campo de batalha em seu casamento – ou forem apenas pouco mais do que um incômodo ocasional – vale a pena refletir sobre eles e discuti-los. É possível que, neste mundo em constante mudança, você encontre obstáculos inesperados que exijam uma reflexão mais profunda sobre por que você faz as coisas do jeito de faz. Deus nos traz esses desafios ao comum como uma maneira de manter-nos enraizados em seu amor extraordinário.

“Senhor mamãe”

Jamais me esquecerei do primeiro ano de vida do meu filho Gresham. Quem consegue esquecer aquelas primeiras experiências como pai, segurando seu filho pela primeira vez, deixando seu bebê miúdo dormir em seu peito, vendo aquele primeiro sorriso?

Mas, a despeito das alegrias, o primeiro ano de Gresham foi uma verdadeira batalha para mim enquanto exercia o papel de “senhor mamãe”. Durante a faculdade, não era incomum que um cônjuge trabalhasse enquanto o outro terminava a escola, mas agora que eu tinha me formado, eu estava ansioso para assumir meu lugar como provedor da família e ter Kim em casa o máximo possível. Eu tinha acabado de me formar no seminário e estava aconselhando apenas poucas horas por semana. Um emprego de aconselhamento em tempo integral ainda não tinha se materializado, e ter um novo lar e um primeiro filho tornou delicada a adaptação aos nossos papéis. Então, por ora, eu era o alimentador e limpador designado, eu fazia o bebê arrotar e o colocava para dormir e cuidava de todas as outras necessidades.

No início, eu sentia prazer em meu novo papel. Afinal de contas, quantos pais têm o privilégio de moldar de forma singular o primeiro ano da vida de seu filho! Mas após alguns meses, sem nenhum emprego em vista, comecei a me sentir deprimido. Os elogios que eu tinha recebido por ser tão flexível e seguro desapareceram, e eu me vi lutando em muitos níveis diferentes. O maior problema era que eu não estava me sentindo como se estivesse fazendo o que um marido e pai deve fazer, isto é, ganhando dinheiro. Sim, ficar em casa com Gresham durante um mês ou dois era legal, mas não havia fim à vista. Quando assistia a algo na TV enquanto alimentava Gresham com purê de maçã e ervilhas, a cultura só reforçava meus sentimentos. Enquanto assistia a reprises de Hawaii Five-0 durante o almoço, percebi que havia três tipos de comerciais durante do dia: comerciais para cursos profissionalizantes (transporte, reparo de aquecimento e refrigeração), advogados e higiene feminina. A mensagem era clara. Se você estiver assistindo à TV neste momento, você está desempregado, sofreu alguma injustiça ou é uma mulher. O que parecia ter sido uma oportunidade nova durante alguns meses parecia ser agora o exílio do mundo de maridos responsáveis.

Comecei a me perguntar se eu realmente estava apto a cuidar de Gresham. Claro, eu dava conta da logística. Eu conseguia alimentar e vesti-lo, dava banho e o colocava para dormir, mas eu simplesmente não curtia isso tanto quanto achava que devia. Na maior parte do tempo, tudo parecia mecânico e forçado. Eu me perguntei se Kim estaria tendo uma experiência completamente diferente pelo mero fato de ser mulher, e eu me perguntei se Gresham não estava perdendo algo em decorrência disso. Eu me perguntei se as mulheres eram, de alguma forma, mais nutridoras por natureza do que os homens, e se os homens não se orientavam mais por objetivos, criados essencialmente para estarem fora de casa enfrentando um desafio diferente. Talvez, minha programação masculina me impedia de ser um pai-de-casa eficiente.

No nível mais profundo, eu estava lutando com questões que eram maiores do que ser um marido, um pai ou até mesmo um homem. Eu estava lutando com um medo de fracassar e com dúvidas perante Deus. Eu estava lutando com Deus. Eu me perguntava se tinha compreendido tudo errado. E se a minha vocação não era ser conselheiro? E se eu não conseguiria sustentar minha família com a educação na qual eu tinha investido tanto tempo e dinheiro? E se, já aos trinta anos de idade, eu tinha escolhido a carreira errada? Eu estava ansioso e cheio de dúvidas. No fundo, eu estava duvidando de Deus e não conseguia lidar com minhas próprias inadequações. Muito mais do que qualquer coisa que eu via na TV, era essa batalha que estava moldando minha maneira de ver meu papel como cuidador primário do meu filho.

Felizmente, Kim me apoiou e encorajou ao longo de todo o meu tempo de serviço como “senhor mamãe”. Mas é fácil imaginar uma esposa que se agitaria tanto quanto eu diante de uma mudança inesperada nos papéis conjugais. O que teria acontecido se Kim tivesse voltado para casa frustrada ou até amargurada todos os dias porque não podia ficar em casa com Gresham? Se, além de meu próprio medo e culpa, Kim, motivada por uma frustração pessoal, tivesse me acusado de falta de vontade e me interrogado diariamente sobre minhas tentativas de encontrar um emprego? Não é difícil imaginar as brigas feitas que teriam resultado, piorando ainda mais uma situação já ruim.

Colocando os assuntos em ordem

Quando analisamos a questão do conflito, aprendemos como é importante tratar das questões subjacentes em vez de discutir sobre as circunstâncias e os eventos óbvios. Isso é especialmente importante quando processamos conflitos relacionados a papéis conjugais. Existem várias questões relacionadas, mas distintas que você precisa manter em mente quando analisar seu papel no casamento:

• Confusão geral sobre as diferenças entre os papéis de marido e esposa. Kim e eu tivemos que decidir se era sábio ou até mesmo correto o marido ser o cuidador primário e a esposa a provedora primária. Algumas pessoas afirmam que não é nem sábio nem correto. Outros se ofenderão com o mero fato de eu ter levantado a questão porque não acreditam que tais distinções existem. O que a Bíblia diz sobre esse tema?

• Confusão sobre as diferenças entre homens e mulheres e como isso molda a maneira como pensamos sobre papéis conjugais. Existem determinados papéis que marido e esposa possuem em virtude de seu gênero? Por exemplo, eu não era apto para cuidar do meu filho por ser um homem? Quanto do nosso entendimento é moldado por nossa cultura e nossa experiência pessoal? A maneira como penso sobre homens e mulheres me impede de ver a mim mesmo, a minha esposa e nossos papéis corretamente? Isso me impede de amar com sabedoria?

• Como minhas lutas pessoais afetam a maneira como eu defino papéis conjugais. Meu medo de ficar em casa com Gresham tinha tanto a ver com meus medos e dúvidas quanto com qualquer outra coisa. Se eu não tivesse estado ciente de como minhas próprias batalhas espirituais estavam influenciando meu pensamento, eu, minha dúvida e meu medo poderiam ter me levado a tomar decisões egoístas e pouco sábias ou poderiam até terminado em desespero.

Reconhecer que cada questão é separada, mas influencia e informa as outras é importante. Por exemplo, se um marido dissesse: “Meu pai nunca tolerou críticas da minha mãe, e eu também não tolerarei uma palavra crítica da minha esposa!” ele teria que fazer uma reflexão mais profunda para perceber que seu pai não tolerava crítica de qualquer pessoa. Talvez essa abordagem a ser um marido

tivesse mais a ver com sua insegurança pessoal do que com uma verdade geral sobre maridos e esposas ou homens e mulheres. Precisamos ter o cuidado de não projetar sobre a Bíblia os desafios do nosso próprio coração, nossas próprias pressuposições e nossas suposições culturais relacionados aos sexos, criando papéis que não refletem a sabedoria e o amor de Cristo.

Ao ler este capítulo, lembre-se do propósito deste livro: ajudá-lo a usar as frustrações ordinárias do casamento como oportunidades para que algo extraordinário aconteça. Este capítulo se concentra em como os papéis que Deus deu são expressões de amor e como nós, como maridos e esposas, somos chamados para amar uns aos outros como Cristo nos ama. Veremos como desejos, medos, pecados e ídolos do nosso coração aparecem para frustrar esses objetivos e como a adoração nos mantém na trilha certa.

Liderança e submissão

Quando você lê as passagens do Novo Testamento sobre o casamento (Ef 5.22-33; Cl 3.18-19; e 1Pe 3.1-7), é impossível não perceber a proeminência das ideias de chefia e submissão. Cada passagem ensina as esposas a se submeterem ao seu marido e os maridos a exercerem liderança sobre sua esposa. O significado exato desses termos é objeto de debates, mas não há como negar que a razão pela qual esses termos são debatidos é que, historicamente, eles têm sido interpretados como indicando que, dentro do casamento, os maridos exercem um papel de autoridade sobre a esposa.

Falar sobre papéis conjugais, especialmente sobre a questão da autoridade, pode parecer inapropriado na nossa cultura, numa cultura que desconfia de autoridade em todas as esferas. Mas se quisermos ter uma visão bíblica do casamento, devemos levar a sério essa questão porque a Bíblia, evidentemente, o faz.

Se você fica arrepiado só de pensar que há um lugar para autoridade no casamento, contemple como refletir essa questão pode afetar sua vida em geral. Autoridade é um aspecto da maioria dos relacionamentos e instituições. A autoridade nos afeta como pais e mães, empregadores e empregados, como aqueles que governam e que são governados. Em vista de sua prevalência, todos

nós somos beneficiados se entendermos que Deus espera que a autoridade seja exercida como uma expressão de amor, independentemente do contexto relacional. Não importa se você reflete sobre ela com frequência, em quase todas as áreas da vida, independentemente de seu sexo, você ou exerce autoridade sobre outros ou vive sob a autoridade de outra pessoa.

Você não sabe o que está pedindo

Como hoje, o propósito e o lugar da autoridade era um tema sensível já nos dias de Jesus. A passagem seguinte ilustra como os seguidores de Jesus devem estar dispostos a serem desafiados em suas suposições mais básicas sobre a autoridade:

Então, se aproximaram dele Tiago e João, filhos de Zebedeu, dizendo-lhe: Mestre, queremos que nos concedas o que te vamos pedir. E ele lhes perguntou: Que quereis que vos faça? Responderam-lhe: Permite-nos que, na tua glória, nos assentemos um à tua direita e o outro à tua esquerda. Mas Jesus lhes disse: Não sabeis o que pedis. Podeis vós beber o cálice que eu bebo ou receber o batismo com que eu sou batizado? (Mc 10.35-38)

Os discípulos, como quase todos em seu ambiente cultural, esperavam que o Messias viria, estabeleceria seu reino e derrubaria os opressores romanos. Esperavam um Messias que operaria como reis e líderes costumam operar, mas com o poder de fogo adicional do próprio Deus. Tiago e João queriam ser os dois principais representantes de Jesus em seu novo reino. Queriam a glória e o poder de serem suas mãos direita e esquerda. Antes de apontarmos o dedo para Tiago e João, devemos reconhecer honestamente como somos semelhantes a eles. Todos nós trazemos a nossa bagagem para a questão da autoridade. Temos sido vítimas daqueles que abusam de autoridade e somos, no fundo, iguais aos que abusaram de autoridade. Os discípulos tinham sido vítimas da autoridade romana e de opressores ricos e tinham se unido a Jesus ministrando aos pobres e oprimidos. Mas observe que isso não os tornou essencialmente diferentes daqueles que eles desprezavam. Queriam matar sua própria sede de poder e vantagem.

A reação de Jesus é surpreendente. Ele não nega seu papel, sua autoridade ou seu poder, mas os aponta para a maneira radicalmente diferente em que ele entende esses termos. Em primeiro lugar, ele os lembra que seu papel é sofrer uma morte sacrificial por seu povo, não ser mimado e servido. As imagens de batismo e de beber do cálice são símbolos do Antigo Testamento para a purificação e a ira de Deus, respectivamente. Jesus os lembrou daquilo que ele já lhes tinha dito várias vezes: ele morreria por seus pecados, sofrendo a punição que eles mereciam para que eles pudessem ser perdoados e ressuscitados dentre os mortos (veja Mc 10.31-32).

Jesus acrescentou:

Sabeis que os que são considerados governadores dos povos têm-nos sob seu domínio, e sobre eles os seus maiorais exercem autoridade. Mas entre vós não é assim; pelo contrário, quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva; e quem quiser ser o primeiro entre vós será servo de todos. Pois o próprio Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos (Mc 10.42-45).

A autoridade de Jesus é tão diferente daquilo que a maioria de nós tem experimentado que quase não a reconhecemos como autoridade. Imaginamos a pessoa dotada de autoridade como a pessoa com todas as mordomias: o escritório grande, o estacionamento reservado, acesso irrestritos aos jogos da temporada e a última palavra. Quando Jesus exerce sua autoridade, ele assume a posição de um servo, encontrando seu povo de igual para igual, assumindo sua posição na vida, renunciando para o benefício dele, tomando todas as suas decisões para o bem-estar de seu povo. Se quisermos que a autoridade sirva ao propósito de Deus em nossos relacionamentos, devemos apoiar todo o nosso entendimento no fundamento que Deus estabeleceu: autoridade existe para o benefício daqueles que vivem sob a autoridade. Autoridade deve ser uma expressão de amor. Como seguidores de Jesus, nosso entendimento e nossa expressão de autoridade devem ser tão radicais, surpreendentes e preocupados com os outros como a autoridade de Jesus.

Amor é o fundamento de cada papel

Jesus ensina claramente que autoridade deve sempre ser exercida em amor. Muitas vezes, porém, a maneira como exercemos autoridade e definimos nossos papéis conjugais não parecem se fundamentar num entendimento bíblico de amor. Alguns dos elementos mais básicos de amor parecem desaparecer assim que começamos a falar sobre papéis conjugais.

Às vezes, quando aconselho casais, considero útil pedir que imaginem o amor como um grande círculo de responsabilidades que todos nós compartilhamos como seguidores de Cristo. Juntos, fazemos brainstorm para preencher aquele círculo grande. No fim, o círculo costuma estar preenchido com palavras como bondade, paciência, perdão, encorajamento, honestidade, transparência, desafio e correção. Essas são as responsabilidades que temos em qualquer relacionamento amoroso.

Dentro do círculo grande de amor, há dois círculos menores, um para o papel do marido e outro para o papel da esposa. Fazemos outro brainstorm para preenchê-los. O que acontece com frequência é que o círculo do marido acaba contendo coisas como tomar decisões, controlar as finanças, disciplinar os filhos (muitas vezes, elementos relacionados a poder e controle), e o círculo da esposa contém coisas como cuidar da casa, preparar refeições, ajudar as crianças com suas tarefas de casa (elementos relacionados a cuidados e manutenção). Parece que, quando refletimos especificamente sobre papéis conjugais, nós saímos do círculo maior do amor e nos concentramos em círculos concretos, distintos e isolados que ressaltam noções culturais de autoridade. É como se acreditássemos que as obrigações gerais do amor são fundamentalmente diferentes de nossas obrigações específicas como maridos e esposas.

A Bíblia é clara nesse ponto: os papéis de maridos e esposas não se encontram fora das nossas responsabilidades de amar. São formas mais particularizadas de amor, e o nosso entendimento de liderança e submissão deve operar dentro da nossa responsabilidade maior de amar.

Devemos esperar que maridos e esposas tenham mais obrigações compartilhadas em amor do que distinções. Quando você jura amar seu cônjuge, você não está prometendo que suspenderá a correção; não está prometendo que reterá opiniões ou sabedoria; não está prometendo que negará encorajamento ou bondade. Na verdade, está prometendo que exercerá amor de modo mais delicado – que fará

de seu cônjuge sua maior prioridade no amor. Está prometendo que manterá seu foco em seu amor, que permanecerá consistente e persistente – que o preservará enquanto os dois viverem. Assim, maridos, sua responsabilidade de ser gentil ou de ser um encorajador não desapareceu quando decidiu casar-se com sua esposa. Tornou-se particular e mais intensa. Esposas, sua obrigação de alertar, admoestar e ser honestas não desapareceu no dia em que prometeram amar esse homem como seu marido. Pelo contrário, quando vocês se casaram com seu marido, vocês assumiram essa obrigação de modo particular.

Por que tanto foco na autoridade?

Visto que as passagens do Novo Testamento sobre o casamento são organizadas em torno do princípio de liderança e submissão, é fácil ter a impressão de que a autoridade é a peça central do casamento. Mas mesmo que os autores do Novo Testamento tenham destacado a importância da autoridade no casamento e em outros relacionamentos do dia a dia, eles não afirmavam que ela ocupa o centro desses relacionamentos. Na verdade, a ênfase na autoridade é necessária para destacar a igualdade fundamental desfrutada por todos os filhos de Deus, ao mesmo tempo em que reconhece que o uso apropriado de autoridade é um aspecto importante do amor.

No mundo da igreja primitiva, os papéis eram rigidamente definidos e indicavam o status e valor de uma pessoa. Semelhante a hoje, ter autoridade significava ter mais de tudo – mais mordomias, mais oportunidades e mais valor. Ser subordinado significava ter menos ou nenhuma dessas coisas. Como hoje, o exercício de autoridade tinha muito a ver com a multiplicação e a preservação de privilégios.

Jesus ensinou e foi exemplo de que todos os filhos de Deus possuem status e valor iguais. Como Paulo explicou em sua carta aos Gálatas:

[...] Pois todos vós sois filhos de Deus mediante a fé em Cristo Jesus [...]. Dessarte, não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus (Gl 3.26-28, grifo meu).

Como filhos de Deus, todos os cristãos possuem o mesmo status espiritual. Essa igualdade essencial deve ser reconhecida em cada costume e instituição cultural. Os cristãos não devem ver uns aos outros através da lente mundana de status e poder.

Maridos e esposas também devem ver uns aos outros com esse novo entendimento. Pedro instrui os maridos a entenderem suas esposas como "herdeiros da mesma graça de vida" (1Pe 3.7). Pedro alerta os maridos que eles não devem ver suas esposas como objetos que existem para o bem de sua própria felicidade pessoal, mas como filhas de Deus que pertencem a ele e compartilham de todos os benefícios de estarem unidas com Jesus. E, como temos visto, Paulo espera que os maridos vejam suas esposas como membros de Cristo, que eles devem nutrir enquanto amadurecem em Cristo (Ef 5.25-27).

Autoridade é um aspecto natural do amor. A vinda de Cristo não elimina a autoridade, mas a redime. Entendemos seu valor na maioria dos outros palcos dos relacionamentos humanos, e, em vista da natureza do nosso mundo caído e dos perigos dentro do próprio relacionamento, ela parece ser mais necessária do que nunca. A Bíblia reconhece que a autoridade pode ser abusada, mas Deus exerce sua própria autoridade para operar naquilo e por meio daquilo que está danificado.

A dádiva da autoridade

Deus dá autoridade a alguns para garantir que, em cada área do relacionamento, alguém seja responsável por cuidar dos outros. Certas obrigações que exigem atenção ou habilidades especiais (sustento vs. cuidado aos filhos etc.) podem ser delegadas, mas a pessoa que detém a autoridade possui a responsabilidade adicional de garantir que as necessidades em cada área estão sendo satisfeitas. Mesmo que todos os outros estejam falhando, a pessoa detentora de autoridade precisa perceber e agir.

Talvez você pergunte: "Então os maridos e pais devem dar ordens à esposa e aos filhos o dia todo? Nos casamentos felizes que vi, não percebi nenhum sinal de autoridade".

Pense em seu papel como pai ou mãe por um momento. Quando seus filhos são pequenos, você exerce autoridade o tempo todo. Eles são incapazes de tomar decisões e de se orientar sem correrem o risco de causar uma catástrofe. Durante o dia todo você grita: “Não toque isso!” e “O papai disse não!” ou “Eu sei que você não quer dormir, mas você precisa descansar”. Nós nos sentimos à vontade exercendo essa autoridade porque sabemos que isso é necessário para o bem-estar do nosso filho. Mas na medida em que crescem, permitimos cada vez mais que ele tome suas próprias decisões, para que ele possa adquirir sabedoria e aprender a depender de Cristo e não de nós.

No casamento, esperamos que a autoridade seja praticamente imperceptível entre cristãos amadurecidos. Ao introduzir a questão de autoridade em relacionamentos, Paulo escreve:

Enchei-vos do Espírito, falando entre vós com salmos, entoando e louvando de coração ao Senhor com hinos e cânticos espirituais, dando sempre graças por tudo a nosso Deus e Pai, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo, sujeitando-vos uns aos outros no temor de Cristo (Ef 5.18b-21).

Quando estivermos vivendo em relacionamento uns com os outros, guiados pelo Espírito de Jesus, devemos viver vidas “musicais” uns com os outros. Nossas palavras e ações devem ser hinos de louvor a Deus e encorajamento uns para os outros. Parte dessa música é a disposição de nos submeter uns aos outros em relacionamentos estruturados por autoridade. Isso deve se parecer e soar muito mais como uma dança do que como uma marcha forçada. Numa marcha, uma pessoa define o ritmo, e todos os outros marcham em sintonia. Na dança conjugal, porém, o marido lidera ouvindo a música de Cristo. Já que a esposa ouve a mesma música, os dois são capazes de manter o ritmo em sua própria mente e se movimentar como se fossem um só. Num momento desajeitado, podemos pisar nos dedos do outro; às vezes, movimentos de dança precisam ser repetidos e, talvez, um professor de dança tenha que ser consultado.

O papel do marido

Maridos, amai vossa mulher, como também Cristo amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela, para que a santificasse, tendo-a purificado por meio da lavagem de água pela palavra, para a apresentar a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, porém santa e sem defeito. Assim também os maridos devem amar a sua mulher como ao próprio corpo. Quem ama a esposa a si mesmo se ama. Porque ninguém jamais odiou a própria carne; antes, a alimenta e dela cuida, como também Cristo o faz com a igreja; porque somos membros do seu corpo. […] Não obstante, vós, cada um de per si também ame a própria esposa como a si mesmo (Ef 5.25-29,33).

Nessa passagem, a palavra amar é usada sete vezes. Os maridos têm uma obrigação que abrange todas as outras: amar. Todos os cristãos têm uma obrigação de amar, mas, no relacionamento conjugal, o marido possui uma responsabilidade especial e também enfrenta uma tentação especial. Sua responsabilidade singular não é apenas cumprir seu próprio dever de amar, mas garantir também que todos na família estejam crescendo no cumprimento de seu dever de amar. Onde faltar amor, o marido deve agir para satisfazer essa necessidade, especialmente para a sua esposa. Semelhantemente, ele encara uma tentação singular. Ele pode decidir pecaminosamente usar sua autoridade para servir a si mesmo e não a sua esposa e família.

Edifique sua esposa e a ajude a crescer como cristã

Como marido, seu amor por sua esposa tem um objetivo específico: a santidade dela. Isso significa ajudar sua esposa a crescer refletindo a imagem de Cristo – ajudá-la a crescer em santidade, amor e sabedoria. Enquanto seu objetivo é o amor, Deus lhe dá a liberdade de decidir os detalhes de sua vida com seu cônjuge de muitas maneiras diferentes. Qualquer que seja o problema em questão, a conduta do marido deve ser orientada pela pergunta: “O que devo fazer neste momento para amar minha esposa de maneira semelhante a Cristo para que ela se torne mais semelhante a ele?”

Sirva sua esposa por meio de amor sacrificial

O objetivo da santidade vem com um preço alto. O amor de Jesus por nós foi caro e doloroso, exigindo que ele entregasse sua vida por nós. Os maridos são chamados para amar de modo semelhante, para conhecer e imitar o exemplo de Jesus de amar a igreja. Seu amor deve ser sacrificial, colocando as necessidades de sua esposa acima das suas próprias. Maridos, de que maneiras ajudar sua esposa a crescer exige que vocês sofram perdas? Como vocês terão que dizer não a si mesmos para que vocês possam dizer sim ao amor?

Às vezes, quando pensamos em amar de modo sacrificial, imaginamos mártires sendo queimados na fogueira. Alguns poucos maridos podem ter a oportunidade de salvar sua esposa de uma bala ou de empurrá-la para impedir que seja atropelada, mas se você for observador perceberá que seu dia está repleto de maneiras de amar sua esposa de modo sacrificial. Talvez seja tão simples como lavar as louças, pôr as crianças na cama, jogar roupa suja na máquina ou simplesmente orar com ela por algo que a está deixando ansiosa.

Pouco tempo após o nascimento de Gresham, John Bettler me parou no corredor do centro de aconselhamento para me perguntar como as coisas estavam indo em casa. Mais especificamente, perguntou como estávamos dormindo. Sem hesitar, respondi: “Eu estou dormindo bem, mas creio que Kim esteja cansada por ter que amamentar Gresham no meio da noite. Posso fazer muitas coisas para ajudá-la, mas amamentar não é uma delas”. Com um toque de humor, John ofereceu uma correção suave: “Por que, então, você não se levanta com ela para lhe fazer companhia?” Eu não tinha pensado nisso. O amor não se contenta com as respostas fáceis, mas busca identificar a necessidade do momento (mesmo que isso signifique perder um pouco de sono!).

Não use sua autoridade para impedir o crescimento de sua esposa

Alguns maridos são tentados a usar sua autoridade de maneira controladora e insistem em tomar todas as decisões em seu casamento. Mas isso não permite que sua esposa cresça em sabedoria (tampouco permite que você se beneficie de sua sabedoria). Isso também impede que sua esposa desenvolva seu próprio relacionamento com Cristo. Parte de nutrir outros consiste em permitir que eles exerçam sua própria fé fazendo escolhas, às vezes, até ruins. Deus chamou você

para proteger sua esposa, mas não use isso como desculpa para tentar controlar tudo que ela faz. Sua esposa precisa enfrentar situações que exigem que ela confie em Deus, cresça em sabedoria e aprenda a ser responsável. Às vezes, nosso desejo de controlar os outros revela nossa própria falta de confiança em Deus, não a "atitude rebelde" do outro.

Se sua esposa se queixar de você ser controlador, aproveite a oportunidade para examinar a si mesmo. Às vezes, controlar os outros pode ser um sintoma de desejos e medos idólatras. Por exemplo, seu desejo de controlar é realmente uma maneira de combater o medo? Você teme que sua esposa o rejeitará ou até mesmo o deixará se você não monitorar cada um de seus movimentos? Você administra cada detalhe porque se sente inseguro? Você teme que, se não mantiver tudo unido, tudo desmoronará? Ou seu controle é mais uma questão de alimentar uma fome de poder ou de simplesmente garantir que tudo seja feito para sua própria conveniência? Na medida em que você está usando autoridade para administrar seus próprios medos e alimentar seus próprios desejos, você está minando a autoridade de Jesus e entronizando a si mesmo.

Conheça sua esposa

Você não pode tomar decisões sábias sobre como amar sua esposa se não sabe como a vida é para ela. Você deve conhecer suas esperanças, seus sonhos, seus medos, seus desejos, suas qualidades e suas fraquezas – o máximo possível que pode saber sobre ela. Se você não ouviu com atenção e trabalhou para entender as preocupações de sua esposa, você não tem como saber com certeza o que é melhor para ela. E ela não poderá confiar que seu conselho é útil. Uma comunicação paciente e cuidadosa permite a um casal construir unidade no casamento e torna decisões unilaterais desnecessárias.

Uma vez, Kim voltou tão irritada do trabalho que exclamou: "Se você ligar para o meu trabalho e pedir demissão por mim, farei qualquer coisa por você pelo resto de sua vida!" Como alguém que gosta de agradar aos outros, isso parecia uma maneira fácil de ser um herói para a minha esposa. Era a minha chance de fazer uma ligação e ser o cavaleiro branco que resgata sua donzela dos males do mundo do trabalho. Mas se demitir do emprego seria a melhor coisa para ela? Eu sabia que Kim é uma pessoa que ama o conforto e odeia o conflito, por isso suspeitei que fugir de seu problema não era o que o Senhor tinha em mente. Ao

longo dos próximos dias, discutimos nossas tentações, oramos e pedimos a sabedoria do Senhor. Decidimos que, por ora, existiam maneiras de processar suas frustrações e de representar Cristo bem em seu trabalho. Muitas vezes, lembramos isso com gratidão, reconhecendo como seu emprego tem se tornado um lugar ideal para ela exercer seus dons e demonstrar o amor de Cristo, fornecendo recursos financeiros para a nossa família com uma agenda flexível, que lhe permite estar em casa com as crianças.

O papel da esposa

As mulheres sejam submissas ao seu próprio marido, como ao Senhor; porque o marido é o cabeça da mulher, como também Cristo é o cabeça da igreja, sendo este mesmo o salvador do corpo. Como, porém, a igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo submissas ao seu marido (Ef 5.22-24).

Um entendimento bíblico de autoridade leva a um entendimento da submissão num casamento. Como os maridos, as esposas têm uma responsabilidade singular e enfrentam uma tentação singular. Elas compartilham a obrigação comum de amar e, além disso, as mulheres têm a responsabilidade de amar seu marido, aceitando sua autoridade e respeitando seu papel como marido. Existem muitas tentações na submissão, mas a mais comum é rejeitar ou minar a autoridade. Paulo encoraja as mulheres a aceitar e respeitar a autoridade de seu marido como maneira de se confiar ao cuidado de Cristo e de se submeter à autoridade de Cristo, assim como deve fazer toda a igreja. Deus pede que as esposas permitam aos maridos amá-las e cuidar delas, confiando que Deus cuidará delas mesmo quando seus maridos falharem.

Isso se manifestará de modo diferente em cada casamento, mas o princípio fundamental é sempre o mesmo: amor. Quando você estiver lutando em seu relacionamento com seu marido, volte para esse princípio. Pergunte-se, no contexto do papel que Deus lhe deu em seu casamento: “Como estou expressando amor ao meu marido?” Lembre-se, as obrigações de amar que se aplicam ao seu marido se aplicam também a você. Você compartilha do chamado

de “amar seu próximo” tanto quanto seu marido. Você é chamada para amar seu marido e para encorajá-lo a amadurecer na imagem de Cristo. O amor deve ser honesto, bondoso, paciente e exercido com autocontrole. Amor sempre encoraja e, às vezes, até corrige. Isso significa que os fundamentos de seus papéis são idênticos.

Exerça suas responsabilidades plenas em amor

Seja cuidadosa para que nenhum elemento importante do amor falte ao seu entendimento de submissão. Alguns casais, por exemplo, sentem que é impróprio uma esposa corrigir seu marido. Veem a correção como um sinal de desrespeito e falta de submissão. Mas, como vimos, a Bíblia considera a correção uma responsabilidade básica do amor. Sua obrigação de amar seu marido certamente não é inferior à obrigação que tem em relação ao “próximo”. Então corrigir seu marido com respeito faz parte de amá-lo.

A comunicação também pode sofrer em decorrência de noções equivocadas de submissão. Para alguns, submissão significa silêncio ou não comunicação. As esposas guardam perguntas, preocupações ou emoções negativas para si mesmas. Mas isso não concorda com a descrição bíblica de comunicação em relacionamentos íntimos. O salmista Davi escreve:

Até quando,

Senhor

? Esquecer-te-ás de mim para sempre? Até quando ocultarás de mim o rosto? Até quando estarei eu relutando dentro de minha alma, com tristeza no coração cada dia? Até quando se erguerá contra mim o meu inimigo? Atenta para mim, responde-me,

Senhor

, Deus meu! Ilumina-me os olhos, para que eu não durma o sono da morte (Sl 13.1-3).

Imaginar que Davi pode ser honesto com Deus sem ser desrespeitoso é surpreendente, mas a submissão de Davi é santa. Ele está sendo honesto de uma maneira que honra quem Deus realmente é. Basicamente, Davi está dizendo: “Deus, sei que és verdadeiramente bom, e eu estou achando difícil entender por que não estás fazendo as coisas de modo diferente. Socorro!”

Casamentos saudáveis que refletem o amor de Deus e o relacionamento com seu povo exigem uma comunicação honesta e santa.

Entenda respeito como uma forma de amor

Em relacionamentos em que um membro detém autoridade, respeito é um elemento importante de amar aquele que possui autoridade. Além de encorajar as esposas a se submeterem aos seus maridos, Paulo as lembra de que devem demonstrar respeito. Resumindo, ele escreve: “Não obstante, vós, cada um de per si também ame a própria esposa como a si mesmo, e a esposa respeite ao marido” (Ef 5.33).

Até em momentos de decepção, decida reagir em amor. Lembre-se, amor fala, exorta, corrige e diz não ao mal; a Bíblia não defende uma vida em silêncio servil. Se você ou seus filhos estiverem sendo abusados verbal, física ou sexualmente, ame seu marido dizendo não ao seu pecado. Você precisará de ajuda para fazer isso. Por favor, procure um membro da família, um amigo ou um pastor de confiança para receber a ajuda que precisa.

Aja em amor mesmo quando estiver decepcionada

Quando você é decepcionada, em vez de se afastar de seu marido, volte-se para ele com encorajamento, uma palavra de gentileza ou até mesmo com suas orações. As falhas dele podem tentá-la a resmungar ou a alimentar seu próprio orgulho ou seu senso de superioridade espiritual. Essas reações revelam não só uma falta de respeito ao seu marido, mas também uma falta de respeito a Deus. Lembre-se, você tem um Salvador que confiava em Deus e que pode ajudá-la a também confiar nele.

Maneiras típicas de falhar

Em relacionamentos, nos movemos sempre em uma de três direções: nos aproximamos de outros, nos afastamos de outros ou agimos contra outros. O amor pode nos levar em qualquer uma dessas direções, mas quando nos movemos exclusivamente em uma única direção, isso pode ser um sinal de que não estamos seguindo o amor, mas os desejos e temores que podem ter se transformado em ídolos.

Ídolos podem moldar como vivemos nossos papéis. Quando nosso coração é dominado por desejos ou medos que fazem com que nos aproximemos de outros, podemos nos tornar maridos que cedem a qualquer desejo ou capricho da nossa esposa, acreditando que estamos servindo igual a Cristo. As esposas também podem servir a cada desejo de seu marido, mas, na verdade, estão servindo ao seu próprio desejo de aceitação ou vivendo em medo da raiva de seu marido, chamando isso de submissão.

Ídolos também podem nos afastar dos outros. Um marido pode não se envolver muito em seu casamento, manifestando-se apenas para dizer não às coisas que o incomodam ou perturbam. Semelhantemente, uma esposa pode usar a autoridade de seu marido para travar as batalhas dela e protegê-la da vida evitando conversas difíceis, conflitos e decisões que são necessários quando seguimos Cristo.

Ídolos podem nos levar a agir uns contra os outros. Maridos podem ser tiranos cruéis, exigindo e controlando os detalhes da vida no lar para satisfazer sua própria sede de poder e controle ou por medo de rejeição e fracasso. Por causa de sua própria desconfiança ou seu desejo de controle, esposas podem ser críticas, desconstruindo a autoridade de seu marido quando questionam cada movimento dele.

Lembre-se, cada área do casamento é uma expressão de adoração, que ou reflete seu amor por Deus ou seu amor por outra coisa. Muitas vezes, uma batalha por causa de papéis conjugais ou gênero não trata disso, mas de questões profundas do coração.

Quem faz o quê?

Não existe uma simples lista de afazeres para maridos e esposas que sirva para todos. A Bíblia não exige que os maridos levem o lixo para a rua. As mulheres não são obrigadas a trocar a fralda do bebê. Em vez de estabelecer um conjunto de tarefas, na Bíblia, Deus faz algo muito melhor. Ele fornece alguns princípios básicos para ajudar você e seu cônjuge a definir seus papéis de maneira santa, independentemente de como a sua vida se apresente.

Não reproduza o casamento de seus pais

Deus espera que você reconheça e respeite os dons e as habilidades que ele deu a você e ao seu cônjuge. É comum que casais criem seu casamento à imagem do casamento de seus pais. Se seu pai sempre administrou o dinheiro, você pode achar que essa é uma tarefa que cabe aos maridos. Se sua mãe sempre passou a roupa, você pode sentir que todas as esposas devem fazer o mesmo. Mas a Bíblia nos diz que Deus deu ao seu povo uma variedade de dons – às vezes, de formas que nos surpreendem.

Reflita sobre como Deus dotou cada um de vocês de modo singular

Não projete as tradições de suas famílias ou culturas sobre as Escrituras, tornando-as mandatórias para a sua vida conjugal. Se vocês estiverem tendo dificuldades para definir seus papéis conjugais, façam uma pergunta simples: Como Deus me dotou? Como ele dotou meu cônjuge? Se você é terrível com números e não consegue controlar o talão de cheques, mas sua esposa consegue fazer tudo isso de olhos fechados, permita que ela administre o dinheiro. Se seu marido tiver um dom especial para fazer com que as crianças reconheçam suas falhas para apontá-las para Deus em sua busca de ajuda, então permita que ele use esse dom pastoreando seus filhos.

Não considere nenhum dom inferior ou superior

Quando a igreja de Corinto teve dificuldades de entender como exercer suas habilidades em diversos papéis, Paulo lhes deu alguns conselhos importantes. Em primeiro lugar, aceite a decisão de Deus sobre quem tem qual habilidade (1Co 12.4-11). Em segundo lugar, esteja atento aos perigos do medo e do orgulho (1Co 12.14-31). Você não deve considerar seus dons ou papéis inferiores ou menos importantes do que outros, tampouco deve considerá-los superiores ou mais importantes do que outros. “Mas um só e o mesmo Espírito realiza todas estas coisas, distribuindo-as, como lhe apraz, a cada um, individualmente” (1Co 12.11).

Seja flexível

Durante a Segunda Guerra Mundial, quando milhares de homens norte-americanos pegaram suas armas e atravessaram o mar para lutar, milhares de mulheres vestiram roupas de trabalho, pegaram ferramentas e se apresentaram às fábricas para produzir armas e máquinas para equipar seus maridos e filhos para a guerra. Maridos e esposas se encontraram jogados em papéis que nenhum deles tinha pedido, mas que a necessidade do momento exigia. Às vezes, a vida não cede aos nossos planos para o nosso casamento. Como eu, você pode ser obrigado a redefinir seus planos em grande escala para fazer com que sua vida dê certo. É quase certo que a imprevisibilidade da vida diária exija isso em escala menor. Não se agarre aos detalhes de seus papéis ao ponto de se recusar a entrar no mundo de seu cônjuge para fazer o que é necessário.

Conheça seu cônjuge, não apenas seu gênero

É tolo fazer de conta que não temos opiniões sobre os sexos. Mulheres falam mais do que homens. Mulheres são mais emocionais do que homens. Homens são mais lógicos do que mulheres. Esses são alguns dos estereótipos típicos que a nossa cultura cultiva. Não sou qualificado para dizer se são verdadeiros ou não e, se forem, quanto é produto de influências culturais e quanto é produto da biologia. Mas parece existir uma disposição cada vez maior de reconhecer que o

sexo exerce uma influência sobre o comportamento e que parte disso possui também um componente fisiológico.

Não importa se são fatos cientificamente estabelecidos, se são o resultado de sua própria observação ou se são simplesmente conclusões compartilhadas da nossa cultura, a pergunta crítica para nós é como eles influenciam a forma como você ama ou deixa de amar o seu cônjuge.

Eu já compartilhei o dilema que enfrentei como senhor mamãe. Existem pesquisas que sugerem que, biologicamente, as mulheres apresentam uma tendência maior de serem nutridoras do que os homens.[15] Se isso for o caso, como devemos aplicar essa informação ao casamento? Seguem algumas coisas que devemos manter em mente:

• O que vale em geral para um grupo de pessoas pode não valer para um indivíduo dentro desse grupo. Em outras palavras, dizer que mulheres tendem a ser mais nutridoras não lhe diz mais sobre sua esposa do que afirmar que homens tendem a ser mais altos do que mulheres significa que cada marido é mais alto do que sua esposa. Alguns homens são mais conversadores, afetivos e emocionais do que sua esposa. Dizer que as mulheres tendem a ser mais nutridoras não me diz nada sobre o tipo de trabalho que farei em casa com meu filho.

• Fatos são facilmente interpretados erroneamente e aplicados equivocadamente dependendo da perspectiva de uma pessoa. Um homem poderia citar esses estudos para argumentar não só que ele deve ser o provedor, mas também que ele não deve ser obrigado a trocar uma fralda, a fazer um sanduíche ou a abraçar seus filhos. Mas o mesmo homem se retrairia se uma advogada feminista de divórcio citasse a mesma pesquisa e argumentasse no processo de divórcio que os homens devem ter guarda e direitos de visitação restritos.

• Muitas vezes, a Bíblia abala a forma como nos acomodamos com traços específicos aos sexos. Em muitos lugares, por exemplo, a Bíblia encoraja os cristãos a serem moderados, como Paulo faz em Filipenses 4.5: “Seja a vossa moderação conhecida de todos os homens”. Na nossa cultura, muitos classificariam moderação como um traço feminino, mas a Bíblia quer que todos os cristãos, homens e mulheres, cresçam em moderação. Semelhantemente,

homens e mulheres são exortados a “serem fortes”. Como já vimos, Paulo encoraja todos nós a sermos “fortes no Senhor”, vestindo “a armadura de Deus”. Novamente, muitos classificariam força como traço masculino e não querem imaginar mulheres cristãs como guerreiras de qualquer tipo.

Resumindo, um conhecimento geral sobre os sexos nos fornece apenas dicas vagas para entender as suas qualidades e do seu cônjuge. É tolice projetar sobre seu cônjuge, especialmente sem reconhecer como as questões de seu próprio coração podem entrar em jogo. Além disso, ele não nega as exigências e o poder do evangelho de nos transformar. A Bíblia já nos deu o entendimento mais penetrante possível ao dizer que somos portadores da imagem, adoradores e pecadores cuja necessidade mais profunda é um relacionamento com Cristo.

Seu casamento trata de amar seu cônjuge, não o sexo de seu cônjuge. Não confunda o que seus pais disseram e o que sua cultura diz com aquilo que a Bíblia diz para não ignorar a verdade mais óbvia de todas: todos nós fomos criados para crescer e nos tornar cada vez mais uma imagem de Cristo.

Lembre-se de seu chamado comum

Por fim, entenda que seus papéis conjugais, independentemente de como você os defina, devem refletir o caráter de Cristo. Quando estiverem trabalhando para definir os detalhes de seus papéis, é fácil perder de vista a imagem maior. O apóstolo Pedro pede que reconheçamos diferenças em nossos papéis, mas é interessante observar que ele começa sua instrução aos maridos e às esposas usando a mesma expressão: “Mulheres, sede vós, igualmente, submissas a vosso próprio marido [...]. Maridos, vós, igualmente, vivei a vida comum do lar, com discernimento” (1Pe 3.1, 7, grifos meus).

A expressão “igualmente” se refere ao serviço de Cristo que Pedro descreveu em detalhe em 1Pedro 2. Ele descreve Jesus como cabeça de seu povo e como alguém que se submete à autoridade.

Jesus liderou e se submeteu, enfrentando grandes dificuldades, mas ele confiou que Deus operaria até mesmo por intermédio dos momentos mais difíceis. Em vez de atacar os pecados dos outros, Jesus demonstrou amor, misericórdia e paciência de modo poderoso. Qualquer que seja seu papel, seja ele de liderar, seguir ou ambos, você foi chamado para olhar para Jesus como seu exemplo e como aquele que pode te capacitar a cumprir seu chamado principal de viver em amor e graça.

Às pessoas que estavam brigando por causa de seus papéis na igreja, Paulo escreveu:

Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor, serei como o bronze que soa ou como o címbalo que retine. Ainda que eu tenha o dom de profetizar e conheça todos os mistérios e toda a ciência; ainda que eu tenha tamanha fé, a ponto de transportar montes, se não tiver amor, nada serei (1Co 13.1-2).

Não importa qual seja o seu papel, não importa o quão importante você acredite que seu trabalho é, não importa quão bom você é naquilo que faz, se você não estiver agindo em amor, aquilo que você faz não tem valor. Não importa como você defina seus papéis conjugais, eles são apenas expressões diferentes do amor. Quando estiverem discutindo papéis conjugais, não negligenciem as perguntas mais importantes: Eu estou amando meu cônjuge por intermédio desse papel? Eu estou exercendo meu papel de uma maneira que beneficia meu cônjuge? Deus chama maridos e esposas para agirem em amor para o benefício do outro.

REFLITA SOBRE ISTO

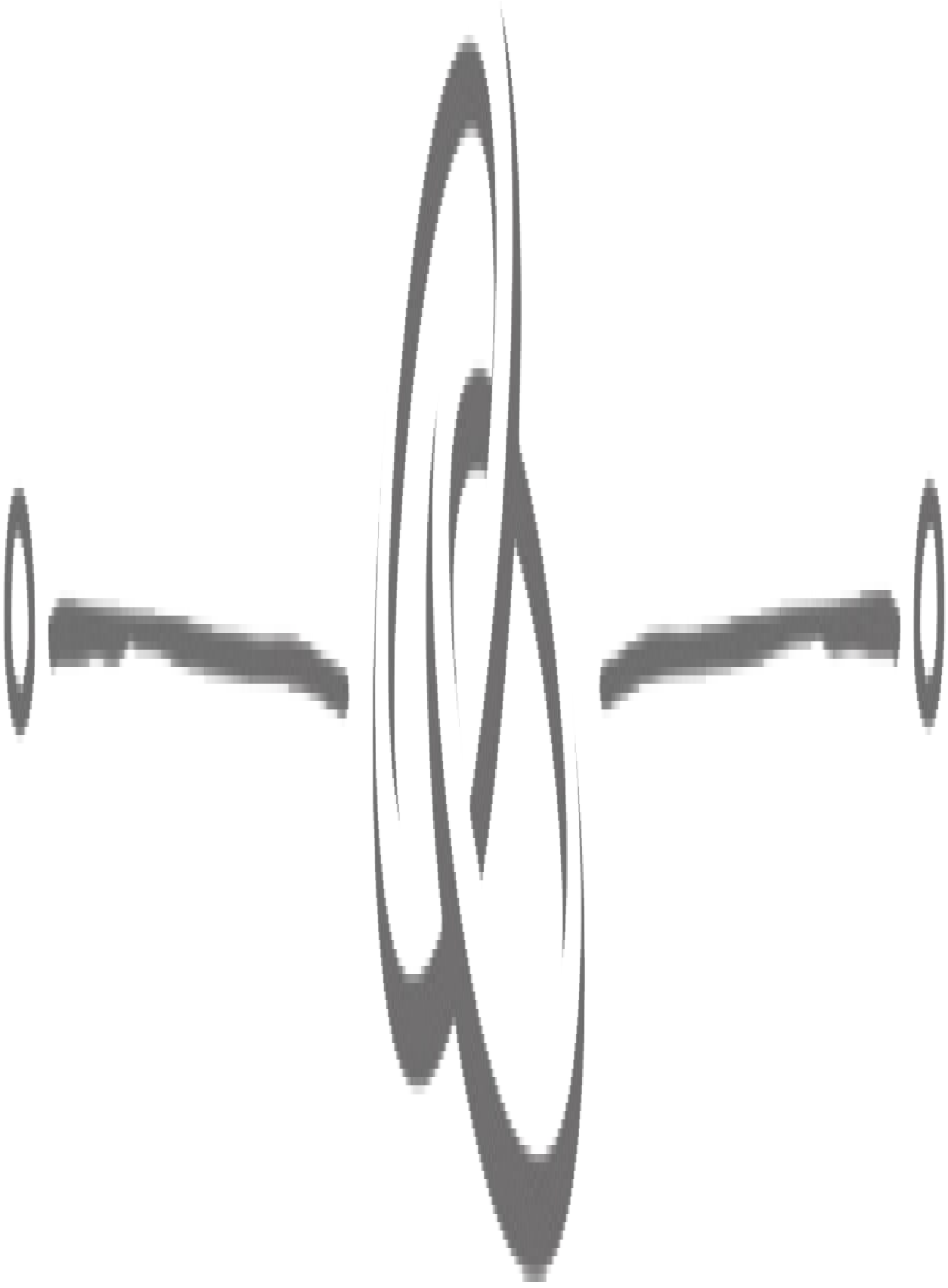
• Você acredita que a Bíblia ensina que o marido deve ser o cabeça no casamento? Você e seu cônjuge têm a mesma visão?

• Faça uma lista dos diferentes papéis e responsabilidades que você e seu cônjuge têm. Descreva como cada um deles é uma expressão do amor de Deus um pelo outro e/ou pela família.

• Quais desejos e medos tendem a frustrar sua comunicação ou a resolução de um conflito? Como essas mesmas questões do coração podem distorcer sua maneira de pensar sobre papéis conjugais?

• Faça uma lista dos dons e das habilidades que você e seu cônjuge têm. Como esses dons estão sendo usados para o benefício de seu casamento? Existem dons que não estão sendo utilizados porque eles não se encaixam em sua visão daquilo que homens e mulheres deveriam fazer?

Intimidade e sexo



O que você aprenderá neste capítulo:

Às vezes, é difícil abordar problemas de intimidade e sexo porque podem parecer misteriosos e imprevisíveis.

Da mesma forma como Cristo é central ao nosso entendimento do casamento, ele é central também ao nosso entendimento de intimidade e sexo. O entendimento e a segurança que ele oferece nos apontam a direção quando criamos intimidade no casamento.

Sexo é uma forma específica de intimidade que deve nascer dos mesmos elementos fundamentais de intimidade que Deus nos oferece.

Deus nos mostra como devemos confiar nosso coração ao outro e como devemos aceitar um ao outro quando construímos o tipo de intimidade com nosso cônjuge que temos com Deus.

Um mistério frustrante

Reid e Christy

Reid e Christy vieram angustiados para o aconselhamento. Eles estavam casados havia dez meses e só tinham experimentado intimidade sexual algumas poucas vezes. Na maioria das vezes, Reid não tinha sido capaz de desempenhar suas funções, e quando conseguia, tudo parecia forçado e mecânico.

Os olhos de Christy se encheram de lágrimas quando disse: “Eu simplesmente não entendo! Enquanto namorávamos, foi tão difícil controlar nossas mãos, e então casamos e – nada! Não faz sentido!” A atitude de Christy variava a cada dia, às vezes, a cada minuto. Às vezes, ela conseguia ser calorosa e encorajadora; outras vezes, ela se irritava e era exigente, e, cada vez mais, estava deprimida e desanimada.

Reid não tinha respostas. Ele afirmava sentir-se muito atraído por Christy e jurava que não estava interessado em nenhuma outra mulher. Ele já tinha procurado vários médicos, tinha sido examinado e interrogado, mas ele não apresentava nada incomum.

Eles tinham pensado em se separar por um tempo, simplesmente para fugir da dor e da vergonha e para obter alguma clareza.

Qual é a solução para tal mistério?

O que não entendemos e não queremos discutir

Encarar e processar problemas relacionados a sexo e intimidade pode ser difícil por muitas razões. De um lado, muitas vezes, intimidade parece ser mais uma experiência do que uma escolha ou conduta. É difícil fazer intimidade: ou ela acontece ou não. Como você pode controlar ou mudar algo tão imprevisível como a intimidade? Muitas vezes, a intimidade acontece como uma surpresa. Numa noite, sem planejar qualquer coisa, você está sentado no chão com seu cônjuge olhando fotos antigas, refrescando lembranças e se apaixonando de novo. Em outra noite, vocês contratam uma babá, vão para o seu restaurante favorito e ficam em silêncio, sem saber o que dizer.

O sexo é especialmente misterioso. Um dos cônjuges quer fazer mais sexo do que o outro. Um cônjuge é mais aventureiro do que o outro. Um cônjuge gosta de preliminares prolongadas, o outro não. Ninguém escolheu essas preferências. As preferências são problemas que devem ser resolvidos? Quem deve dizer se as preferências de um são corretas e as preferências do outro são erradas? Ou, quando o problema é mais sério, como no caso de Reid e Christy, o que pode ser feito quando o interesse de um cônjuge pelo sexo desaparece completamente?

Para piorar as coisas, não estamos acostumados a falar sobre sexo – pelo menos não sem sorrisos maliciosos, embaraço, ou vergonha. O sexo nos faz rir ou chorar, mas não conversar.

Muitos mistérios e maravilhas envolvem a intimidade e o sexo, como o próprio casamento. O propósito deste capítulo não é remover o mistério ou a “magia” da intimidade, mas lançar luz sobre aquilo que precisamos saber para podermos ter orientação e esperança quando tratarmos de problemas relacionados à

intimidade. Até mesmo os problemas comuns de intimidade e sexo podem ser oportunidades para se aproximar de Deus e criar um casamento extraordinário.

Intimidade consiste em pelo menos dois ingredientes críticos: ser conhecido e estar seguro. Experimentamos intimidade quando sentimos que o outro nos conhece e compreende e quando nos sentimos seguros e aceitos pelo cônjuge. Uma crise de intimidade costuma, portanto, significar que um ou os dois não se sentem compreendidos ou seguros. Por isso faz sentido que fotos antigas podem despertar experiências compartilhadas e uma sensação de segurança que resulta de anos de casamento. Por outro lado, não existem planos para uma noite especial que possam derrubar os obstáculos à intimidade se não temos compartilhado o bastante da nossa vida recentemente para nos sentirmos compreendidos ou se existirem razões para acreditar que, se o fizermos, não seremos aceitos.

Sexo é intimidade

Sexo é uma subcategoria de intimidade, uma forma especial de intimidade reservada por Deus para o mais íntimo de todos os relacionamentos humanos, o casamento. Assim como Cristo é central ao nosso entendimento de casamento, ele é central ao nosso entendimento de sexo.

O capítulo 5 explorou como o casamento foi criado como parte do plano de Deus para sermos portadores de sua imagem. Deus é relacionamento, três pessoas que são uma só, e ele é a essência e a definição de amor. Talvez você se lembre também que, em Efésios 5, o relacionamento de Jesus com a igreja é apresentado como modelo para entendermos o casamento. Esse mesmo modelo oferece uma maneira poderosa para entendermos o significado real do sexo.

• Sexo é uma expressão singular do casamento. Biblicamente, Deus quis que o sexo entre os portadores de sua imagem ocorresse dentro do casamento. O relacionamento de “uma só carne” no casamento descrito em Gênesis 2 é uma imagem de uma conexão interior – uma intimidade espiritual e psicológica – e

de uma conexão física. Adão e Eva foram criados para que se tornassem um em cada nível. Casamento e sexo foram criados para andarem juntos.

• Casamento é uma expressão singular de Cristo e da igreja. O casamento foi criado para que pudéssemos representar Deus plenamente no mundo. Se quisermos ser portadores corretos da imagem, precisamos existir em relacionamentos de compromisso e amor. Jesus é a imagem de Deus, e seu relacionamento conosco, com sua igreja, é um modelo que devemos seguir. O casamento em especial espelha o relacionamento de Jesus conosco de maneiras singulares. É um relacionamento vitalício baseado numa promessa de amor e graça que gera unidade.

• Sexo é uma expressão singular de Cristo e da igreja. Se o casamento é uma expressão singular da expressão do amor de Cristo pela igreja e o sexo é uma expressão singular do amor conjugal, então, a única conclusão lógica é que o sexo conjugal é uma imagem do amor de Cristo pela igreja.

Por mais radical que essa ideia possa parecer, a Bíblia descreve o relacionamento de Deus com seu povo frequentemente na linguagem e imagens da intimidade conjugal. (Veja, por exemplo, Jr 2.1-2; Ez 16.8-14; Ap 19.7-9.)

Uma das primeiras coisas que esse entendimento confirma é que o sexo trata de intimidade. Sexo é uma conexão externa e física que deveria expressar uma conexão interior. Em outras palavras, existem qualidades relacionais específicas, qualidades que compõem o relacionamento de Jesus conosco, que unem o nosso coração com o seu. Apesar de não estarmos física e sexualmente unidos com ele, esse tipo de intimidade é o fundamento da união sexual que compartilhamos no casamento. Essencialmente, a alegria de sermos um no coração, um “por dentro”, leva a uma feliz união física, de sermos um só corpo. O entendimento de que Deus quer que o sexo seja uma expressão de intimidade possui várias implicações importantes.

Não podemos ver o sexo simplesmente como uma função biológica. Não temos o sexo simplesmente porque somos animais, movidos por necessidades biológicas que não entendemos. Sexo é tanto uma experiência física quanto uma expressão do nosso coração. Em outras palavras, os mistérios do sexo são mais mistérios do nosso coração do que mistérios do nosso corpo.

A qualidade da nossa intimidade relacional molda a nossa intimidade sexual. Quando não nos conectamos bem "por dentro", é provável que não nos conectemos bem "por fora". Uma falta de intimidade em outras áreas do casamento resulta muitas vezes em problemas de intimidade sexual. Como muitas esposas têm tentado ensinar aos seus maridos, "sexo começa na cozinha". Em outras palavras, um ato sexual bom não acontece simplesmente no quarto. O fundamento para um sexo bom é construído por intermédio de interações amorosas em todos os outros ambientes da casa. Um marido impaciente e irritado na sala costuma ser um amante impaciente e irritado. Uma esposa com dificuldades de expressar seus desejos no escritório costuma ter problemas ao expressar seus desejos na cama.

Saber como melhorar a intimidade no quarto significa aprender a ter intimidade com Cristo. A maneira como Cristo gera confiança e intimidade conosco nos ensina a criar confiança e intimidade com nosso cônjuge. Como sempre, isso envolve mais do que simplesmente imitar Jesus. Significa adorá-lo.

Aprendendo a ter intimidade com Cristo

Quais palavras lhe vêm à mente quando você começa a pensar sobre o relacionamento de Jesus conosco? Quando faço essas perguntas aos casais, costumo ouvir palavras como fidelidade, segurança, sacrifício, aceitação, união, honra, serviço e honestidade.

A maioria concordaria que essas qualidades fariam um ótimo casamento. Todos nós queremos nos sentir seguros, aceitos e honrados e queremos que nosso cônjuge nos ame de modo sacrificial, mesmo quando é difícil nos amar. Mas você consegue ver como essas mesmas qualidades são tão importantes para a intimidade sexual quanto são para a intimidade em geral?

Pense na mecânica geral do sexo. Marido e esposa tiram as roupas, permitindo que eles se vejam como poucos outros os viram em sua vida adulta. Não há literalmente onde se esconder, nenhuma maneira de se defender de um olhar crítico ou de uma mão violenta. Seria devastador se o cônjuge risse de você ou o criticasse. Você quer ser valorizado, aceito e abraçado fisicamente. O que segue é contato mútuo. Você toca e permite que seja tocado nas partes mais sensíveis do seu corpo. O marido penetra sua esposa, literalmente a tocando por dentro.

Você dá ao outro o poder de abençoá-lo com prazer e calor – ou de feri-lo de maneiras horríveis. Você enxerga como segurança e aceitação são importantes?

E quanto ao serviço ou sacrifício? Homens e mulheres respondem a estimulação sexual em ritmos diferentes; homens costumam alcançar o clímax de forma mais rápida do que mulheres. Se um homem quiser ser egoísta, ele pode sê-lo facilmente, deixando sua esposa insatisfeita, frustrada e sentindo-se usada. Para servir e abençoar sua esposa, o marido precisa exercer autocontrole.

E quanto a honestidade e comunicação? Maridos e esposas têm suas próprias preferências, querem ser tocados de algumas formas, mas não de outras. Sem uma boa comunicação tanto verbal quanto não verbal, como você saberá dar prazer ao seu cônjuge? Como seu cônjuge saberá como amá-lo se você não comunicar isso? Quase toda característica de intimidade ao nível do coração possui uma contraparte crítica na área da intimidade física. O exterior é sempre um fruto do interior.

Voltando para Reid e Christy

Na medida em que fui conhecendo Reid e Christy melhor, ficou claro que havia problemas em outras áreas de seu casamento que estavam prejudicando sua intimidade. Logo após se casarem, Reid começou num emprego novo, tendo, muitas vezes, que trabalhar doze horas por dia e até mesmo sete dias por semana. Havia pouco tempo para conexões de qualquer tipo, sem falar do tempo necessário para compartilhar no nível do coração.

Ambos trouxeram conflitos relacionais para o seu casamento que não estavam sendo tratados. Reid odiava conflitos e os evitava a qualquer custo. Isso era complicado por um desejo idólatra de sucesso. Em seu casamento, Reid costumava evitar conflitos com Christy dedicando-se ainda mais ao trabalho, o que, é claro, só aprofundou o sentimento de mágoa e rejeição de Christy.

Christy tinha passado por muitos relacionamentos decepcionantes com homens em sua vida, na família, com amigos e namorados. A evitação e o vício em trabalho de Reid só agravaram a tentação de Christy de ceder à decepção e amargura que tinha se acumulado durante toda a sua vida.

Felizmente, Reid e Christy tiveram a fé para descobrir e explorar juntos essas

dinâmicas, buscando no Senhor a cura de mágoas passadas e aprendendo novos padrões de comunicação e resolução de conflito amorosas. Com orientação, eles iniciaram uma nova jornada de cultivar intimidade sexual.

Construindo segurança e compreensão

Segurança e compreensão são ingredientes críticos da intimidade, mas cultivar ambos exige esforço. Refletir cuidadosamente sobre como Deus oferece ambas as coisas ao se relacionar conosco pode nos ajudar a tomar passos específicos para oferecê-las uns aos outros no casamento.

Confiança

No capítulo 7, vimos que a Bíblia nos instrui a sermos honestos uns com os outros porque somos membros de um só corpo. Quando aprendemos como comunicação gera união, já estávamos aprendendo sobre intimidade. Intimidade exige que conheçamos uns aos outros bem, então, se você estiver aplicando os princípios de comunicação estudados no capítulo 7, você já está fazendo muito para melhorar a intimidade em seu casamento. Intimidade significa compartilhar coisas que seu cônjuge talvez não saiba e compartilhar também coisas que vocês já sabem.

Nosso relacionamento com Deus fornece um bom exemplo de como confiar uns aos outros aquilo que ele ou ela já sabe é uma parte importante da intimidade. Quando Deus se torna íntimo conosco, ele se revela a nós e, em troca, pede que nós nos revelemos a ele. Obviamente, Deus precisa se revelar a nós, caso contrário seria impossível conhecê-lo. Mas parece estranho que Deus peça que nós nos revelemos a ele. Afinal de contas, ele sabe absolutamente tudo sobre nós – mais do que nós sabemos sobre nós mesmos! No salmo 139, Davi se maravilha diante do conhecimento que Deus tem dele:

Senhor

, tu me sondas e me conheces. Sabes quando me assento e quando me levanto; de longe penetras os meus pensamentos. Esquadrinhas o meu andar e o meu deitar e conheces todos os meus caminhos. Ainda a palavra me não chegou à língua, e tu,

Senhor

, já a conheces toda (v. 1-4).

Por que conversar com Deus se ele já sabe o que você dirá antes mesmo de você abrir a boca? Deus quer que oremos e não que apresentemos apenas uma lista de desejos e necessidades, que compartilhemos ativamente com ele os nossos pensamentos e nossas preocupações mais profundos. A Bíblia o expressa assim: "Confiai nele, ó povo, em todos os tempos; derramai perante ele o vosso coração; Deus é o nosso refúgio" (Sl 62.8, grifo meu). Em muitos dos Salmos, o povo de Deus compartilha com ele experiências sinceras – clamores sinceros de alegria, angústia, medo, terror, raiva e desânimo. Esses clamores do coração não eram compartilhados uma vez e então esquecidos; como parte da adoração comum, eles continuam a ecoar pelos séculos. Mas se Deus não obtém conhecimento ou compreensão dos Salmos ou dos nossos clamores pessoais a ele, por que, então, orar?

Lembro-me do primeiro ano do meu filho na escola. Após passar a manhã no jardim de infância, ele pulava do ônibus, entrava na casa e era levado até a cozinha para apresentar um relatório à sua mãe. Enquanto tomava um copo de suco e comia alguns biscoitos, Kim cobria terreno familiar. "Então, o que você fez hoje? O que sua professora disse? Aconteceu algo engraçado? Você ouviu uma história? O que você aprendeu?" As respostas de Gresham não mudavam muito de um dia para o outro, tampouco quando as perguntas mudavam. Ele fazia o que a maioria dos garotos faz no jardim de infância: pintar com os dedos, aprender uma letra nova, aprender uma palavra nova, colar caroços de feijão em papel na forma do número do dia – e, depois, tudo mais uma vez. As respostas de Gresham não me surpreenderam, mas a reação de Kim sim. Seu entusiasmo nunca diminuiu, suas perguntas eram sempre sinceras, e, de vez em quando, lágrimas se formavam em seus olhos quando ele lhe mostrava sua última obra-

prima em giz de cera. Em certo sentido, Kim não estava recebendo nenhuma informação nova de Gresham. Ela tinha aprendido a dominar o alfabeto, as cores e as formas muito tempo atrás. Mesmo assim, ela e Gresham estavam construindo um relacionamento, cultivando intimidade.

O que estava acontecendo naqueles relatórios do jardim de infância?

A resposta está em Salmos 62.8: “Confiai nele [...]; derramai perante ele o vosso coração; Deus é o nosso refúgio”. Nosso relacionamento com Deus não serve para contar algo novo a Deus, mas para confiar a ele aquilo que é importante para nós, para descobrir que ele se importa e até mesmo se deleita com isso.

Muitas vezes num casamento, especialmente quando crianças entram em jogo, nossa comunicação se concentra nas necessidades logísticas do momento. Quem pegará as crianças depois do treino de futebol? Como Bobby está indo em matemática? Quanto custam os novos óculos de Erin? Nosso coração – e nosso relacionamento – pode se perder nos detalhes. Nós nos transformamos em administradores do lar e deixamos de ser amigos e amantes. Como descobrimos quando exploramos a importância da honestidade, o que você pensa e como você se sente em relação aos detalhes da sua vida é essencial para realmente conhecer e ter intimidade com seu cônjuge. Perceba também que, mais do que descobrir algo novo, intimidade significa se interessar por aquilo que você já ouviu inúmeras vezes e expressar preocupação por isso, lembrando que aquilo foi repetido porque é importante para o seu cônjuge. Então, antes de revirar os olhos e lembrar seu cônjuge de que ele está lhe contando a mesma coisa que já lhe disse ontem, lembre-se de que (a não ser que ele seja simplesmente esquecido) seu cônjuge está lhe confiando algo que ele considera importante. Deleite-se com o fato de que seu cônjuge está lhe confiando as questões importantes de seu coração.

Aceitação

No capítulo sobre honestidade, aprendemos que não é seguro ser transparente e vulnerável com um pecador. Para ter a coragem de se revelar um ao outro, seu casamento precisa estar arraigado no amor e nos propósitos de Deus.

Às vezes, tentamos tornar a intimidade mais segura tornando o nosso cônjuge mais semelhante a nós mesmos. Fazemos isso instintivamente quando crianças.

Formamos grupinhos baseados em gostos musicais, roupas, notas ou vizinhança e excluímos aqueles que não se encaixam. As pessoas podem levar essa imaturidade até a sua idade adulta e até mesmo para o casamento. As diferenças que inicialmente o atraíam em seu cônjuge e até o encantavam, podem vir a irritá-lo ou até mesmo ameaçá-lo. Você se torna crítico e julgador e tenta manipular seu cônjuge para que ele se torne mais semelhante a você.

Quando exploramos as atitudes de honrar versus as atitudes de manipular no capítulo 6, aprendemos que honrar exige uma consciência de que seu cônjuge não pertence a você, mas a Deus. Paulo diz que você deve ver seu cônjuge como "servo alheio" (Rm 14.4).

Paulo descreve essa atitude também como aceitação. Em Romanos 15.7, ele escreve: "Portanto, acolhei-vos uns aos outros, como também Cristo nos acolheu para a glória de Deus". Marido e esposa podem estar seguindo fielmente a Cristo e mesmo assim pensar e fazer coisas de maneiras radicalmente diferentes. Kim, por exemplo, é extrovertida. Ela adora estar na companhia de outros o máximo possível. Eu, por minha vez, sou mais introvertido. Eu também gosto de pessoas, mas só aguento interações sociais em doses muito menores, e depois preciso de tempo a sós para recarregar minhas baterias. Se nos sentíssemos ameaçados por essas diferenças, poderíamos atacar a personalidade do outro como menos espiritual. Eu poderia acusá-la de precisar mais das pessoas do que ela precisa de Deus, e ela poderia me acusar de não amar meu próximo. Na verdade, porém, nossas diferenças individuais são uma qualidade em algumas situações e uma fraqueza em outras. Quando aprendemos a aceitar e até valorizar essas diferenças, ajudamos um ao outro a crescer. Eu sou muito mais extrovertido do que costumava ser, e Kim aprendeu a importância de diminuir o ritmo um pouco.

E quanto ao pecado? Devemos aceitar quando nosso cônjuge peca contra nós? Como aprendemos a partir daquilo que a Bíblia ensina sobre conflitos e perdão, você tem a obrigação de, em amor e com graça, compaixão e sabedoria, falar sobre o pecado na vida de seu cônjuge – e de perdoá-lo. Ao mesmo tempo, porém, saiba que você e seu cônjuge continuarão a lutar com suas fraquezas e seu pecado até Cristo retornar e completar sua obra em vocês. Vocês não podem levar vidas perfeitas e sem pecado no aqui e no agora; ambos continuarão precisando de doses da misericórdia e graça de Deus a cada dia ou até mesmo a cada momento. Conviva com seu cônjuge com esse entendimento. Você não pode e não deve transformar cada pecado e cada incômodo em problema. Ninguém suporta viver sob o constante olhar crítico de outro que está

determinado a encontrar falhas.

Sentido e propósito compartilhados

C. S. Lewis escreveu: “Amizade precisa ter algum fundamento. Mesmo que seja um entusiasmo por ratos brancos ou dominó [...] aqueles que não têm destino não podem ter companheiros de viagem”.[16] Isso vale também para a intimidade; a intimidade precisa ter um propósito comum. Tentar criar intimidade na base de seu desejo de intimidade não funciona, da mesma forma como não funciona tentar criar uma amizade na base de um entusiasmo por amizade.

Quando Kim e eu começamos a namorar, fizemos todas as coisas que casais jovens costumam fazer. Íamos para o restaurante, para o cinema, para um show etc. Mas nosso relacionamento alcançou um nível novo quando começamos a compartilhar algumas paixões um com o outro. Uma que compartilhamos até hoje é nosso amor por livros e ficção de qualidade. Certa noite, quando estávamos sentados no sofá, eu a perguntei se poderia ler para ela uma passagem de um bom livro. Ela ouviu, gostou daquilo que compartilhei e pediu mais. Sem que percebêssemos, eu fiquei lendo para ela durante uma hora em voz alta. Começamos uma jornada que continua até hoje. Visitamos mundos imaginários juntos, apreciamos histórias excitantes e conhecemos personagens interessantes. Nosso amor por histórias e o processo de compartilhá-las um com o outro nos deu um fundamento, ou pelo menos um ou dois tijolos de um fundamento, sobre o qual podíamos construir amizade e intimidade.

Quais interesses ou entusiasmos você curte com seu cônjuge? Se você não conseguir se lembrar de nenhum, volte para o tempo em que vocês se conheceram. O que fez com que vocês se juntassem, o que vocês gostavam de fazer juntos? Muitas vezes, aquelas alegrias iniciais são soterradas pelos detalhes urgentes da vida, especialmente após a chegada de filhos, mas elas sempre podem ser desenterradas. Além disso, vocês podem sempre inventar alegrias novas. Façam uma lista de coisas que vocês poderiam gostar de fazer juntos. Não sejam críticos durante esse processo, simplesmente anotem tudo que lhes vier à mente. No início, atenham-se a coisas simples: caminhar com o cachorro, fazer compras no supermercado, jogar cartas, jogar xadrez ou até mesmo ler algo juntos. Encontrem coisas simples que vocês possam fazer juntos e usem isso como ponto de partida. Assim que encontrarem algo, façam disso uma

prioridade. Intimidade não é um luxo, é uma parte importante de adorar a Deus por meio do seu casamento – de amá-lo amando um ao outro assim como ele ama vocês.

Se ambos forem cristãos, o fundamento mais importante de todos é seu relacionamento comum com Cristo. A intimidade que temos com Cristo vai além de compartilhar um interesse ou uma alegria um com o outro. Ser um com ele significa que temos um propósito e uma direção para a nossa vida de importância incrível. Não pode haver propósito maior, não pode haver busca mais prazerosa do que conhecer Deus mediante Jesus e crescer para nos tornar cada vez mais semelhantes a ele. Mesmo que seu casamento pareça não ter interesses comuns, se vocês tiverem Cristo, vocês têm um fundamento sobre o qual podem construir.

Perguntas comuns sobre o sexo

Problemas sexuais sempre têm suas raízes em problemas conjugais?

Não. Existem condições físicas que podem provocar ou contribuir para dificuldades com intimidade sexual. Desequilíbrios hormonais, condições que afetam o fluxo de sangue (doenças cardiovasculares e diabetes), condições que afetam o sistema nervoso (transtornos neurológicos) e problemas crônicos como doenças relacionadas aos rins ou ao fígado podem afetar sua vida sexual. Nas mulheres, a menopausa pode causar uma alteração no funcionamento sexual. Determinados medicamentos (especialmente antidepressivos), o abuso de remédios, drogas e dependência química podem afetar as funções sexuais. Se você estiver experimentando dificuldades sexuais em seu casamento, especialmente se não estiverem relacionados à qualidade de seu relacionamento, procure um médico para diagnosticar quaisquer problemas fisiológicos.

Às vezes, porém, os casais precisam simplesmente aprender a agradar seu cônjuge. Se você foi criado num lar em que sexo não era discutido abertamente, é possível que lhe faltem conhecimentos e habilidades para agradar ao seu cônjuge. Ou talvez você tenha recebido uma visão negativa de sexo, o que pode impedir que você goste de ter intimidade sexual com seu cônjuge. Existem

muitos recursos disponíveis, até mesmo sob uma perspectiva cristã, que podem ajudá-lo a ter uma visão saudável e positiva do sexo e a desenvolver habilidades.

Lembre-se, porém, de que tudo que você faz, até ao tratar de problemas fisiológicos, é uma expressão de seu coração. Ao experimentar e lidar com questões físicas, você pode ser compassivo, atencioso, fiel e amoroso, ou você pode ser impaciente, egoísta e maldoso. Mesmo quando você trabalhar para tratar de problemas físicos ou médicos, você deve fazer isso com uma postura de adoração, vivendo em dependência do amor de Deus e dando amor ao seu cônjuge.

É lícito negar sexo ao cônjuge?

Negar a intimidade sexual a um cônjuge é uma questão séria. Da mesma forma como o sexo deve refletir e reforçar as mensagens poderosas do amor de Deus por nós, negar sexo ao cônjuge transmite mensagens igualmente poderosas e potencialmente nocivas. Mas existem muitas razões pelas quais um cônjuge possa não querer intimidade sexual, e eu acredito que existem situações em que é legítimo e apropriado abster-se do sexo para o bem do casamento.

1Coríntios 7.3-5 é a passagem que fala de maneira mais direta sobre essa questão. Paulo escreve:

O marido conceda à esposa o que lhe é devido, e também, semelhantemente, a esposa, ao seu marido. A mulher não tem poder sobre o seu próprio corpo, e sim o marido; e também, semelhantemente, o marido não tem poder sobre o seu próprio corpo, e sim a mulher. Não vos priveis um ao outro, salvo talvez por mútuo consentimento, por algum tempo, para vos dedicardes à oração e, novamente, vos ajuntardes, para que Satanás não vos tente por causa da incontinência.

Infelizmente, essa passagem tem sido usada por muitos maridos para exigir sexo de sua esposa. Mas até mesmo a leitura mais elementar da passagem deixa claro que intimidade sexual se fundamenta em mutualidade e cuidado. A passagem

ensina que realmente somos donos do nosso corpo e responsáveis pela maneira como o usamos, mas que ele não é apenas nosso. Já que marido e esposa se tornaram um só, a maneira como usamos nosso corpo afeta o outro. Devemos, então, usar nosso corpo com cuidado, de uma maneira que fortaleça o casamento, não de forma egoísta, exigindo ou negando sexo caprichosamente.

Observe, também, que Paulo não proíbe um período de abstinência. Ele está nos dizendo que essa abstinência deve ser mútua (acordada por ambos) para os propósitos de oração (buscar a ajuda, sabedoria ou o cuidado de Deus) e que o período de abstinência deve ser limitado a fim de evitar danos ao casamento pela tentação (provavelmente a tentação sexual). O teor dessa passagem é que sexo é bom e apropriado no casamento e que marido e esposa devem expressar cuidado em termos sexuais, mas diz também que existem razões para um período de abstinência sexual para o bem-estar espiritual do casal.

Quando, então, um casal poderia decidir se abster do sexo? Poderia ser simplesmente uma forma de jejum. Assim como alguns cristãos abrem mão de comida por um dia ou dois para se concentrar em seu relacionamento com Deus, um casal pode decidir fazer o mesmo em termos sexuais. Sei que alguns homens que têm lutado com um vício de pornografia costumam se abster do sexo com sua esposa como parte de seu programa de recuperação (às vezes, até noventa dias) para que possam obter uma visão de como o sexo funciona em sua vida e recuperar o domínio sobre ele. Contanto que sejam orientadas pelo amor por Deus e pelo cônjuge, as razões podem variar, mas a imagem de sexualidade conjugal que Paulo apresenta não é a de um cônjuge que exige sexo do outro, mas a imagem de um exercício atencioso, espiritual e mútuo de sexualidade.

As interrupções mais dolorosas do sexo conjugal são unilaterais. Um cônjuge decide que ele não pode ou não quer fazer sexo com o outro, e o outro se magoa ou irrita com isso. Existe uma situação em que a ideia de se abster de sexo unilateralmente pode ser uma coisa boa? Em certas situações, sim. A situação mais óbvia é em que um cônjuge é abusado física ou sexualmente. Existe uma conduta que é tão nociva ao casamento que a intimidade sexual se torna inapropriada. Quando um cônjuge está fisicamente destruindo o casamento com palavras e punhos ou transformou a intimidade sexual em uma expressão degradante de raiva e controle, é possível que não seja sábio tornar-se fisicamente vulnerável ou participar de uma conduta que só enfraquecerá um casamento que já está à beira da destruição. Você não deve navegar essas águas perigosas sozinho. Procure o bom conselho de um pastor sábio, de um amigo

confiável ou de um conselheiro bíblico – preferivelmente dos três – para traçar um curso de ação amorosa que capacite você a fazer o que você pode fazer em fé para proteger seu casamento sem pôr em risco o seu bem-estar ou o bem-estar de sua família.

E quanto às situações menos severas? E se houver simplesmente uma raiva ou amargura de baixo grau que regularmente perturba a intimidade sexual? Em situações assim, eu encorajo ambos os cônjuges a fazer o que puderem para tratar da questão subjacente e agravante, alertando-os contra o envolvimento numa luta por poder. Essa é a tentação mais comum e mais perigosa. Negar ou exigir sexo transmite mensagens poderosas que, na maioria dos casos, não são mensagens de amor. Faça o que puder para traduzir a ação de negar sexo em palavras que convidam para um diálogo honesto e gracioso sobre as mágoas e os problemas que estão tirando de você o desejo de ter intimidade física.

É lícito assistir à pornografia com seu cônjuge?

Estabelecemos que sexo pretende comunicar mensagens de intimidade, o tipo de intimidade e amor que Jesus tem por nós. Quais são as mensagens que a pornografia comunica? Na maioria das vezes, a pornografia sugere que o sexo mais excitante e prazeroso é o sexo anônimo, sem compromissos e sem consequências. As pessoas não são retratadas como pessoas que devem ser honradas e amadas, mas como objetos que só existem para satisfazer os apetites de outros. Pornografia é, literalmente, uma imagem de manipulação.

Você não resolverá problemas de intimidade alimentando seu coração com mensagens de manipulação. Pode ser excitante por um tempo, mas você descobrirá que as mensagens egoístas e impessoais da pornografia não permanecerão contidas na tela, mas infectarão o seu casamento e suas atitudes em relação ao outro.

Se você achar que falta excitação à sua vida sexual, incite essa excitação em outras áreas de seu relacionamento. Apaixone-se pelo seu cônjuge como pessoa e descobrirá que isso alimentará sua paixão sexual. Contemple outras maneiras de apimentar o seu sexo. Sexo conjugal facilmente se torna rotina. Encontre maneiras divertidas e saudáveis para tornar as coisas mais interessantes. Pode ser algo tão simples como fazer amor durante o dia e não à noite ou em um quarto

diferente da casa.

Celebre

Outra maneira de descrever a intimidade conjugal é a palavra celebração. O amor que Deus nos deu em Jesus é algo que devemos celebrar. É um amor tão poderoso que, quando estamos sintonizados com ele, ele precisa encontrar uma expressão física. Na Bíblia, o retorno de Jesus é retratado como um banquete nupcial. O livro de Apocalipse nos oferece esta imagem:

Então, ouvi uma como voz de numerosa multidão, como de muitas águas e como de fortes trovões, dizendo: Aleluia! Pois reina o Senhor, nosso Deus, o Todo-Poderoso. Alegremo-nos, exultemos e demos-lhe a glória, porque são chegadas as bodas do Cordeiro, cuja esposa a si mesma já se ataviou, pois lhe foi dado vestir-se de linho finíssimo, resplandecente e puro [Linho finíssimo representa os atos justos dos santos] (Ap 19.6-8).

Como povo de Deus, somos como uma noiva que anseia finalmente estar com seu noivo! Palavras dificilmente conseguem expressar essa alegria.

O propósito do sexo é que possamos vislumbrar essa alegria, uma maneira física de experimentar e reforçar esse tipo de amor. Sexo não é sujo, mesmo que a nossa cultura tente nos convencer disso. Não ceda a essa falsificação barata. Não é o pecado que torna o sexo excitante. Se você construir uma intimidade em seu casamento que reflete o amor de Deus, você tem todas as razões para acreditar que ela se manifestará em seu quarto na forma de uma celebração maravilhosa.

Uma última palavra de cautela: não pense que seja necessário alcançar a intimidade “certa” no nível do coração antes que sua vida sexual melhore. Intimidade no nível do coração é fundamental, sim, mas intimidade sexual atenciosa e cuidadosa pode ser uma afirmação e um encorajamento importante

em tempos difíceis. Às vezes, preocupação e afeto sexual sincero transmitem mensagens de afirmação, aceitação, pertencimento e uma legião de outras mensagens de amor que talvez não possam ser expressas em palavras. A intimidade interior do coração e a intimidade exterior do sexo formam um círculo de reafirmação mútua. Permita que o sexo celebre o que está certo sem insistir em perfeição. Ele pode comunicar as mensagens que são tijolos importantes para o crescimento e que constroem um fundamento para fazer progresso em outras áreas. Sexo pode ser uma experiência maravilhosa de adoração.

REFLITA SOBRE ISTO

• Lembre-se de um momento recente em que você se sentiu íntimo com seu cônjuge. Você consegue identificar coisas que foram ditas ou feitas que fizeram com que você se sentisse compreendido e seguro? Havia outros fatores que ajudaram?

• Quais palavras lhe vêm à mente quando você reflete sobre o amor de Jesus por você? Existem alguns aspectos do amor de Jesus que são mais importantes para você do que outros?

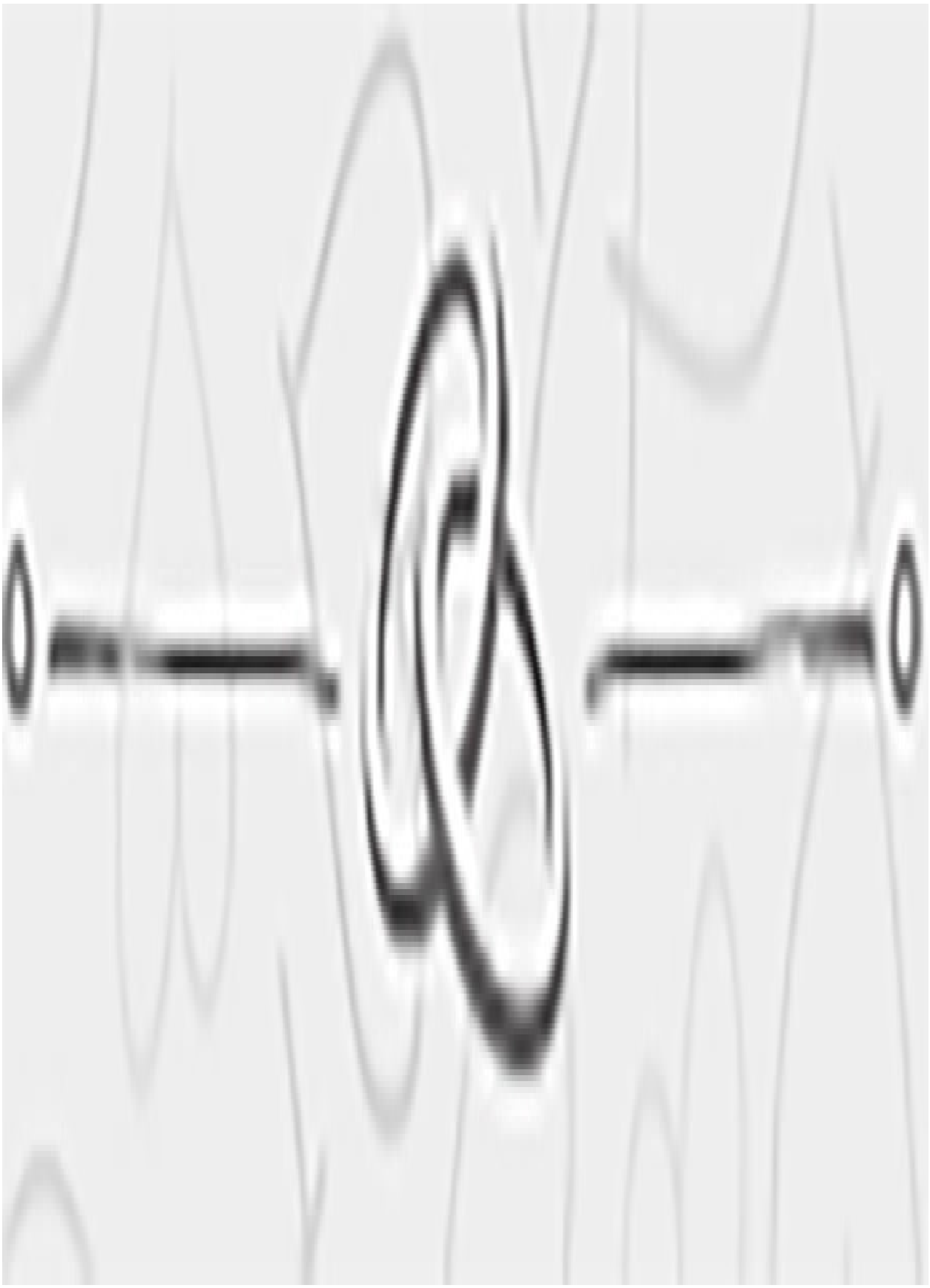
• Você diria que a visão que você tem do sexo é mais positiva ou mais negativa? Por quê?

• Existem maneiras em que você não aceita plenamente o seu cônjuge? O que você pode fazer para expressar uma aceitação maior? Existem maneiras em que você não se sente aceito? Você consegue imaginar uma maneira de compartilhar seus sentimentos com seu cônjuge de maneira construtiva?

SEÇÃO 3

Permanecendo

no caminho



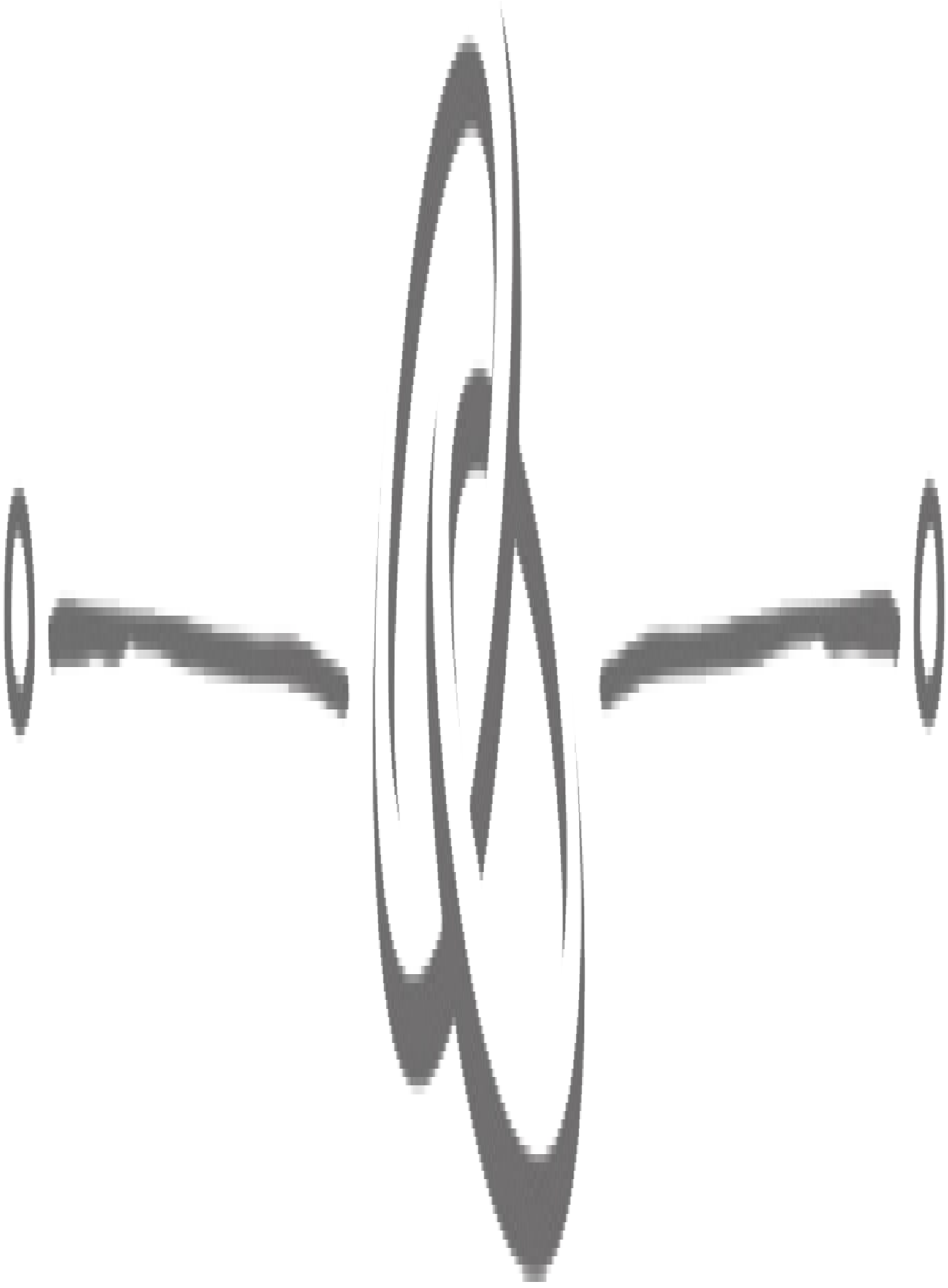
Aprender a amar nos detalhes do seu casamento não produz resultados em você ou em seu cônjuge de um dia para o outro. Seja paciente e aprenda a perseverar. Aprenda a permanecer no caminho. Felizmente, Deus nos oferece descanso e encorajamento ao longo do caminho.

O capítulo 16 oferece treinamento na forma mais sublime do amor, a graça. Mesmo quando alguém peca contra nós, a graça conhece e compartilha o amor de Deus. A graça perdoa e tem esperança. Jesus nos ensina a amar dessa forma.

No capítulo 17, aprendemos a evitar uma armadilha comum do momento comum, a armadilha de acreditar que suas ações não fazem mais qualquer diferença. Esse capítulo descreve por que suas ações sempre fazem uma diferença e ajuda você a manter seus olhos fixados no prêmio.

Todos nós trazemos uma bagagem para o casamento. O casamento é apenas mais um trecho na nossa jornada, mais um capítulo na nossa história. O capítulo 18 o ajuda a entender a história de sua própria vida, não só a história de seu casamento, e lhe mostra que a maneira como Deus escreveu a história de seu amor por nós nos dá esperança e nos aponta o caminho.

Crescendo em graça



O que você aprenderá neste capítulo:

Graça é mais do que uma mão amiga de Deus. Graça é o amor de Deus que nos é dado apesar de não o merecermos e não termos esperança de resgatar a nós mesmos.

Precisamos da graça de Deus a cada momento de cada dia.

A graça deve se expressar ativamente em nosso casamento. Graça nos capacita a amarmos como Deus nos amou, aprendendo a nos aproximar de nosso cônjuge em amor quando ele pecou contra nós.

Graça significa que Deus é maior do que nossos erros e que aquilo que foi reparado é mais lindo do que o novo. Isso nos dá a esperança de que a graça pode tornar nosso casamento completo.

Graça: uma reforma extrema

Durante algum tempo, minha família desenvolveu um ritual nas noites de domingo de assistir ao programa Extreme Makeover: Home Edition (no Brasil: Reconstrução Extrema) enquanto jantávamos. Apesar de normalmente aderirmos a uma política de não assistir à TV durante as refeições, meus filhos pediram com tanta insistência sincera para que fizéssemos uma exceção, então cedi só para descobrir a razão de tanto alarde.

A cada semana, o programa apresentava uma família numa situação de vida desesperadora que precisava de um lar novo ou, pelo menos, significantemente reformado. O programa documentava o progresso e os desafios da reconstrução da casa dentro de uma única semana. Meus filhos não queriam aprender a reformar uma casa. Eu nem consigo interessá-los pela limpeza de seu próprio quarto. Eu estava ansioso para descobrir o que os atraía tanto.

Há algum suspense e excitação enquanto a equipe luta para cumprir o prazo que ela impôs a si mesma, mas você não precisa assistir por muito tempo para perceber que o tema do programa não é a reforma de casas, mas a graça.

Num episódio, uma família com mais de uma dúzia de crianças adotivas com necessidades especiais corre o perigo de perder as crianças porque a família não possui os recursos para remover os níveis tóxicos de chumbo encontrados em seu lar.

Em outro episódio, um veterano da Guerra do Iraque com uma prótese tenta criar sozinho duas filhas numa casa que não está equipada para uma pessoa com deficiências físicas.

Ainda outro retrata um pai solteiro com problemas cardíacos que luta para manter seus cinco filhos seguros numa região infestada de crime e drogas, numa casa que está desmoronando.

Cada família escolhida para aparecer no programa se encontra em uma situação difícil e vive em um lar inadequado. A situação das pessoas é desesperadora, e não há saída para elas. A família é levada por uma semana para as férias de seus sonhos. Enquanto está afastada, um exército de trabalhadores demole sua casa antiga e constrói uma nova em seu lugar.

No último segmento do programa, a família retorna e fica em frente à sua casa. Um ônibus bloqueia sua vista. Quando o ônibus é retirado, a família grita, chora e salta de alegria, enquanto uma multidão de cem ou mais trabalhadores e vizinhos aplaudem e compartilham de sua alegria. O final é sempre o mesmo, e a nossa reação também. Sorrimos, rimos e tentamos não chorar de emoção.

Graça, ajuda inesperada que chega para resgatar aqueles que jamais poderiam libertar a si mesmos. Graça traz amor que você não mereceu e ajuda que você jamais conseguiria fornecer a si mesmo. Quando o mundo a vê na TV, ele chora na esperança de que tal amor exista. Quem não quer ser amado dessa forma? Quem não quer fazer parte de compartilhar esse amor com outro?

Jesus oferece mais do que uma reconstrução radical do seu lar. Ele convida você a ser amado e reformado. O casamento lhe dá uma chance de compartilhar isso com seu cônjuge. Se você quiser permanecer no caminho de amar seu cônjuge, você precisará de um entendimento profundo e crescente daquilo que a graça é, de como viver na base dela e de como estendê-la ao seu cônjuge.

Graça: suporte para livros, uma mão amiga ou uma lagarta numa roda de fogo

Visto que a graça é um aspecto essencial do amor de Deus, nosso entendimento e apreço da graça deve crescer enquanto vivermos. Jerry Bridges resume a graça da seguinte maneira: “Graça é o favor gratuito e desmerecido concedido a pecadores culpados que só merecem julgamento. É o amor de Deus demonstrado aos não amáveis. É Deus que estende seu braço para pessoas que se encontram em rebelião contra ele”.[17] Quando refletimos sobre a graça, nosso ponto de partida deve ser o amor não merecido que Deus nos dá.

Muitas vezes, os cristãos tendem a ter um entendimento limitado da graça. Quando entramos num relacionamento com Deus, reconhecemos nossa incapacidade de resgatar a nós mesmos dos danos e da rebelião do pecado, e aceitamos seu amor como um presente desmerecido em Jesus. Entendemos que fomos salvos, pelo menos inicialmente, pela graça de Deus. Essa é a graça que nos levará para o céu quando morrermos. No meio tempo, porém, nós deixamos de depender exclusivamente da graça e trabalhamos para conquistar a aprovação de Deus por esforço próprio. Nesse sentido, vivemos com a graça como suportes de livros da nossa vida. É o que nos coloca num relacionamento com Deus; é o que nos ajuda a atravessar a linha de chegada. Entre esses dois pontos, vivemos como se a nossa santidade estivesse inteiramente por nossa conta.[18]

Em seu livro From Fear to Freedom, Rose Marie Miller refuta a noção de que nós, em qualquer ponto da nossa vida, possamos fazer qualquer coisa para nos salvar. Corretamente, ela insiste que precisamos da graça de Deus a cada momento de cada dia. Ela compartilha uma ilustração que seu marido deu durante uma palestra.

Dois teólogos do século 17 estavam debatendo sobre a natureza da graça. Um dos teólogos disse que graça é como um pai que ajuda uma criança pequena a atravessar a sala para chegar na mãe, que tem uma maçã para o filho. O pai cuidadoso observa a criança; se ela tropeçar, esse pai a segurará por um

momento para que ela possa atravessar a sala por força própria. Mas o outro teólogo tinha uma visão diferente. Para ele, a graça vem até nós apenas na descoberta de nossa total impotência. Em seu conceito, somos como uma lagarta numa roda de fogo. Libertação só pode vir do alto.[19]

Se formos crianças apoiadas por um pai amoroso, então a graça é pouco mais do que uma mão amiga, mas ainda dependemos em grande medida das nossas próprias habilidades. Contemple a segunda imagem: uma lagarta numa roda de fogo. É uma imagem muito mais apropriada da graça. Uma lagarta só rasteja; o máximo que pode fazer para se salvar é tentar atravessar as chamas que a consumiriam. Um empurrão na direção certa só reforça seus esforços inúteis e a aproxima mais rapidamente das chamas. Ela não precisa de ajuda para se mexer; tampouco ajuda esperar a lagarta do outro lado com um extintor. Se a lagarta quiser escapar das chamas, a libertação precisa ser total e ela precisa vir de fora.

O que significa graça

Eu preciso de Jesus a cada momento de cada dia

Jesus comparou seu relacionamento com seus discípulos com o da videira com seus ramos.

Permanecei em mim, e eu permanecerei em vós. Como não pode o ramo produzir fruto de si mesmo, se não permanecer na videira, assim, nem vós o podeis dar, se não permanecerdes em mim. Eu sou a videira, vós, os ramos. Quem permanece em mim, e eu, nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer (Jo 15.4-5).

Imagine uma videira com seus ramos. Cada gota d’água, cada ingrediente

essencial à vida tem uma maneira de chegar aos ramos. Precisa fluir da videira para o ramo. Interrompa a conexão com a videira, e o ramo começa a morrer imediatamente. A imagem da videira e dos ramos é uma imagem de dependência e necessidade constantes. Graça é uma maneira de descrever a reação de Deus à nossa contínua necessidade. Não somos automóveis que precisam que alguém encha o tanque uma vez por semana, mas ramos que precisam ser apoiados e nutridos a cada instante. No instante em que deixamos de ser nutridos pelo amor de Deus, começamos a morrer espiritualmente.

Muitas vezes, nós nos separamos da videira voltando-nos para nós mesmos quando estamos lutando. Em vez de nos voltar para Deus, tentamos resolver nossos problemas por conta própria. Essa reação nos separa da graça, e nos tornamos semelhantes a um ramo cortado que tenta extrair vida do ar. Por que não se voltar para ele? Viver na graça de Deus significa aceitar a verdade de que apenas Jesus pode resolver nossos problemas e que precisamos dele a cada dia.

Aproximando-me do meu cônjuge, mesmo quando dói

No contexto do nosso relacionamento com Deus, a graça é essencialmente passiva. Deus fez e está fazendo algo por nós que não podemos fazer por nós mesmos. Graça exige dependência total de Cristo como um ramo depende da videira.

Mas a graça como um aspecto do amor deve refletir em nossos relacionamentos com outros, especialmente com nosso cônjuge. No casamento, graça é uma palavra de ação; é algo que devemos fazer ou praticar ativamente. O relacionamento com Deus por meio de sua graça sempre resultará em amor demonstrado como graça ao nosso próximo.

Mais acima, no capítulo 4, nós começamos a explorar a esfera da graça quando observamos que o propósito do amor de Deus não é dar para receber. Estudamos Mateus 5, onde Jesus nos diz que não devemos amar apenas aqueles que nos amam – todos fazem isso – mas que devemos amar também os nossos inimigos como Deus os ama. Jesus observa que, a cada momento de cada dia, estamos cercados do amor gracioso de Deus por seus inimigos. Ele abençoa os maus e os bons com os benefícios do sol e da chuva. Mas, amar seu inimigo é mais do que decidir amar quando você não recebe o que quer; significa amar até mesmo

quando a outra pessoa está pecando ativamente contra você.

Aprendendo com Jesus

Se quisermos entender como amar dessa maneira, devemos olhar para Jesus e adorá-lo. Ao fornecer uma janela para a mentalidade de Cristo quando ele decide abençoar aqueles que pecam contra ele, Isaías 50 oferece uma visão única da mentalidade da graça. Apesar de ter sido escrito séculos antes do nascimento de Jesus, o livro de Isaías é reconhecido como uma das profecias mais esclarecedoras sobre o Messias.

Diferentemente de outras passagens em Isaías, o capítulo 50 fala sobre o Messias na primeira pessoa: o próprio Messias descreve o que está pensando e fazendo. Nesse sentido, é uma perspectiva singular.

A mentalidade de um servo

O

Senhor

Deus me deu língua de eruditos, para que eu saiba dizer boa palavra ao cansado. Ele me desperta todas as manhãs, desperta-me o ouvido para que eu ouça como os eruditos (Is 50.4).

Jesus tem a mentalidade de um servo. Ele vive para servir ao seu Pai celestial e a outros. A fim de oferecer amor gracioso ao seu cônjuge, você deve estar disposto a ver seu papel como o de um servo. Ser um servo não significa dar ao seu cônjuge o que ele quer, mas o que ele precisa – e deixar que Deus decida o que ele precisa. Observe que Jesus se concentra em como Deus o instrui e orienta. Muitas vezes estamos tão concentrados naquilo que nosso cônjuge está fazendo, especialmente quando ele está nos decepcionando ou magoando, que reagimos

mais a ele do que a Deus. Concentrar-nos em Deus e em seus propósitos nos capacita a servir ao nosso cônjuge e a não ser controlados por ele.

Confiança de que Deus está presente e age

O

Senhor

Deus me abriu os ouvidos, e eu não fui rebelde, não me retraí. Ofereci as costas aos que me feriam e as faces, aos que me arrancavam os cabelos; não escondi o rosto aos que me afrontavam e me cuspiam. Porque o

Senhor

Deus me ajudou, pelo que não me senti envergonhado; por isso, fiz o meu rosto como um seixo e sei que não serei envergonhado. Perto está o que me justifica; quem contenderá comigo? Apresentemo-nos juntamente; quem é o meu adversário? Chegue-se para mim. Eis que o

Senhor

Deus me ajuda; quem há que me condene? (Is 50.5-9a)

Temos aqui, em detalhes agonizantes, o que significava para Jesus aproximar-se daqueles que estavam pecando contra ele. É brutal – física e espiritualmente. Quando sofremos às mãos de outro, somos mais vulneráveis à derrota, recuando ou atacando, retribuindo mal por mal. Como Jesus suportou e resistiu à tentação?

Vergonha e infortúnio são, muitas vezes, os nossos maiores inimigos quando tentamos estender a graça. Aqui, as palavras de Jesus são especialmente surpreendentes. No momento em que alguém está pecando terrivelmente contra ele, como ele pode dizer que não será envergonhado? É vergonhoso quando alguém arranca sua barba e cospe em você. Jesus não está negando a dor nem

mesmo o tormento emocional de seu sofrimento, mas é evidente que ele está se concentrando em algo que o mantém firmado em sua identidade e em seu propósito.

O foco de Jesus é sua confiança na presença e no propósito de Deus. Ele sabe que Deus o vingará; ele provará que ele está certo. Deus não permitirá que o sofrimento de Jesus seja em vão; Jesus tem certeza de que ele cumprirá os propósitos de Deus. A vergonha intolerável seria se o pecado tivesse a última palavra, se os propósitos graciosos de Deus fossem frustrados e se Jesus suportasse esse sofrimento apenas para provar que sua confiança em Deus foi em vão. Mas Deus o vingará e realizará seus bons propósitos: seu povo será salvo.

Para vencer nos momentos mais difíceis, quando o comportamento pecaminoso de seu cônjuge o tenta a desesperar ou retribuir, você precisa saber que confiar em Deus e agir bem não será em vão. Mesmo em meio ao sofrimento e quando alguém peca contra ele, Jesus sabe que Deus está presente e agindo – ele tem fé. A fim de perseverar em meio às dificuldades do casamento, você precisa ter fé de que Deus está presente e agindo, mesmo quando você não consegue reconhecer sua intenção. Quando você acredita nisso, você acredita que suas ações fazem diferença. Não existe garantia de que seu cônjuge responderá ao amor de Deus, mas você será poupado da escravidão à amargura, medo e falta de esperança. Você experimentará a vitória de saber que os pecados dos outros não podem separá-lo da presença, do amor e do poder de Deus.

Uma observação importante sobre abuso conjugal: Mesmo que Jesus tenha sofrido fisicamente por causa de seu amor por nós, ninguém deve passivamente aceitar o abuso de um cônjuge. Reconheça que houve muitas vezes em que os inimigos de Jesus tentaram prejudicá-lo fisicamente e até mesmo matá-lo, mas ele evitou e se esquivou de seus planos. Um elemento básico de sabedoria é reconhecer quando um problema se aproxima e, se possível, evitá-lo (Lc 4.28-30; Jo 8.59; 10.39; 11.53-54).

Mas entenda também que Jesus não foi uma vítima de seu sofrimento, mas parte de um plano. Ele tomou a decisão de sofrer no momento e no lugar que Deus escolheu e tendo os propósitos de Deus em mente. Jesus disse:

Por isso, o Pai me ama, porque eu dou a minha vida para a reassumir. Ninguém a

tira de mim; pelo contrário, eu espontaneamente a dou. Tenho autoridade para a entregar e também para reavê-la. Este mandato recebi de meu Pai (Jo 10.17-18).

Jesus não foi forçado a se submeter e a sofrer por um agressor para evitar ser abandonado ou perder um relacionamento. Ele escolheu seu curso de ação segundo o plano de Deus para restaurar o relacionamento. Seu sofrimento não era uma submissão a uma versão destrutiva e perversa de casamento.

O ponto é, o sofrimento e o sacrifício de Jesus foram uma escolha que ele fez livremente por amor – para o bem do plano de Deus e da decisão de Jesus em nos servir. Em muitas outras ocasiões, Jesus disse não aos planos de homens maus que desejavam machucá-lo. Se você estiver num casamento abusivo, não veja o exemplo de Jesus ou as minhas palavras como instrução para suportar abuso. Você precisa de sabedoria para saber como lidar com o abuso com cuidado e com o objetivo de impedi-lo. Você não deve seguir este caminho sozinho. Busque a ajuda de um pastor ou conselheiro sábio com experiência no aconselhamento de vítimas de abuso conjugal.

Entendendo que graça é o único caminho

Quem há entre vós que tema ao

Senhor

e que ouça a voz do seu Servo? Aquele que andou em trevas, sem nenhuma luz, confie em o nome do

Senhor

e se firme sobre o seu Deus. Eia! Todos vós, que acendeis fogo e vos armais de setas incendiárias, andai entre as labaredas do vosso fogo e entre as setas que acendestes; de mim é que vos sobrevirá isto, e em tormentas vos deitareis (Is 50.10-11).

A essa altura na passagem, é como se Jesus se voltasse diretamente para nós e falasse. Já admiramos sua fé e seu amor; agora ele quer que lutemos com suas palavras. Você honra e respeita as ações dele por você? Você está disposto a obedecer e segui-lo? Você precisa tomar uma decisão: você pode tentar encontrar seu próprio caminho em momentos sombrios quando alguém peca contra você, seguir a sabedoria do mundo ou criar sua própria "luz", se assim quiser. Você pode tentar se esconder da dor quando alguém peca contra você, lançar seu próprio ataque ou encontrar algum outro compromisso. A escolha é sua. Mas Jesus deixa claro: quando você rejeita seu caminho e escolhe o seu próprio, você está rejeitando Jesus. Quando você rejeita Jesus, o amor encarnado, você não pode esperar que ele abençoe seus esforços. Existem consequências para aqueles que rejeitam Jesus. Você só pode esperar que sofrimento seja acrescentado a sofrimento.

Deus é maior do que meus erros

Depois de vergonha e medo, arrependimento é um dos maiores inimigos da graça. Sentir-se mal por causa de um pecado é um ingrediente essencial ao arrependimento, mas, depois disso, um remorso persistente – uma sensação de que você jamais se recuperará daquilo que aconteceu – pode sugar sua energia e fé para perseverar no casamento. Eu tenho conversado com casais que acreditavam que seu casamento foi um erro. Acreditavam que continuar com o aconselhamento não fazia sentido porque tudo que poderiam fazer para melhorar as coisas era construir sobre um erro monumental, como construir uma casa sobre areia movediça.

Mas a própria graça é um antídoto para o arrependimento. Sem negar que pecamos e cometemos erros ou tomamos decisões tolas, a graça argumenta que Deus é maior do que tudo isso e usará os dois para glorificar a si mesmo e nos abençoar. Graça não é Deus acrescentando algo aos nossos melhores esforços, mas operar por meio dos nossos piores esforços para nos remir. Deus não precisa da nossa sabedoria, das nossas decisões boas ou das nossas motivações saudáveis para realizar os seus propósitos em nós.

Cada um de nós pode fazer uma retrospectiva de sua vida e encontrar exemplos

de ter feito a coisa errada pelas razões erradas. Honestamente, estou muito feliz por ter casado com a Kim, mas, aos 23 anos de idade, minhas ideias sobre casamento e sobre como escolher um cônjuge eram idiotas. Considero meu casamento com Kim um mérito da graça de Deus, não da minha sabedoria ou virtude.

Veja o sacrifício de Jesus na cruz. Deus realizou o maior bem de todos os tempos por meio das ações de pessoas más e indiferentes. Pôncio Pilatos, o governador romano naquele tempo, não tinha amor por Cristo ou pelo plano de Deus, mas entregou Jesus a uma multidão judia furiosa para não correr o risco de perder sua posição confortável. Os líderes religiosos judeus não estavam crucificando Jesus para expiar seus pecados, mas na tentativa de garantir sua base de poder. Os soldados romanos estavam apenas cumprindo seu dever quando pregaram mais um criminoso num madeiro. Ninguém estava ali para cumprir os bons propósitos de Deus. Mas o amor, o poder e a graça de Deus usaram as motivações e os atos mais malignos para o seu plano amoroso (At 2.23).

Aquilo que foi reparado é mais lindo do que o novo

Muitos de nós acreditam que, uma vez que alguma coisa quebrou, ela nunca mais será tão boa quanto era. Afinal de contas, não esperamos que um carro usado seja tão bom quanto um carro novo. E uma vez que o elástico em nossas roupas se desgastou, ela nunca voltará a vestir tão bem. Mas Deus não é apenas maior do que os nossos erros; ele opera por intermédio do nosso pecado, da nossa tolice e das nossas fraquezas para tornar a nossa vida e o nosso casamento mais lindo do que jamais foi. Isso não significa levar-nos ao ponto de esquecermos erros e mágoas passados, mas aprender a vê-los através da lente do amor e da atividade de Deus em nossa vida.

Em determinado ponto de sua história, o relacionamento de Israel com Deus estava tão ruim que Deus decidiu mandar seu povo para o exílio. Primeiro, ele trouxe os assírios, que destruíram as dez tribos do norte de Israel e depois, alguns séculos mais tarde, ele trouxe os babilônios para destruir as duas tribos remanescentes. Quando a capital Jerusalém foi conquistada, a maioria de seus habitantes foi deportada como servos e escravos, e o templo foi demolido. Apesar de Deus ter alertado o povo daquilo que faria se ele não se arrependesse, Israel não conseguiu imaginar que seria expulso da Terra Prometida. Tampouco

conseguia imaginar que o próprio templo de Deus, o símbolo de sua presença no meio de seu povo, fosse destruído.

Após setenta anos, Deus libertou Israel do cativeiro e, milagrosamente, forneceu a riqueza de nações vizinhas para reconstruir seu templo. No entanto, a despeito de seus esforços, o novo templo era apenas uma sombra do primeiro. O povo estava abatido e se perguntava se os dias da bênção de Deus estavam irrevogavelmente perdidos. Não existia caminho de volta para aquilo que tinha sido ou deveria ser?

Deus instruiu seu profeta Ageu a dizer ao povo:

Quem dentre vós, que tenha sobrevivido, contemplou esta casa na sua primeira glória? E como a vedes agora? Não é ela como nada aos vossos olhos? [...] todo o povo da terra, sê forte, diz o

Senhor

, e trabalhai, porque eu sou convosco, diz o

Senhor

dos Exércitos [...]. Pois assim diz o

Senhor

dos Exércitos: Ainda uma vez, dentro em pouco, farei abalar o céu, a terra, o mar e a terra seca; farei abalar todas as nações, e as coisas preciosas de todas as nações virão, e encherei de glória esta casa, diz o

Senhor

dos Exércitos [...]. A glória desta última casa será maior do que a da primeira, diz o

Senhor

dos Exércitos; e, neste lugar, darei a paz, diz o

Senhor

dos Exércitos (Ag 2.3,4b,6-7,9).

Deus encoraja seu povo, não negando-lhes a beleza e a grandeza do templo anterior, mas mostrando-lhe como ele pretende usar aquele que o povo acabara de construir. O que torna o templo novo glorioso é como ele o usará para chamar para si todas as nações. Sua riqueza e devoção fluirá para o novo templo, e assim Deus será glorificado. Apesar de não ser afirmado explicitamente, esse templo era certamente mais lindo do que o anterior porque era um sinal do amor redentor de Deus. Era um templo construído pelas mãos de um povo humilhado e arrependido e trazido de volta para casa por Deus.

Não importa por que você casou, não importa quais pecados danificaram seu casamento, a restauração de Deus o tornará lindo, não escondendo o passado ou camuflando as cicatrizes, mas ajudando você a ver a fidelidade e o amor de Deus que está nele e até mesmo usando-o para atrair outros para si mesmo.

REFLITA SOBRE ISTO

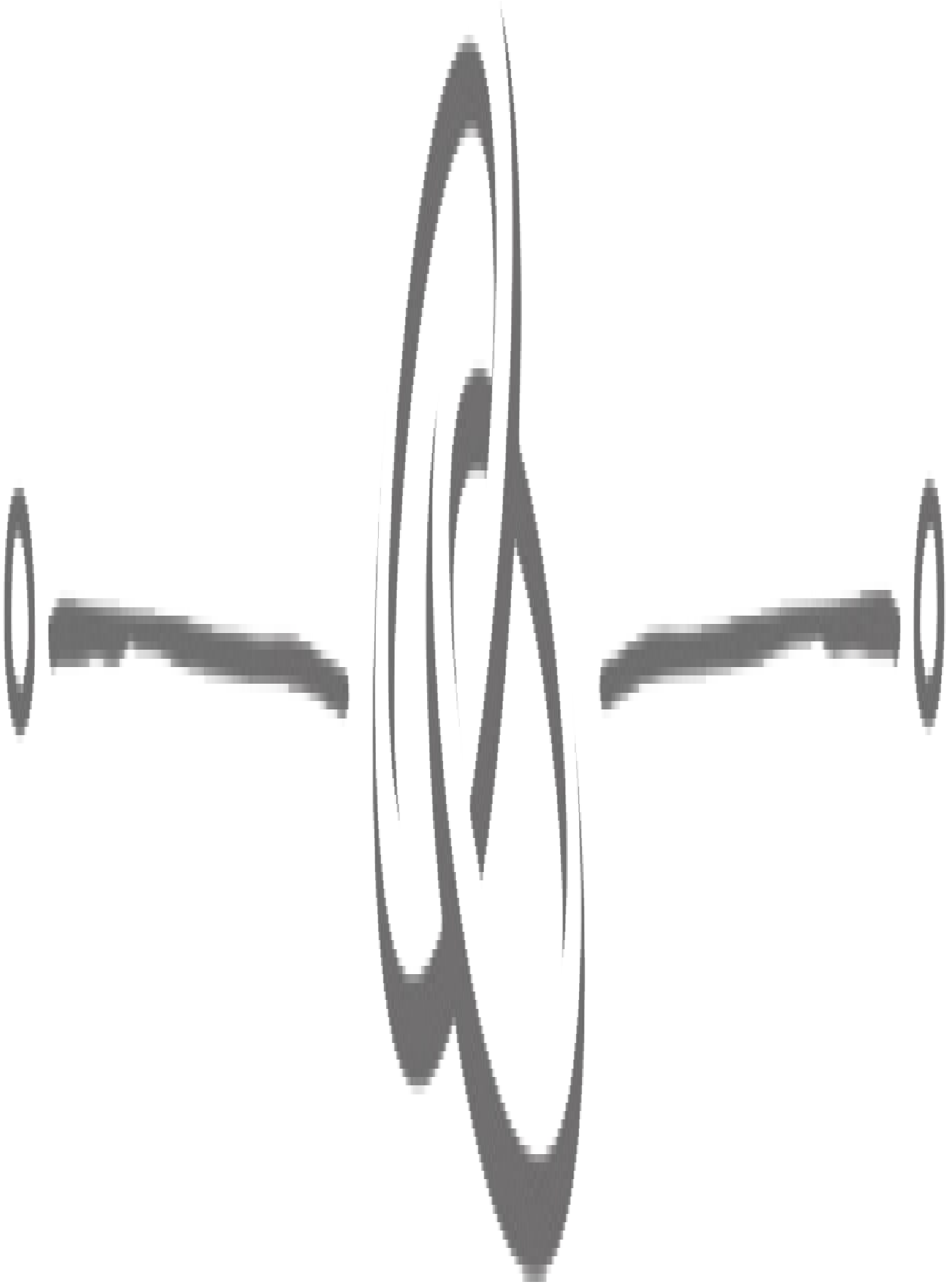
• Para onde você corre quando precisa de ajuda? Como, especificamente, você pode se voltar para Deus e não para si mesmo quando você sente mágoas, quando alguém peca contra você ou quando sabe que você falhou?

• Lembre-se de um caso em que você recebeu amor quando você menos esperava ou merecia. Você conhece alguém que precisa de um amor que ele não espera nem merece?

• Quais são algumas maneiras em que você entende melhor o amor ou ama mais o seu cônjuge porque perseverou em tempos difíceis?

Suas ações fazem

diferença



O que você aprenderá neste capítulo:

A fim de combater a desesperança e permanecer no caminho, lembre-se de que suas ações fazem diferença. Suas ações, independentes de seu efeito sobre outros, sempre mudam você, fazendo de você ou uma pessoa mais amorosa ou uma pessoa mais endurecida e manipuladora.

Quando palavras parecem não ter efeito nenhum sobre seu cônjuge, lembre-se de que ações falam mais alto do que palavras.

A fim de não perder o rumo no casamento, em vez de se concentrar apenas em seu cônjuge, deposite sua esperança em Cristo, encontrando alegria e sentido nele.

Fé significa acreditar que Deus está ativo mesmo quando não conseguimos enxergá-lo. Por meio de Jesus, Deus age e nos chama para a ação.

Desesperança adquirida

“Por que devo ser gentil com ele? Ele nunca é gentil comigo”.

“Por que devo ouvi-la? Ela nunca me ouve”.

“Isso nunca funcionará. Qual o sentido disso?”

Essas são mensagens de desesperança. Os momentos mais perigosos no casamento e na vida ocorrem quando você acredita que nada que você possa fazer fará alguma diferença. Quando você acredita que o amor é inútil e ultrapassa o limiar da indiferença e do desespero, você perde sua conexão não só com seu cônjuge, mas também com Deus.

Psicólogos observaram a conexão entre depressão e a crença de que não existe

nada que você possa fazer para mudar suas circunstâncias. Às vezes, essa ideia é descrita como “desesperança adquirida”. No final da década de 1960, o psicólogo Martin Seligman e outros realizaram experimentos com três grupos diferentes de cachorros, dando a cada grupo diversos níveis de controle sobre choques desagradáveis causados pela ativação de alavancas.[20] O primeiro grupo tinha controle total, o segundo grupo tinha controle variável, e o terceiro grupo não tinha qualquer possibilidade de controlar os choques. Mais tarde, os três grupos foram colocados numa situação em que podiam escapar dos choques se saltassem sobre uma pequena barreira. Os cachorros dos dois primeiros grupos aprenderam rapidamente a saltar sobre o muro para melhorar sua situação, mas a maioria dos cachorros do terceiro grupo simplesmente deitou no chão e gemia.

Não somos cachorros, mas a analogia se aplica: Se você acredita que suas escolhas não fazem diferença e que não há nada que você possa fazer para “escapar dos choques”, você corre o sério perigo de se deitar e desistir.

Não nos cansemos de fazer o bem

Deus sabe e entende como é difícil continuar fazendo o que é certo quando, por todas as aparências, o que fazemos parece não ter efeito. Na carta de Paulo aos Gálatas, ele escreve àqueles de nós que querem se deitar e lamentar:

Não vos enganeis: de Deus não se zomba; pois aquilo que o homem semear, isso também ceifará. Porque o que semeia para a sua própria carne da carne colherá corrupção; mas o que semeia para o Espírito do Espírito colherá vida eterna. E não nos cansemos de fazer o bem, porque a seu tempo ceifaremos, se não desfalecermos (Gl 6.7-9).

Plantar e ceifar é um processo que exige tempo e esforço. Agricultura exige trabalho duro e paciência. Trigo não cresce de um dia para o outro; as plantas exigem semanas e meses de rega e tratamento cuidadosos e é preciso arrancar as

ervas daninhas. O amor também exige paciência. Suas ações fazem diferença, mas nem sempre a diferença é evidente no início.

Paulo nos lembra de que Deus está supervisionando esse processo de cultivação, garantindo o resultado. Se você estiver semeando as sementes de seu Espírito, as sementes do amor, ele garante que essas sementes produzirão um resultado. Deus não se faz de tolo; o evangelho de Jesus realizará seus bons objetivos para a sua vida. Mas precisamos entender essa garantia corretamente. Deus não está prometendo que nosso cônjuge mudará para melhor, mesmo que, ao agir em amor, você certamente torne esse tipo de mudança mais provável. Deus promete completar a obra que ele começou em você. Não procure mudanças em seu cônjuge; procure-as em você mesmo.

Quando estiver desanimado, você precisa lembrar que o maior tesouro de todos pode ser seu, o tesouro de conhecer e crescer no amor de Jesus. Suas ações sempre farão diferença, quer seu cônjuge mude ou não. Quando você vive em amor, adorando e imitando Jesus nos momentos difíceis do casamento, você está mudando; você está se tornando mais semelhante ao seu Salvador e à pessoa que Deus quer que você seja.

Talvez você pense: “Espere um minuto, eu tenho a impressão de que você está tentando me vender gato por lebre. Eu quero saber como mudar meu casamento, e você está dizendo que devo esquecer isso e me concentrar em Jesus”. De forma alguma. Estou querendo que você garanta que suas prioridades estejam na ordem certa. Muitas vezes, os cristãos tratam Jesus como um meio para um fim. Incluímos Jesus em nossa vida para garantir que recebamos as coisas que queremos, entre elas, um casamento feliz. A moldura para a nossa vida são nossos desejos pessoais. Jesus é uma parte bem-vinda dessa imagem enquanto ele se encaixar nessa moldura. Mas a Bíblia oferece uma imagem radicalmente diferente: Jesus é a moldura. Ele determina o que se encaixa ou não na imagem. Sua moldura é a única que faz sentido por amor. Aprender a amar bem adorando a Jesus nos dá a melhor esperança de ter um casamento florescente e feliz, mas precisamos aceitar que Jesus pretende operar por intermédio do nosso casamento de muitas maneiras para nos moldar e transformar, e isso nem sempre será agradável ou produzirá os resultados que desejamos.

Essas mesmas palavras de Paulo também servem como alerta: de Deus não se zomba. Ações sem amor também mudam você. Se você plantar sementes de amargura, manipulação e egoísmo, você produzirá uma colheita de miséria.

Quando tratar dos pecados de outros, tenha um cuidado especial para não semear o tipo errado de sementes. Alguns versículos acima, Paulo nos encoraja a fazer o que podemos para ajudar uns aos outros para vencer o pecado e nos alerta ao perigo:

Irmãos, se alguém for surpreendido nalguma falta, vós, que sois espirituais, corrigi-o com espírito de brandura; e guarda-te para que não sejas também tentado. Levai as cargas uns dos outros e, assim, cumprireis a lei de Cristo. Porque, se alguém julga ser alguma coisa, não sendo nada, a si mesmo se engana. Mas prove cada um o seu labor (Gl 6.1-4a, grifos meus).

Conviver com um cônjuge pecaminoso é perigoso, mesmo quando você está tentando ajudá-lo em amor. Obviamente, um perigo é que você se emaranhe no mesmo tipo de pecado. Irritar-se é fácil quando você está casado com uma pessoa irritada, ou é fácil viver com medo se você está casado com uma pessoa medrosa, ou se tornar ganancioso quando seu cônjuge é ganancioso. Mas o perigo na raiz de tudo isso é o orgulho – o perigo de pensar que você é algo quando, na verdade, você não é nada. A tentação é se concentrar no pecado do seu cônjuge e perder de vista a si mesmo como alguém que é tentado a pecar servindo aos seus próprios desejos, medos e ídolos. Você pode enganar a si mesmo e pensar que está dizendo e fazendo coisas amorosas quando, na verdade, você está apenas servindo a si mesmo. É por isso que você precisa permanecer conectado com as razões últimas pelas quais você decide amar, independentemente daquilo que seu cônjuge faça. Você ama porque você ama e adora Jesus, que é amor.

Certa vez, aconselhei uma mulher cujo marido tinha sido negligente de forma ampla e tinha feito algumas coisas terríveis. Ela estava certa ao questionar sua conduta pecaminosa, mas, em uma ocasião, seu método foi pegar uma faca e persegui-lo pela casa! Evidentemente, ela não estava agindo em amor. Estava semeando o tipo errado de sementes. É fácil detectar isso nesse caso, mas como você pode saber que tipo de sementes você está semeando? Novamente, Paulo nos oferece orientação quando escreve: “Mas o fruto do Espírito é: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio” (Gl 5.22-23a). Se você quiser saber que tipo de semente você está

plantando, examine os frutos que suas atitudes e seus esforços estão produzindo, fazendo algumas perguntas: Em que estou me transformando? Minha reação ao meu cônjuge se encaixa na lista dos versículos 22 e 23? Suas ações sempre mudarão você, para o bem ou para o mal, portanto, faça suas escolhas com cuidado.

Ações são mais poderosas do que palavras

Se você é igual a mim, você nunca fica sem palavras, especialmente quando está irritado ou acredita que foi injustiçado. E, como aprendemos, falar com cuidado e honestidade com nosso cônjuge é uma parte importante de amar, especialmente no meio de um conflito. Mas precisamos prestar atenção não só ao que dizemos, mas também ao que fazemos, porque todos nós sabemos que ações falam mais alto do que palavras.

Cônjuges silenciados cuja vida fala por si

Em sua primeira epístola, dirigindo-se às esposas, Pedro escreve:

Mulheres, sede vós, igualmente, submissas a vosso próprio marido, para que, se ele ainda não obedece à palavra, seja ganho, sem palavra alguma, por meio do procedimento de sua esposa, ao observar o vosso honesto comportamento cheio de temor (1Pe 3.1-2).

Nos dias de Pedro, uma esposa dependia totalmente de seu marido para sobreviver. Sem status legal independente ou outros meios para se sustentar, uma esposa corria um perigo sério se não agradasse ao marido. Ela podia ser expulsa de casa e divorciada; e isso podia ser um desastre social, financeiro e pessoal. Mas Pedro oferece esperança as esposas. Ele as lembra de que o poder do

evangelho suplanta as palavras. Mesmo se essas mulheres forem completamente silenciadas pelo seu marido, se ele proibir que falem sobre Jesus, por meio de sua conduta cristã, elas têm uma maneira poderosa de tratar seus maridos. Vivendo uma vida de amor e imitação de Jesus, essas mulheres estão proclamando o evangelho ao seu marido durante todo o dia.

Pedro está apontando às mulheres para Jesus, que nos momentos mais cruciais de seu ministério, permaneceu em silêncio. Ele não professou mentiras, ameaças, nenhuma palavra de justificação própria. Nessa passagem, Pedro cita Isaías 53, que prediz o sofrimento do Messias.

Ele foi oprimido e humilhado, mas não abriu a boca; como cordeiro foi levado ao matadouro; e, como ovelha muda perante os seus tosquiadores, ele não abriu a boca (Is 53.7).

Mesmo sem palavras, Jesus foi capaz de nos resgatar do pecado. Suas ações amorosas e graciosas foram eficazes, e seu eco atravessa a história e ressoa na vida de seus seguidores. Até mesmo uma esposa silenciada que, em todos os outros aspectos parece ser impotente, age de forma poderosa e eficaz toda vez que decide amar em vez de retaliar com raiva ou recuar de medo.

A luz do mundo

Mas isso não é um encorajamento apenas para esposas silenciadas. Jesus instrui todos nós a tornarmos visível o seu amor por meio das nossas ações. Ele diz:

Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder a cidade edificada sobre um monte; nem se acende uma candeia para colocá-la debaixo do alqueire, mas no velador, e alumia a todos os que se encontram na casa. Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus (Mt 5.14-16).

Jesus nos fala sobre o poder que nossas ações têm de influenciar os outros para o bem. Quando as palavras falharem, lembre-se de que uma vida de amor direciona seu cônjuge para Jesus. Deixe sua luz brilhar, mesmo quando suas palavras pareçam ser inúteis. Lembre-se daquilo que aprendemos sobre a adoração; nosso amor por Deus se expressa por intermédio do nosso amor pelas pessoas em nossa volta. Amar os outros faz com que o amor de Deus seja visível para eles.

Mantenha seu olhar fixo no prêmio

Praticando esperança

É importante tomar uma decisão diária sobre o objeto de sua esperança. Isso pode parecer estranho, pois, normalmente, vemos esperança como um sentimento, não como uma ação. Mas não se engane, esperança é algo que você faz.[21] Jesus explica a importância de praticar esperança desta maneira:

> Não acumuleis para vós outros tesouros sobre a terra, onde a traça e a ferrugem corroem e onde ladrões escavam e roubam; mas ajuntai para vós outros tesouros no céu, onde traça nem ferrugem corrói, e onde ladrões não escavam, nem roubam; porque, onde está o teu tesouro, aí estará também o teu coração (Mt 6.19-21).

Jesus faz duas observações simples. Em primeiro lugar, sua felicidade e seu bem-estar têm tudo a ver com aquilo que você preza e valoriza – em que você deposita sua esperança. Jesus está falando de uma das nossas maiores tentações, a tentação de confiar em nossos bens e riquezas. A lição é simples. Se toda a sua vida estiver dedicada a adquirir e desfrutar de riqueza, o que acontecerá quando você perder as coisas nas quais fundamentou a sua vida? O que acontece quando

alguém rouba sua identidade e estoura seu crédito, quando sua casa é destruída numa enchente ou quando o mercado de ações quebrar? Se você entregou todo seu coração a essas coisas, elas se tornaram seu tesouro. Você sofrerá o mesmo destino de suas posses. A enchente que destruir sua casa destruirá também seu coração. O ladrão que leva sua riqueza leva também seu coração.

O segundo ponto de Jesus é simplesmente encorajá-lo a fazer uma escolha melhor. Invista seu coração em algo que dura, em algo que é seguro e não o decepcionará. Ele fala de "tesouros no céu". Quando você imaginar um tesouro no céu, não imagine anjos flutuando em nuvens e ruas pavimentadas de ouro. Lembre-se, Deus deu ao seu povo o maior presente possível, Jesus. Quaisquer que sejam as maravilhas que nos esperam no céu, lá o foco da nossa existência será nosso relacionamento com Deus mediante Jesus. Quando você imagina o tesouro dessa forma, você percebe que você já recebeu algo como um adiantamento dele. Hoje, você tem um relacionamento íntimo com Jesus, e seu Espírito vive dentro de você. Você está conectado com ele a cada momento e pode buscar encorajamento ou compartilhar seus pensamentos, desejos e medos sempre que quiser.

Quando você deposita sua esperança em Jesus, você agiu sabiamente. Nenhum ladrão, nenhuma traça, nenhuma ferrugem e nenhum cônjuge pode roubar Jesus de você. Os fracassos, pecados, ignorância e fraquezas de seu cônjuge não podem impedir Deus de lhe dar os maiores presentes e as maiores alegrias que ele tem para você por intermédio de seu Filho.

Tesouros escondidos

Jesus conta uma parábola simples que nos dá várias razões para agir mesmo quando somos tentados a crer que isso não fará diferença. Jesus disse:

O reino dos céus é semelhante a um tesouro oculto no campo, o qual certo homem, tendo-o achado, escondeu. E, transbordante de alegria, vai, vende tudo o que tem e compra aquele campo (Mt 13.44).

Jesus reconhece que, às vezes, é difícil ver seu reino. A expressão “reino dos céus” se refere ao poder, domínio e presença de Jesus em nossa vida. Ele é nosso Rei, que nos governa e guia com cuidado. Às vezes, nós nos perguntamos o que ele está planejando porque parece que ele não está fazendo nada. Às vezes, o reino de Jesus parece esconder-se de nossa vista como um tesouro enterrado.

Como o homem na parábola, você pode pisar nele mil vezes sem perceber até bater seu dedo contra ele e perceber que ganhou na loteria. Mesmo aqueles de nós que sabem que Jesus é nosso tesouro perdem o ânimo porque ele não faz as coisas do nosso jeito. Queremos uma transformação dramática, instantânea e duradora. Muitas vezes, porém, a obra de Jesus é sutil, causando mudanças em nós e por meio de nós ao longo do tempo, permitindo muitos altos e baixos.

Observe que, quando o homem encontrou o tesouro, ainda havia sacrifícios que ele precisava fazer. Aparentemente, o tesouro não podia ser retirado, então teve que vender tudo que tinha para comprar o campo que escondia o tesouro. Imagine as coisas preciosas que ele teve que vender para arrecadar o dinheiro necessário para comprar aquele campo. Ele gastou tempo tentando elaborar um esquema que lhe permitiria ficar com suas posses preciosas e apoderar-se do tesouro? Você consegue imaginar o desgaste de sua imagem pública? Você consegue ouvir as fofocas? “Bob deve ter enlouquecido! Ele vendeu sua casa de meio milhão de dólares para comprar o terreno abandonado ao lado do posto de gasolina!”

A expressão mais poderosa nessa parábola é “transbordante de alegria”: os sacrifícios são reais, mas sua alegria também é real. O homem conhecia o valor verdadeiro do tesouro, por isso foi capaz de fazer o que era preciso sem vacilar ou viver em desespero. Observe a promessa implícita nas palavras de Jesus: Se você me seguir, você terá dias difíceis e enfrentará decepções, mas o tesouro é real e vale qualquer sacrifício.

Manter seu olhar fixo no prêmio significa que, em momentos em que suas ações parecem não importar, você decide depositar sua esperança em Jesus e não no seu cônjuge. Você decide acreditar na verdade que ter Jesus como seu tesouro vale os sacrifícios porque você está recebendo uma alegria que nenhum cônjuge ou nenhum casamento difícil pode tirar de você. Você decide viver para a eternidade, mas saborear hoje o doce relacionamento que você tem com Jesus.

Tenha fé

Num casamento difícil, permanecer no caminho exige fé. Fé, como a esperança, é uma daquelas palavras religiosas que são usadas (e abusadas) com tanta frequência que já quase nos esquecemos de seu significado. Fé é mais do que uma boa sensação de que tudo ficará bem. Fé não significa desenvolver determinados sentimentos ou manter um domínio próprio. Como, então, a Bíblia define fé?

Mais do que um sentimento

Hebreus 11 começa com esta definição: “Ora, a fé é a certeza de coisas que se esperam, a convicção de fatos que se não veem. Pois, pela fé, os antigos obtiveram bom testemunho” (Hb 11.1-2).

Hebreus contrasta aquilo que se vê com aquilo que se espera. A fé se concentra na esperança mesmo na face de decepção ou frustração. Mesmo quando a experiência parece não se alinhar com eles, a fé vive da certeza dos propósitos e das promessas de Deus.

Fé não é uma emoção. Sempre que a sua experiência não condiz com o que você quer, você se sentirá mal. Fé se concentra naquilo que Deus diz ser verdade mesmo quando suas experiências, emoções e as promessas de Deus parecem não concordar. Você se sentirá mal nos momentos difíceis do casamento. Ser chamado para a fé não é uma repreensão por emoções negativas ou uma exortação para desenvolver sentimentos positivos, mas um chamado para manter seu foco nas promessas, no amor e na fidelidade de Deus, mesmo quando não são visíveis em seu casamento.

Fé verdadeira é mais evidente quando ela capacita você a agir de modo contrário às suas emoções. Fazer o que você está a fim de fazer não exige fé. Fé, manter o foco na pessoa e atividade invisível de Deus, exige muitas vezes que você aja de modo contrário aos seus medos, dúvidas, decepções e raiva. Isso não significa que você deve negar esses sentimentos. Pelo contrário, você tem a liberdade de reconhecê-los e confessá-los porque você não está permitindo que eles o

definam. Em seu casamento, você decide agir não só porque você sente coisas, mas porque você é impulsionado por um outro relacionamento que é mais poderoso, seu relacionamento com Deus. O poder desse relacionamento se torna mais óbvio quando ele o convence a fazer não o que você quer, mas o que Deus quer.

Ativo, não passivo

"Pela fé, os antigos obtiveram bom testemunho" (Hb 11.2). Para que possamos aprender a ter fé, precisamos de exemplos, e Hebreus 11 está repleto deles, desde os famosos heróis da fé como Noé, Abraão e Moisés até os menos conhecidos como Abel, Enoque e Raabe. Em todos eles, o que se destaca é que eles eram pessoas de ação. Muitas vezes imaginamos a fé como algo passivo. (Nós a imaginamos não só como uma emoção, mas também como uma emoção que lhe acontece, em medida menor ou maior.) Mas em cada um dos exemplos em Hebreus 11, o povo de Deus parte para a ação. Noé constrói um barco em terra seca num mundo que nunca viu chuva. Abraão e sua família abandonam o conforto da civilização e partem numa jornada para um novo lar que nunca viram. Raabe abandona tudo que conhece em Jericó para se juntar aos israelitas. E a lista continua. Esses são homens e mulheres que partiram para a ação, e a Bíblia nos ajuda a ver como suas ações fizeram diferença.

As ações dessas pessoas não foram reações em pânicos, tentativas apressadas de obter controle ou esforços orgulhosos de serem heroicos, mas respostas às promessas de Deus. Hebreus 11.6 afirma: "De fato, sem fé é impossível agradar a Deus, porquanto é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe e que se torna galardoador dos que o buscam".

Fé se apoia na mais básica das convicções: Deus é real, e ele age e recompensa aqueles que o buscam. Todas as pessoas mencionadas em Hebreus 11 confiaram num Deus que elas não conseguiam ver e que agia de maneiras que elas não esperavam. Mesmo assim, acreditaram que o Deus invisível as abençoaria se o buscassem e confiassem nele.

Atos de fé resultam de um foco na bondade, no poder e na atividade de Deus. Por que você responderia à dureza de seu cônjuge com bondade? Por que você decidiria dizer a verdade quando seria mais fácil permanecer calado? Por que

você faria um ato de bondade se essa bondade não será retribuída? Porque você acredita que existe outro ator na cena. Mesmo que não consiga vê-lo, você sabe que ele é bom e recompensa aqueles que o buscam.

Fé significa que Deus está agindo

Êxodo 17 fornece uma imagem interessante de como a fé na atividade de Deus capacita nossas ações. Deus acaba de livrar os israelitas de seu cativeiro no Egito. Eles viram manifestações maravilhosas do poder de Deus: pragas de rãs e mosquitos, a transformação do rio Nilo em sangue, a divisão do Mar Vermelho, a provisão milagrosa de comida e água. Deus tem sido visivelmente ativo e tem demonstrado seu amor. No capítulo 17, porém, Deus pede que os israelitas façam mais do que apenas observar seu poder e sua atividade. Ele pede que eles peguem suas armas e lutem contra um inimigo feroz, os amalequitas.

Guerreiros foram escolhidos e enviados para a batalha. Moisés assumiu uma posição numa colina próxima e, como já tinha feito às margens do Mar Vermelho, ergueu seu cajado invocando a bênção e o poder de Deus. No início, tudo correu bem, mas, ao longo da batalha, os braços de Moisés se cansaram e começaram a cair. Enquanto os braços de Moisés permaneciam erguidos, os israelitas venciam, mas sempre que seus braços caíam, os israelitas começavam a perder. Finalmente, Moisés se sentou numa pedra enquanto um homem de cada lado mantinha seus braços erguidos.

Um homem velho sentado numa pedra com um cajado em suas mãos e dois outros homens que levantam seus braços para ele. Que imagem estranha. O que ela significa? O significado mais óbvio é que Deus era aquele que estava lutando contra os amalequitas e determinando o resultado da batalha. Enquanto Moisés erguia seu cajado, o símbolo da presença e do poder de Deus em Moisés, Deus estava ativo na batalha. Mas lembre-se, havia pessoas reais no campo de batalha, gritando, usando armas, suando, sangrando. Deus estava na batalha, mas ele estava agindo em e por meio de seu povo. Israel foi chamado para a ação com o entendimento de que Deus operaria por intermédio do povo para determinar o desfecho.

Fé significa olhar para o Salvador cujos braços nunca se cansam

Êxodo 17 também nos lembra de que precisamos de um Salvador cujos braços não se cansam. Não sei se os israelitas conseguiam ver Moisés no topo da colina com seus braços erguidos, mas eu consigo me imaginar como um guerreiro no campo ou um ente querido que, nervoso, observa a batalha feroz com um olho na batalha e o outro em Moisés. Meu medo não seria que Deus não fosse por nós, mas que o nosso mediador, o homem que servia como nosso representante, não desse conta do recado. Não seria assustador imaginar que sua vida dependia do tônus muscular de um homem que já passou dos oitenta?

Felizmente, Hebreus não para em Moisés. A lista de Hebreus 11 alcança um clímax no capítulo 12, quando somos lembrados do nosso grande Salvador Jesus.

Mantenhamos nosso olhar fixo em Jesus, "Autor e Consumador da fé, Jesus, o qual, em troca da alegria que lhe estava proposta, suportou a cruz, não fazendo caso da ignomínia, e está assentado à destra do trono de Deus" (Hb 12.2).

Em Jesus temos um Salvador que conheceu e experimentou todas as nossas batalhas sem vacilar e falhar. Jesus estendeu seus braços – de modo muito diferente – por nossa causa.

REFLITA SOBRE ISTO

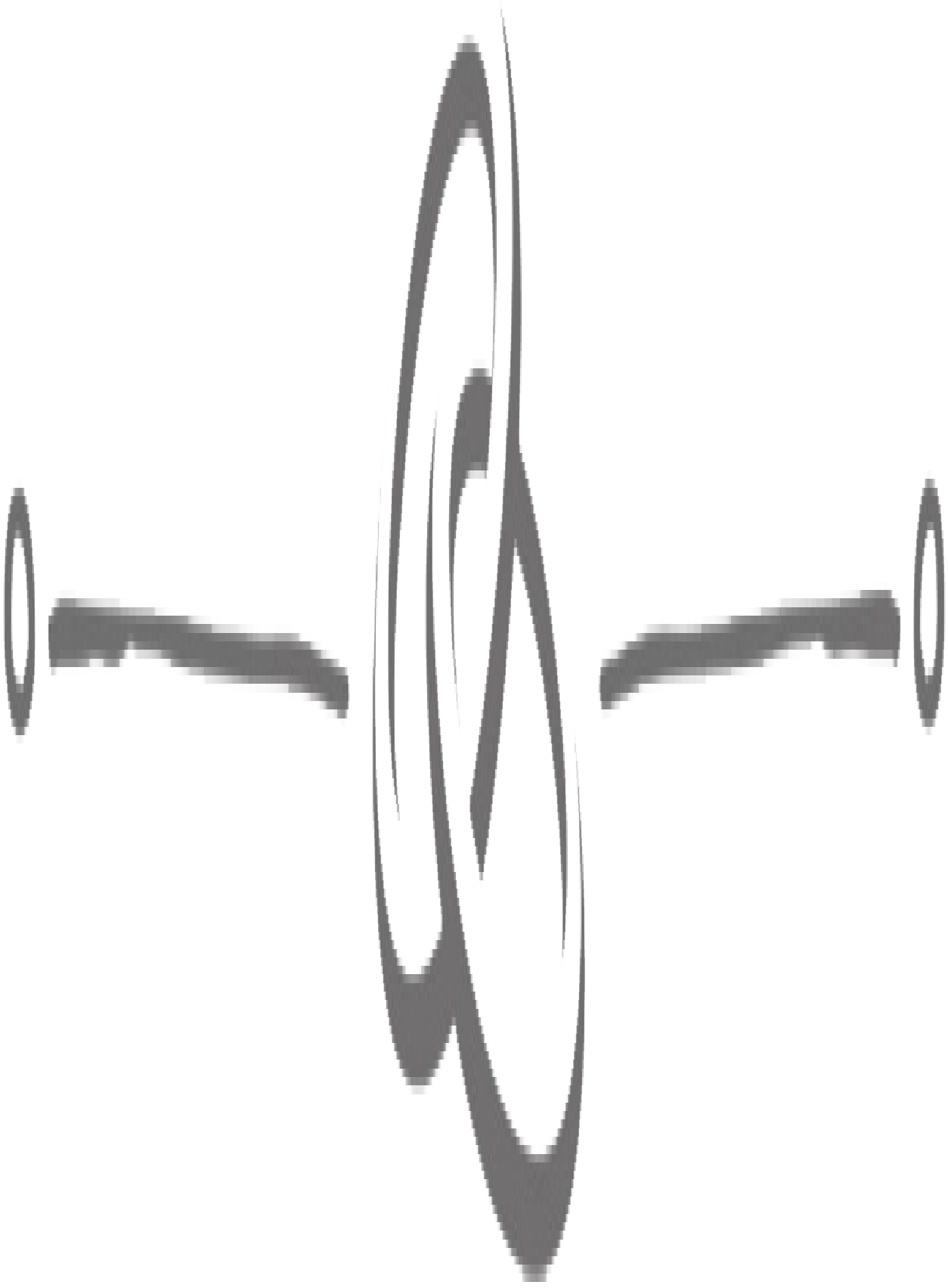
• Se você já experimentou isso, como você se sentiu ao pensar que suas ações não fazem diferença? Como você conseguiu escapar dessa postura mental?

• Você se lembra de casos em que as ações do seu cônjuge, não suas palavras, realmente impactaram você? Ao longo da próxima semana, observe como você age na presença de seu cônjuge. Observe como seu cônjuge responde. Faça um esforço especial para praticar uma pequena gentileza.

• Faça de Jesus o seu tesouro para que você não seja governado por decepções em seu casamento. Você se lembra de coisas que Jesus disse ou fez que são especialmente poderosas para você? Anote-as, medite sobre elas e agradeça por elas. Existem outras maneiras em que você se conecta com o amor de Jesus?

• Escolha um exemplo de Hebreus 11 ou de outra passagem na Bíblia, ou até mesmo de sua própria experiência, de alguém que viveu na base da fé. (Lembre-se, fé não se trata de um sentimento de confiança, mas de ação correta e amorosa em face de emoções negativas.) Em que aspectos você vive diferentemente dessa pessoa? Ore e peça que Deus lhe mostre as ações corretas e amorosas que você precisa realizar para viver pela fé nesta semana.

Conhecendo sua história



O que você aprenderá neste capítulo:

Nosso casamento é uma história em desenvolvimento, não apenas uma série de eventos aleatórios ou uma coletânea de fatos. A forma como entendemos e narramos a história do nosso casamento a nós mesmos e a outros molda a maneira como vivemos o nosso casamento.

A Bíblia é a história do casamento de Deus com seu povo. Mesmo que, frequentemente, seu povo tenha entendido isso de outra forma, ela sempre foi uma história da fidelidade de Deus em meio ao pecado e estado danificado do povo. Deus alerta seu povo regularmente que ele precisa ser cauteloso em como ele se lembra das coisas e praticar para contar a história corretamente para o seu próprio bem.

Como Israel, devemos ser capazes de identificar e nos alimentar com o maná, o pão diário que Deus provê para nós.

Qual é a história?

A história dos meus pais

Numa manhã de sábado, quando eu ainda era um garoto, meu pai saiu da casa com ferramentas em mãos e uma expressão de determinação em seu rosto. Durante semanas, minha mãe tinha pedido que ele consertasse um buraco (aparentemente criado por esquilos) no alto da lateral da nossa casa, e ele tinha decidido que tinha chegado a hora para cuidar do problema. Não me lembro de ter visto o rosto da minha mãe, mas tenho certeza de que ela estava sorrindo quando ouviu a escada encostar na lateral da casa e o barulho de martelo e pregos. Dentro de minutos, meu pai estava de volta na casa, tendo, aparentemente, resolvido o problema com rapidez. Minha mãe, ansiosa para ver sua casa sem um buraco nela, deu a volta pela frente da casa e olhou chocada

para a obra do meu pai. Ele tinha usado uma velha placa de carro para tampar o buraco. Em defesa do meu pai, suspeito que ele considerava isso um conserto temporário, mas minha mãe não ficou feliz ao ver uma placa, por mais temporária que fosse, estampada na lateral da casa.

Eu era novo demais para prestar atenção na conversa subsequente, mas tenho certeza de que ambos tiveram aquele sentimento de momento comum que descrevi no primeiro capítulo deste livro – aquele terrível e frustrante sentimento de já ter vivido esse momento conjugal muitas e muitas vezes. Tenho certeza de que não foi a primeira vez em que minha mãe se sentiu como se meu pai não se importasse com algo que era importante para ela, e não foi a primeira vez em que meu pai se sentiu injustamente criticado. Mas, por mais frustrante que aquele momento tenha sido para eles, hoje eles conseguem rir dele porque têm trabalhado em seu casamento por 45 anos, e muitos problemas que, no passado, os enlouqueciam e pareciam impenetráveis, agora parecem quase tolos. Esse pequeno episódio, marcado por frustração no passado, tem se tornado parte de uma história maior de crescimento e alegria contínua no Senhor Jesus.

Saber onde você esteve determina para onde você está indo

O Dr. John Gottman, um pesquisador e autor conhecido na área do casamento, argumenta que a medida da força de um casamento é a visão que maridos e esposas têm de seu passado – como eles contam sua história. Casais que têm uma visão positiva de sua história são capazes de manter uma visão positiva um do outro e de seu casamento. Na verdade, refletir sobre os aspectos positivos de sua história é um recurso para lidar com os desafios atuais.[22]

Se você não tem uma visão positiva de seu casamento, é provável que as descobertas de Gottman não sejam tão encorajadoras para você. Mas talvez existam mais coisas que podem ser apreciadas em sua história do que você percebe. Entenda que sua história não é apenas uma coletânea de dados e fatos. É uma história. Quando você reflete sobre a sua história, você a interpreta ativamente, destacando algumas partes, minimizando outras e escolhendo palavras e imagens que fornecem uma estrutura de significado, propósito e direção. Casais infelizes costumam lembrar sua história de uma maneira que destaca a dor e a luta e apagam as partes positivas, até mesmo o próprio Deus. Ter uma noção positiva da história do seu casamento não é apenas uma questão

de não errar nos fatos, mas de permitir que Deus forneça uma estrutura interpretativa de significado e propósito que fornece esperança e conecta você com Jesus.

Deus conta ao seu povo a sua história

A própria Bíblia é a história de um casamento – do casamento de Deus com seu povo. Nos momentos mais desencorajadores de seu relacionamento, Deus o desafia a rever e reinterpretar sua história. A pergunta é: a história fortalece ou enfraquece o casamento? Muitas vezes, isso depende de quem está contando a história, Deus ou seu povo. A libertação dos israelitas do Egito e sua jornada pelo deserto fornecem um bom exemplo.

Resgatado ou abandonado?

Após 400 anos de escravidão, numa manifestação milagrosa e poderosa de seu amor, Deus liberta seu povo. Como um marido que resgata sua noiva de um vilão, Deus exige e garante sua liberdade com manifestações de poder, que abalam o Egito em seu âmago. Deus envia praga de mosquitos, chagas, gafanhotos e granizo. O rio Nilo se transforma em sangue, durante três dias, escuridão cobre o país, e, finalmente, cada primogênito dos egípcios é morto (Êx 7–11). O propósito de Deus em tudo isso é que Israel ame e adore apenas ele.

Depois de um resgate dramático e ousado, Israel passa 40 anos numa lenta jornada pelo deserto em seu caminho para a terra que Deus lhe prometeu. Quando Israel se depara com dificuldades e problemas, o povo expressa queixas ordinárias e manifesta uma memória falha.

O povo mal tinha começado sua jornada, quando Israel começa a duvidar da bondade de Deus. Encurralado pelo exército do faraó, pouco antes de Deus partir o Mar Vermelho, Israel clama a Moisés:

Será, por não haver sepulcros no Egito, que nos tiraste de lá, para que morramos neste deserto? Por que nos trataste assim, fazendo-nos sair do Egito? Não é isso o que te dissemos no Egito: deixa-nos, para que sirvamos os egípcios? Pois melhor nos fora servir aos egípcios do que morrermos no deserto (Êx 14.11-12).

E logo depois:

Toda a congregação dos filhos de Israel murmurou contra Moisés e Arão no deserto; disseram-lhes os filhos de Israel: Quem nos dera tivéssemos morrido pela mão do Senhor, na terra do Egito, quando estávamos sentados junto às panelas de carne e comíamos pão a fartar! Pois nos trouxestes a este deserto, para matardes de fome toda esta multidão (Êx 16.2-3).

Israel até reclamou do maná, do pão que, milagrosamente, aparecia toda manhã, dizendo: “Quem nos dará carne a comer? Lembramo-nos dos peixes que, no Egito, comíamos de graça; dos pepinos, dos melões, dos alhos silvestres, das cebolas e dos alhos. Agora, porém, seca-se a nossa alma, e nenhuma coisa vemos senão este maná” (Nm 11.4b-6).

Israel já está contando a história a si mesmo de uma maneira que só pode levar à infelicidade e ao fracasso. O povo lembra o Egito como terra de abundância, como se tivessem sido felizes e bem alimentados e vê Deus como um ladrão que o tirou de seu lar e abusou dele. Israel entendeu a história de forma totalmente errada. No início do livro de Êxodo, os israelitas são escravos miseráveis que clamam a Deus, pedindo libertação:

Os filhos de Israel gemiam sob a servidão e por causa dela clamaram, e o seu clamor subiu a Deus. Ouvindo Deus o seu gemido, lembrou-se da sua aliança com Abraão, com Isaque e com Jacó. E viu Deus os filhos de Israel e atentou para a sua condição (Êx 2.23-25).

Deus nos ensina como devemos lembrar

No final de sua longa jornada, quando Israel está prestes a entrar em seu novo lar, Deus compartilha sua perspectiva sobre suas décadas no deserto. Não é nenhuma surpresa que é uma versão bem diferente dos eventos:

Recordar-te-ás de todo o caminho pelo qual o Senhor, teu Deus, te guiou no deserto estes quarenta anos, para te humilhar, para te provar, para saber o que estava no teu coração, se guardarias ou não os seus mandamentos. Ele te humilhou, e te deixou ter fome, e te sustentou com o maná, que tu não conhecias, nem teus pais o conheciam, para te dar a entender que não só de pão viverá o homem, mas de tudo o que procede da boca do Senhor viverá o homem. Nunca envelheceu a tua veste sobre ti, nem se inchou o teu pé nestes quarenta anos. Sabe, pois, no teu coração, que, como um homem disciplina a seu filho, assim te disciplina o Senhor, teu Deus (Dt 8.2-5).

Há muito a se apreciar nessa passagem e a aplicar em nossa própria vida e casamento.

Recordar-te-ás

Deus nos ordena a lembrarmos como ele tem sido ativo em nossas dificuldades. Nossa lembrança resulta de adoração e reflete fé e amor ou idolatria e ego.

Para saber o que estava no teu coração

As dificuldades de Israel foram um teste que Deus usou para revelar o coração do seu povo. Associamos testes com alunos que se sentam com papel e lápis, preparados para passar ou falhar. Na maioria das vezes, porém, a Bíblia usa “teste” no sentido em que um ourives a usaria. O metalúrgico aquece ou testa de outra forma um metal para revelar e remover impurezas, fazendo com que o metal fique mais rico, forte e puro. Deus conhecia as impurezas no coração de

seu povo antes de tirá-lo do Egito, mas essas impurezas precisavam ser expostas para que o povo as reconhecesse e Deus pudesse removê-las. No deserto não havia egípcios que pudessem ser culpados nem distrações que permitissem evitar o assunto. Estavam ali apenas Israel, Deus e o caldeirão do deserto. Nossas histórias servem ao mesmo propósito, elas nos mostram como realmente somos e nos fornecem um entendimento correto de nós mesmos e de nossas necessidades reais.

Para te dar a entender

O que a provação de Israel por Deus revela? As dificuldades provocam murmúrio, desesperança e revelam um coração que deseja segurança e conforto – um coração que deseja confiar no ego, não em Deus.

Como Deus ensina Israel a confiar nele e se voltar para ele? Ele causa fome. Intencionalmente, Deus leva o povo para onde ele experimenta sua necessidade – juntamente com sua incapacidade de satisfazer sua necessidade por conta própria. Depois, ele o alimenta com maná, um alimento milagroso que exige que aquele que o come confie em Deus (voltaremos a falar sobre o maná mais adiante).

Dificuldades revelam seus próprios erros e tolice, mas, de forma alguma, indicam a ausência de Deus. Pelo contrário, ele quer que você experimente todas as maneiras em que você precisa dele, e então ele pede que você se volte para ele como seu Salvador.

Sua fidelidade

Deus lembra Israel de que ele esteve com seu povo e satisfez suas necessidades a cada passo de seu caminho. Ele o vestiu, alimentou, guardou e fortaleceu para que completasse sua jornada. Ele jamais o deixou ou abandonou. Em outros lugares na Bíblia, o relacionamento de Deus com Israel é descrito como o relacionamento entre um marido e uma esposa; aqui, porém, o relacionamento é descrito como o de um pai que disciplina seus filhos. As motivações de Deus durante a jornada são as mesmas de um pai que deseja o melhor para o seu filho. Deus não faz Israel passar por dificuldades porque ele é cruel, indiferente ou

mal-intencionado, mas porque ele ama seu povo e quer que ele amadureça e se transforme nos filhos e filhas que foram criados para ser.

Quando nos lembramos de nossa história, devemos lembrar que Deus, nosso Pai amoroso, tem nos acompanhado e que ele nos faz passar por provações apenas por amor, para que possamos amadurecer como seus filhos e aprender a depender dele somente. Seu casamento não é um sinal da ira ou do abandono de Deus. Até mesmo nos momentos mais difíceis, Deus esteve ali para revelar e satisfazer suas mais profundas necessidades.

Perigos do esquecimento

A ordem de Deus de recordar antecede um alerta sobre as consequências do esquecimento. Imaginando sua satisfação e felicidade ao viver na Terra Prometida, Deus alerta: “Não digas, pois, no teu coração: A minha força e o poder do meu braço me adquiriram estas riquezas” (Dt 8.17). Se isso acontecer, ele acrescenta, o povo estará no caminho da idolatria – no caminho para a destruição. O perigo de uma memória falha não é apenas infelicidade; uma memória falha coloca você num trajeto de orgulho, rebelião e destruição.

Como qualquer aspecto da nossa vida, nossa memória é moldada pela condição do nosso coração adorador. Separados de Deus, tendemos a interpretar nossa vida, inclusive o nosso passado, como evidência de que Deus não cuida de nós. Quaisquer que sejam nossos males, a culpa é dele; quaisquer que sejam nossas bênçãos, elas são um testemunho da nossa virtude ou habilidade. Uma parte importante de adorar a Deus e de proteger nosso coração e nosso casamento é a lembrança por meio da fé. Quando você rever a sua história, procure as maneiras como ela revela sua necessidade de Jesus e como Deus tem aproximado você dele.

Pão de cada dia

Se você é um seguidor de Jesus, a história de Israel é a sua história. Se você estiver conectado com Jesus, sua história se estende até as primeiras pessoas de fé. Referindo-se às provações de Israel no deserto, o apóstolo Paulo escreve: “Ora, estas coisas se tornaram exemplos para nós, a fim de que não cobicemos as coisas más, como eles cobiçaram” (1Co 10.6). Em outras palavras, saber como a sua história é semelhante à história deles pode mantê-lo no rumo certo no presente. Podemos estar separados por milhares de anos de história e cultura, mas, em nosso coração, somos mais parecidos do que diferentes de Israel. Podemos usar a história de Israel para entender a nossa própria.

Uma parte importante da história do deserto é a provisão divina do pão de cada dia – uma imagem de seu amor e presença diários.

Desde cedo, Deus supre Israel com maná, uma substância parecida com pão que aparece no chão a cada manhã. A Bíblia o descreve desta forma:

Era o maná como semente de coentro, e a sua aparência, semelhante à de bdélio. Espalhava-se o povo, e o colhia, e em moinhos o moía ou num gral o pisava, e em panelas o cozia, e dele fazia bolos; o seu sabor era como o de bolos amassados com azeite. Quando, de noite, descia o orvalho sobre o arraial, sobre este também caía o maná (Nm 11.7-9).

O maná possui qualidades específicas que pretendem ser instrutivas. Ele aparece todos os dias, e sua quantidade é o suficiente para aquele dia; assim que o sol esquenta, ele derrete (Êx 16.17-18,21). Além disso, o maná não aparece no sábado, o dia de descanso e adoração. Os israelitas colhem o dobro daquilo que precisam no dia anterior para que não violem o sábado. O que devemos aprender com esse pão milagroso?

Aprendendo a confiar em Deus um dia por vez

Como ensina o alerta de Deus contra o esquecimento, nossa própria natureza pecaminosa sempre tentará nos afastar de Deus, em direção da autoconfiança. É como dirigir um carro que precisa de alinhamento. Se você soltar o volante

mesmo que apenas por um segundo, você acabará na vala. Assim, em sua sabedoria, Deus leva isso em conta na maneira como ele nos ama. Teria sido um desastre se Deus tivesse enviado Israel do Egito para a Terra Prometida com tudo que o povo precisava para encontrá-lo do outro lado. Israel duvidou da bondade de Deus e confiou em si mesmo a despeito da presença diária de Deus. Isso teria ocorrido ainda mais se ele lhe tivesse dado tudo que o povo precisava. O maná, a provisão dada por Deus em doses diárias, mostra exatamente como precisamos ser amados e como devemos calibrar as nossas expectativas de Deus.

Não seria legal se Deus usasse uma varinha mágica e nos desse um casamento perfeito neste instante? Mas se isso acontecesse, em vez de termos que confiar em Deus dia após dia, você não reivindicasse o mérito de seu sucesso para si mesmo? Em vez de se irritar e decepcionar com Deus por causa daquilo que está faltando em seu casamento, espere que ele caminhe com você como ele fez com Israel e esteja atento à sua fidelidade dia após dia.

Deus opera nos detalhes comuns da vida

Pão é um alimento básico. Sim, Deus poderia ter providenciado lagosta, mas há uma mensagem no fato de ele ter providenciado pão. Deus quer que aceitemos humildemente aquilo que necessitamos, e ele não alimenta nossos desejos providenciando tudo que queremos. Deus reconhece que ele ama pecadores com desejos e medos idólatras. Amor não é dar tudo que queremos. Quem tem filhos sabe disso. Às vezes, Deus nos surpreende com algo espetacular que pedimos, mas devemos estar dispostos a aceitar humildemente o que necessitamos de Deus e confiar que ele decida o que é isso.

Jesus, nosso pão de cada dia

Replicou-lhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo: não foi Moisés quem vos deu o pão do céu; o verdadeiro pão do céu é meu Pai quem vos dá. Porque o pão de Deus é o que desce do céu e dá vida ao mundo. Então, lhe disseram: Senhor, dá-nos sempre desse pão. Declarou-lhes, pois, Jesus: Eu sou o pão da vida; o que vem a mim jamais terá fome; e o que crê em mim jamais terá sede

(Jo 6.32-35).

Obviamente, o que necessitamos em nosso casamento não é pão físico, mas pão espiritual. Pão físico é importante quando você corre o perigo de morrer de fome física; pão espiritual é importante quando você corre o perigo de morrer de fome em seu casamento.

Iniciamos essa jornada juntos apreciando que, no fim das contas, o casamento e todo o resto nos apontam para Jesus. Ao viver os detalhes do dia a dia do casamento, existem sinais encorajadores da atividade, do amor e da preocupação de Deus. Mas a cada dia, quaisquer que sejam as circunstâncias, Jesus, a dádiva do amor de Deus, está sempre com você e jamais o abandonará. Quaisquer que sejam as dores e os anseios, lembre-se de que o propósito do casamento sempre foi aproximar você dele.

Eu aconselhei uma mulher cujo marido parecia distante e indiferente a ela. Havia muita mágoa e raiva jamais expressa dentro dela. Ela tinha acreditado que amar significava morder a língua e ignorar tudo. No meio tempo, ela estava morrendo por dentro, e seu casamento estava ficando cada vez mais frio. Eu a encorajei a começar a dizer a verdade em amor, compartilhando seus pensamentos e sentimentos, incluindo sua raiva e dor, com seu marido, convidando-o a se abrir. Ela voltou desanimada para o aconselhamento.

Ela tinha começado a se manifestar, e eles tinham tido diversas discussões naquela semana. O marido parecia estar tão irritado quanto ela. Ela estava desanimada e questionou a sabedoria do meu conselho. Em vez de ver isso como derrota, eu a encorajei a ver isso como provisão de Deus – como maná. Até mesmo em sua raiva, seu marido estava começando a interagir com ela. Era desconfortável, mas comparado com a frieza relacional da semana anterior, o envolvimento irritado era um passo na direção certa. Na medida em que se encorajou com o envolvimento de Deus, ela foi capaz de interagir com seu marido com fé e amor maiores.

O resto da história

Minha fé e meu próprio casamento têm sido fortalecidos por causa dos altos e baixos no casamento dos meus pais. Eu vi como Deus fez com que meus pais passassem fome para então alimentá-los com o maná de sua graça e amor. Enquanto observava como seu casamento mudava e crescia ao longo dos anos, vi como a história do próprio Jesus emergia.

Deixe-me colocar a história da placa do carro em contexto:

Meu pai não estava tentando ser engraçado quando pregou aquela placa na lateral da casa. Ele foi criado numa fazenda com uma família grande. E no mundo em que ele cresceu, funcionalidade sempre foi mais importante do que forma. Não importava a aparência, contanto que o trabalho fosse feito. A vida numa fazenda é assim. Mas o que importava ainda mais para ele eram segurança, pertencimento e aceitação, que eram abundantes na fazenda. Ele e seus irmãos funcionavam como uma tribo própria, trabalhando, brincando, rindo e chorando uns com os outros. Eles amavam a fazenda, mas ela era apenas um recipiente para a alegria da família que compartilhavam. A fazenda precisava apenas funcionar; ela só precisava ser um lugar em que podiam ser família; não precisava ser bonita.

Minha mãe não estava sendo vã quando ficou horrorizada ao ver a placa no alto da lateral de sua casa. Ela tinha sido criada numa família de classe média alta. Seu pai era dono de uma empresa bem-sucedida, e sua mãe ajudava a administrá-la numa cidade em que aparências importavam. Em sua família, sucesso e aparências moldavam relacionamentos e definiam sua posição na comunidade. Cuidar das coisas era apenas parte de fazer bom uso dos seus recursos e de ser bem-sucedido com eles.

Ambas as famílias estavam certas: aceitação e pertencimento são tão importantes quanto trabalho duro e cuidar bem daquilo que você possui. Mas, às vezes, em momentos comuns, o senso de responsabilidade da minha mãe colidia com o senso de pertencimento do meu pai. Frustrante? Sim. Doloroso? Sim. Um erro? Não. Ao longo dos anos, Deus instruiu os dois nas qualidades e fraquezas que cada um trazia para o casamento. Meu pai aprendeu que pertencimento não é toda a história do amor e que amar sua esposa significa prestar atenção em detalhes que parecem irrelevantes, mesmo que isso exigisse mais tempo. Minha mãe, por sua vez, aprendeu que, às vezes, é importante sacrificar a aparência ou

o cuidado com coisas para o bem de outros; que ser paciente e bondosa aos olhos de Deus é mais importante do que a nossa aparência aos olhos dos outros. Por meio de tudo isso, eles aprenderam a depender cada vez mais do amor de Jesus. Se tivessem feito de seus desejos uma condição para amar o outro, eles certamente teriam se perdido no deserto. O casamento tem sido uma sala de aula maravilhosa para eles e para qualquer um que os observou.

Maná

Alguns verões atrás, eu estava sentado na praia com meu pai observando as ondas, enquanto as crianças brincavam na areia.

Meu pai começou a me contar uma história. Ele era jovem e estava com alguns outros rapazes que gritaram uma ofensa racial contra um homem negro idoso que estava atravessando a rua na frente do carro deles. Meu pai não gritou nada para o homem, mas ele não repreendeu nem impediu seus amigos. Naquele dia na praia, ele me contou que ele jamais se esqueceu da expressão no rosto daquele homem – uma mistura de dor e dignidade silenciosa. Ele me contou que, a partir daquele dia, ele tem feito o possível para impedir que outra pessoa sentisse o que aquele homem deve ter sentido, determinado a jamais merecer novamente o olhar daquele homem.

Após alguns minutos, meu pai começou a falar sobre o que parecia ser um novo tema, até eu perceber a conexão: “Sabe, os outros homens em nosso estudo bíblico me zombam por causa disso, mas, ao longo dos últimos seis meses, eu insisto em secar os azulejos depois de tomar meu banho matinal”, meu pai começou. Eu entendi a importância disso. Minha mãe sofreu durante anos com três homens (meu pai, meu irmão e eu), que nunca se importaram em arrumar as coisas que usavam e em cuidar das coisas do jeito que deveriam ter cuidado – semelhante àquele buraco na lateral da casa. Meu pai continuou: “Vim a entender que os detalhes importam tanto quanto todo o resto. É nos detalhes que temos a chance de mostrar para Jesus o quanto o amamos quando amamos os outros”. Eu não poderia ter dito isso de maneira melhor.

Nas histórias do meu pai, eu vejo o poder do amor expresso em momentos

simples e comuns. O poder do olhar penetrante de um homem afro-americano, que, provavelmente, jamais saberá como sua reação simples mudou a vida do meu pai. O amor de um marido que pensa em enxugar o box do chuveiro. Eu fico maravilhado diante do fato de que o Deus de todo o universo se mostra nesses momentos e me abençoa com olhos para ver e ser encorajado.

Qual é a história do seu casamento?

Em A Sociedade do Anel, de J. R. R. Tolkien, um grupo improvável de personagens que parte em uma busca assustadora recebe o seguinte encorajamento de uma pessoa sábia:

A estrada precisa ser percorrida, mas será muito difícil. E nem força nem sabedoria nos levarão longe nela. Essa busca pode ser tentada pelos fracos com tanta esperança quanto pelos fortes. No entanto, tal é o curso de ação que faz girar as rodas do mundo: elas são praticadas por mãos pequenas porque é necessário, enquanto os olhos dos grandes estão voltados para outro lugar.[23]

As mesmas palavras podem ser aplicadas ao casamento. Aquilo que fazemos com nossas “mãos pequenas”, as tarefas aparentemente irrelevantes do dia a dia do casamento, são de extrema importância. Deus usa o mundano para demonstrar seu amor em Cristo por você e o mundo em sua volta. Os “olhos dos grandes” podem estar olhando para outro lugar para encontrar sentido, propósito e alegria, mas você tem uma oportunidade nos momentos comuns de seu casamento de fazer escolhas que realmente importam.

Qual, então, é a sua história? Por que Deus fez com que você se casasse com a pessoa com quem se casou? Como suas lutas ajudam você a ver a si mesmo e sua necessidade de Cristo com uma clareza maior? Como você aproveitará ao máximo cada momento comum de seu casamento para que a história maravilhosa do amor de Deus por nós seja escrita em letras tão grandes quanto a

sua vida?

REFLITA SOBRE ISTO

• Pense em sua história, até mesmo antes de você se casar. O que as dificuldades em sua vida e em seus relacionamentos lhe ensinaram sobre você mesmo? Você reconhece algum tema ou padrão?

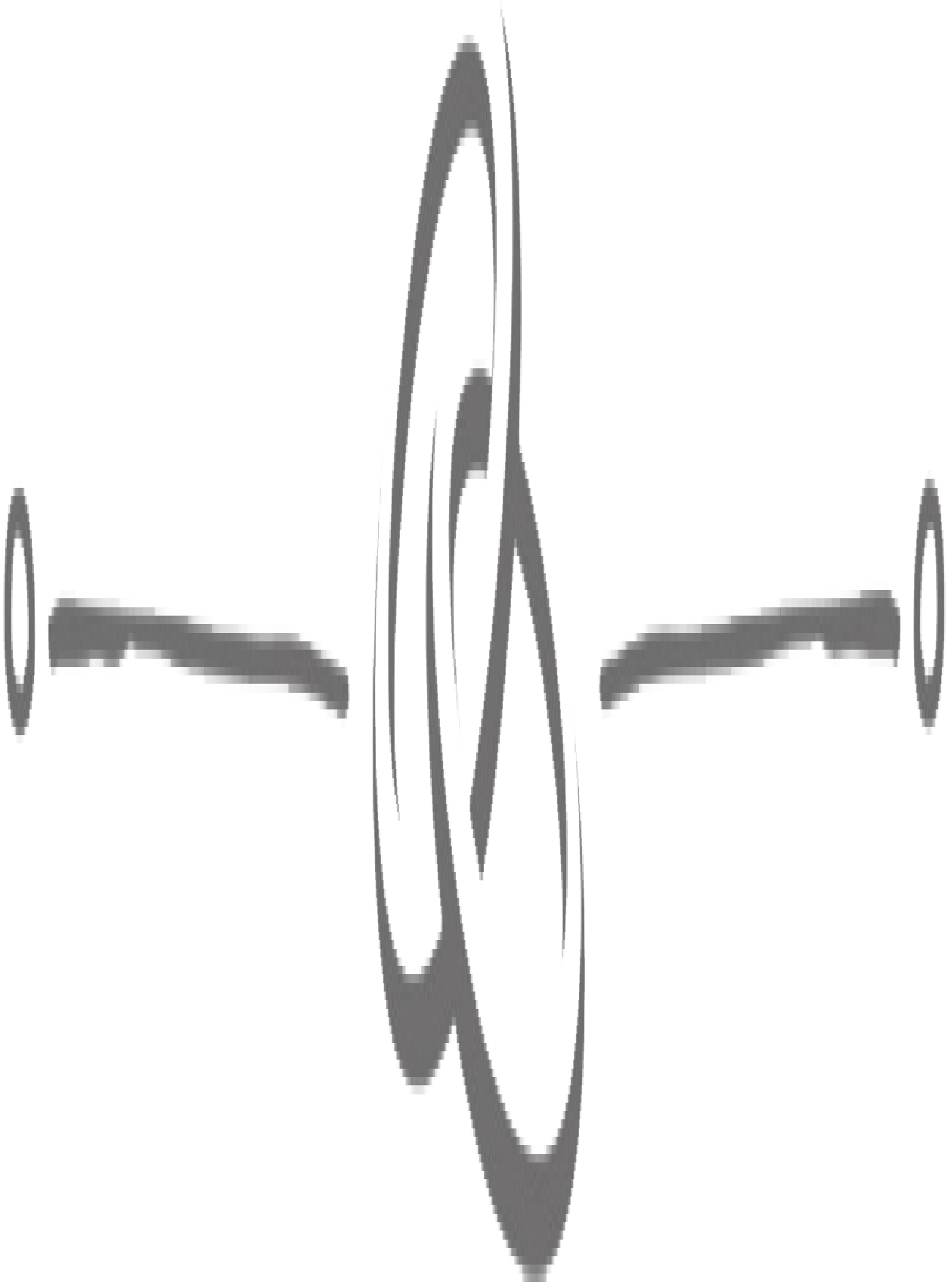
• Você se lembra de um evento em seu casamento que capta a história do seu casamento, os altos e baixos, a beleza e as lutas?

• Você se lembra de como Deus satisfez suas necessidades de maneira que teria sido impossível para você? Mais especificamente, como ele ensinou você a buscar e confiar nele acima de tudo?

• Lembre-se de momentos em seu casamento que revelam a fidelidade e o cuidado de Deus. Algo maravilhoso aconteceu inesperadamente? O resultado foi melhor do que você esperava?

• Onde Deus lhe oferece o pão de cada dia em seu casamento? Onde você encontra evidências palpáveis de seu amor e cuidado?

Notas



[1] Existem diferentes tipos e formas de amor. Obviamente, o amor conjugal é diferente em muitos aspectos do que uma amizade ou o amor que pais sentem pelos filhos etc. Enquanto o amor assume formas diferentes, dependendo da natureza do relacionamento, todo amor tem sua origem e seu propósito em Deus. Em outras palavras, não estou negando que existem diferenças entre o nosso amor e o amor de Deus; estou simplesmente observando que a Bíblia espera que as várias formas do nosso amor sejam expressões do amor de Deus.

[2] Willard F. Harley Jr., His Needs Her Needs: Building an Affair-Proof Marriage (Grand Rapids, MI: Fleming H. Revell, 1986), p. 18–20.

[3] C. S. Lewis, Mere Christianity (San Francisco: Harpers, 1952), p. 188.

[4] Em muitas traduções, o versículo 23 é formatado como dístico para indicar que é um verso ou cântico poético. Isso não significa necessariamente que Adão tenha falado em versos naquele instante, mas é um momento retratado claramente como poderoso e comovente.

[5] Muitos comentaristas interpretaram o uso que Deus faz de “façamos” e “nossa” como referências à Trindade, mas existem outras maneiras de interpretar isso. Entenda, porém, que a doutrina da Trindade e a nossa natureza relacional correspondente são estabelecidas em muitas outras passagens da Bíblia, independentemente de como interpretamos “façamos” e “nossa” nesse versículo.

[6] C. S. Lewis, The Weight of Glory (Nova York: The Macmillan Company, 1949), p. 2.

[7] C. John Miller, The Heart of a Servant Leader: Letters from Jack Miller, org. Barbara Miller Juliani (Phillipsburg, NJ: P & R Publishing, 2004), p. 146.

[8] Dan Allender e Tremper Longman III, Intimate Allies (Wheaton, IL: Tyndale House Publishers, Inc., 1995), p. 33–35.

[9] Lewis, The Weight of Glory, p. 14–15.

[10] Esses três estilos ou padrões de se relacionar com outros foram observados, pelo que saiba, pela primeira vez, pela psicanalista Karen Horneye, que, em várias publicações, principalmente em Our Inner Conflicts (Nova York: W. W.

Norton & Company, Inc., 1945), descreveu esses três padrões de se relacionar como “tendências neuróticas”, que eram expressões de atitudes básicas em relação a si mesmo e outros. Muito mais tarde, Michael Bobick observou independentemente em seu doutorado de projeto de ministério esses mesmos padrões de se relacionar e os explicou como expressões distorcidas daquilo que tem sido chamado os “três ofícios do homem”, descritos na Bíblia como profeta, sacerdote e rei. O dr. John Bettler, dando crédito aos dois, compartilhou essas observações em cursos de aconselhamento que ele administrou no Westminster Theological Seminary.

[11] Esse termo foi usado pela primeira vez pelo antropólogo Gregory Bateson na década de 1950, quando estudou padrões de comunicação em famílias. A pesquisa de Bateson e seus colegas forneceu a base importante para aquilo que se tornaria a teoria de sistemas familiares.

[12] Ken Sande, The Peacemaker: A Biblical Guide to Resolving Personal Conflict, 2ª ed. (Grand Rapids, MI: Baker Books, 1991), p. 17–21.

[13] Michael E. McCullough, Kenneth I. Pargament e Carl E. Thoresen, Forgiveness: Theory, Research, and Practice (Nova York: Guilford Press, 2000), p. 7.

[14] Ibid., p. 9.

[15] Deborah Blum, Sex on the Brain: The Biological Differences Between Men and Women (Nova York: Penguin Group, 1997), p. 66–68.

[16] C. S. Lewis, The Four Loves (Nova York: Harcourt Brace, 1960), p. 66–67.

[17] Jerry Bridges, Transforming Grace: Living Confidently in God’s Unfailing Love (Colorado Springs, CO: NavPress, 1991), p. 21–22.

[18] Ibid., p. 20.

[19] Rose Marie Miller, From Fear to Freedom: Living as Sons and Daughters of God (Wheaton, IL: Harold Shaw Publishers, 1994), p. 4–5.

[20] Martin E. Seligman e Steven F. Maier, “Failure to escape traumatic shock”, Journal of Experimental Psychology: General 74, nº 1 (1967): p. 1–9.

[21] Edward T. Welch, Depression: A Stubborn Darkness (Winston-Salem, NC: Punch Press, 2004), p. 260.

[22] John M. Gottman e Nan Silver, The Seven Principles for Making Marriage Work (Nova York: Three Rivers Press, 1999), p. 63, 70.

[23] J. R. R. Tolkien, The Fellowship of the Ring (Nova York: Houghton Mifflin Company, 1988), p. 283.



Winston T. Smith (M.Div.) é conselheiro e membro do corpo docente da Christian Counseling & Educational Foundation (CCEF) e tem uma vasta experiência como conselheiro de casamento e família. Além deste, é autor de diversos outros livros sobre sexo e casamento.